

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS

FERNANDA KINTSCHNER LOPES

Observatórios de imprensa acadêmicos brasileiros: natureza,
atuações e contribuições à formação jornalística

CAMPO GRANDE – MS

Junho 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS

FERNANDA KINTSCHNER LOPES

Observatórios de imprensa acadêmicos brasileiros: natureza,
atuações e contribuições à formação jornalística

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Comunicação da UFMS,
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Comunicação. Área de
Concentração: Mídia e Representação
Social. Orientação: Prof. Dr. Gerson Luiz
Martins

CAMPO GRANDE – MS

Junho 2016

FERNANDA KINTSCHNER LOPES

Observatórios de imprensa acadêmicos brasileiros: natureza, atuações e contribuições à formação jornalística

A comissão examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação “Observatórios de imprensa acadêmicos brasileiros: natureza, atuações e contribuições à formação jornalística”, elaborada por Fernanda Kintschner Lopes como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Campo Grande, MS, _____ de _____ de 2016.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Gerson Luiz Martins - Orientador
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Prof. Dr. Mario Luiz Fernandes
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Prof. Dr. Josenildo Luiz Guerra
Universidade Federal do Sergipe – UFS

Prof^a. Dr^a. Katarini Giroldo Miguel - Suplente
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

***Aos meus pais,
meus exemplos de
dedicação e bondade***

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Katia e Renato, por sempre me proporcionarem o melhor estudo que puderam. Com isso, ensinaram-me o poder transformador da Educação e que o conhecimento é a melhor herança que se pode deixar.

Ao Ivan, meu esposo, eu agradeço a paciência nos meus dias mais cansativos, o exemplo de disciplina para não desistir e o companheirismo em tantas situações para que eu pudesse completar mais essa etapa. Aos Nunes e aos da Rosa pelo incentivo de sempre.

A minha irmã Renata meu muito obrigada pela ajuda e pelos conselhos, não só para o Mestrado, mas para a vida. Ao meu irmão Vinícius obrigada pelas risadas e como você me faz perceber que a vida é muito simples. Rafael e Lucas, por completarem nossa família grandiosamente.

Eu amo vocês.

Ao meu orientador, professor Gerson Luiz Martins, agradeço os conselhos e a forma como me ensina a ser cada dia mais profissional. Reconheço como o processo de orientação contribuiu para a maturidade da pesquisa e para minha maturidade pessoal.

Aos avaliadores Mario Fernandes e Josenildo Guerra, obrigada por aceitarem o convite e compartilharem seus conhecimentos comigo. Uma honra.

Aos demais professores, que reencontrei da graduação e conheci no Mestrado, valeu, valeu, valeu. Ao Rogério Christofolletti e a Katarini Miguel meus sinceros agradecimentos pelas contribuições ao estudo e por cederem tempo precioso a mim.

Aos colegas das disciplinas de Mestrado foi enriquecedor conhecer vocês. Que possamos levar na memória esse árduo caminho como mais uma vitória. Obrigada Elton por salvar minha qualificação com seu conhecimento tecnológico e boa vontade.

A Fabiana Silvestre agradeço muito por flexibilizar seu horário de trabalho para que eu pudesse cumprir o estágio obrigatório e ao Adriano Furtado por nos permitir isso.

Aos alunos que estiveram nesses dois anos comigo em sala de aula e pelo projeto de extensão Observe saibam que a convivência com vocês foi o melhor aprendizado que eu pude ter nesse período. Por outro lado espero ter retribuído, mesmo que minimamente, o ensino público e de qualidade que a UFMS me ofereceu na graduação e pós-graduação, do qual muito me orgulho.

A Capes e a todos os entrevistados pela colaboração inestimável para a pesquisa. Enfim, a todos que direta ou indiretamente colaboraram para minha formação pessoal, científica e profissional, muito obrigada.

Contem sempre comigo.

RESUMO

RESUMO: Esta pesquisa é um estudo sobre os projetos de observatórios de imprensa que são mantidos no âmbito das universidades brasileiras. Para tanto foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a importância dos observatórios e da prática do *media criticism* (crítica de mídia). Foram levantadas 19 iniciativas de observatórios acadêmicos, ligados aos cursos de Comunicação Social/Jornalismo, sendo 12 consideradas ativas e sete inativas. Para a análise de cada observatório de imprensa acadêmico foi feita uma pesquisa descritiva para entender a natureza, atuação e contribuição à formação jornalística. Os observatórios ativos produziram um total de 311 observações em 2015. Destas, 117 foram especificamente críticas à imprensa, sendo selecionadas para a análise descritiva nesta pesquisa. Ao final deste estudo foi possível constatar a importância da manutenção dos observatórios acadêmicos para a formação do jornalista e para a melhoria dos processos e produtos jornalísticos, assim como as fragilidades da crítica de mídia acadêmica.

Palavras-chave: Jornalismo; crítica de mídia; observatórios de imprensa; observatórios de imprensa acadêmicos.

ABSTRACT

ABSTRACT: This dissertation is a research about the press observatories projects that are held within the Brazilian universities. For this purpose, a literature search on the importance of the observatories and the practice of the media criticism was performed. Nineteen academic observatories initiatives were studied, related to Social Communication / Journalism courses, twelve considered active and seven inactive. For the analysis of each academic press observatory, a descriptive survey was conducted to understand the nature, operation and contribution to journalistic training. The active observatories produced a total of 311 observations in 2015. Of these, 117 were specifically critical of the press, being selected for the descriptive analysis in this research. At the end of this study, we determined the importance of maintaining these academic observatories for the training of journalists and for the improvement of processes and journalistic products, as well as the weaknesses of the academic media criticism.

Keywords: Journalism; Media criticism; press observatories; academic press observatories.

RESUMEN

RESUMEN: Esta investigación es un estudio de los proyectos de observatorios de prensa que se llevan a cabo dentro de las universidades. Para eso, se ha realizado una búsqueda en la literatura sobre la importancia de los observatorios y la práctica de lo "*media criticism*" (crítica de los medios). Se plantearon 19 iniciativas académicas de observatorios relacionados con los cursos de Comunicación Social / Periodismo, doce considerados activos y siete inactivos. Para el análisis de cada observatorio de prensa académico un estudio descriptivo se realizó para comprender la naturaleza, la función y la contribución a la formación periodística. Los observatorios activos produjeron un total de 311 observaciones en 2015. De estos, 117 fueron específicamente crítico de la prensa, siendo seleccionados para el análisis descriptivo de esta investigación. Al final de este estudio, se determinó la importancia de mantener estos observatorios académicos para la formación de periodistas y para la mejora de los procesos y productos periodísticos, así como las debilidades de la crítica de la media académica.

Palabras clave: Periodismo; críticas de los medios; observatorios de prensa; observatorios de prensa académicos.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Página oficial do Observatório da Imprensa	35
FIGURA 2 – Página oficial do Canal da Imprensa até abril de 2015	46
FIGURA 3 – Página oficial do Canal da Imprensa a partir de maio de 2015	46
FIGURA 4 – Página oficial do ObjETHOS em 2015	63
FIGURA 5 – Página oficial do Plural em 2015	75
FIGURA 6 – Página oficial do SOS Imprensa até julho de 2015	80
FIGURA 7 – Página oficial do SOS Imprensa a partir de agosto de 2015	81
FIGURA 8 – Página oficial do Mídia em Foco em 2015	90
FIGURA 9 – Página oficial do Observatório da Mídia em 2015	96
FIGURA 10 – Página Oficial do Observatório da Qualidade no Audiovisual em 2015.....	99
FIGURA 11 – Página Oficial Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina em 2016.....	105
FIGURA 12 – Página inicial do Observatório Saúde na Mídia em 2016	109
FIGURA 13 – Página Oficial do Obcom em 2016.....	114
FIGURA 14 – Página oficial do Obscom em 2015	117
FIGURA 15 – Página oficial do Opaje 2016	121
FIGURA 16 – Página oficial da Agência Unama em janeiro de 2015.....	130
FIGURA 17 – Página oficial da Agência Unama em outubro de 2015	131
FIGURA 18 – Página oficial do Mídia & Política em 2015.....	133
FIGURA 19 – Página recuperada do Mídia & Política em 2006.....	134
FIGURA 20 – Página oficial da Revista Observatório Mídia & Política em 2015	135
FIGURA 21 – Página oficial do Monitor de Mídia em 2015.....	137
FIGURA 22 – Página oficial do Observando Parintins em 2015.....	139
FIGURA 23 – Página oficial do Observatório Brasileiro de Mídia em 2015.....	141
FIGURA 24 – Página recuperada do Observatório Brasileiro de Mídia em 2006.....	142
FIGURA 25 – Página oficial do Observatório de Mídia em 2015.....	143
FIGURA 26 – Estrutura do projeto Observe	146
FIGURA 27 – Laboratório Observe.....	147
FIGURA 28 – Página oficial do Observe em 2015.....	147

FIGURA 29 – Projeto Observe em 2015.....	154
FIGURA 30 - Revista Sinapse edição 12.....	155
FIGURA 31 - Revista Sinapse edição 12	156
FIGURA 32 – Revista Sinapse edição 12	156
FIGURA 33 – Revista Sinapse edição 12	157

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Quantidade de bolsistas por observatório ativo	161
TABELA 2 – Localização geográfica dos observatórios brasileiros	162
TABELA 3 – Vinculação universitária	163
TABELA 4 – Produção dos observatórios primários	165

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
CAPÍTULO 1 – OBSERVATÓRIOS DE IMPRENSA	
1.1 Crítica de mídia e conceitos	22
1.2 Observatório referência	34
1.3 Observatórios na academia - um <i>lócus</i> privilegiado	39
CAPÍTULO 2 – ANÁLISE: NATUREZA, ATUAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DOS OBSERVATÓRIOS ACADÊMICOS	
2.1 Observatórios ativos primários	
2.1.1 Canal da Imprensa.....	45
2.1.2 ObjETHOS – Observatório da Ética Jornalística	62
2.1.3 Plural - Observatório de Comunicação e Cidadania.....	74
2.1.4 SOS Imprensa.....	80
2.2 Observatórios ativos secundários	
2.2.1 Mídia em Foco.....	90
2.2.2 Observatório da Mídia.....	93
2.2.3 Observatório da Qualidade no Audiovisual	98
2.2.4 Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina.....	104
2.2.5 Observatório da Saúde na Mídia.....	108
2.2.6 Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura.....	113
2.2.7 Observatório de Economia e Comunicação	116
2.2.8 Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino.....	120
2.3 Observatórios inativos	
2.3.1 Agência Unama	130
2.3.2 Mídia & Política	133
2.3.3 Monitor de Mídia.....	137
2.3.4 Observando Parintins	139
2.3.5 Observatório Brasileiro de Mídia	141
2.3.6 Observatório de Mídia	143
2.3.7 Observe.....	145
CAPÍTULO 3 – RESULTADOS.....	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	175
APÊNDICE A – Entrevistas com coordenadores.....	184
APÊNDICE B – Entrevistas com participantes.....	221

INTRODUÇÃO

Desde em uma simples conversa até a difusão de notícias, a globalização e o surgimento de novas tecnologias modificaram a comunicação e o jornalismo ano após ano. Dados do levantamento anual da União Internacional de Telecomunicações (ITU - sigla em inglês, 2014), agência vinculada à Organização das Nações Unidas (ONU), revelaram que o mundo possui quase 3 bilhões de usuários conectados à internet.

No Brasil, segundo o Centro de Estudo sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic, 2013) são 80,9 milhões de usuários de internet e segundo o Governo Federal (2015), praticamente, a metade dos brasileiros, 48%, usa a internet. Deste total, 67% estão em busca de notícias. Os brasileiros não só buscam informações no mundo virtual como também 73% dos entrevistados afirmaram na pesquisa que têm o hábito de assistir TV diariamente. Outros 30% disseram ouvir rádios todos os dias e 21% afirmaram ler jornais impressos ao menos uma vez por semana.

O Ministério das Comunicações (2014) listou 5.130 rádios entre AM e FM. Há 4.641 rádios comunitárias outorgadas e 10.739 TVs comerciais retransmissoras, sendo 543 geradoras de conteúdo no país. Quanto aos impressos, dados do *site* Guia de Mídia, iniciativa autônoma de levantamento de veículos de comunicação no país, contabilizou 1021 jornais impressos em circulação em todos os estados do Brasil até agosto de 2015. Esta pesquisa considera as definições de imprensa, mídia e mercado comunicacional como sinônimos para o conjunto de suportes dedicados à veiculação de informação jornalística.

Com o desenvolvimento tecnológico, o mercado comunicacional hoje é dominado por grandes conglomerados empresariais. Com isso, como define a Teoria do Agendamento, de Maxwell McCombs e Donald Shaw (1972)¹, a imprensa pauta a opinião pública. Esta agenda midiática e a qualidade dos conteúdos produzidos pela imprensa tornaram-se alvos de reflexões críticas. Estas reflexões são o cerne do trabalho dos observatórios de imprensa acadêmicos, objetos de estudo desta pesquisa.

¹A Teoria do Agendamento pressupõe que as notícias são como são porque os veículos de comunicação nos dizem em que pensar, como pensar e o que pensar sobre os fatos noticiados. A teoria do agendamento defende a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas. Ou seja, a mídia nos diz sobre o que falar e pauta nossos relacionamentos.

Para compreender a crítica de mídia e definir os observatórios de imprensa acadêmicos para esta pesquisa foi realizada uma revisão bibliográfica. Para Gil (1994), a pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações na construção do quadro conceitual que envolve o estudo proposto.

Yin (2001) observa que a revisão de literatura não é um meio para atingir uma finalidade em si, mas sim uma ferramenta constante durante todo o desenvolvimento do trabalho. Segundo Yin (2001, p. 28), “os pesquisadores iniciantes acreditam que o propósito da revisão seja determinar as respostas sobre um tópico. Não obstante, os pesquisadores experientes analisam pesquisas anteriores para desenvolver questões mais objetivas e perspicazes sobre o mesmo tópico”.

Após pesquisa bibliográfica para a proposição do presente estudo ao curso de Mestrado em Comunicação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em janeiro de 2014, não foram encontradas quaisquer monografias, dissertações ou teses no país que proporcionassem um panorama sobre temática específica das iniciativas de observatórios de imprensa que têm suas atuações atreladas às instituições de Ensino Superior. A essas iniciativas se deu o nome de observatórios de imprensa acadêmicos e, portanto, este estudo se fez justificado pelo ineditismo do tema de analisar e registrar historicamente as iniciativas de observatórios de imprensa acadêmicos, seus perfis, atuações e contribuições à formação jornalística, visto que há observatórios acadêmicos com mais de dez anos de atividade no Brasil.

O recorte da pesquisa às iniciativas atreladas às instituições de Ensino Superior, também se deu especificamente aos observatórios ligados aos cursos de Jornalismo/Comunicação Social, compostos prioritariamente por jornalistas, professores de Jornalismo e estudantes de Jornalismo, vinculados por meio de projetos de Extensão, Pesquisa e/ou Ensino, que observem o trabalho jornalístico e/ou o mercado da comunicação, seja impressa, audiovisual ou *online*.

Para elucidar sobre os observatórios de imprensa recorreu-se ao estudo de Cristofolletti e Motta (2008, p. 12) que destacaram a atuação dessas iniciativas em “pelo menos duas funções: fiscalizar os veículos [jornalísticos] e seus profissionais e alfabetizar midiaticamente o público. Ao lançar um olhar atento aos meios, os observatórios apontam falhas técnicas, deslizes éticos e problemas de outras ordens”. Dentre as outras funções apontadas pelos autores estão denunciar coberturas

tendenciosas, apurações malfeitas, condutas condenáveis e dar acesso ao público de “contrapontos fundamentais para uma compreensão mais ampla do jornalismo [...] Tornar transparente a maquinaria da mídia é também contribuir para uma educação destinada ao consumo crítico das informações” (CRISTOFOLETTI e MOTTA 2008, p. 13).

A definição a observatórios de imprensa tratados nesta pesquisa ainda podem ser complementada pelo estudo de Christofolletti e Herrera (2006a, p.154), quando traçaram o perfil de nove observatórios² da América Latina e constataram seis funções principais exercidas pelos *media watchers* (observadores de mídia): “a) Revisar o conteúdo e a oferta dos meios; b) Elaborar estudos, informes e análises comparativas; c) Publicar ou difundir os resultados de suas atuações; d) Recolher queixas, críticas e comentários dos consumidores; e) Capacitar a audiência para o consumo crítico dos meios”.

Ao longo da pesquisa percebeu-se a necessidade de uma definição sobre os observatórios de imprensa acadêmicos, não encontrada em quaisquer referências bibliográficas estudadas. Para tanto, após pesquisa e entrevista com participantes de observatórios, a autora definiu para este estudo que os observatórios de imprensa acadêmicos são:

quaisquer laboratórios, espaços físicos ou virtuais, projetos ou pesquisas vinculados às universidades, que objetivam analisar materiais jornalísticos, de forma a fomentar a discussão ética e reflexão crítica sobre produtos, práticas e sistemas comunicacionais, como ferramenta de enfrentamento da mídia e aperfeiçoamento da formação.

Dados do Ministério da Educação (2015) apontam 2.675 instituições de Ensino Superior em todo o país, entre administrações de âmbito municipal, estadual, federal, públicas, privadas ou beneficentes. O Ministério da Educação (2015) também catalogou

² Os nove observatórios estudados foram: quatro do Brasil, Observatório da Imprensa, Observatório Brasileiro de Mídia, Agência de Notícias dos Direitos da Infância – ANDI – e Monitor de Mídia, dois do Peru, Veeduría Ciudadana de la Comunicación Social e Observatorio de Medios, um da Colômbia (Observatorio de la Universidad de La Sabana, um da Venezuela, Observatorio Global de Medios e um do Chile, o Observatorio de Medios Fucatel. (Christofolletti e Herrera, 2006a, p. 149).

438 cursos de Jornalismo, Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo ou Comunicação Social.

Com o suporte teórico e auxílio de *sites* de pesquisa, como o Google, *sites* das instituições de Ensino Superior e do cadastro da Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (Renoi)³, foram encontradas de março de 2014 a junho de 2016 um total de 19 observatórios de imprensa que estão ou foram vinculados ao Ensino Superior brasileiro. Esse total compôs o corpus analisado nesta pesquisa (análise vide Capítulo 2). Os observatórios acadêmicos encontrados foram:

1. Agência Unama – vinculada à Universidade da Amazônia (Unama);
2. Canal da Imprensa – vinculado ao Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp);
3. Mídia & Política – vinculado à Universidade de Brasília (UnB);
4. Mídia em Foco – vinculado à Universidade Feevale;
5. Monitor de Mídia – vinculado à Universidade do Vale do Itajaí (Univali);
6. ObjETHOS - Observatório da Ética Jornalística – vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC);
7. Observando de Parintins – vinculado à Universidade Federal do Amazonas (UFAM);
8. Observatório Brasileiro de Mídia – vinculado à Universidade de São Paulo (USP);
9. Observatório da Mídia – vinculado à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES);
10. Observatório da Qualidade no Audiovisual – vinculado à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF);
11. Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina – vinculado à Universidade de Brasília (UnB);
12. Observatório da Saúde na Mídia – vinculado à Fiocruz;
13. Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura – vinculado à Universidade de São Paulo (USP);

³ Saiba mais em: <http://renoi.blogspot.com.br/>. Acessado em 16/09/2015.

14. Observatório de Economia e Comunicação – vinculado à Universidade Federal de Sergipe;
15. Observatório de Mídia – vinculado à Faculdade Pitágoras de Divinópolis;
16. Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino - vinculado à Universidade Federal do Tocantins (UFT);
17. Observe – vinculado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).
18. Plural - Observatório de Comunicação e Cidadania – vinculado à Universidade Estadual Paulista (Unesp);
19. SOS Imprensa – vinculado à Universidade de Brasília (UnB);

Para iniciar esta pesquisa as seguintes perguntas-objetivo foram propostas: quais são os observatórios ativos em universidades? Onde surgiram? Quais e quantos são os autores das publicações? Quais são suas formas de publicação e atuação? Há difusão de conteúdo por quais mídias? Como se mantêm financeiramente? Como eles contribuem para a sociedade? Com qual frequência observam? Quais são os veículos mais observados? Como contribuem para a formação jornalística?

Para responder essas perguntas e traçar um panorama sobre a atuação dos observatórios optou-se por utilizar a metodologia de pesquisa descritiva, visto as extensões continentais do país e a impossibilidade de analisar cada iniciativa de observatório de imprensa acadêmico presencialmente. A escolha da metodologia se justifica também porque a ferramenta chave de pesquisa foi a internet, pois os observatórios têm em seus *sites* oficiais o principal suporte de atuação.

Segundo Barros e Lehfeld (1986) e Cervo e Bervian (1983), a pesquisa descritiva é aquela na qual o pesquisador observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos. Neste tipo de pesquisa não há interferência do pesquisador, pois não há manipulação do objeto da pesquisa. Procura-se descobrir a frequência com que um fenômeno ocorre, sua natureza, característica, causas, relações e conexões com outros fenômenos.

Lakatos e Marconi (1996) explicam que a pesquisa descritiva aborda quatro aspectos - descrição, registro, análise e interpretação - que têm o intuito de esclarecer o funcionamento do objeto pesquisado no tempo presente.

Com o corpus definido foi preciso delimitar um recorte temporal de coleta de dados dos *sites* oficiais e a partir de então analisar suas produções. Foi definido que tudo o que os observatórios produziram entre 1º de janeiro e 31 de dezembro de 2015 seria analisado. O período de análise de toda a produção coletada dos observatórios se deu de 14 de dezembro de 2015 a 20 de junho de 2016.

Com o material colhido percebeu-se a necessidade da distinção dos observatórios acadêmicos em duas classificações: ativos e inativos. A denominação ativa foi dada àqueles observatórios acadêmicos que permaneceram ativos em suas atividades de crítica de mídia, ou seja, mantiveram atividades e postagens em seus *sites* e redes sociais oficiais de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2015, que pudessem permitir ao leitor a constatação de que o projeto está em andamento, seja por meio de publicações periódicas ou postagens sobre as pesquisas e ações em andamento.

A denominação de inativo foi dada para os observatórios de imprensa acadêmicos que estiveram com suas atividades paralisadas durante 2015 ou anos anteriores, ou seja, sem publicações atualizadas em seus *sites* e redes sociais ou que os antigos coordenadores confirmaram que a iniciativa foi paralisada.

Dos 19 observatórios de imprensa acadêmicos encontrados no Brasil, 12 foram considerados ativos e sete inativos (análise de cada uma de forma separada vide Capítulo 2). Para a análise dos observatórios ativos foi constatada a necessidade de mais uma distinção, em outras duas classificações: observatórios de imprensa acadêmicos ativos primários e os observatórios de imprensa acadêmicos ativos secundários.

Os considerados para este estudo como ativos primários foram aqueles que mantiveram como prática prioritária a publicação periódica em seus *sites* de observações críticas sobre o trabalho da imprensa, mantendo-os atualizados ao longo de todo o ano de 2015.

Os observatórios de imprensa acadêmicos classificados como ativos secundários foram as iniciativas em andamento em 2015, que existem como projetos de extensão e/ou pesquisa universitários e que não, necessariamente, mantiveram como atividade prioritária a publicação periódica e perene de observações críticas à imprensa

diária, mas que utilizaram seus *sites* para postagens de pesquisas e atividades do grupo em andamento.

A diferenciação não diminui a importância dos observatórios, apenas pretendeu retratar fielmente as características de cada iniciativa. Os 12 observatórios classificados como ativos foram:

1. Canal da Imprensa – vinculado ao Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp);
2. Mídia em Foco – vinculado à Universidade Feevale;
3. ObjETHOS – vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC);
4. Observatório da Mídia – vinculado à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES);
5. Observatório da Qualidade no Audiovisual – vinculado à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF);
6. Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina – vinculado à Universidade de Brasília (UnB);
7. Observatório da Saúde na Mídia – vinculado à Fiocruz;
8. Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura – vinculado à Universidade de São Paulo (USP);
9. Observatório de Economia e Comunicação – vinculado à Universidade Federal de Sergipe;
10. Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino – vinculado à Universidade Federal do Tocantins;
11. Plural – Observatório de Comunicação e Cidadania - vinculado à Universidade Estadual Paulista (Unesp);
12. SOS Imprensa – vinculado à Universidade de Brasília (UnB);

Os classificados inativos foram:

1. Agência Unama – vinculada à Universidade da Amazônia (Unama);
2. Mídia & Política – vinculado à Universidade de Brasília (UnB);
3. Monitor de Mídia – vinculado à Universidade do Vale do Itajaí (Univali);

4. Observando de Parintins – vinculado à Universidade Federal do Amazonas (UFAM);
5. Observatório Brasileiro de Mídia – vinculado à Universidade de São Paulo (USP);
6. Observatório de Mídia – vinculado à Faculdade Pitágoras de Divinópolis;
7. Observe – vinculado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Para ampliar a compreensão das práticas de cada projeto de observatório também foram aplicados questionários com participantes e coordenadores, que estão disponibilizadas na íntegra nos apêndices A e B deste estudo. Os questionários objetivaram colher informações tais como em entrevistas com a finalidade de responder às questões-objetivo que por ventura não foram possíveis responder com a pesquisa descritiva. Os questionários foram formulados com perguntas distintas aos coordenadores e aos alunos e foram aplicados de novembro de 2014 a junho de 2016:

As questões enviadas aos coordenadores de observatórios de imprensa acadêmicos foram:

1. Como surgiu o observatório de imprensa acadêmico e quando começou sua participação no projeto?
2. Como é o funcionamento geral do observatório? (Práticas, linha editorial, foco, etc.)
3. Quantos alunos participam atualmente e quantos já participaram?
4. Quais benefícios o projeto trouxe a eles, em sua opinião?
5. Existe algum tipo de financiamento ao projeto?
6. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do projeto?
7. E quanto à sociedade há algum exemplo de feedback, seja positivo ou negativo?
8. Qual conselho daria aos novos observatórios acadêmicos ou aos que pretendem criar uma iniciativa de crítica de mídia na academia?
9. Na sua visão há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios?

10. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

As questões aos alunos participantes e ex-participantes de observatórios de imprensa acadêmicos foram:

1. O que você entende por observatórios de imprensa acadêmicos?
2. Por que você se interessou participar de um observatório de imprensa?
3. Quanto tempo participou/participa do projeto? Quais atividades exerceu/exerce e por que saiu (se saiu)?
4. De que forma o projeto colaborou com a sua formação?
5. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do observatório que participou?
6. Você acredita que os observatórios acadêmicos podem contribuir para a sociedade?
7. No seu entendimento há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios de imprensa acadêmicos?
8. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

Dez coordenadores responderam aos questionamentos, sendo oito via *email*, um via telefone e outro via conversa de áudio e vídeo pelo *Skype*. Quanto aos acadêmicos participantes de observatórios, 13 responderam à entrevista, todos via *email*. Todas as respostas na íntegra estão disponíveis em nos apêndices deste estudo.

Ribeiro (2008 p.141) trata a entrevista como “a técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores”.

Na entrevista estruturada, ou questionário formalizado, Britto Júnior e Feres Júnior (2011, p. 240) explicam que ela se desenvolve a partir de uma “relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanecem invariáveis para todos os entrevistados que, geralmente, são em grande número. Por possibilitar o tratamento quantitativo dos

dados, este tipo de entrevista torna-se o mais adequado para o desenvolvimento de levantamentos sociais”.

Esta pesquisa será apresentada em três capítulos. No Capítulo 1 está explicitada a fundamentação teórica obtida por meio da pesquisa bibliográfica sobre a importância do trabalho do *media criticism* (crítica de mídia). Os conceitos sobre observatórios de imprensa e suas práticas são aprofundados. O Observatório da Imprensa (www.observatoriodaimprensa.com.br), projeto pioneiro no Brasil é apresentado neste capítulo como referência e também é justificada a importância das universidades na criação dos observatórios de imprensa.

No Capítulo 2 é apresentada a análise descritiva de cada uma das 19 iniciativas levantadas ao longo de dois anos e meio de pesquisa. O Capítulo 3, por sua vez, apresenta os resultados desta pesquisa descritiva.

As conclusões, proposições e possibilidades de continuidade deste estudo são apresentados nas Considerações Finais e em apêndices estão disponíveis as entrevistas na íntegra com professores e alunos participantes dos observatórios de imprensa acadêmicos pesquisados.

Esta pesquisa mostra a diversidade de iniciativas de observatórios de imprensa acadêmicos brasileiros, sua produção durante o ano de 2015 e a influência desses projetos na formação jornalística. Também são expostas as dificuldades de manter o trabalho de crítica de mídia e influenciar na qualidade do jornalismo diário. A importância de se conhecer estas iniciativas é compreender a consequente contribuição das mesmas à sociedade, tanto com o trabalho que exercem, quanto com a influência crítica e ética aos profissionais formados. Assim, com o ineditismo do objeto de estudo, tem-se também um registro histórico da natureza, as atuações e contribuições dos observatórios de imprensa acadêmicos do Brasil.

CAPÍTULO 1 – OBSERVATÓRIOS DE IMPRENSA

1.1 Crítica de mídia e conceitos

O papel inerente à imprensa é fiscalizar os poderes constituídos, mas com tantos meios de comunicação à disposição, quem fiscaliza a imprensa? Esse foi o questionamento de Whitehouse (2001), quando perguntou: se a função do jornalismo é ser o vigilante do governo, quem vigia os vigias? Nesse sentido nasce o papel da crítica de mídia, que objetiva fiscalizar o que imprensa diz e como diz o que diz.

A crítica de mídia emerge como alternativa de controle social. Suas práticas variam, mas seu objetivo é fornecer informações especializadas aos leitores para a democratização da comunicação e melhoria dos meios jornalísticos a partir da crítica construtiva.

Bertrand (2002) discute o papel da crítica de mídia e elenca quais atores assumem esse trabalho. Para ele, mediadores, conselhos de imprensa, associações de telespectadores, cartas de leitores, observatórios e ombudsmen⁴ podem colaborar com a manutenção da democracia, pois são meios não coercitivos que praticam a crítica de mídia para a promoção da cidadania e por uma melhoria na qualidade do jornalismo.

Esses sistemas são um misto de controle de qualidade, serviço ao consumidor, educação contínua e muito mais – não apenas, decerto, auto-regulamentação. [...] O conceito engloba perto de sessenta desses meios. [...] Podemos esperar que muitos outros MARS⁵ sejam inventados. A originalidade do conceito reside na própria diversidade dos meios disponíveis (BERTRAND, 2002, p. 35).

⁴ Para esta pesquisa leva-se em consideração que mediadores são jornalistas que intermedeiam um debate, conselhos de imprensa com jornalistas que se reúnem para avaliar informações jornalísticas a serem publicadas, associações de telespectadores como grupos de espectadores que se reúnem para avaliar produções midiáticas, cartas de leitores como correspondências enviadas aos veículos como forma de interação com os jornalistas, observatórios como espaços de encontro de jornalistas para o exercício da crítica de mídia e ombudsmen como o jornalista contratado pelo veículo para analisar criticamente as publicações do mesmo.

⁵ Bertrand criou o conceito de MARS como “Meios de Assegurar a Responsabilidade Social da Mídia”, que define como todo meio não estatal usado para tornar os meios de comunicação responsáveis perante o público.

Na mesma esteira, McQuail (2003) busca analisar quais são as responsabilidades da mídia com o conceito de “accountability”, que em português seria como controle ou responsabilização da mídia, mas mais do que isso, o autor considera como um sistema de prestação de contas, que assegure ao público e aos responsáveis pelo conteúdo uma possibilidade de debate e justificativa de publicações. Assim, McQuail (2003, p.308) acredita que “melhora a qualidade dos produtos e serviços; promove confiança por parte da audiência (...) evita algum dano a um indivíduo ou a sociedade; e protege os interesses do comunicador, seja organizacional ou profissionalmente”.

Dentre as possibilidades de sistemas que primam pela qualidade da imprensa, Braga (2006) cria outro conceito, o de “dispositivos sociais de sistema de resposta”. Para ele, não se deve considerar apenas os dois sistemas de comunicação, o de emissão e o de recepção da informação, mas sim um terceiro sistema de processo midiático, em que “a sociedade se organiza para tratar a própria mídia, desenvolvendo dispositivos sociais, com diferentes graus de institucionalização”, que produzem interações diretas com a mídia. Esses dispositivos podem ser, segundo o autor, “cineclubes, *sites* de media criticism, fóruns de debate sobre rádio e televisão, crítica jornalística, revistas cujo tema é a própria mídia, produções acadêmicas sobre os meios, processos de autocritica da imprensa” (BRAGA, 2006, p. 37).

Braga (2006) identifica algumas ações e objetivos destes dispositivos sociais, que dentre eles encontram-se os observatórios de imprensa acadêmicos:

- a) Crítica – interpretações e objeções interpretativas, seleções qualitativas, etc.
- b) Retorno – *feedback*, retroalimentação do sistema de produção, indicações para revisão, criação, redirecionamentos, construção de “gêneros” ;
- c) Militância social – crítica-ação, processos sociais de uso da mídia a serviço de posições e argumentos, atuações antimídia e/ou de direcionamento dos teores, dos temas das posições, defesa de setores e posições sociais perante a mídia;
- d) Controles da mídia, *media criticism*, *media accountability systems*, processos sociais de enfrentamento e controle da mídia de seus poderes, de seu papel social, em defesa de valores profissionais e sociais diversos que possam ser ameaçados por lógicas estritas da produção cultural comercial;
- e) Sistematização de informações – processos organizados de classificação, organização e disponibilização de acervos (são, às vezes, processos relacionados à atuação crítica, mas também à figuração de bases de dados e outras facilidades de acesso);
- f) circulação comercial – estímulos à seleção e ao consumo midiático (venda, sedução para escolha de produtos, *anti-zapping*), operações de *marketing* da própria mídia;

g) processos educacionais e formativos – aprendizagens ordenadas, sistemas e dispositivos educativos para uso e direcionamento da mídia;

h) processos de aprendizagem em público – trata-se aqui de um aprender do gosto e da fruição, difuso, não controlado pelos sistemas educacionais; permeações com a riqueza de variedade de informações e processos; aprendizagem de usuário (BRAGA, 2006, p. 38 e 39).

Os diferentes objetivos e ações destes dispositivos sociais de sistemas de resposta, segundo Braga (2006, p. 39) é para evidenciar “que a sociedade não apenas sofre os aportes midiáticos, nem apenas resiste pontualmente a estes. Muito diversamente, se organiza como sociedade, para retrabalhar o que circula, ou melhor: para fazer circular, de modo necessariamente trabalhado, o que as mídias veiculam”. E toda e quaisquer respostas da sociedade para a mídia pode gerar uma série de ações, segundo Braga (2006, p. 39), como “ações contrapositivas, interpretativas, proativas, corretoras de percurso, controladoras, seletivas, polemizadoras, laudatórias, de estímulo, de ensino, de alerta, de divulgação”.

Guerra (2005) entende que é fundamental a existência de mecanismos de acompanhamento e fiscalização do trabalho jornalístico, na mesma proporção que se garantam todas as prerrogativas necessárias ao pleno exercício do jornalismo como a ampla liberdade de informação e expressão, o sigilo da fonte, o respeito ao princípio da publicidade, entre outras.

Christofoletti (2005, p. 3) faz a reflexão de “como incentivar uma imprensa vigilante, estimular a crítica à mídia sem sufocá-la e ainda manter as liberdades da própria imprensa e dos seus críticos? Há diversas respostas para esta questão, e, hoje, muitas delas têm sua interface visível na internet sob a forma de *websites* de crítica de mídia”.

Segundo Herrera (2006), em diferentes partes do mundo surgiram trabalhos críticos frente à convicção de que o poder que hoje a mídia detém não corresponde a um sempre responsável exercício de sua missão. Como qualquer outro ator social, os meios também cometem erros, entretanto, nem sempre questionam seus próprios erros, limitando-se a questionar os dos outros.

Aznar (1999) expõe que:

Somos todos resistentes a reconhecer nossos erros e isso acontece mais ainda no caso dos meios. Porque vivem da credibilidade que lhes concede o público,

tem sido uma política habitual fazer o possível para esconder seus erros. Mas o resultado final dessa política é contraproducente. O público acaba tendo uma imagem pouco positiva dos meios e seus profissionais, enxergando-os como um dos grupos mais arrogantes e incapazes de reconhecer suas falhas. É necessária uma mudança de atitude. Porque a mídia realiza um trabalho de fiscalização das demais instituições – e o público se dá conta disso – mas que se autoexclue desse exercício tão saudável que é a crítica (AZNAR, 1999, p.176).

Abramo (1988, p. 109) alerta que “o que é ruim para o cidadão é ruim para o jornalista”. Por isso, somam-se esforços para que a qualidade esteja presente na mídia. O papel fundamental da crítica, como observou Guerra (2010a, p.70), é “além de chamar os criticados à sua responsabilidade é levantar problemas, questões e alternativas, mas, principalmente, no campo fértil das ideias e do debate franco e aberto”.

Segundo Aroca (2005) é preciso revisar a atuação dos meios de comunicação devido ao descontentamento em relação à sua atividade. Christofolletti (2003a) ressalta para a importância das informações divulgadas para o público receptor:

Quando se tem dispositivos para acompanhar de perto um processo, consegue-se estabelecer uma relação mais próxima, direta e consistente com o objeto de observação. [...]. Assim, dispor de mecanismos de monitoramento dos meios de comunicação pode encurtar distâncias entre os produtores da informação e os cidadãos comuns [...]. Democratiza o acesso, instaura a reflexão e incentiva a participação e a constante busca pela qualidade (CHRISTOFOLLETTI, 2003a, p.5).

No Brasil a crítica de mídia teve início em 1965, de acordo com levantamento feito pela jornalista Ângela da Costa Cruz Loures (2008, p. 161). “A iniciativa foi do jornalista Alberto Dines, então diretor de redação do Jornal do Brasil. [...] Encantou-se com um boletim do New York Times, que fazia a crítica interna do jornal. [...] Assim começou a ser publicado o ‘Cadernos de Jornalismo e Editoração’, [do Jornal do Brasil]”. Com a repressão política, o Caderno foi extinto em 1973, quando o jornalista também foi demitido.

Em junho de 1975, Alberto Dines foi convidado pelo diretor do jornal Folha de São Paulo, Otávio Frias, para ser chefe da sucursal no Rio de Janeiro e também para escrever um artigo político diário. Aceitou o desafio, lançou a ideia de publicar um artigo em uma página de Opinião e ainda queria fazer uma coluna de crítica de imprensa, explicando como a iniciativa era importante naquele momento em que a imprensa estava acomodada [...] Foi então criada a coluna

“Jornal dos Jornais”. Em 1977 “Jornal dos Jornais” deixou de sair quando a Ditadura Militar sentindo-se incomodada pela Folha pressionou a direção para que vários jornalistas fossem demitidos (LOURES, 2008, p. 162).

Dines foi para o jornal Pasquim do Rio de Janeiro escrever uma coluna de crítica de mídia Jornal da Cesta. No Pasquim, de São Paulo, escreveu a coluna Pasca Tasca, até que a ditadura reprimiu a iniciativa. Dines volta à crítica de mídia na década de 1980. “Período de silêncio durou quase cinco anos (...) até que lançou a revista Crítica da Informação, dirigida ao público acadêmico, por um ano” (LOURES, 2008, p.163).

Após este período, a jornalista destaca ser parte da história da crítica de mídia no Brasil o surgimento da Revista Imprensa⁶ em 1987, o Instituto Gutenberg⁷ em 1994 e a Folha de São Paulo⁸ quando institui o cargo de ombudsman, em 1989. Ombudsman⁹ é a iniciativa em que a empresa remunera um jornalista do próprio quadro de funcionários para analisar criticamente o produto veiculado pela empresa em que trabalha. No Brasil, em atividade em 2016, foram encontrados ombudsmen nos jornais Folha de São Paulo, de São Paulo (SP), O Povo, de Fortaleza (CE), no site UOL e o papel de ouvidor na Empresa Brasileira de Comunicação (EBC).

Definição do primeiro ombudsman brasileiro, Caio Túlio Costa (1991, p. 16), ao o que é ser um ouvidor (tradução livre de ombudsman), é ser um profissional “contratado para ouvir os leitores, além de expor o jornal publicamente à crítica”. Costa (1991, p. 50) afirma que “é impossível fazer jornal sem erros”, mas que o trabalho crítico dos ombudsmen é árduo no objetivo de “ganhar a batalha contra o erro e a desinformação”.

Os trabalhos de crítica de mídia estão intrinsecamente ligados à busca da qualidade jornalística. Sobre qualidade, Guerra (2010b) explica que se pressupõe como premissa básica, o atendimento do produto aos requisitos do cliente e da sociedade

[...] No jornalismo, quais seriam os requisitos de qualidade para seus produtos? No âmbito da atividade jornalística, são duas as expectativas básicas da audiência em relação à notícia: verdade e relevância. Verdade porque se espera

⁶ A Revista nasceu em 1994 e hoje tornou-se um grupo de comunicação com revista impressa, portal online e Tv online. Todos os suportes disponíveis em: <http://portalimprensa.com.br/>. Acesso em: 18/09/2015.

⁷ O Instituto se define como espaço apartidário e não-lucrativo para exercer a crítica de mídia e defender a liberdade de imprensa. Disponível em: <http://www.igutenberg.org/apresent.html>. Acessado em 18/09/2015.

⁸ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ombudsman/>. Acesso em 15/08/2015.

⁹ Mais sobre os Ombudsmen acesse: <http://www.abonacional.org.br>. Acesso em 15/08/2015.

que a notícia ponha a audiência a par de fatos reais. Relevância porque não são todos os fatos reais que têm valor jornalístico, mas aqueles que atendam à demanda da audiência (GUERRA, 2010b, p.5).

Segundo o autor, a sociedade espera que as informações contidas nas notícias devam ser suportadas por provas, com fontes seguras, observação direta e pesquisa documental. “A sociedade espera que as notícias tratem de fatos, por isso a invenção, a distorção e a mentira são consideradas faltas graves para o jornalista [...] A expectativa de relevância no jornalismo recebe o nome técnico de valor-notícia [...] o interesse público se apresenta como um Valor-Notícia de Referência Universal” (GUERRA, 2010b, p. 6 e 7).

Em busca dessas características, “um sistema de qualidade implica transparência, mas também implica uma lógica de freios e contrapesos e de prestação de contas para a própria mídia. Assim, iniciativas como os ombudsmen, códigos de ética, conselhos de leitores e outras são importantes para a efetiva garantia da qualidade” (CANELA, 2010, p.12).

A experiência com maior visibilidade de crítica de mídia no Brasil é o Observatório de Imprensa, criado em 1996 por Dines, no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que é referência até a atualidade. Este observatório referência será apresentado no item 1.2 desta pesquisa.

Dentre todas as possibilidades do exercício de crítica de mídia já referenciadas, os observatórios de imprensa foram escolhidos como o foco desta pesquisa. O observar, dos observatórios de mídia, é um exercício de leitura em profundidade, com a preocupação das condições de veracidade das informações publicadas, com as circunstâncias de produção e de difusão daqueles conteúdos e mensagens. “Não se trata de observar por observar, mas observar para algo. Em geral, para denunciar e tratar de reformar algum aspecto fora da conformidade” (CHRISTOFOLETTI; HERRERA, 2006a, p. 157).

Dentre as denúncias mais comuns dos observatórios latino americanos, Christofolletti e Herrera (2006a, p. 156) constataram que estão relacionados à “excessiva concentração dos meios, ao alijamento da mídia às suas funções tradicionais, ao desrespeito aos princípios éticos, à falta de pluralismo, à sua pouca disposição à

autocrítica, aos danos causados a pessoas e organizações ou ao fato de que a agenda social não seja prioritária para os meios”.

Quanto aos observatórios brasileiros, o então coordenador da Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (Reno), Josenildo Guerra¹⁰, aponta que a falta de qualidade das apurações e de ética são as críticas mais recorrentes nos trabalhos dos observatórios e são justificadas, principalmente, pelas pressões do tempo [*deadline* – prazo de entrega] e por informações instantâneas além de, muitas vezes, pela falta de estrutura das redações.

As críticas dos observatórios podem ser produzidas a partir de observações dos próprios participantes ou de denúncias feitas pelos consumidores da informação. Assim, os observatórios de imprensa também atuam como mediadores entre os cidadãos e a mídia.

É também um mediador entre os cidadãos e o meio, é alguém que intervém colocando em contato as reivindicações dos cidadãos com os processos de elaboração da informação. Por isso, sua ação recai sobre a redação dos jornais, mostrando erros, assinalando distorções, esclarecendo dúvidas. Mas também se expande sobre a cidadania, revelando as complexidades do ofício jornalístico, os encontros e desencontros entre leitores e meios (REY, p. 1, 2003).

Ramonet (2003), um dos fundadores do Observatório Global de Meios de Comunicação, propôs que os observatórios fossem considerados também como uma espécie de “quinto poder”. Esse entendimento concederia à sociedade civil o poder de denunciar grandes grupos midiáticos.

É necessário, simplesmente, criar um “quinto poder”. Um “quinto poder” que nos permita ser uma força cívica e cidadã de oposição à nova aliança dominante. Um “quinto poder” cuja função seria a de denunciar a superpotência dos meios de comunicação, os grandes grupos de mídia, cúmplices e difusores da globalização liberal. Esses meios de comunicação que, em determinadas circunstâncias, não só não protegem os cidadãos, mas, às vezes, agem contra o povo como um todo (RAMONET, p. 1, 2003).

O surgimento do quinto poder, segundo o autor, se deve pelo desgaste do quarto poder, a imprensa.

¹⁰ Entrevista ao site Primeira Notícia, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <http://www.primeiranoticia.ufms.br/jornalismo/de-olho-na-midia/412/>. Acessada em 15/01/2015.

Esse “quarto poder” era, em definitivo, graças ao sentido cívico dos meios de comunicação e coragem de valentes jornalistas, aquele de quem dispunham os cidadãos para criticar, questionar e enfrentar, democraticamente, as decisões ilegais que foram equivocadamente, injustamente, colocadas contra pessoas inocentes. Era a voz dos sem voz. A medida que se acelerava a globalização, este “quarto poder” foi perdendo o sentido, perdendo pouco a pouco sua função essencial de contrapoder (RAMONET, p. 1, 2003).

Com isso, o papel dos observatórios em alfabetizar o público leitor se fortalece. Albuquerque, Ladeira e Silva (2002, p.187) definem que “na ausência de uma base consistente de valores comuns, os jornalistas brasileiros tendem a definir o seu papel como não se limitando à tarefa de informar cidadãos; caberia aos jornalistas a responsabilidade de formar cidadãos”.

Diferentemente das críticas acadêmicas do passado, os observatórios buscam a superação do ceticismo com críticas de cunho construtivo, para a melhoria dos produtos veiculados e consequente sinalização por uma postura mais ética de quem publica. Motta (2008, p.22) define que “[os observatórios] querem influir nos processos produtivos da mídia: revelar desvios, a parcialidade, a superficialidade, a descontextualização e as baixarias. A crítica atual, produzida pelos observatórios, é diferente e inovadora: quase sempre aponta alternativas e procura influir na profissão ou nas políticas públicas para o setor”.

Ainda sobre as características dos observatórios recorre-se a Herrera (2005), que listou dez traços comuns aos observatórios de imprensa latino-americanos:

- 1) Reconhecimento da importância da comunicação e dos meios para a democracia;
 - 2) Insatisfação com a atual situação dos meios de comunicação
 - 3) Reivindicação de outra forma de entender a prática jornalística
 - 4) Reivindicação de outro público consumidor dos meios
 - 5) Exercício constante, regular e sistemático de monitoramento
 - 6) Intencionalidade revisionista e reformista
 - 7) Caráter propositivo e finalidade mais de recomendar ao descrever
 - 8) Diversidade e criatividade em suas atuações
 - 9) Convicção da importância de divulgar sua atividade
 - 10) Predileção ao uso das novas tecnologias
- (HERRERA, p. 1, 2005)

Albornoz e Herschmann (2006) realizaram uma pesquisa para conhecer o perfil e a atuação dos observatórios de informação, comunicação e cultura e identificaram 55 deles estabelecidos nas principais cidades de 11 países ibero-americanos. Os

pesquisadores listaram que observatórios abordavam três principais tópicos: a) há os que são dedicados a avaliar as tendências das indústrias culturais e a colaborar na formulação de políticas culturais; b) os que acompanham o desenvolvimento da Sociedade da Informação e a implantação de novas tecnologias de informação e comunicação; e c) os observatórios direcionados a fiscalizar os conteúdos veiculados pelos meios de comunicação. Ao final da pesquisa, classificaram os observatórios em duas principais atuações, “Observatórios fiscais e Observatórios think tank” e concluíram que ambos eram fundamentais para a construção de cenários mais equilibrados.

Os observatórios variam de origem, composição, estrutura e orientação ideológica, mas sempre permeiam países democráticos. Essa é uma das conclusões de do estudo realizado por Cunha (2011), que listou a atuação de 104 observatórios de mídia em 39 países diferentes. Cunha (2011) definiu que a maioria das iniciativas é advinda de democracias. “Constatou-se que 93,27% dos observatórios considerados foram estruturados e desenvolvidos em regimes democráticos – mesmo que o grau e a qualidade da democracia sejam variáveis” (CUNHA, 2011, p. 148). Mesma constatação elencada por Herrera (2005):

O primeiro elemento comum compartilhado por todos os observatórios se dá pelo fato de reconhecer a importância do diálogo e da comunicação na consolidação das democracias modernas [...] A democracia é o sistema com maior liberdades individuais e sociais e, que por sua vez permite a participação cidadã, os meios se revelam como ferramentas fundamentais para garantir a eficácia e o futuro do sistema democrático (HERRERA, p.2, 2005).

No Brasil, Cunha (2011) contabilizou a existência de 14 observatórios de imprensa:

1. Agência Unama (www.agencia.unama.com.br);
2. Canal da Imprensa (www.canaldaimprensa.com.br);
3. De olho na mídia (www.deolhonamidia.org.br);
4. Monitor de Mídia (www.univali.br/monitor);
5. Mídia e Política (www.midiaepolitica.unb.br);
6. Observatório da Imprensa (www.observatoriodaimprensa.com.br);
7. Observatório de Economia e Comunicação (<http://obscom.com.br/>);
8. Observatório da Mídia Regional (www.ufpe.br/observatorio);

9. Observatório do Direito à Comunicação (www.direitoacomunicacao.org.br);
10. Renoi Vale do Paraíba (renoivaledoparaiba.blogspot.com);
11. Mídia Sem Máscara (www.midiasemmascara.org.br);
12. Andi (www.andi.org.br);
13. SOS Imprensa (sosinterativo.blogspot.com);
14. OmbudsPE (www.ombudspe.org.br).

Ao analisar os observatórios selecionados por Cunha (2011) verificou-se que a maioria era observatórios de imprensa acadêmicos. São eles, também selecionados para esta pesquisa (vide análise e definição de cada um no Capítulo 2):

1. Agência Unama (www.agencia.unama.com.br): observatório inativo, que era ligado à Universidade da Amazônia, no Pará;
2. Canal da Imprensa (www.canaldaimprensa.com.br): observatório ativo, em formato de revista eletrônica, vinculada ao Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp);
3. Monitor de Mídia (www.univali.br/monitor): observatório inativo, que era ligado à Universidade do Vale do Itajaí, em Santa Catarina;
4. Mídia e Política (www.midiaepolitica.unb.br): observatório inativo, que era ligado à Universidade de Brasília, no Distrito Federal;
5. Observatório de Economia e Comunicação (<http://obscom.com.br/>): observatório ativo, vinculado à Universidade Federal de Sergipe;
6. Observatório da Mídia Regional (www.ufpe.br/observatorio): observatório ativo, porém não mais vinculado à Universidade Federal de Pernambuco, como listado por Cunha, mas sim à Universidade Federal do Espírito Santo.

7. SOS Imprensa (sosinterativo.blogspot.com): observatório ativo, agora com postagens em um novo site (<https://sosimprensa.wordpress.com/>), vinculado à Universidade de Brasília.

Os outros observatórios listados por Cunha (2011) são iniciativas de organizações não-governamentais e não vinculadas às universidades que, para tanto, não são o objeto deste estudo.

Ao longo de dois anos e meio de pesquisa encontrou-se outros 12 observatórios de imprensa acadêmicos brasileiros:

1. Mídia em Foco (midiaemfocofeevale.blogspot.com.br): observatório ativo, vinculado à Universidade Feevale;
2. ObjETHOS (<https://ObjETHOS.wordpress.com>): observatório ativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina;
3. Observando Parintins (observandoparintins.blogspot.com.br): observatório inativo, antes vinculado à Universidade Federal do Amazonas;
4. Observatório Brasileiro de Mídia (<http://www.observatoriodemidia.org.br>): observatório inativo, que era vinculado à Universidade de São Paulo;
5. Observatório da Qualidade no Audiovisual (<http://observatoriodoaudiovisual.com.br>): observatório ativo, vinculado à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).
6. Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina (www.observatorioradiodifusao.net.br): observatório ativo, vinculado à Universidade de Brasília;
7. Observatório da Saúde na Mídia (saudenamidia.icict.fiocruz.br): observatório ativo, vinculado à Fundação Oswaldo Cruz;

8. Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura (<http://obcom.nap.usp.br/>), observatório ativo, vinculado à Universidade de São Paulo;
9. Observatório de Mídia (<http://observatoriodemidia.blogspot.com.br/>): observatório inativo, que era vinculado à Faculdade Pitágoras de Divinópolis;
10. Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (<http://www.uft.edu.br/opaje>), observatório ativo, vinculado à Universidade Federal do Tocantins;
11. Observe (www.observe.ufms.br): observatório inativo, ainda vinculado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
12. Plural – Observatório de Comunicação e Cidadania (<http://www2.faac.unesp.br/blog/obsmidia/>): observatório ativo, vinculado à Universidade Estadual Paulista;

A classificação, análise e atuação de cada observatório acadêmico selecionado para esta pesquisa poderá ser observada no Capítulo 2 deste estudo.

1.2 Observatório referência

O observatório de imprensa referência no Brasil é o Observatório da Imprensa.

A experiência de crítica de mídia que alcançou até o momento maior visibilidade na sociedade brasileira, sem dúvida, é o Observatório da Imprensa. [...] O sucesso de experiências como o Observatório de Imprensa mostra que a sociedade está realmente querendo participar, como contrapoder, da liberdade ampla que a imprensa deve gozar (LOURES 2008, p. 165 e 167).

O Observatório da Imprensa (OI) é uma iniciativa que se apresenta em seu *site*¹¹ oficial como um veículo jornalístico focado na crítica da mídia, desenvolvido pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)¹², para ser uma entidade civil, não-governamental, não-corporativa e não-partidária que acompanha, junto com outras organizações da sociedade civil, o desempenho da mídia brasileira, com presença regular na internet desde abril de 1996.

Em maio de 1998 o Observatório da Imprensa implementa a versão televisiva, produzida pela TVE do Rio de Janeiro e TV Cultura de São Paulo e transmitida semanalmente pela Rede Pública de Televisão. Em maio de 2005, o Observatório da Imprensa amplia sua atuação a um programa diário transmitido pela rádio Cultura FM de São Paulo, rádios MEC AM e FM do Rio de Janeiro, e rádios Nacional AM e FM de Brasília.

Com o *slogan* “Você nunca mais vai ler jornal do mesmo jeito” o *site* do OI apresenta como seu objetivo ser “fórum permanente onde os usuários da mídia – leitores, ouvintes, telespectadores e internautas –, organizados em associações desvinculadas do estabelecimento jornalístico, poderão manifestar-se e participar

¹¹ Informações retiradas da aba Observatório. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/sobre/>. Acessado em: 02/02/2016.

¹² Apesar de ter sido criado em uma instituição de Ensino Superior, o Observatório da Imprensa não foi listado entre os observatórios de imprensa acadêmicos selecionados para esta pesquisa, pois sua atuação é de forma desvinculada à universidade e atualmente de responsabilidade do Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor), uma organização social mantenedora do Observatório da Imprensa, que também se dedica a outras atividades além OI. Sobre o Projor disponível em: <http://www.projor.org.br>. Acessado em: 02/02/2016. Contextualização da entrada do Projor na visão de Dines em DINES, Alberto. Um compromisso, uma história, um saldo. In: Observatório da Imprensa, edição 336, de 02/05/2006. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/um-compromisso-uma-historia-um-saldo/>. Acessado em: 10/02/2016.

ativamente num processo no qual, até há pouco, desempenhavam o papel de agentes passivos”.

O editor responsável é Alberto Dines, jornalista com mais de 50 anos de carreira. A equipe ainda é composta por Carlos Castilho como redator chefe, Jô Amado como editor assistente e mantém como colaboradores fixos os jornalistas Eugênio Bucci, Luiz Weis, Muniz Sodré, Norma Couri, Pedro Nabuco e Ulisses Capozzoli.



FIGURA 1: Página oficial do Observatório da Imprensa¹³

Dines (2008, p. 8) explica que ao criar o Observatório da Imprensa, entendeu que “estava na hora de retirar o leitor-ouvinte-telespectador da condição passiva em que se encontrada, condenado a manifestar-se apenas como um anônimo, através de sondagens de opinião pública. Ao destinatário do processo de comunicação era indispensável oferecer as ferramentas capazes de motivá-lo a adotar novos padrões de exigência”.

O OI contém 16 seções: Armazém Literário, Caderno da Cidadania, Circo da Notícia, Diretório Acadêmico, E-Notícias, Entre Aspas, Feitos & Desfeitos, Imprensa em Questão, Interesse Público, Jornal de Debates, Memória, Monitor da Imprensa, Netbanca, Tv em Questão, Voz dos Ouvidores, Edições Anteriores. O site também contém as abas: Oi na TV, com os arquivos do programa semanal na TV aberta; Vídeos

¹³ Imagem disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/sobre/>. Acessado em: 02/02/2016.

OI, com indicações vídeos, documentários, filmes e curta-metragens de diversas nacionalidades, além de grandes reportagens e especiais produzidos pelo OI; Oi no Rádio, com a produção radiofônica veiculada pelas rádios parceiras; *Blogs* OI, com indicações de outros *blogs* de monitoramento de mídia; Serviços, em que disponibilizam as edições anteriores de conteúdo, uma biblioteca de conteúdo e a seção NetBanca, em que há conteúdos exclusivamente sobre a internet; a última aba é a de Contato, em que é disponibilizado um quadro de formulário para entrar em contato com o OI ou o envio de artigos a serem publicados, além de endereço, telefones e *email* para entrar em contato com a redação.

O OI recebe artigos e produz conteúdo. Também difunde sua produção pelas redes sociais *Facebook*¹⁴, *Twitter*, *Google Plus* e *Youtube*. Em texto publicado no Observatório da Imprensa, Dines explica o porquê da necessidade um observatório:

Os meios de comunicação de massa são majoritariamente produzidos por empresas privadas cujas decisões atendem legitimamente aos desígnios de seus acionistas ou representantes. Mas o produto jornalístico é, inquestionavelmente, um serviço público, com garantias e privilégios específicos previstos em vários artigos da Carta Magna, o que pressupõe imperiosas contrapartidas em matéria de deveres e responsabilidades sociais. [...] A Sociedade Civil deve compreender sucessivos níveis de monitoração e atuação de forma a diminuir a distância entre os poderes e a cidadania, convertendo-se ela própria numa instância. No caso dos meios de comunicação de massa, o *Observatório da Imprensa* propõe-se a funcionar como um atento mediador entre a mídia e os mediados preenchendo o nosso ‘espaço social’, até agora praticamente vazio (DINES, 2006).

Segundo avaliam Albuquerque, Ladeira e Silva (2002, p. 173), o Observatório da Imprensa assume uma “dupla condição de arena – idealmente aberta à participação de todos, considerados aprioristicamente como interlocutores igualmente válidos – e de agente do debate – imbuído de um papel normativo e, portanto, supostamente superior aos demais interlocutores”.

Após avaliar o OI, os autores também consideraram que não é um local jornalístico isento, desprovido de regras. “Alberto Dines e seus principais colaboradores não são, obviamente, jornalistas ‘universais’ e não têm procuração para falar em nome da classe como um todo. Os seus discursos são permeados por conceitos e preconceitos

¹⁴ Disponíveis em: <https://www.Facebook.com/Site.ObservatoriodaImprensa> e <https://Twitter.com/observatorio>. *Google Plus* desatualizado desde 2014: <https://plus.google.com/+Observat%C3%B3riodaImprensaSite/posts>. *Youtube* desatualizado pela migração dos vídeos ao site oficial <https://www.Youtube.com/channel/UCLYAbwBUHGuTuvicdUWel3g>. Acessados em: 10/02/2016.

que refletem as suas trajetórias particulares dentro do jornalismo” (ALBUQUERQUE, LADEIRA E SILVA, 2002, p. 168). Ao analisar quatro sessões para a pesquisa, Albuquerque, Ladeira e Silva (2002) observaram que existe o papel da edição nos conteúdos do *site* e que isso permite a supremacia dos discursos próprios do OI. Apesar disso, os autores acreditam que não altera o status do Observatório da Imprensa como referencial privilegiado para a análise de questões relativas à ética e à responsabilidade política e social do jornalismo brasileiro:

A ambiguidade entre os papéis de arena e agente que caracteriza o Observatório nos parece ser parte do problema que analisamos: na ausência de um acordo amplo dos jornalistas em torno de princípios éticos comuns, o Observatório se vê tentado a extrapolar o seu papel formal (tal como expresso nos seus Objetivos) e se investir da autoridade de agente normatizador. Tal autoridade se baseia principalmente no prestígio pessoal de Alberto Dines, cuja presença, como vimos, domina o Observatório da Imprensa. Como regra geral, Dines profere juízos particularizados acerca de casos concretos, sem que se apresentem explicitamente outros fundamentos de tal ação normativa além da experiência do seu autor como jornalista (ALBUQUERQUE, LADEIRA E SILVA, 2002, p.186).

Albuquerque, Ladeira e Silva (2002, p. 187) chegam à conclusão da importância do fórum de debates reivindicado pelo Observatório e “ao que tudo indica, proporcionar um espaço para o debate em torno de questões relativas à ética jornalística não parece ser o bastante; é preciso conduzir esse debate, a fim de garantir que ele chegue a bom termo”.

Em entrevista a Diniz (2010), Alberto Dines define o Observatório como uma instituição. “O conceito foi lançado, e o conceito é de que a crítica da mídia só se legitima quando ela é feita voltada para o público que consome a informação, para o cidadão que lê, que precisa ser informado corretamente. Porque, caso contrário, vira conversa de botequim entre profissionais” (DINIZ, 2010, p. 75).

Dentre os alcances que a leitura do Observatório de Imprensa proporciona está a tomada de consciência do fazer jornalístico. “Sucesso [do OI] quer dizer o seguinte: que, assim como os leitores, os jornalistas não têm mais o mesmo olhar. A nova consciência do processo de produção e circulação de notícias vai sendo compartilhada e difundida quase imperceptivelmente” (MALIN, 2001, p. 1).

Além de referência, o trabalho do OI ainda deve ser valorizado como combativo. Como exemplo mais marcante foi a solicitação de providências à Procuradoria Geral da

República, em 25 de outubro de 2005, quando elaborou um documento¹⁵ relacionando as concessões ilegais de canais de radiodifusão a parlamentares em mandato.

É certo que o trabalho desenvolvido pelo OI deve ser considerado em discussões sobre jornalismo. “Não deve ser dito aqui que tudo o que publica o Observatório é produto da melhor análise, é bom, é correto. Longe disso. Muita coisa provoca discussão e divergência. O trabalho do OI é incompleto, às vezes idiossincrático. Mas é metódico, procura fornecer chaves de compreensão, estimula e anima a existência de outros observatórios. E hoje se pode comemorar: muita gente já não lê jornal do mesmo jeito”, (EGYPTO E MALIN, 2008, p. 183). Assim, o Observatório de Imprensa impulsionou a criação de outras iniciativas de observatórios, como as 15 levantadas para este estudo.

¹⁵ Confira o documento na íntegra em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/wp-content/uploads/2015/02/352IPB001.pdf>. Acessado em: 10/02/2015.

1.3 Observatórios na academia - um *locus* privilegiado

As universidades são *locus* privilegiados de observação midiática, visto que não possuem vínculos institucionais ou econômicos com empresas de comunicação ou mercado publicitário. Podem observar a imprensa de modo isento, incentivar melhorias na qualidade do que é produzido e ainda propiciar uma formação mais ética aos futuros jornalistas a serem graduados nas instituições nos quais atuam os observatórios acadêmicos.

Os observatórios vinculados a universidades e faculdades de Comunicação Social, a partir de uma perspectiva predominantemente acadêmica, recordam qual deve ser a função dos meios nas sociedades contemporâneas e reforçam a necessidade da conduta dos jornalistas estar orientada por parâmetros éticos e de qualidade (CHRISTOFOLETTI E HERRERA 2006b, p. 7).

Nas universidades, os pesquisadores dispõem de mais tempo de análise, sem a pressão do *deadline* para comporem suas críticas e sugerirem melhorias. Santuário (2013, p.2) diz que “é no meio acadêmico que a crítica de mídia parece encontrar mais condições para se implementar enquanto prática reflexiva e como ação propositora de novos procedimentos”.

E isso se explica pelo fato de que a universidade é um ambiente seguro (com relativa imunidade às pressões mercadológicas), fértil (pois dele se espera soluções para problemas e explicações para fenômenos e situações), reflexivo (por se constituir num pólo gerador de conhecimento) e plural (reunindo variedades de público e de perspectivas teóricas) (SANTUÁRIO, 2013, p.2).

A universidade tem a premissa de sugerir novos caminhos a serem percorridos pelo Jornalismo em busca da qualidade, justificado pelo papel pedagógico intrínseco à instituição. “Embora servir ao processo formal de ensino e aprendizagem não seja o objetivo mais proeminente dos observatórios de imprensa, não há como negar a função educativa que eles realmente desenvolvem” (SIQUEIRA e ROTHBERG, 2008, p.206).

Os observatórios em atividade nas universidades surgem por meio de projetos de pesquisa e extensão universitárias. A extensão permite a interação com a sociedade, pois os leitores podem entrar em contato para denunciar abusos cometidos pela imprensa. A

interação também se dá por meio da internet, suporte utilizado para a publicação das considerações críticas dos observatórios brasileiros.

Silva e Paulino (2008), então coordenadores do Observatório da Universidade Federal de Brasília, SOS Imprensa, exemplificam como pode ser essa interação quando leitores buscam os observatórios acadêmicos. “Verificamos três situações distintas: na primeira fase do SOS, o pedido de socorro era: ‘Socorro, a mídia me ofende!’; na segunda, ‘Socorro, eu preciso da mídia!’ (mas ela não me atende); e, a terceira, ‘Socorro, a mídia está em perigo!’ (quando a instituição e os seus profissionais passam por constrangimentos, ameaças e obstruções)” (SILVA E PAULINO, 2008, p 117). Ao compreender essas três possibilidades de intervenção, os observatórios se fazem ainda mais necessários para o processo democrático.

Grupos diferentes com intenções diversas podem interagir com os observatórios na busca da qualidade dos produtos jornalísticos. Segundo Mattelart (2005), esse “contrapoder” dos observatórios se concebe como espaço de elaboração de uma pedagogia democrática da apropriação individual e coletiva do universo dos meios e da comunicação. As universidades propiciam o espaço democrático de debate, a partir do momento que estudantes de todos os níveis possam interagir com professores e profissionais.

Se trata de federalizar os múltiplos espaços e atores que, há anos, realizam um trabalho de pedagogia crítica dos meios. Seu mérito reside no feito de ensaiar a tríplice aliança: usuários-cidadãos / pesquisadores / jornalistas, e corresponde à definição dos novos movimentos sociais como movimentos de educação popular (MATTELART, p.1, 2005).

Quando os diversos atores se unem, o olhar crítico é aprimorado com as discussões sobre o mesmo objeto, mas “com que intencionalidade a crítica resgata seu sentido na sociedade atual?” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 22).

Para o autor, criticar só tem sentido se associado à multiplicidade, “à variedade, a um conjunto informal, difuso de pessoas que satisfazem um quesito básico, o de ter estudado, pesquisado, se informado razoavelmente sobre o objeto em questão. Crítica como forma coletiva, aberta, múltipla, admitindo as oposições, as diferenças, as contradições, mas necessariamente especializada” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 22).

Por outro lado, Guerra (2005) alerta para a distância entre as condições de produção do mercado e a da academia, que deve ser levada em consideração. “O ambiente acadêmico da área de comunicação e do jornalismo comporta tensões significativas entre o seu discurso e a sua prática. Nesta, as universidades tendem a reproduzir as técnicas do mercado, estando no máximo, em condições de igualdade, mas jamais à sua frente” (GUERRA, 2005, p.1).

Apesar disso, Siqueira e Rothberg (2008) explicam que embora servir ao processo formal de ensino e aprendizagem não seja o objetivo mais proeminente dos observatórios de imprensa, não se trata apenas de denunciar os problemas de cobertura, mas sim de ensinar aos leitores dos observatórios as habilidades da metalinguagem jornalística.

De fato ao selecionar mensagens jornalísticas, organizá-las, compará-las entre si e avaliar conteúdos em função de referências mais amplas, os observatórios realizam uma tarefa prática (a produção de informação), adicionada de uma reflexão sobre a prática (análise do modo como os meios de comunicação produzem seus conteúdos). E esse é o fazer básico de toda ação educativa, nas outras esferas do conhecimento contempladas pelo currículo escolar. E, para além da escola, os observatórios também se encaixam naquele ramo que vem sendo chamado de “aprendizado aberto”, em que especialistas de uma área disponibilizam seus conhecimentos em uma rede e criam mecanismos para que outras pessoas compartilhem da construção coletiva de um saber (SIQUEIRA E ROTHBERG, 2008, p. 206).

O saber compartilhado é reforçado pelo conceito de *media literacy*, educação para a mídia, com o objetivo de ampliar a consciência pública sobre o modo como a imprensa produz as mensagens midiáticas, dotando a sociedade de capacidades para um consumo crítico dos meios.

Conforme argumenta Bucci (2000, p. 88), “a qualidade da informação inexistente quando veículos de comunicação visam a defesa de interesses, tanto internos quanto externos”.

Um observatório vinculado à academia é um local que visa isenção e poderá contribuir com o processo cuidadoso e responsável de analisar criticamente veículos, de forma independente, com o objetivo de melhorar processos e atuações jornalísticas, independentemente de quais ligações econômicas os veículos observados tenham.

CAPÍTULO 2 - NATUREZA, ATUAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DOS OBSERVATÓRIOS ACADÊMICOS

Este estudo encontrou ao longo de dois anos e meio de pesquisa 19 iniciativas de observatórios de imprensa acadêmicos no Brasil, que neste capítulo serão analisadas uma a uma a fim de registrar suas atuações, natureza e contribuições para o jornalismo, para a sociedade e para a formação acadêmica.

Duas macro-classificações foram delimitadas em observatórios ativos e inativos, para diferenciar, respectivamente, os que ainda mantêm seus projetos acadêmicos com atividades constantes em 2015, dos que não registraram nenhuma ação relacionada ao projeto no período definido para esta análise: entre 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2015.

Ainda foi necessário ampliar a definição dos observatórios ativos em duas categorias: os observatórios de imprensa acadêmicos ativos primários dos observatórios de imprensa acadêmicos ativos secundários. Os primários receberam esta nomenclatura pelo destaque de atuação constante em seus *sites* oficiais: com postagens frequentes e tendo como atividade principal as análises de crítica midiáticas. Os secundários foram assim elencados os que permaneceram com seus projetos ativos, sejam por meio da pesquisa, do ensino ou da extensão universitária, mas que não mantêm postagens de crítica de mídia em seus *sites* de forma constante, como uma atividade perene de observação.

A diferenciação não diminui a importância dos observatórios, apenas pretende retratar fielmente as características de cada iniciativa. Os 12 observatórios classificados como ativos foram:

1. Canal da Imprensa – vinculado ao Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp);
2. Mídia em Foco – vinculado à Universidade Feevale;
3. ObjETHOS – vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC);

4. Observatório da Mídia – vinculado à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES);
5. Observatório da Qualidade no Audiovisual – vinculado à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF);
6. Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina – vinculado à Universidade de Brasília (UnB);
7. Observatório da Saúde na Mídia – vinculado à Fiocruz;
8. Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura – vinculado à Universidade de São Paulo (USP);
9. Observatório de Economia e Comunicação – vinculado à Universidade Federal de Sergipe;
10. Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino – vinculado à Universidade Federal do Tocantins;
11. Plural – Observatório de Comunicação e Cidadania - vinculado à Universidade Estadual Paulista (Unesp);
12. SOS Imprensa – vinculado à Universidade de Brasília (UnB);

Os sete classificados inativos foram:

1. Agência Unama – vinculada à Universidade da Amazônia (Unama);
2. Mídia & Política – vinculado à Universidade de Brasília (UnB);
3. Monitor de Mídia – vinculado à Universidade do Vale do Itajaí (Univali);
4. Observando de Parintins – vinculado à Universidade Federal do Amazonas (UFAM);
5. Observatório Brasileiro de Mídia – vinculado à Universidade de São Paulo (USP);
6. Observatório de Mídia – vinculado à Faculdade Pitágoras de Divinópolis;
7. Observe – vinculado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Não há atuações idênticas. Em cada observatório apresentado será exposto como estão dispostas suas páginas oficiais, como trabalham, quem faz parte da equipe e toda a informação que foi possível colher em seus *sites* e em entrevistas com os participantes, tanto professores quanto alunos¹⁶, como forma de responder as perguntas-objetivo desta pesquisa: quais são os observatórios ativos em universidades? Onde surgiram? Quais e quantos são os autores das publicações? Quais são suas formas de publicação e atuação? Há difusão de conteúdo por quais mídias? Como se mantêm financeiramente? Como eles contribuem para a sociedade? Com qual frequência observam? Quais são os veículos mais observados? Como contribuem para a formação jornalística? E assim foi traçado separadamente sobre a natureza, perfil e contribuições de cada iniciativa.

¹⁶ Entrevistas disponíveis na íntegra no apêndice desta dissertação.

2.1 Observatórios ativos primários

2.1.1 Canal da Imprensa

O Canal da Imprensa é uma revista eletrônica de crítica de mídia do curso de Jornalismo do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), campus Engenheiro Coelho. Sua linha editorial é definida como espaço para “analisar e criticar o papel da imprensa em suas diferentes especializações e áreas e busca, por meio do relato jornalístico, discutir o impacto da mídia sobre a sociedade. O Canal da Imprensa acredita que a mídia deve prestar contas à sociedade de tudo aquilo que divulga, veicula ou publica, e que por esse motivo o conteúdo desta revista eletrônica serve como um observatório que critica o conteúdo e a produção jornalística dos veículos de comunicação”.

A revista também se apresenta em seu *site* oficial¹⁷ como um espaço reservado aos alunos de Jornalismo, contando, inclusive, com a supervisão de professores e a colaboração de profissionais da imprensa. É considerada uma revista por lançar a cada dois meses edições temáticas com conjunto de análises críticas, entrevistas, charge e outros textos. A revista Canal da Imprensa se encontra sob a coordenação do professor Ruben Holdorf, quem a instituiu no Curso de Jornalismo da Unasp em 2001. Após um ano em experimentação, lançou sua primeira edição em 2002 e desde 2005 faz parte da Renoi.

Em 2015 houve alteração no *site* da revista eletrônica. Até a edição de abril de 2015, de número 155, encontra-se em <http://canaldaimprensates.wix.com/canaldaimprensa>. Após esse período, a página migrou as postagens de suas edições para o endereço <http://www.canaldaimprensa.com.br>, em que estão disponíveis as edições de anos anteriores e as demais de 2015, da 156 até a edição 162, em novembro de 2015.

¹⁷ Disponível em: www.canaldaimprensa.com.br. Acessado em: 01/01/2016.



FIGURA 2 – Página do Canal da Imprensa oficial até abril de 2015¹⁸



FIGURA 3 – Página oficial do Canal da Imprensa a partir de maio de 2015¹⁹

¹⁸ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-151>. Acessado em: 01/01/2016.

¹⁹ Disponível em: www.canaldaimprensa.com.br. Acessado em: 01/01/2016.

O novo *site* também apresenta uma nova logo para a revista, que tem como editora chefe em 2015 a professora mestre Andréia Moura. No antigo *layout* estão dispostas as abas “*Home*”, *link* da página inicial, “Sobre o *site*”, que resume sobre a Revista e seus objetivos, “Quem somos”, com a equipe²⁰ composta por três professores, uma editora assistente, quatro alunos na redação e duas pessoas na produção técnica, “Fale conosco”, que disponibiliza um cabeçalho em que é possível enviar uma mensagem ao Canal da Imprensa e a aba “Edições anteriores”, com os *links* das edições já produzidas.

No Canal da Imprensa em novo *layout* é possível observar as mesmas abas com os mesmos textos dispostos em cada uma delas na versão antiga. A única mudança ocorre para a composição da equipe na aba “Quem somos”²¹, com mais um cargo de editoria-chefe, seis membros na equipe de redação, uma colaboração.

Cada edição é temática, ou seja, é escolhido um tema para serem feitas análises de coberturas midiáticas, tanto nas publicações no antigo *site* quanto para as publicadas na página com o novo *layout*. Cada revista é dividida pelos conteúdos: “Editorial”, um texto de opinião assinado pela editoria-chefe sobre o tema central da edição; “Reportagem”, em que traz uma reportagem sobre o assunto tema; “Debate”, com postagens de opinião e reflexão; “Análises”, com observações sobre a mídia, também com foco sobre a temática escolhida para a edição; “JHQ”, com uma charge temática; “Entrevista”, em que o Canal da Imprensa ouve um especialista em entrevista estilo ping pong (perguntas e respostas); e “Sessão Cultural”, com indicações de filmes, leituras, entre outros, sobre o tema central da edição.

Para esta análise descritiva foi selecionado o conteúdo produzido pela revista para a coluna “Análises”, das edições produzidas e divulgadas em 2015, compostas pelas edições de 151 a 162.

²⁰ Equipe composta pelo coordenador: Prof. Dr. Ruben Dargã Holdorf, diretor de Redação Prof. Dr. Luis Fernando Assunção, editora-chefe Prof.^a Esp. Andréia Moura, editora-assistente Nathália Lima, equipe da Redação: Thamires Mattos, Daniela Fernandes, Aline Ludtke, Sabrina Cristo e produção técnica de Mariana Farinha e Daniela Fernandes. Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-151#!quem-somos/c243z>. Acessado em: 01/01/2016.

²¹ Equipe composta pelo coordenador: Prof. Dr. Ruben Dargã Holdorf, diretor de Redação Prof. Dr. Luis Fernando Assunção, editora-chefe Prof.^a Ms. Andréia Moura, editora-chefe assistente Daniela Fernandes, Editoria-assistente Thamires Mattos, equipe da Redação: Aline Oliveira, Camila Torres, Juliana Dorneles, Luciana Ferreira, Sabrina Cristo e Sudaleif Alves e colaboração de Cley Medeiros. Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/quem-somos/>. Acessado em: 01/01/2016.

- Canal da Imprensa:

- 21 postagens de opinião/reflexão sobre temas variados
- 28 críticas de mídia
- 20 outras postagens – charge, entrevista e sessão cultural.

Total: 64 postagens em 2015 na plataforma <http://canaldaimpensates.wix.com/canaldaimprensa>.

- Edição 151²², tema Contracultura (de 10/12/2014 a 01/03/2015). As análises críticas sobre a mídia foram:

“Ideologias Ocultas”²³ – explica sobre a ideologia do movimento punk e relembra a relação distante entre a mídia e os punks. Relembra caso de 2011 de briga envolvendo um punk, critica diversas abordagens midiáticas que usaram o fato com sensacionalismo, mas não citou quaisquer veículos.

“Se liga”²⁴ – texto fala sobre o rap e elogia programa A Liga, da Band e a forma como desconstrói estereótipos. Também cita boas práticas do Profissão Repórter, da Rede Globo e do Conexão Repórter, do SBT.

“Um legado inconformista”²⁵ – reflexão sobre o movimento hippie e como os valores estão vivos na atual sociedade. Elogia portais Catraca Livre e Hypheness e critica deturpação da filosofia hippie pelas revistas adolescentes Capricho e TodaTeen.

“Saber é fundamental, explicar é obrigatório”²⁶ – texto sobre a manifestação hipster. Critica texto da Veja SP e elogia outro da Superinteressante, ambos sobre os hipsters.

“Bons ou maus?”²⁷ – discorre sobre os hackers e sua imagem perante a mídia. Autor critica postagens, sem citar quais, dos jornais Estado de São Paulo e Folha de São

²² Disponível em: <http://canaldaimpensates.wix.com/canal-151>. Acessado em: 01/01/2016.

²³ Disponível em: <http://canaldaimpensates.wix.com/canal-151#!punks/c1xjx>. Acessado em: 01/01/2016.

²⁴ Disponível em: <http://canaldaimpensates.wix.com/canal-151#!rap/c1hr3>. Acessado em: 01/01/2016.

²⁵ Disponível em: <http://canaldaimpensates.wix.com/canal-151#!hippies/cmju>. Acessado em: 01/01/2016.

²⁶ Disponível em: <http://canaldaimpensates.wix.com/canal-151#!hipsters/c1icy>. Acessado em: 01/01/2016.

²⁷ Disponível em: <http://canaldaimpensates.wix.com/canal-151#!hackers/c1ddt>. Acessado em: 01/01/2016.

Paulo, que teriam usado o termo hacker de forma incorreta, para caracterizar cibercriminosos, que atualmente o nome correto seria crackers.

- Edição 152 ²⁸ tema Crise hídrica (16/03/2015 a 29/03/2015). As análises críticas sobre a mídia foram:

“Informando, Conscientizando e educando” ²⁹ – texto elogia matérias especiais sobre a crise hídrica feita pela BBC Brasil, em fevereiro de 2015.

“Chuva de persuasão”³⁰ – texto analisa cobertura do tema feito pela Carta Capital. Das sete matérias feitas pela revista em 2015, até o fechamento da edição do Canal da Imprensa, o autor afirma que cinco tiveram o mesmo foco e critica que em todos os textos há um enredo que persuade o leitor de forma a concordar com a revista.

“Crise hídrica à Folha de São Paulo”³¹- texto critica atitude do jornal Folha de São Paulo quanto a, segunda a autora, omissão de informações sobre a crise de água durante a campanha eleitoral de 2014 e pós este período, mais matérias foram divulgadas, mas não relacionadas com o Governo do Estado, o que fez com que a autora criticasse a cobertura considerada parcial.

“A crise hídrica de Alckmin”³² – análise da cobertura da crise hídrica pelo jornal O Estado de São Paulo, que aponta, segundo a autora, uma “cobertura sobre o assunto que se esforçou para “aliviar” e retirar das costas de Geraldo Alckmin, governador reeleito de São Paulo, a responsabilidade da má administração e consequente sucateamento da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp)”.

“O Globo e os suspeitos” ³³- análise considera cobertura do jornal O Globo cuidadoso ao expor os problemas da crise hídrica e deixar para que o leitor perceba a falta de ações do Governo de São Paulo.

²⁸ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-152>. Acessado em: 01/01/2016.

²⁹ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-152#!bbc/c1hr3>. Acessado em: 01/01/2016.

³⁰ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-152#!carta-capital/cmju>. Acessado em: 01/01/2016.

³¹ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-152#!folha-de-sao-paulo/c1ddt>. Acessado em: 01/01/2016.

³² Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-152#!o-estado-de-sao-paulo/c1rwf>. Acessado em: 02/01/2016.

³³ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-152#!o-globo/c1xjx>. Acessado em: 02/01/2016.

“A crise hídrica superficial”³⁴ – análise crítica a cobertura da Revista Veja. Para a autora “A Veja não omitiu fatos, ela apenas deixou de lado a crise hídrica. Tirando a relevância do caso e desinformando o leitor”.

- Edição 153³⁵ tema Operação Lava Jato (30/03/2015 a 12/04/2015). As análises críticas sobre a mídia foram:

“Lava-Jato pode lavar a alma do brasileiro”³⁶ – texto descreve reportagens sobre a economia brasileira feitas em fevereiro de 2015 pela revista The Economist, edição para as Américas. Autor não faz crítica negativa ou positiva, apenas destaca a percepção econômica da revista diante da investigação Lava Jato como um diferencial.

“O olhar da Carta Capital”³⁷ - para o autor, por meio do olhar da Carta Capital, a Operação Lava-Jato foi explicada e bem apurada, mas que o leitor sempre deve estar atento.

“Próxima da utopia”³⁸ – texto reflete sobre a utopia da imparcialidade e analisa cobertura da Folha de São Paulo sobre a Operação Lava Jato. Autora não critica, nem mesmo elogia a Folha.

“Estadão expõe bomba e seus fragmentos”³⁹ - texto elogia cobertura do jornal O Estado de São Paulo, que “conseguiu expor de forma coerente a cronologia” da Operação Lava Jato.

“Desconformidades na apuração da Lava-Jato”⁴⁰ – texto critica atuação da Revista Veja. A autora considera a revista parcial.

“Carnavalização do petróleo”⁴¹ – texto descreve cobertura duas matérias de fevereiro de 2015 da Forbes, revista americana de negócios e economia. Autora elogia autenticidade, com “manchetes e comentários ácidos e objetivos” e acredita na imparcialidade da cobertura sobre a Operação Lava Jato.

³⁴Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-152#!veja/c1icy>. Acessado em: 02/01/2016.

³⁵ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-153>. Acessado em: 02/01/2016.

³⁶ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-153#!the-economist/ci2d>. Acessado em: 02/01/2016.

³⁷ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-153#!carta-capital/cmju>. Acessado em: 02/01/2016.

³⁸ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-153#!folha-de-sao-paulo/c1ddt>. Acessado em: 02/01/2016.

³⁹ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-153#!o-estado-de-sao-paulo/c1rwf>. Acessado em: 02/01/2016.

⁴⁰ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-153#!veja/c1icy>. Acessado em: 02/01/2016.

⁴¹ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-153#!forbes/cp6v>. Acessado em: 02/01/2016.

- Edição 154⁴² tema Indústria da beleza (13/04/2015 a 26/04/2015). As análises críticas sobre a mídia foram:

“Grilhões da mídia”⁴³ - análise crítica prática da revista adolescente Capricho em cultivar o corpo e a indústria da beleza. Não há crítica a nenhuma edição específica, mas sim à postura geral da revista.

“Narciso sem inocência”⁴⁴ - análise crítica a revista Men’s Health, voltada para o público masculino, que exalta o corpo e a beleza, aliado à saúde física. Autor cita alguns títulos que considera superficiais.

“As múltiplas personalidades de Marie Claire”⁴⁵ – a publicação analisa a mudança de estilo da Revista Marie Claire, que migrou de um foco de revista para mulheres inteligentes, para uma revista voltada ao culto à beleza.

“Sobrevivência dos ícones”⁴⁶ - texto elogia a forma como o site BuzzFeed trata dos ícones de beleza e de uma forma bem humorada “o portal acaba propagando um conceito de beleza autêntica justamente por jamais levá-la a sério ou tratá-la como único foco”.

“A beleza estabelecida”⁴⁷ – texto mostra análise da revista de moda Vogue e considera que há um exagero nas propagandas de produtos, divulgação de dietas e “independente de seus leitores poderem ou não consumir os produtos, vemos que a intenção é estipular um padrão de beleza”, considerou a autora, que critica a revista.

- Edição 155⁴⁸ tema Terrorismo (27/04/2015 a 10/05/2015). As análises críticas sobre a mídia foram:

“No alvo da mídia”⁴⁹ – texto faz reflexão sobre como o terrorismo ganha espaço na mídia, mas não cita ou faz crítica a nenhum veículo específico.

⁴² Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-154>. Acessado em: 03/01/2016.

⁴³ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-154#!capricho/cne7>. Acessado em: 03/01/2016.

⁴⁴ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-154#!mens-health/c57z>. Acessado em: 03/01/2016.

⁴⁵ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-154#!marie-claire/c1ggj>. Acessado em: 03/01/2016.

⁴⁶ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-154#!buzzfeed/cl3q>. Acessado em: 03/01/2016.

⁴⁷ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-154#!vogue/c1nfi>. Acessado em: 03/01/2016.

⁴⁸ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canaldaimprensa>. Acessado em: 03/01/2016.

“A relação da Veja com o terrorismo”⁵⁰ – autora do texto faz análise de 50 reportagens da Revista Veja nos 20 primeiros dias de abril de 2015 e tece crítica positiva à cobertura sobre o terrorismo. Diz que a revista desempenhou um papel de excelência.

“A transparência do terror”⁵¹ – texto elogia cobertura sobre o terrorismo feito pela BBC. Autor diz que foram matérias realistas e objetivas e cobertura completa ao ataque ao jornal Charlie Hebdo com mais de 100 matérias.

“Essência sem delongas”⁵² – elogia cobertura do jornal New York Times, que mantém uma cobertura de forma cronológica aos acontecimentos relacionados ao terrorismo desde o ataque de 11 de setembro de 2001.

“A pregação do terrorismo”⁵³ – texto critica cobertura da CNN sobre terrorismo, chamando-a de parcial e por muitas vezes ligando o terrorismo à religião de forma irresponsável.

“Terrorismo global”⁵⁴ – texto analisa publicações sobre terrorismo do jornal O Globo e diz que deixa a desejar quanto à diversidade da temática, mas elogia as matérias especiais e as imagens utilizadas.

- Canal da Imprensa:

- 37 postagens de opinião/reflexão sobre temas variados
- 33 críticas de mídia
- 28 outras postagens – charge, entrevista e sessão cultural.

Total: 98 postagens em 2015 na plataforma com novo *layout*
<http://www.canaldaimprensa.com.br/>

- Edição 156⁵⁵ tema Redução da maioria penal (maio de 2015)⁵⁶. As análises críticas sobre a mídia foram:

⁴⁹ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canaldaimprensa#!social/ctii>. Acessado em: 03/01/2016.

⁵⁰ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canaldaimprensa#!veja/c1icy>. Acessado em: 03/01/2016.

⁵¹ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canaldaimprensa#!bbc/c1hr3>. Acessado em: 03/01/2016.

⁵² Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canaldaimprensa#!nytimes/c17wy>. Acessado em: 03/01/2016.

⁵³ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canaldaimprensa#!cnn/cvuq>. Acessado em: 03/01/2016.

⁵⁴ Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canaldaimprensa#!o-globo/c1xjx>. Acessado em: 03/01/2016.

“Veja – Marketing x responsabilidade”⁵⁷ - texto faz uma reflexão sobre a cobertura da Revista Veja em 2007 e em 2015 sobre a redução da maioridade penal e diz que em 2007 foi mais isenta. Desta última cobertura, a revista se mostrou, segundo a autoria do texto, tendenciosa e parcial.

“BBC Brasil – Tendências do discurso “BBCiano”⁵⁸ – crítica à cobertura da BBC Brasil sobre o assunto que, por mais que declaradamente seja parcial, não leva a sério a discussão, na opinião da autora do texto, nem traz matérias profundas sobre o tema.

“Carta Capital – Carta para menores de 18”⁵⁹ - autor critica a parcialidade da revista Carta Capital e diz não abrir espaço para que o outro lado seja ouvido tanto quanto.

“O Estado de São Paulo”⁶⁰ – A velha discussão sobre os jovens” – texto critica a parcialidade da cobertura do jornal O Estado de São Paulo sobre o tema redução da maioridade penal.

“El País – De médico e louco todo mundo tem um pouco”⁶¹ – texto analisa oito matérias de 2015 do jornal El País sobre a redução da maioridade penal e faz crítica à forma como o jornal incute opiniões ao leitor sutilmente.

“O Globo – Formador de opinião”⁶² – critica a parcialidade do jornal O Globo sobre o tema da não redução.

“Clarín – Sensato: Pero no mucho”⁶³ – elogia cobertura do Clarín, jornal argentino, sobre a maioridade penal, pois divulga tanto informações sobre quem é contra quanto quem é a favor da redução da maioridade.

⁵⁵ Disponível em <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/?categoria=20>. Acessado em: 03/01/2016.

⁵⁶ A partir do novo layout, as edições do Canal da Imprensa não disponibilizam a data exata da Revista. Os meses listados na análise de cada edição foram constatados por quantos meses atrás as revistas foram postados no *site*.

⁵⁷ Disponível em <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/marketing-x-responsabilidade/>. Acessado em: 03/01/2016.

⁵⁸ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/tendencias-do-discurso-bbciano-2/>. Acessado em: 03/01/2016.

⁵⁹ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/carta-para-menores-de-18-3/>. Acessado em: 03/01/2016.

⁶⁰ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/a-velha-discussao-sobre-os-jovens-2/>. Acessado em: 05/01/2016.

⁶¹ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/de-medico-e-louco-todo-mundo-tem-um-pouco/>. Acessado em: 05/01/2016.

⁶² Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/formador-de-opinioao-2/>. Acessado em: 05/01/2016.

⁶³ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/sensato-pero-no-mucho/>. Acessado em: 05/01/2016.

“Folha de São Paulo – Reduzir é o melhor remédio?”⁶⁴ – texto faz uma reflexão sobre o tema da maioria e expõe a forma de abordagem do jornal Folha de São Paulo, mas não emite opinião favorável ou crítica.

- Edição 157⁶⁵ tema Crise na Saúde (junho de 2015). As análises críticas sobre a mídia foram:

“Radis – Saúde além da saúde”⁶⁶ - elogia a revista Radis, produzida pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP/Fiocruz), que proporciona reportagens completas sobre o tema saúde.

“Carta Capital – Pelo direito à saúde”⁶⁷ – Elogia grandes reportagens da Carta Capital feitas em 2011, 2013 e 2014. Para a autora da análise no Canal da Imprensa, a revista “revela-se cumpridora de sua função social e democrática, viabilizando a informação e educação da sociedade brasileira”.

“O Globo – Focos e desfoques Globais”⁶⁸ - Análise crítica a cobertura do O Globo sobre a crise na Saúde e diz que o mesmo se isenta de abordagens de interesse social.

“O Estado de São Paulo – A saúde segundo o Estadão”⁶⁹ – elogia cobertura do impresso sobre cobertura de Saúde. Para o autor, o Estadão educou seus leitores e trouxe informações coerentes.

“Veja – O Brasil precisa de reforma urgente na saúde (política)”⁷⁰ - texto faz crítica à forma como a Veja aponta os erros da Saúde no Brasil no atual governo. Autora alega que em outros governos a revista não era parcial da mesma forma, mas não mostra em quais.

⁶⁴ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/reduzir-e-o-melhor-remedio/>. Acessado em: 05/01/2016.

⁶⁵ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/?categoria=30>. Acessado em: 05/01/2016.

⁶⁶ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/saude-alem-da-saude/>. Acessado em: 05/01/2016.

⁶⁷ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/pelo-direito-a-saude/>. Acessado em: 05/01/2016.

⁶⁸ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/focos-e-desfoques-globais/>. Acessado em: 05/01/2016.

⁶⁹ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/a-saude-segundo-o-estadao/>. Acessado em: 05/01/2016.

⁷⁰ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/o-brasil-precisa-de-reforma-urgente-na-saude-politica/>. Acessado em: 05/01/2016.

“Folha de São Paulo – Os dois lados da Folha”⁷¹ – elogia o jornal e considera sua cobertura de saúde equilibrada, com matérias positivas e negativas sobre o sistema de saúde, de forma pondera.

- Edição 158⁷² tema Fé (setembro de 2015). As análises críticas sobre a mídia foram:

“O Estado de São Paulo – Se é para falar de uma, que fale de todas”⁷³ – crítica ao fato do jornal abordar sempre o catolicismo e o islamismo e não as outras religiões ou o islamismo de forma separada de matérias ligadas a terrorismo.

“Veja – Sobre futebol, política e religião se discute, sim!”⁷⁴ – analisa cobertura da Veja e conclui que quando o assunto é fé a revista trabalha de forma neutra e cumpre seu papel informativo.

“El País – Eterna liberdade”⁷⁵ – Quando o jornal El País cobre algo ligado à fé ele “recheia seu conteúdo de opinião”, mas isso é constatado pela autora da análise como algo válido para defender a democracia.

“O Globo – A religião do Globo”⁷⁶ – texto critica a prioridade do jornal em divulgar matérias sobre a religião católica e não diversificar informações sobre outras.

“Carta Capital – Mídia, religião e laicidade”⁷⁷ - texto expõe análise sobre a revista Carta Capital e como ela aborda religião, mas não critica ou elogia tal postura.

“Folha de São Paulo – De preconceituosos a indiferentes”⁷⁸ - aponta postura indiferente da Folha de São Paulo sobre religião e analisa positivamente que tal escolha é mais confortável ao jornal.

⁷¹ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/os-dois-lados-da-folha/>. Acessado em: 05/01/2016.

⁷² Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/?categoria=40>. Acessado em: 05/01/2016.

⁷³ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/o-estado-de-sao-paulo-se-e-para-falar-de-uma-que-fale-de-todas/>. Acessado em: 05/01/2016.

⁷⁴ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/veja-sobre-futebol-politica-e-religiao-se-discute-sim/>. Acessado em: 05/01/2016.

⁷⁵ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/el-pais-eterna-liberdade/>. Acessado em: 05/01/2016.

⁷⁶ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/o-globo-a-religiao-do-globo/>. Acessado em: 05/01/2016.

⁷⁷ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/carta-capital-midia-religiao-e-laicidade/>. Acessado em: 05/01/2016.

⁷⁸ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/folha-de-sao-paulo-de-preconceituosos-a-indiferentes/>. Acessado em: 05/01/2016.

Edição 159⁷⁹ (setembro de 2015):

Esta edição manteve sua seção “Análises”, onde são postadas as críticas de mídia. Porém, na Revista 159 não foi publicada nenhuma crítica sobre a imprensa. Texto sobre observações a nenhum veículo foi publicado. A seção foi preenchida com textos diversos sobre o tema Distopia.

Edição 160⁸⁰ tema Mídia e Racismo (outubro de 2015). As análises críticas sobre a mídia foram:

“Rede Globo e o caso Majú”⁸¹ – texto elogia postura da Rede Globo a sobre o caso de ofensas sobre a jornalista Maria Júlia, por sua cor de pele negra, mas cobra da emissora mais divulgação de outros casos sobre o assunto, não apenas à pessoas famosas.

“Racismo x manifestações racistas”⁸² – texto critica postura do programa Globo Esporte e site G1 e elogia Jornal do Almoço (Globo-SC) sobre cobertura da injúria racial cometida por uma torcedora do grêmio contra o goleiro Aranha.

“Ser negro: defeitos e qualidades do Ministro”⁸³ – autora critica postura de “um discurso racista e antipático, explícito ou velado”, no *Blog* do Noblat, de Ricardo Noblat e na coluna de Reynaldo Azevedo, da Veja sobre o ministro negro Joaquim Barbosa.

“O preto no texto”⁸⁴ – reflexão sobre as abordagens sobre o negro em diversos veículos (Globo, Veja, Folha de São Paulo, Jornal do Commercio, TV Bandeirantes), mas não faz crítica direta, apenas elogia programa Esquenta, da Globo.

Edição 161⁸⁵ tema Xenofobismo (novembro de 2015):

“New York, New York”⁸⁶ - critica o jornal New York Times na forma como ele aborda cultura mulçumana.

⁷⁹ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/?categoria=49>. Acessado em: 07/01/2016.

⁸⁰ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/?categoria=59>. Acessado em: 08/01/2015.

⁸¹ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/rede-globo-e-o-caso-maju/>. Acessado em: 08/01/2015.

⁸² Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/racismo-x-manifestacoes-racistas/>. Acessado em: 08/01/2015.

⁸³ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/ser-negro-defeitos-e-qualidades-do-ministro/>. Acessado em: 08/01/2015.

⁸⁴ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/o-preto-no-texto/>. Acessado em: 08/01/2015.

⁸⁵ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/?categoria=69>. Acessado em: 08/01/2015.

“Hospitalidade francesa”⁸⁷ – reflexão sobre a xenofobia na França e cita o *Le Monde Afrique* e o *Le Monde*, mas não critica nem elogia.

“Refugiados Árabes e a xenofobia na Europa”⁸⁸ – texto reflete sobre os refugiados na Europa, pessoas fugindo de guerras no Oriente Médio, e cita o jornal *El País* e a revista *Carta Capital*, mas não tece crítica negativa ou positiva.

“O preconceito mora ao lado”⁸⁹ – texto faz reflexão sobre o xenofobismo nos Estados Unidos, cita as redes norte-americanas *Univisión* e *NBC*, o *blog* brasileiro *vivendonoseua.blogspot.com.br* e matérias no *El País*, mas não as analisa, critica ou elogia, apenas descreve conteúdos e foca o texto sobre o tema e não sobre crítica de mídia.

“O mito da hospitalidade versus nojo da latinidade”⁹⁰ – Texto também não analisa nenhum veículo criticamente. Autor reflete que “a imprensa gosta de enfatizar os problemas decorrentes da presença de médicos cubanos e trabalhadores haitianos no país, enquanto tratam a presença de europeus como contribuição cultural ao Brasil. Sobre os bolivianos, sequer há menções (positivas ou não). Passam em brancas nuvens”, mas não exemplifica com nenhum veículo.

“Informação que muda atitudes”⁹¹ – crítica positiva à *Gazeta do Povo*, sobre matérias que combatem o xenofobismo aos haitianos em Curitiba e à *Carta Capital*, com matérias que mostram o contraste sobre o tema.

Edição 162⁹² tema sobre a Mídia e Imagem da Dilma (novembro de 2015):

“Barões de uma mídia empresarial”⁹³ – texto faz crítica à *Revista Veja* e considera que há “manipulação dos aspectos físicos e discursivos da atual Presidente da República, Dilma Rousseff”.

⁸⁶ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/new-york-new-york/>. Acessado em: 08/01/2015.

⁸⁷ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/hospitalidade-francesa/>. Acessado em: 08/01/2015.

⁸⁸ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/refugiados-arabes-e-a-xenofobia-na-europa/>. Acessado em: 08/01/2015.

⁸⁹ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/o-preconceito-mora-ao-lado/>. Acessado em: 08/01/2015.

⁹⁰ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/o-mito-da-hospitalidade-versus-nojo-da-latinidade/>. Acessado em: 08/01/2015.

⁹¹ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/informacao-que-muda-atitudes/>. Acessado em: 08/01/2015.

⁹² Ao ser acessada, em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/>, em 08/01/2015, esta edição estava na capa do Canal da Imprensa. Portanto, posteriormente o *link* para esta edição deve ser mudado com a publicação da próxima edição.

“A Mulher Maravilha do Brasil?”⁹⁴ - Elogia a forma como a revista Carta Capital aborda matérias e imagens da presidenta Dilma e a compara com a Revista Veja, veículo ao qual faz crítica pela maneira “capas claramente tendenciosas”.

“Época de guerra”⁹⁵ – texto mostra resultado de análise em um ano da revista Época, em que foram publicadas cinco edições contendo fotos da presidente Dilma Rousseff como capa, que a sugerem em um campo de guerra. A crítica à revista aponta que Dilma é tratada de maneira frágil e vitimada.

Em 2015 o Canal da Imprensa produziu um total de 162 postagens, somando o conteúdo das duas plataformas utilizadas, sendo destas 61 observações críticas sobre a imprensa. A média produzida pelo projeto é de seis análises por edição. A Revista 156 produziu o maior número, oito análises. Por outro lado, a edição 162 produziu apenas três críticas de mídia na aba Análise. Na edição 159 não produziu observações sobre veículos da imprensa.

Das observações produzidas pelo Canal da Imprensa em 2015, a Revista Veja e o jornal O Estado de São Paulo foram os mais criticados. O Canal da imprensa tem por prática tecer muitas críticas positivas também. A mais elogiada foi revista Carta Capital.

Como a revista é sempre temática e os temas não se repetem, não sendo possível aferir um tema mais abordado pelas observações, como feito com os outros observatórios, mas em geral há muitas críticas à parcialidade das coberturas e a falta de rigor nas apurações. Há muitas análises sobre a atuação da mídia de uma forma geral, em que os autores dos textos não citam veículo ou reportagem específica, apenas discorrem uma crítica de forma generalizada à imprensa.

O destaque para o Canal da Imprensa é ter um espaço para videocast, em que os participantes debatem o assunto tema da edição com convidados, em um ambiente disposto como uma roda de debate, que inclui o espectador. O projeto usa a infraestrutura compartilhada com a Agência de Jornalismo da Unasp, que é uma agência

⁹³ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/baroes-de-uma-midia-empresarial/>. Acessado em: 08/01/2015.

⁹⁴ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/a-mulher-maravilha-do-brasil/>. Acessado em: 08/01/2015.

⁹⁵ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/epoca-de-guerra/>. Acessado em: 08/01/2015.

experimental do curso e também difunde sua produção pelas redes sociais *Facebook*, *Twitter* e *Youtube*⁹⁶.

O coordenador do Curso de Jornalismo e do projeto Canal da Imprensa, professor doutor Ruben Holdorf explicou que os participantes se reúnem quinzenalmente com os professores para a definição dos temas e distribuição de tarefas.

A preferência de participação é dos alunos do terceiro ano, mas também há acadêmicos do segundo e do quarto anos envolvidos. “Na data agendada para a entrega dos artigos, entrevistas e a reportagem, a equipe era acrescida do arte-finalista, webmaster e revisores, cujas tarefas se estendiam até a finalização da edição, sempre numa quinta-feira”, (HOLDORF, 2015).

O Canal da Imprensa viveu três fases:

Na primeira fase, de 2002 a 2004, a linha editorial orientava os alunos articulistas à análise e crítica do papel da mídia brasileira e internacional. De natureza temática, a revista se transformou em um espaço pedagógico reservado aos alunos a partir do segundo ano do curso de Jornalismo, contando, inclusive, com a colaboração de professores e profissionais da imprensa. Não obstante pertencer a um curso de instituição confessional, as abordagens não permitiam qualquer forma de proselitismo religioso, tampouco de propaganda política. Canal da Imprensa assumiu, então, o compromisso de lutar pelos direitos de expressão e consciência. Na segunda fase, de 2005 a 2008, manteve-se a linha editorial e as editorias, acrescentando-se textos científicos e reportagens de acordo com a temática pautada. Na terceira fase, de 2009 a 2013, Canal da Imprensa se voltou para a pesquisa. Hoje, na quarta fase, a revista se adaptou ao universo multimidiático, utilizando diversas ferramentas jornalísticas: textual, audiovisual, comics. Fui editor em dois períodos, na primeira fase e em 2013, momento de crise e quase desaparecimento da revista. Hoje, a revista é editada pela professora Andréia Moura, e busca resgatar as propostas discutidas na origem da mídia, adaptando-a às novas plataformas de comunicação, inclusive com um programa junto à Rádio Unasp 91.3 FM, também chamado Canal da Imprensa, este sim mais próximo ao público regional. (HOLDORF, 2015)

⁹⁶ Disponíveis em: <https://www.Facebook.com/Canal-da-Imprensa-1453282388237309/?fref=ts>, <https://Twitter.com/imprensagora> e <https://www.Youtube.com/user/canaldaimprensa>. Acessadas em: 08/01/2015.

O Canal da Imprensa conta com dois bolsistas pagos por bolsas de extensão concedidas pela Unasp e a instituição também paga a anuidade do domínio www.canaldaimprensa.com.br e, segundo Holdorf (2015), não há verba aplicada diretamente para a revista. Quanto aos benefícios que o projeto trouxe aos alunos, Holdorf (2015) destaca que ao rever o destino dos egressos afirma que a experiência vivenciada na revista, observando criticamente a mídia regional, nacional e internacional, foi positiva para o conjunto formativo profissional de cada aluno. “Cem por cento dos alunos que atuaram como editores-associados hoje exercem funções de responsabilidade em todas as mídias do campo jornalístico. O olhar crítico sobre a carreira lhes possibilitou um amadurecimento da ética nos fazeres jornalísticos, antevendo os resultados e consequências das escolhas”, (HOLDORF, 2015).

Quanto à mensuração de alcance e *feedback* do projeto, Holdorf (2015) aponta dados do contador *Nedstatbasic*, em que possibilitou ver acessos de outros países como Estados Unidos, México, Argentina, entre outros, além da anexação do site Canal da Imprensa ao *Latin American Network Information Center* (Lanic), autoridade oficial de registro para os Estudos Latino-Americanos da Biblioteca Virtual *Wide Web Consortium* (W3C), ao Sistema de Informações Internacionais da Biblioteca Virtual da Universidade do Texas e ao Observatório da Imprensa e que, por esses dados, considera como amostras efetivas da qualidade do conteúdo produzido pelo Canal.

Em relação à atuação dos observatórios, Holdorf (2015) destaca que a maioria deixa de existir depois de dois anos de existência, em decorrência da graduação de alunos envolvidos no projeto, mudanças de professores e objetivos, falta de investimentos e ausência de apoio institucional e da própria coordenação de curso. Ele ainda enfatiza que “contudo, o pior destaque se relaciona ao envolvimento do dito observatório com deletérias ideologias políticas, filosóficas. Antes de criticar analiticamente o trabalho alheio é preciso conhecer o meio, construir enunciados com argumentações que demonstram sentido e olhar para dentro, verificando o próprio conteúdo. Poucos fazem isso”, (HOLDORF, 2015).

Para o jornalista Tales Augusto Queiroz Tomaz, participante do Canal da Imprensa durante dois anos e meio enquanto aluno da graduação em Jornalismo e depois por mais um ano como professor na Unasp, uma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios de imprensa acadêmicos é que apesar de críticos, em muitos deles ainda impera a visão de que a imprensa é a "guardiã" das liberdades de expressão, compreensão ele considera equivocada.

Para Tales (2016) “é comum nesses observatórios haver muito espaço para ‘teorias da conspiração’, que têm terreno fértil em espaços considerados ‘críticos’. Por fim, em muitos deles falta um trabalho sistemático - um acompanhamento de um tema e/ou de um veículo ao longo do tempo, por exemplo. Muitos deles ficam com contribuições muito pontuais e esparsas”.

Apesar disso, Tales (2016) diz reconhecer que participar de um projeto de observatório de imprensa acadêmico colaborou com a sua formação em ajudar a enxergar o jornalismo de forma mais crítica, escrever melhor, mais rápido e também editar outros textos com mais qualidade e precisão. “Foi, de fato, uma grande escola”.

O pesquisador ainda considera que quanto à contribuição para a sociedade, “não se deve esperar dos observatórios a ‘solução’ dos problemas do jornalismo. Acredito que eles [os observatórios de imprensa acadêmicos] produzem material relevante, que deve ficar acessível ao público para quando este tiver interesse de consultar, mas acredito mais no desenvolvimento do próprio aluno no fazer jornalístico. Ele deverá exercer um jornalismo melhor, mais consciente, no futuro”, (TALES, 2016).⁹⁷

⁹⁷ Os questionários foram enviados ao longo de 2014 e 2015, com perguntas estruturadas de forma a possibilitar um melhor entendimento sobre o funcionamento do projeto e responder às perguntas-objetivo, que não puderam ser respondidas com a pesquisa descritiva a partir do acesso ao *site* do projeto.

2.1.2 ObjETHOS – Observatório da Ética Jornalística

O ObjETHOS – Observatório da Ética Jornalística é um observatório de imprensa acadêmico criado em 2009 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde permanece vinculado. Apresenta-se, em seu *site*⁹⁸, como um observatório da ética jornalística, a partir de um projeto de extensão, vinculado ao Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, financiado pelo ProExtensão e ProBolsas, da Pró-Reitoria de Extensão da UFSC. Os coordenadores responsáveis pelo ObjETHOS são os docentes professor doutor Francisco José Castilhos Karam e professor doutor Rogério Christofolletti.

O *site* está estruturado pelas abas: “Início”, em que são postadas as críticas, análises e reflexões produzidas para o *site*; “Artigos”, em que é disponibilizada uma lista com as produções científicas dos pesquisadores do projeto; “Códigos” é uma aba onde estão reunidos os códigos deontológicos da profissão jornalística de vários lugares do mundo; “Dissertações” é uma aba em que reúne trabalhos aprovados pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo; “Livros” reúne publicações sobre ética e deontologia jornalística recomendada pelos pesquisadores do ObjETHOS; “Filmes” é apresentada como uma aba destinada às produções audiovisuais que envolvem o universo do jornalismo; e Expediente, última aba do *site* em que estão relacionados os nomes dos participantes do projeto⁹⁹.

⁹⁸ Site oficial disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/>. Acessado em: 22/12/2015.

⁹⁹ Assinaram matérias no ObjETHOS em 2015: João Somma Neto, Dairan Paul, Samuel Lima, Carlos Marciano, Jeana Laura da Cunha Santos, Lívia de Souza Vieira, Ricardo José Torres, Sylvia Debossan Moretzsohn, Rogério Christofolletti, Francisco José Castilhos Karam, Leonel Camasão, Elaine Manini e Thiago Amorim Caminada.



FIGURA 4 – Página oficial do ObjETHOS em 2015¹⁰⁰

O ObjETHOS é parceiro do Observatório da Imprensa, da *Red Ética Segura* (*Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano*, América Latina) e do Ceis20 (Universidade de Coimbra, Portugal) e membro da Rede Nacional de Observatórios da Imprensa (Reno). Na lateral direita observa-se o resumo de produção do projeto, *links* de *sites* parceiros, número de acessos, *links* com entrevistas de jornalistas, com lançamentos de livros do projeto, *sites* de ética jornalística e outros observatórios de imprensa no país e no mundo.

A difusão de conteúdo do ObjETHOS ainda se dá pelas redes sociais *Twitter*, *Facebook* e *Youtube*¹⁰¹. As duas primeiras estão atualizadas e são usadas para a reprodução de postagens do *site*. O *Youtube* está em desuso pelo grupo, pois teve seu último vídeo postado no canal do projeto em 2011.

- ObjETHOS: <https://ObjETHOS.wordpress.com/>

7 postagens de opinião/reflexão sobre temas variados

33 críticas de mídia

12 outras postagens - recados, eventos ou sobre a universidade.

¹⁰⁰ Site oficial disponível em: <https://Objethos.wordpress.com/>. Acessado em: 22/12/2015.

¹⁰¹ Disponíveis respectivamente em: <http://Twitter.com/Objethos>, <http://www.Facebook.com/Objethos>, <http://www.Youtube.com/Objethos>. Acessados em: 22/12/2015.

Total: 52 postagens em 2015.

As 33 observações sobre a imprensa foram:

- 16 de março de 2015: Comentário da Semana: Com qual narrativa ficar?¹⁰² – texto faz um comparativo das capas dos jornais Folha de S.Paulo, O Estado de S.Paulo, O Globo, Estado de Minas, Correio Braziliense, A Tarde, O Liberal, Gazeta do Povo, Diário Catarinense e Zero Hora, dos dias 14, 15 e 16 de março de 2015, comparando as narrativas quanto aos protestos pró-governo Dilma Rousseff, no dia 13 e contra este governo, ocorrido no dia 15 e conclui que os jornais estão a favor de quem está contra o governo.

- 23 de março de 2015: Comentário da Semana: Francisco e o jornalismo caça-cliques¹⁰³ - texto fala sobre o cuidado que se deve ter com declarações informais serem transformadas em notícias inverídicas. Exemplo de uma declaração do Papa Francisco, que foi reproduzida pelo *site* G1 e *site* RIC Mais de forma inverídica.

- 13 de abril de 2015: Comentário da Semana: Empresas jornalísticas – a hipocrisia como critério de noticiabilidade¹⁰⁴ - o autor questiona o silêncio da imprensa quanto à Operação Zelotes, da Polícia Federal, com fraudes e sonegação que envolvem R\$ 19 bilhões junto à Receita Federal, dos quais R\$ 672 milhões dizem respeito à sonegação do grupo de Comunicações RBS (Rede Brasil Sul).

- 11 de maio de 2015: Comentário da Semana: César, a Globo e o circo na TV¹⁰⁵ - texto critica telejornais Paraná TV primeira edição, de 7 e 8 de abril de 2015, que concede muito tempo para matérias voltadas ao Big Brother Brasil e não à informação jornalística.

- 18 de maio de 2015: Comentário da Semana: Pensar fora da caixa¹⁰⁶ - comparação das capas dos jornais Diário Catarinense – do Grupo RBS – e a edição de

¹⁰² Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/03/16/comentario-da-semana-com-qual-narrativa-ficar/>. Acessado em: 21/12/2015.

¹⁰³ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/03/23/comentario-da-semana-francisco-e-o-jornalismo-caca-cliques/>. Acessado em: 21/12/2015.

¹⁰⁴ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/04/13/comentario-da-semana-empresas-jornalisticas-a-hipocrisia-como-criterio-de-noticiabilidade/>. Acessado em: 20/12/2015.

¹⁰⁵ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/05/11/comentario-da-semana-cesar-a-globo-e-o-circo-na-tv/>. Acessado em: 20/12/2015.

¹⁰⁶ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/05/18/comentario-da-semana-pensar-fora-da-caixa-2/>. Acessado em: 20/12/2015.

Florianópolis do Notícias do Dia – do Grupo RIC-Record, de Florianópolis, e dos jornais de Joinville A Notícia e a edição local do Notícias do Dia, quanto à morte do senador Luiz Henrique da Silveira (PMDB). Capas muito semelhantes que aproveitaram fotografias da Agência Senado e que pecaram pela falta de criatividade e pluralidade nas redações.

- 1 de junho de 2015: Comentário da Semana: Informação x espaço de comentários na notícia em tempo real ¹⁰⁷ - reflexão sobre os espaços para comentários em matérias. O autor cita duas pesquisas universitárias e três matérias do G1, criticando a quantidade de comentários ofensivos publicados.

- 8 de junho de 2015: Comentário da Semana: Azedo ou doce nas mãos do Cheff: a ética como iguaria do menu jornalístico ¹⁰⁸ - texto reflete sobre a ética no jornalismo e diz como um comentário mal dosado pode ser um desserviço. Como exemplo mostrou vídeo de reportagem da jornalista Mirella Cunha da TV Band Bahia, que zomba de um acusado de estupro, que nega o fato. A 11ª Vara Federal de Salvador sentenciou a TV em R\$60 mil por danos morais coletivos pela entrevista ter violado os direitos humanos.

- 15 de junho de 2015: Comentário da Semana: Jornalismo, crise, redes sociais e mídias públicas ¹⁰⁹ - discute sobre a nova economia da política da informação, um novo jornalismo, que dispute com a mídia hegemônica. Elogia programas das TVs Senado, Câmara e Justiça e critica fechamento da TV Educativa do RS pelo governo estadual.

- 22 de junho de 2015: Comentário da Semana: Dilemas éticos de uma grande reportagem ¹¹⁰ - crítica positiva à grande reportagem do Diário Catarinense, “As quatro estações de Iracema e Dirceu”, em que durante mais de 2 anos, a repórter Ângela Bastos acompanhou o casal e seus 14 filhos.

- 29 de junho de 2015: Comentário da Semana: Mais do mesmo na cobertura jornalística da Copa América ¹¹¹ - texto analisa e critica cobertura de 21 notícias

¹⁰⁷ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/06/01/comentario-da-semana-informacao-x-espaco-de-comentarios-na-noticia-em-tempo-real/>. Acessado em: 20/12/2015.

¹⁰⁸ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/06/08/comentario-da-semana-azedo-ou-doce-nas-maos-do-cheff-a-etica-como-iguaria-do-menu-jornalistico/>. Acessado em: 20/12/2015.

¹⁰⁹ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/06/15/comentario-da-semana-jornalismo-crise-redes-sociais-e-midias-publicas/>. Acessado em: 20/12/2015.

¹¹⁰ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/06/22/comentario-da-semana-dilemas-eticos-de-uma-grande-reportagem/>. Acessado em: 20/12/2015.

¹¹¹ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/06/29/comentario-da-semana-mais-do-mesmo-na-cobertura-jornalistica-da-copa-america/>. Acessado em: 20/12/2015.

publicadas pelo Globo Esporte e o SporTV nas 24 horas depois da eliminação do Brasil na Copa América, em 27 junho.

- 6 de julho de 2015: Comentário da Semana: Os jornalistas estão nus¹¹² - texto reflete sobre a profissão de jornalista, diante do “monitoramento permanente das ações, dos constrangimentos editoriais e da baixa remuneração, a profissão está se fragmentando. As tarefas diárias foram multiplicadas pelas inúmeras plataformas de comunicação, que transpassam a vida das pessoas e afetam diretamente a prática jornalística”.

- 13 de julho de 2015: Comentário da Semana: Padrão Piegas de Qualidade¹¹³ - comentário sobre o jornalismo produzido pela filiada da Globo no Paraná, RPC. Autor aponta pesquisa que 79% da audiência usam a televisão para se informar e lamenta padrão de qualidade sobre telejornal no Paraná.

- 10 de agosto: Comentário da Semana: Questões éticas para a curadoria digital¹¹⁴ - crítica ao jornalismo que reproduz conteúdos exclusivos sem citar a fonte. Exemplo de entrevista concedida por Chico Buarque ao *site* El País Brasil, que foi replicada com fonte em *hiperlink* no Jornal do Brasil, na Revista Fórum, Scoopnest; com fonte sem *hiperlink* na Carta Capital e no *Blog Conversa Fiada*; e sem fonte ou *link* pelo Entre Fatos.

- 17 de agosto de 2015: Comentário da Semana: Em cartaz, a ética no jornalismo popular¹¹⁵ - texto sobre ética e o sensacionalismo e como o público gosta disso, com a reflexão sobre o videodocumentário “Meia Hora e as manchetes que viram manchete”, dirigido por Angelo Defanti, que fala sobre o jornal recorde de vendas Meia Hora e que, assumidamente, fazia um jornalismo apelativo.

- 24 de agosto de 2015: Comentário da Semana: Um jornalismo sem-vergonha¹¹⁶ - crítica sobre a imprensa que alimenta discursos mentirosos. Critica publicação da Veja quanto às supostas contas no exterior do senador Romário Faria (PSB), desmentida

¹¹² Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/07/06/comentario-da-semana-os-jornalistas-estao-nus/>. Acessado em: 20/12/2015.

¹¹³ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/07/13/comentario-da-semana-padrao-piegas-de-qualidade/>. Acessado em: 19/12/2015.

¹¹⁴ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/08/10/comentario-da-semana-questoes-eticas-para-a-curadoria-digital/>. Acessado em: 19/12/2015.

¹¹⁵ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/08/17/comentario-da-semana-em-cartaz-a-etica-no-jornalismo-popular-2/>. Acessado em: 19/12/2015.

¹¹⁶ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/08/24/comentario-da-semana-um-jornalismo-sem-vergonha/>. Acessado em: 19/12/2015.

posteriormente com um “erramos”. Outra crítica à capa da Revista Isto É, sobre corrupção com foto o ex-presidente Lula (PT) tomando cerveja – em uma inauguração de uma cervejaria - que desqualificou sua imagem. Texto ainda critica publicação da Revista Época sobre a sexualidade da presidenta Dilma Rousseff (PT) e o compara com publicação em 2013 e em 2012, da revista Noticias de la Semana, que fez o mesmo duas vezes com a presidenta da argentina Cristina Kirchner.

- 31 de agosto: Comentário da Semana: O jornalismo está cada vez mais perecível¹¹⁷ - texto reflete sobre “o imediatismo desenfreado, característico dos meios digitais, está atropelando técnicas, critérios e regras essenciais na construção das informações” e como isso pode tornar o jornalismo perecível, sendo necessário repensar as práticas para não tornar a profissão desnecessária para a sociedade.

- 7 de setembro de 2015: Comentário da Semana: O esquartejamento do corpo nas páginas dos jornais¹¹⁸ - texto provoca reflexão sobre matérias que envolvem crimes de esquartejamento e como o sensacionalismo na imprensa em cima desses acontecimentos é protagonista. São elencadas as matérias sobre: o assassinato de Maria de Macedo em 1892 e manchete do jornal Gazeta de Notícias; esquartejamento de Marcos Matsunaga, em 2012, pela Revista Veja; a morte de Kely Cristina de Oliveira, em 2015 pelo site G1; e a morte de Cintia Beatriz Lacerda Glufke, noticiada pelo jornal Notícias do Dia.

- 14 de setembro de 2015: Comentário da Semana: A imagem impactante: o debate à deriva¹¹⁹ - texto reflete sobre a importância e o impacto das fotos do jornalismo na sociedade. Faz alusão à foto da vietnamita Phan Thi Kim Phuc correndo nua, durante a guerra no Vietnã em 1972 e o menino Aylan Kurdi, encontrado sem vida na praia, o que trouxe à tona a situação dos refugiados que tentam chegar à Europa. Sobre esta situação, o texto traz as capas da Veja, do Extra e da Isto É.

- 21 de setembro de 2015: Comentário da Semana: Jornalismo sem fins de lucro e democracia¹²⁰ - texto discute o monopólio no jornalismo, como a TV aberta

¹¹⁷ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/08/31/comentario-da-semana-o-jornalismo-esta-cada-vez-mais-perecivel/>. Acessado em: 19/12/2015.

¹¹⁸ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/09/07/comentario-da-semana-o-esquartejamento-do-corpo-nas-paginas-dos-jornais/>. Acessado em: 19/12/2015.

¹¹⁹ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/09/14/comentario-da-semana-a-imagem-impactante-o-debate-a-deriva/>. Acessado em: 19/12/2015.

¹²⁰ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/09/21/comentario-da-semana-jornalismo-sem-fins-de-lucro-e-democracia/>. Acessado em: 19/12/2015.

concentrou 68,95% (cerca de R\$ 22,3 bilhões) das receitas movimentadas no mercado publicitário e como o jornalismo precisa se reinventar para uma informação de qualidade.

- 28 de setembro de 2015: Comentário da Semana: Samba de uma nota só ¹²¹ - autor critica postura do jornal Paraná TV primeira edição, da Rede RPC filiada à Globo, de 30 de abril, em que de 42 minutos de jornal, cerca de 40 foram usados para uma temática, o confronto entre professores da rede estadual de ensino e a Polícia Militar.

- 5 de outubro de 2015: Comentário da Semana: Entre boatos e robôs, um jornalismo necessário ¹²² - o texto alerta para as notícias falsas na internet, como elas podem repercutir negativamente e relembra dos *sites* satíricos como Diário Pernambucano, G17, O Bairrista, i-Piauí Herald e Sensacionalista. Crítica alerta pelos perfis falsos nas redes sociais, os *sites* criadores de notícias falsas como o Notícia Falsa e o Notícias Fake. Elogia iniciativas que mostram quais notícias são falsas como o E-farsas e o Boatos.org.

- 12 de outubro de 2015: Comentário da Semana: Santíssima trindade: religião, política e jornalismo ¹²³ - texto fala sobre a relação perigosa entre mídia, política e religião, quanto ao grupo da Rede Record, Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e o Partido Republicano Brasileiro (PRB). Cita levantamento do Portal Terra sobre a emissora, pesquisa acadêmica que relaciona radialistas políticos e questiona o quanto a pauta é refém do financiamento do veículo e que, para tanto, é necessário uma nova discussão sobre como será o futuro do jornalismo.

- 19 de outubro de 2015: Comentário da Semana: Jornalismo e telhado de vidro ¹²⁴ - reflexão sobre o critério de noticiabilidade e a o silêncio da mídia quanto às dívidas de empresas privadas com a União, inclusive advindas de empresas midiáticas e como, por outro lado, a redução de investimentos públicos, por exemplo, ganha destaque.

¹²¹ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/09/28/comentario-da-semana-samba-de-uma-nota-so/>. Acessado em: 19/12/2015.

¹²² Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/10/05/comentario-da-semana-entre-boatos-e-robos-um-jornalismo-necessario/>. Acessado em: 19/12/2015.

¹²³ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/10/12/comentario-da-semana-santissima-trindade-religiao-politica-e-jornalismo/>. Acessado em: 19/12/2015.

¹²⁴ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/10/19/comentario-da-semana-jornalismo-e-telhado-de-vidro/>. Acessado em: 19/12/2015.

- 26 de outubro de 2015: Comentário da Semana: Apuração criteriosa separa jornalistas de meros espalhadores *online*¹²⁵ - texto critica a falta de apuração que existe nos meios de comunicação e cita exemplo em Florianópolis quando uma lista “com os maiores devedores da cidade” foi publicada no *Facebook* por um vereador apoiado num documento da Procuradoria-Geral do Município e reproduzida na íntegra pelos veículos Desacato e De Olho na Ilha. Os jornais Notícias do Dia e Diário Catarinense foram considerados cautelosos, mas superficiais. Autor cobra contextos e apurações de informações.

- 2 de novembro de 2015: Comentário da Semana: “Primeiro assédio”, muitas pautas¹²⁶ - reflexão sobre a campanha #meuprimeiroassedio, como repercutiu nas redes sociais e na imprensa, dando exemplos do Jornal do Commercio de Recife (PE), do Zero Hora, da Folha de São Paulo, O Globo e critica campanha Manda Nudes da revista TPM.

- 9 de novembro de 2015: Comentário da Semana: O “erro” do Globo e a urgência de uma legislação sobre a mídia¹²⁷ - texto faz reflexão crítica sobre o erro no Jornalismo e cita exemplo caso no jornal O Globo em que mancheta que Fernando Baiano, o lobista preso na Operação Lava Jato, afirmara em delação premiada que havia pagado R\$ 2 milhões a Fábio Luis Lula da Silva, o Lulinha. A informação era falsa e demorou 28 dias para ser corrigida.

- 16 de novembro de 2015: Comentário da Semana: O direito de resposta e a materialização da ética jornalística¹²⁸ - texto critica a carência de mobilização das entidades Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV (Abert) e Associação Nacional de Jornais (ANJ) quanto ao projeto de lei em tramitação no Senado que regula o direito de resposta nos meios de comunicação. Texto exemplifica com capas dos jornais O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e O Globo e um vídeo de direito de resposta na Rede Globo, em 1994, concedido pela Justiça à Leonel Brizola, governador do Rio de Janeiro à época.

¹²⁵ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/10/26/comentario-da-semana-apuracao-criteriosa-separa-jornalistas-de-meros-espalhadores-online/>. Acessado em: 19/12/2015.

¹²⁶ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/11/02/comentario-da-semana-primeiro-assedio-muitas-pautas/>. Acessado em: 19/12/2015.

¹²⁷ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/11/09/comentario-da-semana-o-erro-do-globo-e-a-urgencia-de-uma-legislacao-sobre-a-midia/>. Acessado em: 19/12/2015.

¹²⁸ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/11/16/comentario-da-semana-o-direito-de-resposta-e-a-materializacao-da-etica-jornalistica/>. Acessado em: 19/12/2015.

- 18 de novembro de 2015: Ponto de Vista: Jornalistas como mediadores dos comentários nas redes sociais ¹²⁹ - texto faz uma reflexão sobre o papel do jornalista como mediador de comentários nas notícias e redes sociais. Dá dicas de como lidar com discursos de ódio e exemplifica a importância da interatividade com o público elogiando o site Brasil Post.

- 20 de novembro de 2015: O erro da Folha de S. Paulo no caso do fechamento das escolas em São Paulo e suas consequências imediatas na internet ¹³⁰ - texto faz uma reflexão sobre os erros e as erratas na imprensa exemplificando com o da Folha de São Paulo quanto às ocupações das escolas. O jornal publicou uma informação errada e corrigiu por duas vezes. A informação errada foi repercutida pelas redes sociais e pelos jornais Pragmatismo Político, Bem Paraná e da Revista Exame.

- 23 de novembro de 2015: Comentário da Semana: A “sede de nomeada” nas páginas dos jornais ¹³¹ - texto questiona farsas produzidas com o intuito de repercussão midiática. Cita exemplos de atrasos no Enem, a falsa grávida de quadrigêmeos em Taubaté (SP) e a entrevista ao vivo na Globo pós acidente de avião que matou o pré-candidato à presidência do Brasil, Eduardo Campos, em que um *homem* disse ter visto o corpo.

- 7 de dezembro de 2015: Comentário da Semana: O *impeachment* da mídia ¹³² - texto compara as manchetes dos jornais Folha de São Paulo, O Globo, O Estado de São Paulo, sobre a decisão do presidente da Câmara Eduardo Cunha (PMDB) acatar o pedido de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (PT). Exceto o Globo, o autor considerou os outros dois jornais cautelosos. Análise ainda critica o Valor Econômico, com fontes *off* sobre a reação do mercado com o pedido de retirada da presidente.

- 14 de dezembro de 2015: Comentário da Semana: Intervenção militar nas ruas, democracia radical nas escolas ¹³³ - Disparidade entre as coberturas midiáticas do evento pró *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (PT) e das ocupações das escolas

¹²⁹ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/11/18/ponto-de-vista-jornalistas-como-mediadores-dos-comentarios-nas-redes-sociais/>. Acessado em: 19/12/2015.

¹³⁰ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/11/20/o-erro-da-folha-de-s-paulo-no-caso-do-fechamento-das-escolas-em-sao-paulo-e-suas-consequencias-imediatas-na-internet/>. Acessado em: 19/12/2015.

¹³¹ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/11/23/comentario-da-semana-a-sede-de-nomeada-nas-paginas-dos-jornais/>. Acessado em: 19/12/2015.

¹³² Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/12/07/comentario-da-semana-o-impeachment-da-midia/>. Acessado em: 19/12/2015.

¹³³ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/12/14/comentario-da-semana-intervencao-militar-nas-ruas-democracia-radical-nas-escolas/>. Acessado em: 19/12/2015.

públicas de São Paulo (SP). No primeiro, elogia Interatividade do jornal O Estado de São Paulo e o fato da Globonews dedicar mais da metade do jornal à cobertura. Para as ocupações o autor define que a cobertura não foi a mesma. O texto mostra ainda a repercussão negativa de um videodocumentário feito pela Folha de São Paulo que foi retirado do ar após visita do governador Geraldo Alckmin à redação.

- 21 de dezembro de 2015: Comentário da Semana: Pieguice e Sensacionalismo X Código de Ética¹³⁴ - critica falta de apuração na matéria de 11 de outubro de 2015 do jornal diário paranaense Gazeta do Povo, em que conta uma história falsa. O jornal admite o erro em edição seguinte.

Dentre as observações de mídia feitas pelo ObjETHOS, os veículos mais criticados foram os jornais impressos Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, O Globo, a Revista Veja e a Rede Globo e o programa Paraná TV. Também houve crítica positiva às iniciativas do Brasil Post, E-farsas, Boatos.org, Diário Catarinense, TV Senado, TV Câmara e TV Justiça.

Os principais temas apontados pelas críticas do ObjETHOS foram a falta de apuração nas coberturas, a repercussão de notícias e informações falsas, o papel do jornalista como mediador de comentários, o monopólio do mercado da comunicação e o sensacionalismo para obter visibilidade.

Em entrevista, o coordenador e um dos criadores do ObjETHOS, Rogério Christofolletti, explicou que é feito um sistema de rodízio entre os participantes para a postagem de uma observação todas segundas-feiras. Também podem ser disponibilizados outros conteúdos no *site* como “uma lista curta de *links* interessantes sobre jornalismo e ética, coletados ao longo da semana [...], mas sem um compromisso tão rigoroso de periodicidade”, (CHRISTOFOLETTI, 2014).

O coordenador afirma que o grupo tem encontros quinzenais e conta com uma bolsa de extensão, cedida via projeto pela Pró-Reitoria de Extensão da UFSC, e um computador, mas que também, quando necessário, é usada a infraestrutura do Curso de Jornalismo ou da Pós-Graduação em Jornalismo para os encontros.

Quanto a participação acadêmica, “o projeto traz benefícios para a formação do pesquisador, pois incentiva a troca de ideias e o convívio cotidiano com outros

¹³⁴ Disponível em: <https://ObjETHOS.wordpress.com/2015/12/21/comentario-da-semana-pieguice-e-sensacionalismo-x-codigo-de-etica/>. Acessado em: 19/12/2015.

pesquisadores. Por termos um *site* com atualização semanal, nossos alunos também são motivados a produzirem artigos analíticos num ritmo de imprensa, o que provoca uma necessidade de atualização diária sobre os temas que tratamos” (CHRISTOFOLETTI, 2014).

O ObjETHOS não possui quaisquer mensurações sobre como o projeto influencia a sociedade ou a mídia:

É preciso fazer uma autocrítica. Não temos esses dados, o que nos ajudaria muito a corrigir rotas e intensificar ações. Como se trata de uma questão complexa - a ética jornalística -, os indicadores de evolução são sempre muito voláteis e imprecisos. [...] Precisamos nos aproximar mais da sociedade e das discussões que ela faz [...] atuar mais politicamente, mesmo, frequentando fóruns de discussão e oferecendo nossas contribuições aos debates sobre comunicação, mídia e jornalismo (CHRISTOFOLETTI, 2014).

Aos novos observatórios acadêmicos, Christofolletti (2014) diz que é necessário “reunir uma equipe engajada e motivada. Estabelecer um cronograma de ação de pelo menos um ano. Criar um projeto que não dependa de muitos recursos”.

Para esta pesquisa, também foram entrevistados dois acadêmicos do ObjETHOS para entender mais sobre a influência dessas iniciativas na formação estudantil. O acadêmico de Mestrando em Jornalismo pela UFSC, Carlos Nascimento Marciano, participa desde 2014 do observatório de ética e define que o projeto colaborou com sua formação “principalmente ampliando os horizontes sobre as questões éticas da profissão, pois os textos e discussões que temos no grupo nos embasam para analisar os pormenores da prática jornalística que vemos na mídia”, (MARCIANO, 2015).

Quanto à contribuição dos observatórios acadêmicos à formação jornalística, Marciano (2015) afirma que “todo ambiente de discussão que reflete sobre as questões da sociedade gera frutos para a própria sociedade. Cabe aos pesquisadores analisarem a melhor forma de retransmitir essas informações. No nosso caso, utilizamos o portal e redes sociais como ferramenta de comunicação e de vez em quando algum membro do grupo é convidado para palestrar sobre os temas que abordamos”.

Uma autocrítica em relação a atuação dos observatórios acadêmicos, segundo Marciano (2015), é que “os observatórios tendem a se fechar muito em discussões e reflexões internas, sobre uma realidade que perpassa os muros da universidade” e que eles só “irão se fortalecer mais quando estreitarem os laços com a sociedade, seja convidando pessoas da comunidade a participarem das reuniões”.

Para o também estudante de Mestrado em Jornalismo da UFSC e participante do ObjETHOS, Ricardo José Torres, a participação no projeto de observatório de imprensa acadêmico colabora com a formação em diferentes aspectos, mas “especialmente a troca e o compartilhamento de percepções sobre os temas relacionados ao jornalismo. No meu caso, o grupo de pesquisa também está fortalecendo de forma singular o estudo que estou desenvolvendo e as perspectivas de pesquisa adotadas”, (TORRES, 2015).

Em relação à contribuição para a sociedade, Torres (2015) define que “os observatórios prestam um serviço importante para a sociedade e estão estreitamente relacionados a uma espécie de fiscalização das práticas jornalísticas e das informações oferecidas ao público”.

Autocríticas em relação à própria atuação dos observatórios, Torres (2015) considera que “os observatórios de imprensa acadêmicos devem buscar o aprimoramento constante do diálogo com os veículos de comunicação e direcionar esforços para que o conhecimento produzido na academia se dissemine pelos diferentes segmentos da sociedade”.

2.1.3 - Plural – Observatório de Comunicação e Cidadania

O Plural - Observatório de Comunicação e Cidadania é uma iniciativa da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Bauru (SP), com *site* oficial em <http://www2.faac.unesp.br/blog/obsmidia> que atua como um projeto de extensão universitária vinculado ao Departamento de Ciências Humanas (DCHU) e tem coordenação do prof. dr. Danilo Rothberg, com a colaboração dos professores doutores Carlo José Napolitano, Caroline Kraus Luvizotto, Murilo César Soares e Maximiliano Martin Vicente. O Plural é um observatório ligado à Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (Renoi) e apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária da Unesp.

O observatório se apresenta como um espaço para “produzir análises qualitativas sobre a atuação de meios de comunicação (rádio, tv, jornal e internet) locais, regionais e nacionais, baseadas em conhecimentos sobre a adequação de práticas jornalísticas, critérios de noticiabilidade e contextualização da notícia nas diversas editorias e segmentos do mercado de comunicação brasileiro”.

Os participantes também estão atentos “à qualidade da comunicação pública em portais eletrônicos de governo e à regulação de mídia nacional e internacional, em especial da radiodifusão e temas contemporâneos de cultura e comunicação”. Os objetivos de atuação listados pelo Plural são:

- a) Identificar e valorizar as melhores práticas jornalísticas existentes em nível local, regional e nacional, a fim de oferecer um instrumento de reflexão aos jornalistas em geral e orientar a recepção crítica de notícias pelo público.
- b) Reconhecer e indicar aspectos através dos quais o jornalismo comercial e a comunicação pública possam ser aperfeiçoados a fim de melhor atender o interesse público e fortalecer o exercício da cidadania, sempre do ponto de vista científico e com o equilíbrio e a isenção requeridos para que esta meta seja cumprida de forma educativa e construtiva.
- c) Proporcionar a ampla difusão de resultados de pesquisas na área de comunicação e cidadania produzidas no âmbito do grupo de pesquisa “Mídia e Sociedade”, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do Departamento de Ciências Humanas da Unesp, de modo a estabelecer um canal de diálogo com jornalistas, relações públicas e comunicadores em geral que possam se beneficiar da utilização dos dados como referência para o próprio aperfeiçoamento profissional.
- d) Experimentar técnicas e formatos de elaboração de ambientes virtuais colaborativos para permitir que o observatório de mídia a ser criado na internet atue como uma comunidade de aprendizagem aberta, para a construção dinâmica e compartilhada de conhecimento sobre comunicação e cidadania¹³⁵.

¹³⁵ Disponível em: <http://www2.faac.unesp.br/blog/obsmidia/about/>. Acessado em: 09/01/2016.

O site contém em seu topo os *links*: “Redes Sociais”, que redireciona para a página do *Facebook*¹³⁶, único meio de difusão de conteúdo em redes sociais utilizado pelo projeto; o *link* “Jornalismo e Cinema”, que redireciona para o *blog* <https://ojornalismoconcinema.wordpress.com/> que é outro projeto de extensão da Unesp; o “Contato”, que disponibiliza o endereço da faculdade, o telefone e o *email* do coordenador do Plural, Danilo Rothberg; o “Quem Somos”, que explica sobre o projeto; e um *link* para “Grupo de Pesquisa”, que não encaminha para outro nenhum *link*¹³⁷, mas no documento que o Plural disponibiliza na aba “Quem somos” há a citação de participação do projeto vinculado ao Grupo de Pesquisa Mídia e Sociedade, cadastrado no CNPq e ligado ao Departamento de Ciências Humanas da Unesp.



FIGURA 5 – Página oficial do Plural em 2015¹³⁸

O site¹³⁹ está estruturado pelas abas: “Início”, que mostra a *home* da página, aba “Análises”, em que são postados textos de observações sobre mídia produzidos por participantes ligados ao observatório¹⁴⁰; a “Crítica de Mídia”, espaço para que sejam

¹³⁶ Disponível em: <https://www.Facebook.com/Plural-Observat%C3%B3rio-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-e-Cidadania-313996458730998/>. Acessado em 9/01/2016.

¹³⁷ Acessado em 9 de janeiro de 2016 pelo <http://www2.faac.unesp.br/blog/obsmdia/grupos/>.

¹³⁸ Disponível em: www2.faac.unesp.br/blog/obsmdia/. Acessado em: 31/12/2015.

¹³⁹ O Plural editou um documento que explica melhor cada espaço disponível em seu site. Disponível em: <http://www2.faac.unesp.br/blog/obsmdia/files/Plural-Estrutura-do-sitio.pdf>. Acessado em 9/01/2016.

¹⁴⁰ Os alunos e professores vinculados ao Plural, que em 2015, segundo o site foram: Elaine Cristina Gomes de Moraes, Augusto Junior, Luis Henrique Negrelli, Ana Cristina Consalter Amôr, Deborah

postadas observações críticas por alunos de graduação e pós-graduação da Unesp; “Ensaio”, em que são postados textos de reflexões sobre temas diversos; “Olhar panorâmico”, aba específica para textos dos coordenadores do Plural que elucidem questões controversas de contextos da atuação profissional em jornalismo e comunicação; “Periscópio”, destinado a alunos de pós-graduação em comunicação da Unesp publicarem textos que antecipem tendências dos campos acadêmico e profissional da comunicação; e a aba “Temas livres”, em que são postados textos de temáticas livres por docentes ligados ao observatório, convidados e alunos de graduação e pós-graduação em comunicação da Unesp.

- Plural: <http://www2.faac.unesp.br/blog/obsmedia/>

- 32 postagens de opinião/reflexão sobre temas variados
- 2 críticas de mídia
- 1 outra postagem - recados, eventos ou sobre a universidade.

Total: 35 postagens em 2015

Os dois textos que fizeram observações críticas sobre a imprensa foram:

- 30 de setembro de 2015: “O JN, o dólar e a crise” - texto critica reportagem “Dólar chega à cotação mais alta da história do real nesta terça”, exibida no Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão, em 22 de setembro de 2015. Para a autora, a manipulação de dados econômicos leva ao descrédito do jornal e impacta na credibilidade de toda a imprensa.

- 30 de junho de 2015: “A batalha do Centro Cívico, as redes sociais e o espetáculo” – texto faz reflexão sobre as coberturas feitas aos protestos dos professores em Curitiba (PR). Autora critica falta de profundidade nas repercussões sobre o projeto de lei que foi o estopim dos protestos e mesmo depois de aprovado pouco se deu importância, pois o foco das coberturas era a violência dos protestos e não sua causa. Elogia ampla cobertura da RPC, filiada da Globo e do portal e redes sociais da Prefeitura de Curitiba e critica cobertura nacional, sem citar veículos específicos.

Cunha Teodoro, Lucas Zanetti, Murilo Cesar Soares, Emanuely Silva Falqueto, Larissa Zapata, Adriana Donini, Kátia Vanzini, Aline Camargo, Daniele Seridório, Natália Gonzales, Karol Natasha, Bruna Giorgi, Priscila Caldeira, Renan Milanez Vieira, Mariany Granato, Jorge Salhani.

Com poucas observações críticas, as duas postagens destacaram um olhar crítico sobre o Jornal Nacional e críticas positivas à RPC, filiada da Globo em Curitiba e do portal e redes sociais da Prefeitura de Curitiba. Apesar das abas “Análises” e “Crítica de Mídia” ser apresentadas pelo *site* como espaços para observações críticas, as postagens foram dos mais diversos assuntos, mas, principalmente, para divulgação de pesquisas sobre a área da comunicação, sem, necessariamente, criticar, elogiar ou apontar sugestões a quaisquer meios.

Segundo Rothberg (2014), o Plural existe desde 2010, em média participam anualmente 30 alunos voluntários e dois bolsistas, pagos por bolsa de extensão da Pró-Reitoria de Extensão da Unesp e também dispõe da manutenção da plataforma *online* pela Diretoria Técnica de Informática da Unesp. Como infraestrutura, eles utilizam o Laboratório de Comunicação Aplicada do Departamento de Ciências Humanas, de forma compartilhada com outras atividades da Unesp.

Quanto a se há alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local e da sociedade decorrente da atuação do Plural, Rothberg (2014) estima que seja significativo o impacto externo do projeto, “potencialmente na forma de transformações efetivas nos modos de compreensão das insuficiências da notícia e da performance em geral dos meios de comunicação brasileiros e instrumentos de comunicação pública digital, em direção à construção de propostas mais eficazes para a resolução de seus problemas e dificuldades”, mas que não há quaisquer mensurações específicas para tanto.

Uma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios, Rothberg (2014) afirma que o desafio aos observatórios universitários é proporcionar o amadurecimento de estudantes de graduação e pós-graduação em comunicação, “que são incentivados a desenvolver uma percepção consistente dos desafios postos ao aperfeiçoamento da qualidade da mídia na atualidade” e que se fosse dar algum conselho aos novos observatórios acadêmicos seria que:

A produção de críticas e análises de mídia deve contemplar o exame das contribuições de estudos científicos para o exame dos diversos casos editoriais verificados, o que permite o aprofundamento de aspectos contidos em diversas disciplinas da graduação que exigem análise acurada das práticas profissionais comunicativas existentes. A comunidade de alunos de pós-graduação em comunicação também deve, se possível, contribuir regularmente, a fim de promover o intercâmbio de idéias e informações entre alunos de graduação e

pós-graduação. Um observatório também deve dialogar com os resultados dos estudos realizados no âmbito de grupos de pesquisa (ROTHBERG, 2014).

Quanto aos benefícios que o projeto promoveu aos estudantes participantes, Rothberg (2014) acredita que incentiva o amadurecimento tanto aos de graduação quanto aos de pós-graduação em Comunicação, “de forma a desenvolver e expressar uma percepção consistente dos desafios postos ao aperfeiçoamento da qualidade das mídias comerciais e públicas na atualidade. Além disso, o observatório tem sido explorado como meio de projeção da produção científica de alunos de pós-graduação em comunicação, que produzem e ali veiculam, mensalmente, comentários e interpretações dos resultados de suas pesquisas, de maneira a socializar o conhecimento à comunidade externa, buscando atingir estudantes e profissionais de comunicação nas diversas áreas, como relações públicas, jornalismo e assessorias”.

Kátia Vanzini (2015), participante do projeto desde março de 2011, define que “fazer parte de um grupo de pesquisa que tem como um de suas ações o Plural Observatório é bastante útil por propiciar a troca entre os diversos colegas que fazem parte da proposta, incentivando o intercâmbio de referências, linhas de pesquisa e trabalhos”. Vanzini (2015) também entende que “as propostas de observatórios não devem ser de críticas vazias e sim pautadas mediante estudos e pesquisas já conduzidos por seus integrantes. Nossas sugestões e apontamentos têm por objetivo apenas oferecer um olhar mais reflexivo sobre a prática do jornalismo e da comunicação pública”.

Segundo Vanzini (2015), quanto à contribuição para a sociedade, houve o aprimoramento da imprensa local com a colaboração da iniciativa na formação dos futuros profissionais de comunicação que irão atuar na mídia local e isto também é, segundo ela, uma crítica aos observatórios, que deveriam buscar iniciativas para maior proximidade com a imprensa local.

Para Jorge Salhani (2015), também participante, o projeto o fez ter conhecimento sobre a crítica de mídia e sua importância na formação dos jornalistas. “Ele foi importante, primeiramente, por fazer com que eu conhecesse outros observatórios de imprensa além do ‘Plural’. Assim, pude saber de que forma eles atuavam e quais conteúdos exploravam. A produção de pautas me ajudou a ter uma análise crítica mais aprofundada do jornalismo no Brasil e contribuiu, também, para minha formação cultural”, (SALHANI, 2015).

Salhani (2015) define que o projeto também foi importante para conseguir resultados em congressos científicos e para que a sociedade em geral possa permitir um contato “da atuação parcial da mídia, do panorama dos meios de comunicação no Brasil e, acima de tudo, [para que] tenham uma visão crítica da mídia”. Por abranger mais a mídia nacional, ele também acredita que o Plural não tenha alcançado um aprimoramento da imprensa local capaz de ser observado diretamente.

Em relação às críticas à própria atuação dos observatórios de imprensa acadêmicos, Salhani (2015) diz que “os observatórios cumprem o seu papel no âmbito acadêmico, pelo interesse dos acadêmicos de Comunicação pelo tema”, porém acredita que “a participação social dos observatórios, como projetos de extensão, fora do âmbito universitário, poderia ser maior”.¹⁴¹

¹⁴¹ Os questionários foram enviados ao longo de 2014 e 2015, com perguntas estruturadas de forma a possibilitar um melhor entendimento sobre o funcionamento do projeto e responder às perguntas-objetivo “Como se mantêm financeiramente os observatórios? Como eles contribuem para a sociedade? Como contribuem para a formação jornalística?”, que não puderam ser respondidas com a pesquisa descritiva a partir do acesso ao *site* do projeto.

2.1.4 SOS Imprensa

O SOS Imprensa se apresenta em seu *site* oficial como “um *blog* criado em 1996 como um projeto de pesquisa que tinha a finalidade de amparar as vítimas dos erros e abusos da mídia. A partir dos anos 2000 tornou-se um projeto de extensão (o que se mantém até hoje), mas ainda seguindo a proposta inicial de servir como uma espécie de ouvidoria para pessoas vitimadas pela mídia”.

Com o aprimoramento do projeto, um novo *site* foi estruturado em agosto de 2015 e se apresenta como um observatório da imprensa ligado à Universidade de Brasília (UnB), cujo principal objetivo é fazer a leitura crítica dos meios de comunicação. O coordenador docente é o professor doutor Luiz Martins da Silva e o SOS Imprensa faz parte da Rede Nacional de Observatórios da Imprensa (Renoi).

O *site* utilizado pelo projeto era o <http://sosinterativo.blogspot.com.br/>. Esta plataforma serviu para as postagens das críticas até julho de 2015 e a partir de agosto o projeto migrou para o *site* <https://sosimprensa.wordpress.com>¹⁴².



FIGURA 6 – Página oficial do SOS Imprensa até julho de 2015¹⁴³

¹⁴² Na nova plataforma foi possível contabilizar 21 colaboradores assinando textos: Bruno Henrique de Moura, Loranny Silva Costa de Castro; Dione Oliveira Moura; Gabriel Shinohara; Vivi Moraes; Loyane Alves; Ana Cláudia Gonçalves; Letícia Leal; Melissa Duarte; Isabela Graton; Rafael Tzu; Sandra Oliveira da Silva; Roberta Pissutti; Daniel Marques Vieira; Lucas de Moraes; Celimar de Meneses; Aghata Gontijo; Diego Alves; Danielle Assis; Loyane Alves; Rafael Stefano Luna; e Eduardo Meirelles.

¹⁴³ Disponível em: <http://sosinterativo.blogspot.com.br>. Acessado em: 16/12/2015.

SOS Interativo ¹⁴⁵ a soma de 21 postagens em 2015, até o dia 30 junho, quando a página de postagens oficial migrou para a plataforma *Wordpress*¹⁴⁶, com postagens a partir de 18 de agosto de 2015.

Outras 41 postagens foram feitas no *site* de novo *layout* do SOS Imprensa, até 18 de dezembro de 2015. O projeto produziu 62 postagens de observações críticas de 24 de março a 18 de dezembro de 2015, nas duas plataformas que utilizou. As publicações foram:

- SOS Interativo

Plataforma - <http://sosinterativo.blogspot.com.br/>

- 13 postagens opinião/reflexão sobre temas variados
- 7 críticas de mídia
- 1 outros – recados, eventos ou sobre a universidade.

Total: 21.

As sete postagens sobre a imprensa analisaram:

- 24 de março de 2015: Podemos tirar, se achar melhor¹⁴⁷ – texto comenta sobre a frase acidentalmente publicada em uma entrevista produzida pelo jornalista britânico, Brian Winter (Reuters) na qual o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso comentava sobre os casos de corrupção na Petrobras e compara os poucos veículos que, segundo a autoria, repercutiram sobre o assunto, Carta Capital e Jornal do Brasil, questionando o papel ético do Jornalismo.

- 27 de março de 2015: Medida legislativa pode legalizar prova ilícita¹⁴⁸ – texto explica sobre as 10 medidas do Pacote Anticorrupção lançado pelo Ministério Público Federal, para aprimorar o combate, e critica matérias da Folha de São Paulo, EBC, BBC e Estadão, por não citarem/explorarem as medidas e questiona o papel da imprensa se a mesma está “está realmente informando ou apenas elencando tópicos relevantes a grupos específicos”.

¹⁴⁵ Disponível em: <http://sosinterativo.blogspot.com.br/> . Acessado em: 16/12/2015.

¹⁴⁶ Disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/>. Acessado em: 16/12/2015.

¹⁴⁷ Disponível em: <http://sosinterativo.blogspot.com.br/2015/03/podemos-tirar-se-achar-melhor.html>. Acessado em: 14/12/2015.

¹⁴⁸ Disponível em: <http://sosinterativo.blogspot.com.br/2015/03/medida-legislativa-pode-legalizar-prova.html>. Acessado em: 14/12/2015

- 15 de abril de 2015: Charlie Hebdo e o ataque no Quênia¹⁴⁹ – análise faz um comparativo entre a repercussão midiática sobre o ataque à Revista Charlie Hebdo, da França, com morte de 12 pessoas, com um ataque do grupo radical islâmico Al-Shabaab à Universidade de Garissa, no Quênia, com 148 estudantes mortos. Texto critica a imprensa de modo geral, mas faz um comparativo apenas com o Jornal Nacional, da Rede Globo, que reservou 19 minutos e 23 segundos de reportagens sobre o ataque na França e 02 minutos e 36 segundos ao no Quênia.

- 17 de abril de 2015: Vinícius que me perdoe, mas fundamental é relativo¹⁵⁰ – faz uma reflexão crítica sobre o machismo presente em matéria que *homenageia* as mulheres cariocas, porém não revela qual revista.

- 23 de abril de 2015: Comparação de manchetes: Balanço da Petrobrás¹⁵¹ – texto faz um comparativo das manchetes dos sites BBC, Carta Capital, Estadão, Folha Uol, e Veja, sobre os dados contábeis da Petrobras de perda de R\$ 6,2 bilhões duas horas depois da divulgação do balanço de 2014.

- 1 de maio de 2015: Precisamos falar sobre a Nova Lei de Mídia Democrática¹⁵² – texto debate sobre os monopólios das empresas de comunicação e a Lei de Mídia Democrática, de iniciativa popular, em que a autora finaliza pedindo assinaturas para que a nova lei saia do papel.

- 17 de junho de 2015: Meios de Comunicação auxiliam no Combate ao Tabagismo¹⁵³ – texto elogia a campanha Advertências Impossíveis de Ignorar, feita pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), que tem como objetivo diminuir o uso do cigarro no Brasil e mostra estudo sobre a eficácia de quatro meios de comunicação (televisão, rádio, letrados, jornais ou revistas) em campanhas contra essa droga.

- SOS Imprensa

Plataforma <https://sosimprensa.wordpress.com>

- 21 postagens opinião/reflexão sobre temas variados

¹⁴⁹ Disponível em: <http://sosinterativo.blogspot.com.br/2015/04/charlie-hebdo-e-o-ataque-no-kenia.html>. Acessado em: 14/12/2015

¹⁵⁰ Disponível em: <http://sosinterativo.blogspot.com.br/2015/04/vinicius-que-me-perdoe-mas-fundamental.html>. Acessado em: 14/12/2015

¹⁵¹ Disponível em: <http://sosinterativo.blogspot.com.br/2015/04/comparacao-de-manchetes-balanco-da.html>. Acessado em: 14/12/2015.

¹⁵² Disponível em: <http://sosinterativo.blogspot.com.br/2015/05/precisamos-falar-sobre-nova-lei-de.html>. Acessado em: 14/12/2015.

¹⁵³ Disponível em: <http://sosinterativo.blogspot.com.br/2015/06/meios-de-comunicacao-auxiliam-no.html>. Acessado em: 14/12/2015.

- 14 críticas de mídia
 - 4 outros – recados, eventos ou sobre a universidade.
 - 2 postagens¹⁵⁴ repetidas da plataforma anterior
- Total: 41 postagens.

As 14 postagens de crítica de mídia foram:

- 26 de agosto de 2015: Novas tecnologias entram em debate sobre regulamentação midiática¹⁵⁵ – publicação traz reflexões sobre declaração do ministro das Comunicações, Ricardo Berzoini, sobre as regulamentações de serviços como Netflix, Whatsapp e *Youtube* e como a regulamentação da mídia ainda não saiu do papel.

- 28 de agosto de 2015: Equívocos na mídia e na política¹⁵⁶ – texto critica omissão de informações pelo jornalismo e cita matéria da revista *Veja* sobre perfil que traça do presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB), que mesmo citando escândalos que o envolve traça um otimismo na mudança de conduta que não faz com outros sujeitos.

- 2 de setembro de 2015: O valor de uma mulher no poder¹⁵⁷ – crítica ao texto *Dilma e o sexo*, publicado no dia 20 de agosto no *site* da revista *Época*, de autoria do jornalista João Luiz Vieira, que emite opinião sobre a “falta de erotização” da presidenta Dilma Rousseff (PT) e como a imagem da mulher pode ser denegrida pelos meios de comunicação.

¹⁵⁴ Disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/2015/09/25/o-meio-e-a-mensagem-2/> e <https://sosimprensa.wordpress.com/2015/09/24/o-que-esta-acontecendo-no-mediterraneo-2/> . Acessado em: 16/12/2015.

¹⁵⁵ Disponível em <https://sosimprensa.wordpress.com/2015/08/26/novas-tecnologias-entram-no-debate-sobre-regulacao-midiatica/>. Acessado em: 16/12/2015.

¹⁵⁶ Disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/2015/08/28/equivocos-na-midia-e-na-politica/>. Acessado em: 16/12/2015.

¹⁵⁷ Disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/2015/09/02/o-valor-de-uma-mulher-no-poder/>. Acessado em: 16/12/2015.

- 4 de setembro de 2015: A regulamentação da mídia e sua defesa à liberdade de imprensa¹⁵⁸ – debate sobre o monopólio dos meios de comunicação e como a Lei de Regulamentação da Mídia no Brasil pode influir na liberdade de imprensa.

- 9 de outubro de 2015: Alckmin e o sigilo do metrô¹⁵⁹ – texto elogia iniciativa da Folha de São Paulo em divulgar sobre o sigilo às informações sobre obra no metrô em São Paulo na gestão de Geraldo Alckimin. Tal revelação do jornal motivou órgãos competentes a pedirem a quebra do sigilo e consequente exposição dos dados.

- 13 de outubro de 2015: Geração da cabecinha¹⁶⁰ – análise sobre a desenfreada reprodução de conteúdo pela internet, mas a falta de leitura de pessoas que só lêem títulos e manchetes e compartilham desgovernadamente.

- 14 de outubro de 2015: A Playboy já não tem nudez e os jornais ainda não são sexy¹⁶¹ – análise comparativa entre a reformulação da revista Playboy e a falta de reformulação dos jornais impressos. Texto critica o suporte em geral, mas não cita nenhum específico.

- 24 de outubro de 2015: Bonner exibe visual barbado em férias na África¹⁶² – reflexão sobre os critérios de noticiabilidade, visto que muito publicaram sobre o fato do apresentador do Jornal Nacional estar de barba e sobre a pluralidade de indivíduos brasileiros e sua liberdade visual.

- 30 de outubro de 2015: A caça às bruxas nossa de cada dia¹⁶³ – texto crítico sobre a matéria “Prostituta mata cliente que propôs sexo com um bebê”, do portal de notícias *online* Diário da Manhã e reflexivo quanto à perpetuação de preconceitos.

¹⁵⁸ Disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/2015/09/04/a-regulamentacao-da-midia-e-sua-defesa-a-liberdade-de-imprensa/>. Acessado em: 16/12/2015.

¹⁵⁹ Disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/2015/10/09/alckmin-e-o-sigilo-do-metro/>. Acessado em: 16/12/2015.

¹⁶⁰ Disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/2015/10/13/geracao-da-cabecinha/>. Acessado em: 16/12/2015.

¹⁶¹ Disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/2015/10/14/a-playboy-ja-nao-tem-nudez-e-os-jornais-ainda-nao-sao-sexy/>. Acessado em: 16/12/2015.

¹⁶² Disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/2015/10/24/bonner-exibe-visual-barbado-em-ferias-na-africa-2/>. Acessado em: 16/12/2015.

¹⁶³ Disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/2015/10/30/a-caca-as-bruxas-nossa-de-cada-dia/>. Acessado em: 16/12/2015.

- 12 de novembro de 2015: Regulamentação do direito de resposta¹⁶⁴ – texto alerta para aprovação da nova lei de direito de resposta aprovada em novembro e traz uma entrevista com o coordenador do SOS Imprensa explicando as alterações.

- 14 de novembro de 2015: Podcasts jornalísticos: o que já temos?¹⁶⁵ – texto indica podcasts como nova forma de consumo de conteúdo jornalístico.

- 23 de novembro de 2015: Bento Rodrigues/Mariana e o diploma de jornalismo¹⁶⁶ – a autora elenca dez passos para a cobertura do rompimento da barragem nas cidades mineiras incentivando procedimentos para uma pauta com mais senso crítico.

- 28 de novembro de 2015: Liberdade de Imprensa x Violência em Discurso¹⁶⁷ – o texto reflete a importância da ética jornalista com um discurso que não fira os direitos humanos e civis, pois ao jornalista não cabe um discurso de ódio e se deve pensar nas consequências de tudo que se diz.

- 18 de dezembro de 2015: O Rádio Esportivo, no fim do ano, sangra¹⁶⁸ – autor lamenta demissões nas grandes rádios e reflete sobre o impacto no suporte midiático, principalmente, quanto às coberturas de esporte.

O SOS Imprensa publicou um total de 62 postagens em suas duas plataformas oficiais usadas em 2015, sendo que destas 21 foram críticas à imprensa. Os veículos mais criticados pelos textos referentes a conteúdos de jornalismo pelo SOS Imprensa foram a Revista Veja e a Rede Globo, durante as postagens de 2015. O projeto também publicou textos com críticas positivas ao SBT e à Folha de São Paulo e sugestões de novos produtos midiáticos e procedimentos de pauta. Os principais temas abordados nas observações sobre a imprensa foram a regulamentação da mídia, a perpetuação de preconceitos pelo jornalismo, a falta de apuração de dados, deslizes éticos, omissão e manipulação de informações.

¹⁶⁴ Disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/2015/11/12/regulamentacao-do-direito-de-resposta/>. Acessado em: 16/12/2015.

¹⁶⁵ Disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/2015/11/14/podcasts-jornalisticos-o-que-ja-temos/>. Acessado em: 16/12/2015.

¹⁶⁶ Disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/2015/11/23/bento-rodriguesmariana-e-o-diploma-de-jornalismo/>. Acessado em: 16/12/2015.

¹⁶⁷ Disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/2015/11/28/liberdade-de-imprensa-x-violencia-em-discurso/>. Acessado em: 16/12/2015.

¹⁶⁸ Disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/2015/12/18/o-radio-esportivo-no-fim-do-ano-sangra/>. Acessado em: 22/12/2015.

Com a mudança de *layout* é possível perceber um visual mais *clean* (limpo) e sério. A nova página é composta pelas abas: Observatório, em que são postadas as críticas de mídia; aba Brasil com postagens de temas nacionais, análises de filmes entre outros, não necessariamente vinculados à imprensa; Mundo, similar à anterior, sem ter a crítica de mídia como foco principal, mas postagens com temas que atingem o nível internacional; Prosa e Verso traz crônicas dos membros, sobre assuntos variados. E aba Sobre, que contém a descrição do SOS Imprensa ao público e como é possível entrar em contato pelo *email* sosimprensa@gmail.com.

É possível fazer contato e ter acesso aos conteúdos do grupo também via redes sociais como *Facebook*¹⁶⁹ e *Twitter*¹⁷⁰. No *Youtube*¹⁷¹, o grupo possui vídeos até 2011, que estão postados no *blog* SOS Interativo e que utilizam a página da WebTV da UnB.

Esta análise possibilitou a resposta da maior parte perguntas-objetivo¹⁷² da pesquisa. Quanto aos questionamentos sobre “Como se mantêm financeiramente os observatórios? Como eles contribuem para a sociedade? Como contribuem para a formação jornalística?”, foram respondidas pelos membros do SOS Imprensa, via *email* e telefone e disponíveis na íntegra em anexo a esta pesquisa.

Segundo o coordenador da iniciativa, professor doutor Luiz Martins da Silva, há 12 alunos fixos no projeto em 2015, mas não há financiamento ou bolsas de incentivo para a realização do trabalho. “Vários passaram pelo projeto. Formamos gerações com pensamentos críticos, que leram os códigos, saem para o mercado com noção de cidadania, de democracia e isso é muito mais interessante”, (SILVA, 2016). O professor ainda disse que as repercussões do projeto na sociedade são vistas quando o SOS Imprensa é chamado para debates. “O SOS é referência em discussões gerais sobre procedimentos da mídia. Qualquer assunto polêmico, que surja debate, o SOS imprensa é lembrado, é chamado para participar, debate sobre direitos de respostas. Seminários diversos, enfim, quando a imprensa é citada, somos referência”, (SILVA, 2016).

¹⁶⁹ Disponível em: <https://www.Facebook.com/sosimprensa>. Acessado em: 16/12/2015.

¹⁷⁰ Disponível em: <https://Twitter.com/sosimprensa>. Acessado em: 16/12/2015.

¹⁷¹ Disponível em: <http://sosinterativo.blogspot.com.br/search/label/WebTV>. Acessado em: 16/12/2015.

¹⁷² 1. Quais são os observatórios ativos em universidades? 2. Onde surgiram? 3. Quais e quantos são os autores das publicações? 4. Quais são suas formas de publicação e atuação? 5. Há difusão de conteúdo por quais mídias? 6. Como se mantêm financeiramente os observatórios? 8. Por que criar um observatório de imprensa em um ambiente acadêmico? 9. Como eles contribuem para a sociedade? 10. Com qual frequência observam? 11. Como contribuem para a formação jornalística?

Um conselho que daria aos novos observatórios é que também observem as boas práticas. “Estar de olho nas boas práticas, para não ser um muro das lamentações”, (SILVA, 2016). De acordo com o coordenador, o SOS Imprensa está em uma nova fase, de não só ter um olhar crítico sobre a imprensa, mas também de fazer o *media literacy* - educação para a mídia, para lidar com ela. “A sociedade tem que pautar a mídia. Há dificuldades institucionais para esse diálogo, mas quando o povo procura a imprensa, a sociedade procura, não tem o tráfego, não está azeitado esse canal. O foco não é mais então a o media criticism e sim a educação para mídia e deixar os alunos terem autonomia, porque eles são férteis, são jovens, querem realizar, eles querem ter as ideias, às vezes dá problema, mas a extensão universitária não é uma caridade à sociedade, é um diálogo”, (SILVA, 2016).

Para fortalecer os observatórios, Luiz Martins da Silva afirma que é importante ter sustentabilidade:

Lamentavelmente, os observatórios têm problemas de sustentabilidade. Aquela pergunta dos americanos: quem é que está patrocinando? O observatório não é só a leitura crítica pura. Ele é definido como “cão de guarda”, mas é preciso ter sustentabilidade. Por exemplo, aquela campanha Ética na TV, o deputado não se reelegeu e o projeto morreu. Instituto Gutenberg faliu. Então precisamos de um grande observatório nacional, que seja uma ouvidoria pública de imprensa. O Procon funciona. O Conar não tem tanto poder, mas tem algum. A Renoi é uma tentativa, mas as unidades de observatório são ainda isoladas. As próprias universidades são isoladas. O sistema de Ensino Superior leva a isso. A gente só conversa nos congressos. Não tem conversa contínua entre as universidades. A leitura crítica tem q ser uma cultura permanente e os professores tem que pensar em ser um facilitador disso para os alunos. A falta dos elogios. Quando a mídia erra, somos os primeiros a apontar o erro, mas não apontamos as boas práticas (SILVA, 2016).

Na visão da acadêmica participante do SOS Imprensa, Melissa Maria de Oliveira Duarte, o projeto colaborou com sua formação intelectual. “Leio mais, pesquiso mais, estudo mais, aprendo mais. É uma troca única e muito especial. Aprimorei bastante meu senso crítico em relação à política, economia, sociedade etc”, (DUARTE, 2016). Em o que o observatório acadêmico pode contribuir com a sociedade, Melissa respondeu que “na mídia tradicional, muitas vezes, vemos uma série matérias e cada um dos veículos tem os próprios posicionamentos político, social, econômico etc. Dessa forma, faz-se necessária a existência de um meio que analise criticamente as notícias, de modo que esse teor crítico atinja, também, os cidadãos, contribuindo para sua reflexão”, (DUARTE, 2016).

Uma crítica em relação aos próprios observatórios, Melissa explicou que “o fato de não termos verba – a Universidade de Brasília não disponibiliza bolsa para os integrantes – prejudica o andamento do projeto, uma vez que dependemos de recursos próprios para assinatura de jornais e revistas nacionais e internacionais”, (DUARTE, 2016).

Em entrevista para esta pesquisa, outro participante do SOS Imprensa, o acadêmico Gabriel Solha Shinohara, explicou que acredita que a principal dificuldade de um observatório é a falta de motivação dos alunos. “Não conheço muitos outros observatórios, mas vivencio uma dificuldade de coordenação, de encorajar os próprios alunos a participar, além do pequeno alcance que temos”, (SHINOHARA, 2016).

Shinohara diz que seu interesse pelo observatório surgiu com a possibilidade de fazer um “jornalismo social, agente das mudanças sociais e uma ferramenta ativa de melhoramento da sociedade. Pensei que um observatório seria um bom local para explorar esse lado”, (SHINOHARA, 2016) e com o SOS Imprensa obteve “uma visão maior dos deveres da mídia, da ética e da deontologia da profissão”, (SHINOHARA, 2016). Sobre como ele acredita que os observatórios podem contribuir com a sociedade, o acadêmico respondeu que “o caminho para uma sociedade mais democrática passa pela mídia, o fim dos monopólios, por exemplo. Os observatórios são parte importante para encorajar a leitura crítica”, (SHINOHARA, 2016).

O projeto utiliza a infraestrutura do Curso de Jornalismo, quando necessário e os computadores pessoais dos alunos. Não há equipamentos exclusivos ao projeto. As entrevistas sobre o SOS Imprensa estão disponíveis na íntegra em anexo.

2.2 Observatórios ativos secundários

2.2.1 Mídia em Foco

O observatório de imprensa acadêmico Mídia em Foco é um projeto de pesquisa da Universidade Feevale, de Novo Hamburgo (RS), que produz crítica de mídia para os programas Mídia em Foco no Rádio (espaço radiofônico de uma hora semanal, transmitido ao vivo pela Rádio ABC 900 - AM, do Grupo Editorial Sinos) e ao Mídia em Foco na TV (produção mensal na grade de programação da TV Feevale, no Canal 15 da NET). O observatório ainda dispõe de arquivos de seus programas no canal do Youtube da TV Feevale pelo <https://www.Youtube.com/user/tvfeevale> e um blog <http://midiaemfocofeevale.blogspot.com.br/>, que está sem atualização desde 2011. O coordenador do projeto é o professor doutor Marcos Emilio Santuário.



FIGURA 8 – Página oficial do Mídia em Foco em 2015¹⁷³

¹⁷³ Disponível: <http://midiaemfocofeevale.blogspot.com.br/>. Acessado em: 31/12/2015.

Santuário (2015) explica que o Mídia em Foco surgiu em 2005 após participar do encontro de criação da Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (Renoi). Ao retornar para a Feevale propôs o projeto, que foi aprovado.

A elaboração dos programas, segundo Santurário (2015), surge em reuniões de pauta a partir da observação continuada da mídia. “O foco é trabalhar as questões envolvendo a mídia, tratando de esclarecer a temática de forma a que os ouvintes ou espectadores possam entender os processos pelos quais passam tais produções jornalísticas, bem como sua importância e objetivos”.

Santuário (2015) explica que:

Tem sido percebido, de forma empírica, um aprimoramento nas práticas, na linguagem e na elaboração de pautas e reportagens, de forma paralela ao desenvolvimento do projeto. Tendo em conta que vários estudantes da Universidade têm passado também pelos meios de comunicação local, acompanhamos suas atuações transformadoras dentro de tais meios. Observamos as práticas que eles aprimoraram nas questões desenvolvidas na Universidade e que se tornaram presentes nas redações por onde passaram ou onde estão (SANTUÁRIO, 2015).

Aos novos observatórios, Santurário (2015) indica o conhecimento à experiências já consolidadas de observatórios acadêmicos e um maior diálogo com os meios que desenvolveram a crítica de mídia para criar vínculos que facilitem suas práticas e que todos os observatórios deveriam lutar por mais espaços para “exposição e debate de suas propostas e descobertas”.

O Mídia em Foco obteve o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs), a partir de edital de Recém Doutor e o projeto é mantido financeiramente desde sua criação pela Feevale. Atualmente o projeto conta com quatro alunos e Santuário (2015) estima que cerca de 20 estudantes passaram pelo projeto. “Os benefícios a eles foram a proximidade com a crítica sistemática da mídia, buscando entender e esclarecer processos, bem como a ampliação seus conhecimentos em relação às mídias, suas práticas e dinâmicas, desafios e possibilidades”, (SANTUÁRIO, 2015).

O Mídia em Foco é considerado um observatório de imprensa acadêmico ativo secundário por não manter seu *site* atualizado com análises críticas sobre a imprensa de

forma frequente em 2015, mas que continua na ativa com suas atividades como projeto de extensão. Santuario¹⁷⁴ confirma que o projeto manteve a produção radiofônica durante em 2015, mas não foram encontrados quaisquer espaços *online* que arquivem estes programas para análises. O grupo ainda possui a rede social *Twitter*¹⁷⁵, também desatualizada desde 2011.

¹⁷⁴ Informação pessoal concedida à autora desta dissertação por *email* em 12 de janeiro de 2016.

¹⁷⁵ Disponível em: <https://Twitter.com/pmidaemfoco>. Acessado em: 13/01/2016.

2.2.2 Observatório da Mídia

O Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas e sistemas é uma iniciativa vinculada à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que se apresenta em seu *site* oficial como “um grupo de pesquisa e ação registrado no CNPq desde 2007 e tem como sede a Universidade Federal do Espírito Santo desde 2009, sendo anteriormente sediado na Universidade Federal de Pernambuco”¹⁷⁶.

O grupo tem como objetivo geral realizar “um acompanhamento sistemático da produção midiática, com foco no respeito, promoção e proteção dos direitos humanos, civis, políticos, econômicos, sociais e culturais”. No *site* o grupo esclarece que os objetivos gerais são:

Criar e fortalecer um novo espaço de diálogo e difusão de conhecimento sobre os sistemas, as políticas de comunicações e a produção midiática e os direitos humanos entre a universidade, a sociedade civil organizada (ONGs, movimentos sociais, conselhos de direitos humanos, associações de profissionais e de empresas), bem como com o setor público, para um efetivo debate transformador da realidade social em termos de comunicações; Fomentar ações de leitura crítica dos meios; Produzir acervo com material para pesquisas empíricas e críticas não só na área da Comunicação, mas também de Educação, Direito, Ciências Políticas, Sociologia, Serviço Social, Psicologia e Saúde.¹⁷⁷

Quanto aos objetivos específicos, o Observatório da Mídia quer “formar uma comunidade científica e política voltada para a pesquisa e ações de controle social dos meios de comunicação, com foco no respeito, promoção e proteção dos direitos humanos”, assim como acompanhar a produção midiática no que se refere à valorização e não violação dos direitos humanos e “fomentar a pesquisa acadêmica e a produção de conhecimento sobre a comunicação e os direitos humanos, focando na construção de uma cultura de direitos humanos nos espaços de educação, pesquisa e extensão”.

Dentre os objetivos do Observatório da Mídia também está:

Levantar o questionamento sobre o papel dos principais atores sociais ligados aos grupos de mídia, analisando suas estratégias e políticas no mercado de comunicações e de cultura em âmbito regional e nacional. Compreender o

¹⁷⁶ Disponível em: <http://observatoriodamidia.wix.com/observatoriodamidia>. Acessado em: 13/01/2016.

¹⁷⁷ Disponível em: <http://observatoriodamidia.wix.com/observatoriodamidia#!quemsomos/cjg9>. Acessado em: 13/01/2016.

estabelecimento (ou não) de políticas públicas para os diversos setores das indústrias culturais, de informação e de comunicação. Traçar um panorama o mais detalhado possível dos sistemas de comunicações regionais e nacionais, fazendo um levantamento dos veículos que tenham como suporte jornal, revista, rádio, televisão, mídia externa e *online*. Elaborar um perfil das relações políticas, sociais, econômicas e culturais dos grupos de mídias. Confrontar a estrutura dos veículos de comunicação com os fenômenos conjunturais que ocorreram paralelamente na história da região e do país, estabelecendo uma contextualização do desenvolvimento dos meios com a evolução da sociedade à qual fazem parte.¹⁷⁸

O *site* está estruturado com as abas “Início”, que apresenta a página inicial do projeto; “Quem somos”, que esclarece os objetivos, mas não nomeia os nomes dos participantes; “Pesquisas”, que elenca as pesquisas vinculadas ao projeto; “Ações”, que elenca as atividades internas e externas à UFES realizadas pelo Observatório; “Agenda”, em que mostra um calendário com as participações de membros do observatório; “Notícias”, aba com apenas três *links* de notícias desatualizadas (do ano de 2013); “Legislação”, em que são disponibilizados *links* com as legislações vigentes pertinentes à Comunicação no Brasil; “Denuncie”, espaço para registrar qualquer denúncia de irregularidades nas programações dos veículos de comunicação; “Fale com a gente”, com os *emails* disponíveis do projeto, endereço e um formulário de envio de mensagens diretas ao grupo; e “Parcerias”, com *links* para os *sites*/grupos parceiros às ações que realizam.

As pesquisas listadas no *site*, que fazem parte deste observatório acadêmico são:

- Telejornalismo e produção de sentidos: pesquisa que investiga como e com que consequências, o telejornalismo realizado no Espírito Santo efetua a operação de “tradução” do que acontece. O grupo explica que são identificadas estratégias discursivas e os modos de endereçamento de quatro telejornais locais - ESTV 1ª edição; TN 1ª edição; Brasil Urgente ES e Jornal Guarapari – “desde os seguintes operadores de análise: o mediador; o contexto comunicativo; o pacto sobre o papel do jornalismo e a organização temática. Essa avaliação inclui o modo como os programas jornalísticos locais dialogam e atualizam concretamente o que já está determinado historicamente pelo gênero telejornal”. O grupo faz o cruzamento desses conceitos metodológicos com o objetivo de encontrar possíveis efeitos de sentido desses produtos televisivos. “Nossa principal hipótese é a de que o telejornalismo é realizado desde um modo particular de

¹⁷⁸ Disponível em: <http://observatoriodamidia.wix.com/observatoriodamidia#!quemsomos/cjg9>. Acessado em: 13/01/2016.

compreender e reportar a realidade, com características e marcas enunciativas próprias. Dessa maneira, ao cumprir com esse objetivo geral, o grupo de pesquisa pretende revelar o modo de funcionamento de uma das mais importantes instituições de produção e circulação de sentidos da sociedade contemporânea”. Participantes nominados no *site* são: coordenador Rafael Paes Henriques e alunos: Andressa Andrade, Cecilia Leite, Cristian Favaro, Paula Gama.

- Cartografia dos grupos de mídia do Espírito Santo: esta pesquisa se apresenta no *site* com dois objetivos básicos, o de propiciar a estudantes de graduação do curso de Comunicação Social da UFES um contato com as metodologias de uma pesquisa científica fundamentada nos princípios teóricos da Economia Política da Comunicação e das Indústrias Culturais e o segundo objetivo é “o de traçar um panorama o mais detalhado possível das indústrias midiáticas no Espírito Santo - suporte jornal, revista, rádio, televisão e internet”. Com isso o grupo pretende traçar um perfil das relações políticas, sociais, econômicas e culturais de tais grupos de mídia. “Também está previsto um confronto da estrutura e das conjunturas dos veículos de comunicação com os fenômenos que ocorreram paralelamente na história do Espírito Santo, estabelecendo uma contextualização do desenvolvimento dos meios com a evolução da sociedade à qual fazer parte. Finalmente, este projeto tem ainda como objetivo propiciar aos estudantes, pesquisadores, entidades e profissionais envolvidos uma visão da necessidade de implantação na UFES de um programa de Pós-graduação em Comunicação Regional”. Participantes nominados pelo *site* são: coordenador José Edgard Rebouças e alunos bolsistas Sthefani Paiva, Ronan Freitas, Karen Vieira e Letícia Comério.

- Monitoramento da publicidade de produtos e serviços destinados a crianças: pesquisa se apresente no *site* com o objetivo de mapear ao longo de três anos a relação existente entre a publicidade, a criança e o consumo. Para tanto, será feito um acompanhamento e análise da programação de emissoras de TV em períodos de véspera de evento de grande incidência de comerciais direcionados a crianças - Páscoa, Dia das Crianças e Natal. Porém, quais são os três anos recortados pelos pesquisadores não está esclarecido no texto da página. Participantes são: coordenador: José Edgard Rebouças e bolsistas Gabriel Cola, Izabella Rodrigues, Nathália Rocha e Thais Fernandes.

- Educação para Mídia: último projeto de pesquisa listado no *site* até 13 de janeiro de 2016, quando desta análise, propõe investigar a importância do desenvolvimento de ações de leitura crítica da mídia em Instituições de Ensino Básico, com o objetivo de refletir sobre “um emaranhado jogo político e econômico, responsável por afetar o teor dos conteúdos por ele vinculados e, algumas vezes, por fazer com que rompam com seu compromisso de agir em prol do interesse público”. Desse modo, a pesquisa busca “compreender e analisar a importância de se discutir sobre esse assunto durante o processo de formação de crianças e adolescentes, bem como as possibilidades de inclusão dessa disciplina ao ensino formal, como uma forma de contribuir para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes”, mas não há explicações sobre como isso deverá ser feito. São citados como participantes: coordenadores José Edgard Rebouças, Franciani Bernardes Frizera e Rafael Paes Henriques e estudantes Esther Radaelli e Maíra Mendonça.



FIGURA 9 – Página oficial do Observatório da Mídia em 2015¹⁷⁹

As abas Agenda e Notícias estão desatualizadas. Não há postagens em 2015. É possível considerar que o grupo está ativo pelo uso constante do *Facebook*. Há várias postagens em 2015 na rede social pelo

¹⁷⁹ Disponível em: <http://observatoriodamidia.wix.com/observatoriodamidia>. Acessado em: 31/12/2016.

<https://www.Facebook.com/ObservatoriodaMidia>. Dentre elas está a chamada em outubro de 2015 para uma das ações do grupo, que é a Feira de Troca de Brinquedos, em que o Observatório da Mídia realiza um espaço para troca de brinquedos entre crianças. O grupo ainda gera difusão de seu conteúdo em outras redes sociais, o *Twitter* e o *Youtube*, porém estão atualizadas desde 2013¹⁸⁰.

Outra ação desenvolvida pelo grupo, anunciada pelo *Facebook*, foi o Seminário Nacional Observações: Jornalismo e Direitos Humanos. Este seminário é apresentado no *site* do projeto como uma das ações do grupo e que tem por objetivo reunir especialistas para a discussão sobre algum tema que esteja em voga na sociedade. “É pensado para enriquecer a formação dos estudantes e também com o objetivo de fazer com que a comunidade externa se aproxime e se envolva nas ações promovidas pela universidade”. O Seminário também busca a “interdisciplinaridade, chamando pessoas das diversas áreas do conhecimento para a conversa, ou ainda, profissionais que atuam fora da Ufes, a fim de construir um olhar plural e coletivo sobre os temas expostos”. Para o evento foi criada uma página separada em: <https://jornalismodireitoshumanos.wordpress.com/>.

Também há chamadas em 2015 via *Facebook* para oficinas de capacitação de jornalistas para os direitos humanos, sessões de filmes e documentários com debates temáticos e chamadas para reuniões do grupo de pesquisa. No *Facebook* há um *link* para outro *site* do projeto, o <http://www.ufes.br/observatoriodamidia>, mas que está fora do ar.

O projeto é coordenado pelos professores doutores Edgar Rebouças e Victor Gentili. Diversos contatos foram feitos aos dois professores, assim como alunos do projeto, para entrevistá-los sobre a atuação do Observatório da Mídia, porém não foram obtidas respostas.

¹⁸⁰ Redes sociais disponíveis em: <https://www.Facebook.com/ObservatoriodaMidia>, <https://Twitter.com/observamidia> e <https://www.Youtube.com/user/observatoriomidia>. Acessados em: 13/01/2016.

2.2.3 Observatório da Qualidade no Audiovisual

O Observatório da Qualidade no Audiovisual¹⁸¹ é um projeto de pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais, criado em 2013, que se apresenta com o objetivo operar como “um espaço de diálogo e discussão sobre a produção audiovisual contemporânea veiculada na televisão e em outras plataformas de convergência. Tem como foco a curadoria de conteúdos audiovisuais de qualidade para a divulgação *online*.”

O projeto ainda explica em seu *site* que “estes conteúdos discutem aspectos da qualidade que interessam ao debate sobre a importância do papel desempenhado pelos meios audiovisuais na vida cotidiana, bem como a promoção de uma *literacia* midiática decorrente da relevância das mídias na intermediação das relações na sociedade contemporânea”. E que tem o foco do projeto está relacionado com a “formação crítica de alunos de graduação e pós-graduação, bem como a discussão e análise de propostas estéticas que possam servir como referência cultural, artística e comunicativa para alunos, pesquisadores, e também para o público em geral”.

O *site* é composto pelas abas: “*Home*”, que apresenta a página inicial; “*Projetos*”, com divisão e apresentação de quatro projetos tocados pelo grupo; “*Eventos*”, em que divulgam os eventos relacionados ao projeto e divulgações na mídia sobre qualidade audiovisual; “*Pesquisadores*”, aba em que estão relacionados os participantes do projeto; “*Publicações*”, neste *link* são disponibilizados os resultados das pesquisas e/ou andamento delas, por meio de artigos científicos, capítulos de livros, entre outros; “*Contato*”, em que o grupo disponibiliza seu *email* e endereço, além de um formulário para contato via próprio *site*.

¹⁸¹ Disponível em: <http://observatoriodoaudiovisual.com.br/>. Acessado em 15/02/2016.

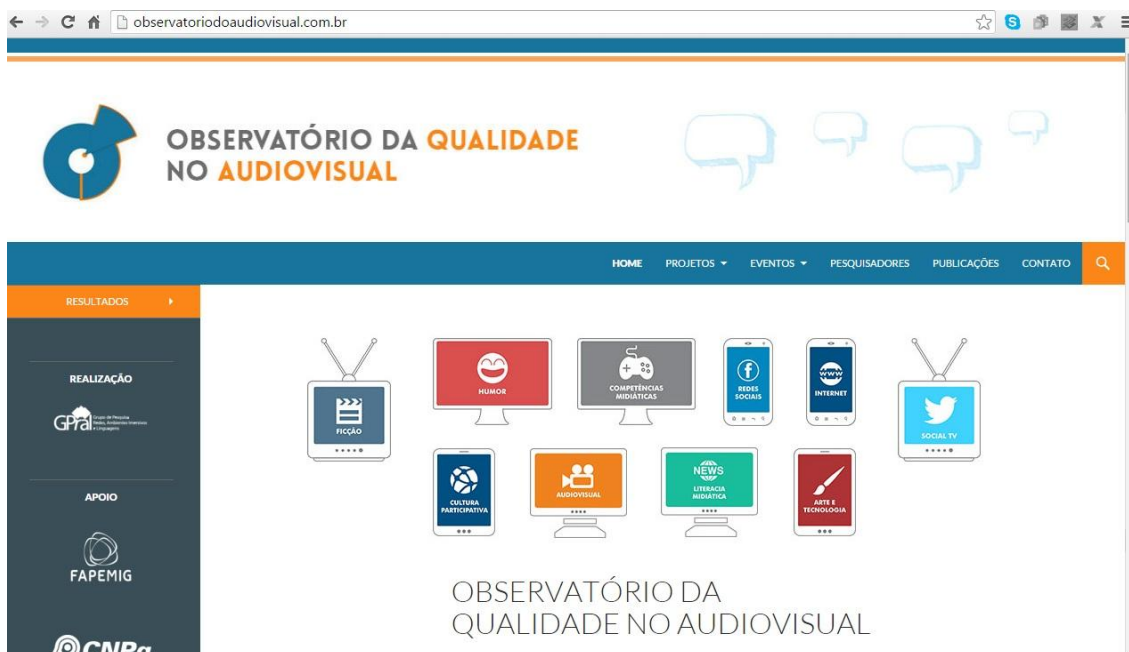


FIGURA 10 – Página Oficial do Observatório da Qualidade no Audiovisual em 2015¹⁸²

Na lateral esquerda da página oficial ainda estão dispostos os logos das agências financiadoras do grupo e parcerias. O Observatório da Qualidade no Audiovisual é coordenado pela professora doutora Gabriela Borges e o *site* do grupo tem como foco a divulgação científica de seus quatro projetos vinculados: Narrativas Humorísticas; Competências Midiáticas; Poéticas Tecnológicas; e Social TV.

- Narrativas Humorísticas: é apresentado como um projeto de estudo sobre os programas humorísticos da televisão brasileira sob a perspectiva da discussão sobre a qualidade. O humor é definido pelo grupo como “aquele que provoca o riso ambíguo que antecede uma reflexão gerada por uma quebra de expectativa, relacionado a uma produção de sentido que estimula o pluralismo e a diversidade cultural. A qualidade de um produto audiovisual está ligada à sua capacidade de promover o envolvimento de um grupo a partir da diversidade que apresenta, permitindo que os espectadores enriqueçam e aprimorem as suas experiências”¹⁸³.

Para fazer as análises dessa pesquisa os pesquisadores definiram parâmetros:

¹⁸² Disponível em: <http://observatoriodoaudiovisual.com.br/>. Acessado em 30/12/2015.

¹⁸³ Disponível em: <http://observatoriodoaudiovisual.com.br/narrativas-humoristicas/>. Acessado em: 01/03/2016.

Foram primeiramente definidos 17 indicadores de qualidade, mas a análise foi feita com ênfase em apenas quatro: estereótipo, oportunidade, diversidade de sujeitos representados e ampliação do horizonte do público. Na análise da mensagem audiovisual, outros quatro indicadores foram aprofundados, num universo de oito estudados: originalidade/criatividade, diálogo com/entre plataformas, solicitação da participação ativa do público e clareza proposta. Na TV, a amostra dos episódios dos programas se deu de forma aleatória de acordo com a disponibilidade do material audiovisual, enquanto na internet selecionamos todos os vídeos publicados pelo canal durante o mês de setembro de 2015. Os vídeos selecionados foram analisados de acordo com uma nota de 0 a 4: zero se o indicador não constar na emissão observada; um, se constar pouco; dois, se aparecer de forma razoável, três, se constar um pouco mais; e quatro, se aparecer intensamente.

- Competências Midiáticas: projeto estuda¹⁸⁴ os níveis de competências midiáticas de três públicos distintos, sendo os alunos do Ensino Médio, alunos dos cursos de Comunicação e de Jornalismo e profissionais de comunicação. O objetivo é detectar as necessidades e as demandas dos grupos pesquisados em relação à sensibilização sobre a questão da competência midiática, assim como as implicações de ordem social e pessoal.

Os resultados são comparados com outros projetos de mesmo objetivo que estão sendo desenvolvidos na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Universidade de Brasília, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal Fluminense, bem como com a Universidade de Huelva da Espanha, os quais o Observatório da Qualidade no Audiovisual coordena em rede, com o intuito de entender necessidades e assim estabelecer planos de ação para a melhoria do que chamam de *literacia* midiática.

Nosso objetivo é formar teoricamente para que tenham elementos para se desenvolver. O conceito de *literacia midiática*, ou alfabetização midiática, é um desenvolvimento de competência em geral, de uma análise crítica das mídias e para ter uma produção criativa com as mídias também, que você produza o seu vídeo no *Youtube*, seu próprio *blog*, etc. Os estudos que usamos são os de Portugal, que usam o termo *literacia*. Para que os alunos conheçam esses princípios, quanto mais for produção de qualidade, mais seu repertório crítico vai ser maior. Nessa formação de base eles começam a prestar atenção nisso (BORGES, 2016).

- Poéticas Tecnológicas: o projeto de pesquisa tem o intuito de “apresentar um mapeamento dos últimos 25 anos sobre a criação de narrativas digitais ficcionais, com o

¹⁸⁴ Dados apresentados em: <http://observatoriodoaudiovisual.com.br/competencias-midiaticas/>. Acessado em: 01/03/2016.

intuito de refletir sobre as possíveis inovações que ocorreram, em termos dramaturgicos e da própria construção narrativa, com o advento da tecnologia digital”¹⁸⁵. O objetivo é levantar se “as novas formas de expressão surgidas com a tecnologia digital desenvolvem, de fato, novas propostas narrativas ou apenas mimetizam e reciclam formas narrativas, principalmente audiovisuais, já existentes”¹⁸⁶. Além do mapeamento, o projeto se propõe a criar conteúdos experimentais “que indaguem sobre as potencialidades narrativas da tecnologia digital”¹⁸⁷.

- Social TV: este projeto apresenta o objetivo de “mapear as estratégias e práticas transmídias que estão sendo exploradas na criação de produtos audiovisuais de ficção com o objetivo de refletir sobre as articulações entre a narrativa e a participação do público nas redes sociais que podem ser estabelecidas a partir das narrativas audiovisuais de ficção”¹⁸⁸.

Isto é, quais são os aspectos dramaturgicos, de encenação e de interpretação do elenco ressaltados pelas emissoras e quais são as formas de interação dos telespectadores com o que é publicado tanto pela crítica nos *blogs* quanto pelos próprios fãs nas redes sociais. Objetivos: refletir sobre o recente fenômeno da social TV; compreender as mudanças significativas que a cultura participativa propiciou na experiência que o público tem com os produtos audiovisuais; articular a análise de três momentos de um produto audiovisual (produção, circulação e consumo) no estudo de narrativas ficcionais; compreender o novo modo de interação dos telespectadores através do fenômeno da social TV.

O Observatório da Qualidade no Audiovisual foi considerado ativo devido às postagens em 2015, desde 24 de abril deste ano. A classificação em secundário se dá devido às postagens serem focadas em artigos científicos produzidos pelo grupo e não em análises sistemáticas e periódicas do jornalismo diário (foco dos observatórios classificados como ativos primários).

O grupo mantém como rede social difusora de conteúdo um *Facebook* ativo, com publicações periódicas, desde novembro de 2015 e um canal no *Youtube*

¹⁸⁵ Disponível em: <http://observatoriodoaudiovisual.com.br/poeticas-tecnologicas/>. Acessado em: 01/03/2016.

¹⁸⁶ Disponível em: <http://observatoriodoaudiovisual.com.br/poeticas-tecnologicas/>. Acessado em: 01/03/2016.

¹⁸⁷ Disponível em: <http://observatoriodoaudiovisual.com.br/poeticas-tecnologicas/>. Acessado em: 01/03/2016.

¹⁸⁸ Disponível em: <http://observatoriodoaudiovisual.com.br/social-tv/>. Acessado em: 01/03/2016.

desatualizado, com último envio de vídeo em 2014¹⁸⁹. O *site* oficial do projeto também foi lançado ao final de 2015, como explica Borges (2016):

O *site* só foi lançado final do ano passado [2015]. A gente ainda está testando e a ideia é essa, ser um espaço de discussão sobre o que existe de bom na mídia audiovisual [...] Também publicamos sobre eventos no *site*, que se tornou um espaço que dá visibilidade aos para que a pesquisa não fique dentro os muros da universidade. [...] A gente não tem uma linha editorial, no sentido de estar fazendo crítica sobre assuntos variados, a gente faz as pesquisas e o *site* serve para dar evidências e conhecer sobre esses assuntos [...] No *Facebook* temos três publicações semanais. Cada dia de um projeto diferente tentar fazer com que o *site* circule mais a informação. Porque o *Face* permite dar pílulas de informação e é fazer exatamente isso e tentar buscar esse diálogo (BORGES, 2016).

Quanto à infraestrutura utilizada pelo Observatório da Qualidade no Audiovisual, Borges (2016) afirma que foram comprados um computador, um laptop, duas câmeras, um tripé e um foco de luz com recursos de fomento à pesquisa e que são usados para gravar entrevistas que são disponibilizadas na página oficial do projeto. “A gente se encontra uma vez por semana, duas horas por semana e vai discutindo alguns temas e os alunos fazem esses trabalhos de coleta e análises em casa, ficando cada um por sua conta, porque na universidade nem tem espaços, os que existem são para aulas. Hoje quase todos têm *notebook*. [...]”, (BORGES, 2016).

Ao analisar os benefícios aos alunos, Borges (2016) pontua que um dos papéis, do observatório de imprensa é formar teoricamente o acadêmico de Comunicação. “Eles ficam seis meses nas atividades e agora no final do curso eles voltam para o observatório, mesmo como voluntário. Nosso objetivo é formar teoricamente para que tenham elementos para se desenvolver. [...] O que é interesse é que a gente percebe que parece uma sementinha sendo plantada, então imagino que daqui alguns anos consiga medir melhor”.

Para o participante Guilherme Freire Montijo (2016), o benefício que um projeto de observatório de imprensa acadêmico traz aos alunos é permitir “um maior contato com as boas práticas, possibilitando uma visão mais crítica acerca de tudo que é

¹⁸⁹ Disponíveis em: <https://www.Facebook.com/observatoriodaqualidadeufjf/?fref=ts> e https://www.Youtube.com/channel/UCukbkPVD8m9J6kbK41egdiA/videos?shelf_id=0&sort=dd&view=0. Acessados em: 01/03/2016.

produzido”. Segundo a também participante da iniciativa, Luma Laís Souza Perobeli (2016), os benefícios aos acadêmicos participantes do grupo é poder assimilar os passos do fazer científico, perceber a grandiosidade e importância do tema estudado, o que traz enriquecimento profissional e pessoal.

2.2.4 Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina

O Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina foi criado em 2011 pelo Laboratório de Políticas de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) e atualmente tem parceria com o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ele se apresenta em seu *site* oficial <http://www.observatorioradiodifusao.net.br/> como um “espaço público virtual, voltado para a promoção de debates e a elaboração de análises e diagnósticos (acadêmico e profissionais) sobre estrutura, legislação, sistemas e serviços públicos de radiodifusão do Brasil e demais países da América Latina”, que produz análises, pesquisas e mecanismos de participação e avaliação da sociedade, que tem por objetivo “Tornar-se uma instância geradora de informações que subsidiem a academia, meios de comunicação e/ou organizações que atuam na área da comunicação ou tenham interesse em questões relacionadas à radiodifusão pública”.

O *site* oficial está dividido nas abas principais: “*Home*”, que retorna à página inicial de acesso, em que são postadas notícias variadas sobre o tema da radiodifusão pública; “O Observatório”, com *links* para apresentação do projeto e os objetivos, já citados, a equipe¹⁹⁰, os contatos com endereço e *emails* e *links* parceiros e colaboradores, ambos em branco; na aba “Países”, o projeto faz um apanhado sobre o histórico do Sistema da Radiodifusão Pública além de notícias e análises resultantes de pesquisas, sobre os países Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Venezuela e Uruguai; aba “Pesquisas”, em que são elencadas as pesquisas e os relatórios produzidos pelo grupo; aba “Biblioteca”, em que são elencados livros, artigos, teses, dissertações e relatórios de interesse do tema e do observatório; aba “Enquetes”, que está em branco; e aba “Destaques” em que são postadas as notícias que aparecem na *home*, sendo que nenhuma é datada de 2015.

¹⁹⁰ No *link* “Equipe” estão nominados como participantes em 2012 os bolsistas de iniciação científica Carlos Maestre (UERJ), Catarina Cristina Ribeiro (UnB), Nathália Koslyk Pontes (UnB) e Priscila Raquel Crispi Viegas (UnB), sendo os pesquisadores responsáveis Carlos Eduardo Esch, Nélia Del Bianco e Sônia Virginia Moreira.



FIGURA 11 – Página Oficial do Observatório da Radiodifusão Pública na America Latina em 2016

Há seis pesquisas listadas no *site*, sem informações sobre participantes¹⁹¹:

- Pesquisa 1 - Marco conceitual dos sistemas públicos de radiodifusão latino-americanos: A pesquisa busca compreender o modo de funcionamento do sistema público de radiodifusão de 12 países que integral a Unasul. Foram 120 emissoras classificadas como públicas.
- Pesquisa 2 - Cidadão e meios públicos no Brasil: Pesquisa de opinião tem como objetivo de verificar as formas como o cidadão brasileiro avalia as emissoras públicas de rádio e televisão quanto à programação e interação com audiência. Além disso, a pesquisa também faz um levantamento de distintas posturas e opiniões que a população

¹⁹¹ Pesquisa 1 disponível em: <http://www.observatorioradiodifusao.net.br/index.php/projetos/48-pesquisas>. Pesquisa 2 disponível em: <http://www.observatorioradiodifusao.net.br/index.php/projetos/1115-pesquisa-2>. Pesquisa 3 disponível em: <http://www.observatorioradiodifusao.net.br/index.php/projetos/1300-pesquisa-3-mapeamento-das-condicoes-tecnicas-de-funcionamento-de-rádios-públicas-e-sua-adaptacao-ao-digital>. Pesquisa 4 disponível em: <http://www.observatorioradiodifusao.net.br/index.php/projetos/1301-pesquisa-4-acervo-de-audio-das-rádios-públicas-do-brasil->. Pesquisa 5 disponível em: <http://www.observatorioradiodifusao.net.br/index.php/projetos/1302-pesquisa-5-diversidade-e-processos-participativos-em-emissoras-públicas-de-rádio-e-tv>. Pesquisa 6 disponível em: <http://www.observatorioradiodifusao.net.br/index.php/projetos/1303-pesquisa-6-radiodifusao-publica-e-os-desafios-da-comunicacao-digital>. Acessados em: 20/06/2016.

brasileira possui de temas relacionados com o funcionamento e existência das emissoras públicas no país.

- Pesquisa 3 - Mapeamento das condições técnicas de funcionamento de rádios públicas e sua adaptação ao digital: A pesquisa realizada em 2011 mapeou as condições de funcionamento, financiamento e gestão de 51 das 80 emissoras de rádios públicas brasileiras associadas a ARPUB - Associação das Rádios Públicas do Brasil. Foram avaliados impasses e oportunidades que impactam na sustentabilidade dessas emissoras frente aos desafios que se apresentam com a digitalização da transmissão e a convergência midiática. Observou-se que o setor está em processo de reorganização impulsionado, em parte, pelas mudanças na forma de gestão no âmbito das rádios sob controle do governo federal.

- Pesquisa 4 - Acervo de áudio das rádios públicas do Brasil: Em parceria com Associação das Rádios Públicas do Brasil (ARPUB), o Observatório realizou em 2012 um mapeamento dos acervos de áudio das rádios públicas brasileiras, visando saber que tipo de material possuem armazenado e qual a política para sua preservação e manutenção. Com a pesquisa, obteve-se um diagnóstico sobre a situação atual dos acervos que fornecerá subsídios à elaboração futura de um projeto nacional de recuperação e digitalização da memória produzida pelo rádio público. Participaram da investigação 51 das 80 emissoras associadas à ARPUB.

- Pesquisa 5 - Diversidade e processos participativos em emissoras públicas de rádio e TV: Análise da ecologia de mídia, da diversidade de princípios e de programação dos sistemas midiáticos identificados como públicos. Trata-se de um estudo de campo (observação e análise de extratos da programação) em que se verifica como as emissoras identificadas como públicas “praticam” a diversidade nas suas produções. Aspectos da produção de emissoras da Argentina, Colômbia, Equador e Venezuela foram analisados em 2012. A pesquisa pretendeu ser estendida aos demais países em 2013, mas não há informações se o objetivo foi alcançado.

- Pesquisa 6 - Radiodifusão pública e os desafios da comunicação digital: pesquisa diz pretender aprofundar análise sobre o uso da plataforma multimídia (*sites*, redes sociais, canais de interatividade e interação) em rádios e TVs.

O grupo utilizava a rede social *Facebook*, que está desatualizada desde 2014 e há um registro no *Twitter* desde 2011, mas que nunca foi postado nenhum *tweet*¹⁹². No rodapé do *site* se verifica a parceria com o Programa de Pós Graduação da UERJ e o apoio da Fundação Ford (FordDoundation). Apesar de *site* e redes sociais estarem inativas desde 2014, uma das pesquisadoras responsáveis, Nelia Bianco (2016) respondeu que o Observatório continua ativo e que apenas não está com a divulgação

¹⁹² *Facebook* disponível em: <https://www.Facebook.com/Observat%C3%B3rio-Radiodifus%C3%A3o-P%C3%BAblica-188428654523478/?fref=ts>. E *Twitter* disponível em: <https://Twitter.com/observatoriortv>. Acessados em: 20/06/2016.

atualizada devido à falta de bolsistas para tal e que de 2011 a 2015 o projeto contou com uma média de três alunos trabalhando por ano. Bianco (2016) afirma que as pesquisas 1 e 6 continuam em andamento e que as demais foram concluídas e que o Observatório beneficiou os alunos como um incentivador e catalizador de pesquisas.

2.2.5 Observatório Saúde na Mídia

O Observatório Saúde na Mídia (OSM) se apresenta em seu *site* oficial <http://saudenamidia.icict.fiocruz.br/> como um projeto que analisa como os jornais produzem sentidos sobre a saúde e que busca contribuir para as reflexões sobre os processos de saúde-doença na sua interface com a mídia, para a luta pela democratização da comunicação e da saúde no país. Este observatório é ligado à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a partir do Laboratório de Comunicação e Saúde (LACES).

O projeto foi lançado em 2008, a partir da atuação da pesquisa “Avaliação da Comunicação na Prevenção da Dengue”, realizada de 2003 até 2007. Em 2016 seu *site* oficial foi lançado¹⁹³. A coordenação geral é atualmente da pesquisadora Katia Lerner, com coordenação executiva da pesquisadora Izamara Bastos Machado. O projeto se propõe a fazer o monitoramento da imprensa a partir de três eixos metodológicos: o acompanhamento diário das informações sobre saúde publicadas em jornais nacionais; investigação sobre os sentidos da saúde apresentados pela imprensa; e a publicização dos resultados das pesquisas para circulação do conhecimento.

O objetivo apresentado pela página do grupo é promover a reflexão sobre os meios de comunicação e suas relações com a saúde com a articulação de atividades de pesquisa e ensino, sendo um espaço de formação de jovens pesquisadores, de níveis de especialização, mestrado e doutorado do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict) da Fundação Oswaldo Cruz, em suas atividades cotidianas de monitoramento da mídia e de discussão teórico-metodológica sobre os processos de pesquisa. O grupo tem parcerias com a Fiocruz de Pernambuco, Brasília e a Universidade Federal do Espírito Santo.

O *site* oficial se divide em quatro abas principais: “Quem somos”, em que estão dispostos *links* sobre o eixo de atuação, o histórico do grupo, a metodologia de trabalho, a equipe¹⁹⁴ e os parceiros; aba “Monitoramento”, em que há o espaço Foi Notícia, com

¹⁹³ Disponível em: <http://saudenamidia.icict.fiocruz.br/>. Acessado em 15/06/2016.

¹⁹⁴ Além das coordenadoras já citadas, o *site* oficial apresenta as seguintes pessoas como parte da equipe: Igor Sacramento; Inesita Soares de Araújo; Janine Miranda Cardoso; Mariella Silva de Oliveira Costa; Wilson Couto Borges; Andreza Cunha; Caio Coelho (bolsista); João Protásio; Marcelle Felix (bolsista); e

um arquivo do que é monitorado pelo grupo e espaço de análise sobre saúde da mídia¹⁹⁵; aba “Produção Científica”, em que são listados os projetos de pesquisas, artigos científicos, livros, teses, dissertações, eventos e anais de tudo que é produzido pelo grupo; aba “Outros Olhares”, com textos de colaboradores e fontes externas ao observatório, bibliografias de interesse e *links* úteis.



Figura 12 – Página inicial do Observatório Saúde na Mídia em 2016¹⁹⁶

Os projetos de pesquisa atualmente tocados por este observatório são:

- Ampliando o site PenseSUS: a implementação de redes sociais como estratégia de interação e debate sobre o Sistema Único de Saúde (SUS): O objetivo do projeto é implementar as redes sociais do *site* PenseSUS, ampliando a interação com cidadãos/as brasileiros/as e promovendo um efetivo debate sobre o Sistema Único de Saúde (SUS), a partir de *posts* específicos, conteúdos do *site* e também produzidos pela grande mídia

Maria Eduarda Abreu (bolsista). Disponível em: <http://saudenamidia.icict.fiocruz.br/equipe>. Acessado em: 15/06/2016.

¹⁹⁵ Não há conteúdo de 2015 – recorte temporal desta pesquisa - a ser analisado.

¹⁹⁶ Disponível em: <http://saudenamidia.icict.fiocruz.br/>. Acessado em 15/06/2016.

e instituições estratégicas que pensam criticamente o SUS. Uma das estratégias deste projeto é a publicação de análises desenvolvidas pelo Observatório Saúde na Mídia, do Laboratório de Comunicação e Saúde (Laces). Financiamento Fiocruz. Participantes: Juliana Krapp Guimarães, Aldo Lucio Pontes Moura, Daniele Cristina de Souza, Gislaine de Souza Lima, Izamara bastos Machado, Kátia Lener, Marina Maria e coordenação de Daniela Muzi. Projeto com término previsto para 2017.

- As celebridades e a espetacularização do estilo de vida saudável: proposta visa analisar matérias publicadas em jornais, revistas e *sites*, programas de televisão e postagens nas redes sociais, especialmente no *Instagram*, a partir de postagens de celebridades, com análise discursiva busca-se descrever o processo de construção de um *ethos* saudável (o de uma personalidade realizada e feliz ou frustrada e insatisfeita) que procura, nos diferentes casos, sobrepôr, compor ou recompor um outro *ethos* preexistente (*ethos* pré-discursivo), configurado com base na imagem social das celebridades. A pesquisa também pretende analisar a interação do público. Projeto com término previsto para 2017. Participantes: Bruno Campanella, Marco Roxo, Maria Eduarda Abreu, Mariella Silva de Oliveira-Costa, Mayka Castellano, Wilson Couto Borges e coordenação de Igor Sacramento. Não há informação sobre financiamento.

- Telejornalismo e saúde: análise da cobertura do Jornal Nacional: projeto investiga as relações entre telejornalismo e saúde, do ponto de vista da pesquisa, da constituição de acervos e do ensino, a partir da análise das coberturas sobre saúde dos programas veiculados entre maio de 2010 a abril 2011. Financiamento edital Fiocruz 2015. Participantes: Eliane Batista Pontes, Kátia Lerner, Marcelo Alves, Tânia Santos, Vanessa Amaral, Vania Quintanilha Borges e coordenação de Izamara Bastos Machado e Janine Miranda Cardoso. Previsão de término da pesquisa em 2017.

- O drama epidêmico midiático no Brasil: um estudo da construção da dengue e H1N1 (2008-2010): proposta é analisar como o jornalismo participa da experiência epidêmica contemporânea no Brasil. Para tanto, coloca sob análise duas epidemias atuais, a dengue e a Influenza A-H1N1, a partir da produção do principal telejornal brasileiro, o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, dois jornais de referência nacional, O Globo e Folha de S. Paulo, dois diários importantes nos estados de Minas Gerais, o Estado de Minas e A Tribuna. Financiamento edital CNPq 2014. Participantes:

Stéphanie Lyanie de Melo e Costa, Adauto Emmerich Oliveira, Aline Guio Cavaca, Catarina Schneider, Iara Bastos Campos, Izamara Bastos Machado, Marcelle Felix, Marcelo Garcia, Michelle Nacif, Wedenclay Alves Santana, com coordenação de Janine Miranda Cardoso. Previsão de término da pesquisa em 2017.

- Os sentidos do câncer: Um estudo sobre sofrimento, mídia e narrativas biográficas: Esse projeto tem como objetivo investigar, à luz dessas questões, como se constroem os sentidos do câncer a partir de três perspectivas distintas: do doente, do especialista e da mídia. Para tal, será feito um trabalho de campo no INCA, seguido de entrevistas de histórias de vidas e semi-estruturadas (com doentes e especialistas, respectivamente). Paralelamente, será realizada uma pesquisa privilegiando duas revistas semanais de grande circulação no país e no estado - Veja e Época - e O Globo, periódico de referência no Rio de Janeiro, entre os anos de 2010 e 2013. Ao conjugar essas esferas de investigação – doentes, médicos e mídia – a pesquisa pretende traçar possíveis aproximações, distinções e interrelações, compreendendo suas complexidades no circuito mais amplo no qual a construção social dos sentidos ocorre. Financiamento CNPq 2013, previsão de término em 2016. Participantes: Ana Cláudia Condeixa, Luiz Marcelo Robalinho Ferraz, Paulo Vaz, Tania Neves, Tatiana Clébicar Leite e Kátia Lerner.

Nesta aba ainda estão listadas as pesquisas:

- Entre o Paradigma Médico e o Criminal: memórias, sentidos e imaginário na construção midiática da doença: pesquisa que objetiva problematizar a atuação da mídia, tomando-a como um agente político que interfere decisivamente no debate público, a partir da compreensão dos sentidos produzidos pela mídia sob o conceito de imaginário. Wilson Couto Borges como coordenador e Guilherme Canedo como membro e sem especificações de datas ou financiamentos.

- Uma Base de Dados para o Observatório Saúde na Mídia: pesquisa com datada de término em 2013, com o objetivo de fortalecer o Observatório Saúde na Mídia criando uma plataforma digital. Teve financiamento da Fiocruz e participação das coordenadoras Izamara Bastos Machado e Kátia Lerner e membros Alice Ferry, Claudio Decaro, Inesita Soares de Araújo, Jorge Luiz Nundes, Luciana Danielle, Mauro Campello, Pamela Liz, Silvia Santos, Simone Encarnação e Wagner Vasconcelos.

Segundo Lerner (2016) atualmente o observatório conta com cinco alunos participantes e o maior benefício que o projeto trouxe a eles foi envolvê-los em discussões metodológicas e teóricas sobre jornalismo e saúde, com aprendizados também sobre clipagem, observatórios de imprensa, construção do *site* oficial e um contato com pesquisa e temas que no percurso regular de formação poderia não ser possível.

Quanto à repercussão do projeto, Lerner (2016) aponta que um primeiro momento a atuação foi junto aos gestores federais, com o Ministério da Saúde. “Na etapa seguinte, a circulação foi mais restrita ao meio acadêmico. Nesse novo momento, com o *site*, buscaremos compartilhar nossos resultados de pesquisa com a sociedade mais ampla de modo a atingir a imprensa e outros setores”. A pesquisadora ainda cita que as análises do Observatório da Saúde na Mídia ainda subsidiaram ações de enfrentamento da epidemia da dengue e pandemia de H1N1 em 2010.

Uma crítica à atuação dos observatórios de imprensa, Lerner (2016) considera que é preciso amadurecer a relação entre produção de conhecimento e intervenção social. “As transformações tecnológicas também vêm reconfigurando as práticas de produção noticiosa e de leitura, o que requer o desenvolvimento de metodologias e reflexões ainda em desenvolvimento. Sendo assim, o estabelecimento de parcerias é imprescindível, assim como a busca por um diálogo interdisciplinar”.

O projeto utiliza o Canal oficial da VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz no *Youtube*¹⁹⁷ para a difusão de conteúdos sobre o Observatório e não foram encontradas outras redes sociais exclusivamente vinculadas ao projeto.

¹⁹⁷ Disponível em: <https://www.Youtube.com/user/VIDEOSAUDEFIO>. Acessado em: 13/06/2016.

2.2.6 Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura

Sediado na Escola de Comunicações e Artes da USP, o Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura (Obcom) se apresenta em seu *site* oficial <http://obcom.nap.usp.br/> como um núcleo interdisciplinar de apoio à pesquisa que se dedica ao estudo da liberdade de expressão e da censura nas artes e nos meios de comunicação. Oficializado em 2012, o Obcom tem como proposta ser um observatório sobre o tema da censura: monitorar casos de restrição à livre expressão na atualidade, reunindo notícias, documentos e publicações.

O projeto começou em 2000, quando foi dado acesso a um arquivo de mais de 6 mil processos de censura prévia ao teatro paulista emitidos entre os anos 1930 e o final dos 1960, reunido pelo professor da Escola de Comunicações e Artes da USP, Miroel Silveira, em 1988. A toda essa coleção foi dedicada anos de pesquisas pela USP e em 2012 a Hemeroteca Digital Miroel Silveira foi instaurada e o Observatório Obcom foi institucionalizado como núcleo de apoio à pesquisa vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da USP.

A partir do *site* do Obcom se tem o acesso à Hemeroteca. Nela o Obcom se propõe a reunir também notícias sobre liberdade de expressão em português, inglês e espanhol publicadas em *sites* informativos e *blogs*. A partir dos textos coletados, os pesquisadores podem mapear as repercussões mundiais de casos de censura e a opinião pública a respeito desses fatos.

Além disso, o Obcom se apresenta com o objetivo de consolidação de uma rede colaborativa entre departamentos e unidades da USP, com pesquisadores de diferentes perfis interessados pelo tema da censura, para tornar possível o compartilhamento de pesquisas, a troca regular de reflexões e a promoção de debates.

O *site* oficial¹⁹⁸ do projeto está estruturado pelas abas: “Conheça o Obcom”, em que é subdividida em espaços que contam a história do grupo, quem foi Miroel Silveira,

¹⁹⁸ Site oficial disponível em: <http://obcom.nap.usp.br/>. Acessado em: 10/06/2016.

a equipe formada¹⁹⁹, os apoios e eventos; a aba “Pesquisa”, em que são dispostas as pesquisas de iniciativa do grupo; a aba “Arquivo Miroel Silveira”, onde há um *link* para acesso a outro *site* dedicado a todo o acervo encontrado e guardado por Miroel; e a aba “Hemeroteca”, em que o observatório reúne notícias sobre liberdade de expressão em português, inglês e espanhol publicadas em *sites* informativos e *blogs*. Ainda há no canto superior direito três *links* a serem acessados: “Publicações”, em que são reunidas as produções científicas do grupo e seus participantes; “Vídeos”, em que estão disponibilizados vídeos com entrevistas feitas pelo grupo; “Contato”, com endereço, *email* e telefone para contactar os participantes do observatório.



FIGURA 13 – Página oficial do Obcom em 2016²⁰⁰

¹⁹⁹ Estão nomeadas como membros da equipe as seguintes pessoas: professora doutora Maria Cristina Castilho Costa como coordenadora geral; pós doutora Mayra Rodrigues Gomes como vice-coordenadora; Comitê científico formado por: Ana Maria dos Santos Cabrera, Bárbara Heller, Claudia de Almeida Mogadouro, Elias Thomé Saliba, Eunice Aparecida de Jesus Prudente; pós-doutorandos Andrea Limberto, Antonio Reis Jr e Walter de Souza Jr; doutora Carla de Araujo Risso; doutorandos Cesar Bargo Perez, Cláudia do Carmo Nonato Lima, Claudia Galhardi e Ivan Paganotti; mestres Caio Túlio Padula Lamas, Denise Ramos Gonçalves, Jacqueline Pithan dos Santos, José Ismar Petrola Jorge Filho e Lis de Freitas Coutinho; mestrandos Daniela Barroso Ferreira Dias, Nara Lya Simões Caetano Cabral e Vinícius Mizumoto Mega; Iniciação científica bolsista Amanda Benedetti, Bruna de Alencar dos Santos, bolsista Carlos Alberto Maffei Filho, Gabriela Garcia Sanches Feola e técnico de informática Gabriel Valença Hernandez Vila. Disponível em: <http://www.obcom.nap.usp.br/equipe.php>. Acessado em: 10/06/2016.

²⁰⁰ Site oficial disponível em: <http://obcom.nap.usp.br/>. Acessado em: 10/06/2016.

O Obcom utiliza como difusoras de conteúdo as redes sociais²⁰¹ *Youtube*, *Facebook* e *Twitter*, todas ativas e com atualizações em 2015. O foco do grupo é divulgar conteúdos sobre censura e também sobre liberdades. O Obcom aponta no *link* “apoio”, que já obteve financiamento em vários projetos e pesquisas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com auxílio financeiro aos eventos científicos por meio do Programa de Apoio a Eventos no País (PAEP) e com bolsas de mestrado e doutorado a alguns pesquisadores do Observatório, assim como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) com bolsas para pesquisas tanto ao arquivo de Miroel Silveira, quanto em projetos, pesquisas e eventos sobre censura e liberdades de expressão. As Pró-Reitorias e Extensão e Pesquisa da USP também são citadas como apoiadoras e financiadoras das iniciativas do Obcom.

A coordenação do projeto é da professora doutora Maria Cristina Castilho Costa, docente do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP. A vice-coordenação fica ao cargo da professora doutora Mayra Rodrigues Gomes, professora titular do Departamento de Jornalismo e Editoração da mesma instituição.

Segundo Costa (2016), o Obcom ainda tem apoio e parceria Sesc e o Instituto Palavra Aberta na realização de eventos. Costa (2016) enumera que mais de 50 acadêmicos de graduação e pós-graduação já participaram do projeto e que o maior benefício que a iniciativa trouxe a eles foi a formação de estudiosos da censura e de seus malefícios ao desenvolvimento da cultura e das artes. À imprensa, a coordenação acredita que a principal repercussão é agendar o tema sobre a censura nos debates dos meios de comunicação e quanto à sociedade, Costa (2016) aponta que o tema da censura e da liberdade de expressão tem se tornado mais importante dia-a-dia. “Quando começamos, muitos achavam estranho falar de censura uma vez que ela havia sido extinta, Aos poucos, todos foram percebendo que a censura não foi extinta e que permanece sob outra roupagem. Isso se deve, em parte, a nosso trabalho”.

²⁰¹ Disponíveis respectivamente em:

<https://www.Youtube.com/channel/UCpFebkDqsHufQiD8SnbHbBw>,

<https://www.Facebook.com/npcc.usp?fref=ts> e https://Twitter.com/obcom_eca. Acessado em: 10/06/2016.

2.2.7 Observatório de Economia e Comunicação

O Observatório de Economia e Comunicação é uma iniciativa acadêmica vinculada à Universidade Federal de Sergipe (UFS), que surgiu em 1994 no Departamento de Economia (DEE) e atualmente é vinculado ao Núcleo de Pós-graduação em Comunicação da UFS. “Desenvolve estudos e pesquisas sobre a dinâmica dos setores da comunicação e culturais como fenômenos econômicos, no contexto do processo de mercantilização da cultura, inerente ao capitalismo e que se acentua com a digitalização geral da produção e distribuição de conteúdos”²⁰².

Sua atuação está vinculada para a economia política e não há no *site* espaço de notícias ou com análises de crítica de mídia frequentes, apenas a projetos de pesquisas. A classificação como observatório secundário se dá pela sua linha de pesquisa Políticas de Comunicação, que inclui os estudos sobre a regulação e a regulamentação dos setores de telecomunicações, radiodifusão, internet e cultura, e outra, de estudos que estão agrupados na perspectiva da Economia Política da Comunicação e da Cultura, com projetos específicos tratando sobre a TV, a internet e a música.

²⁰² Disponível em: <http://obscom.com.br/>. Acessado em: 13/01/2016.



FIGURA 14 – Página oficial do Obscom em 2015²⁰³

O site é composto pelas abas: “Início”, com a página inicial do observatório; “O Observatório”, que explica sobre a iniciativa; “Estrutura”, que dispõe sobre os participantes²⁰⁴ do projeto, sendo dois bolsistas de iniciação científica; “Pesquisa”, em que são listadas as pesquisas em andamento pelo observatório; “Biblioteca Virtual”, que redireciona para as obras já produzidas pelo grupo; “Contato”, em que é disponibilizado um formulário para entrar em contato com o grupo, o endereço e *email* para contato.

As pesquisas em andamento pelo Obscom são:

- Economia Política da Música em Sergipe: trabalho, tecnologia e mercado: pesquisa estuda “de um lado, o avanço do processo de mercantilização da cultura, as especificidades da produção de bens culturais e do chamado trabalho cultural,

²⁰³ Disponível em: <http://obscom.com.br/>. Acessado em: 31/12/2015.

²⁰⁴ Estão listados como participantes até 13/01/2016: profa. dra. Verlane Aragão Santos como coordenadora, prof. dr. César Ricardo Siqueira Bolaño como vice-coordenador, pesquisadores Ana Carolina Westrup Machado, Bruna Távora de Sousa Martins, Demétrio Rodrigues Varjão, Diego Araujo Reis, Paulo Victor Purificação Melo, Rodrigo Braz, Werden Tavares Pinheiro, Edson Ramos de Oliveira Costa, Irla Suellen da Costa Rocha, Joanne Santos Mota, Marcela Prado Mendonça, Antonio Vinicius Oliveira Gonçalves, Talita de Souza Mota, Alisson Bruno da Silva Castro, Allan Jonnes de Souza Araujo, Breno Moura de Abreu Sanches, Phillipe Vasconcelos Mesquita, Raiane de Souza Silva, Alain Herscovici, Cesare Galvan Centro Josué de Castro, Fernando Mattos, Murilo César Ramos, Ruy Sardinha Lopes, Délia Covi Druetta, Francisco Sierra Caballero, Hans-Jurgen Michalski Alemanha, Gabriel Kaplún, Silvia Lago Martínez, Joanne Santos Mota, Diego Araujo Reis, Elizabeth Azevedo Souza, Crislane de Jesus Cesario.

intelectual, criativo, e as taxonomias das indústrias culturais, na perspectiva da Economia Política da Comunicação e da Cultura, e em particular do desenvolvimento da indústria fonográfica; de outro, os impactos da “revolução tecnológica”, representada pelas tecnologias da informação e da comunicação (TIC), em especial a Internet”²⁰⁵.

- As indústrias de conteúdo frente aos desafios da digitalização e da convergência: segundo apresentação no site, o objetivo deste estudo é “sistematizar e atualizar, teórica e empiricamente, as análises que vêm sendo realizadas sobre as mudanças recentes trazidas pelo processo de digitalização sobre a produção de conteúdo nas indústrias culturais e de comunicação no OBSCOM da UFS, através, inclusive, do aprofundamento da cooperação deste com o LAPCOM da UnB, com impactos sobre o campo da comunicação e conexos, em nível nacional e internacional, além de fornecer subsídios para informar o debate em torno da democratização da comunicação e a ação dos gestores das políticas públicas de comunicação e cultura”.

- O conceito de cultura em Celso Furtado: pesquisa pretende “retomar a leitura de Celso Furtado, para além dos limites da análise econômica, explicitando a relevância do seu pensamento original para a caracterização de um conceito de cultura capaz de iluminar a compreensão do processo histórico em sua totalidade e, com isso, afinar e dar coerência aos instrumentos teóricos à disposição da Economia Política da Comunicação e da Cultura, ampliando o seu arsenal disponível para a luta epistemológica”.

- Cadeias Produtivas da Cultura em Sergipe: os casos do audiovisual e do teatro: “Os objetivos deste trabalho constituem-se em avaliar a adequação dos parâmetros adotados na pesquisa sobre a cadeia produtiva da economia da música de Sergipe para o estudo dos setores do audiovisual e do teatro e consolidar uma metodologia própria para cada um desses setores, em consonância ademais com o levantamento e análise das pesquisas exploratórias já realizadas no Brasil”.

O grupo também realizou em 2015 o XIV Seminário OBSCOM/CEPOS, em outubro na Universidade Federal de Sergipe, com trabalhos apresentados em quatro

²⁰⁵ Um site específico para a pesquisa foi estruturado em: <http://obscom.com.br/musica/sobre-a-pesquisa/>. Acessado em: 13/01/2016.

sessões²⁰⁶: “Cinema”, “Televisão”, “Trabalho, representação popular e política” e “Outros mercados” e mantém como rede social para difusão de conteúdos uma página no *Facebook*²⁰⁷ com informações atualizadas em 2015 sobre os eventos que o grupo promove e participa.

Membros do grupo foram contactados para obter mais informações sobre as pesquisas, mas nenhuma resposta foi recebida.

²⁰⁶ Disponível em: <http://obscom.com.br/#xiv-seminario-obscomcepos>. Acessado em: 13/01/2016.

²⁰⁷ Disponível em: <https://www.Facebook.com/Obscom/?fref=ts>. Acessado em: 13/01/2016.

2.2.8 Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino - OPAJE

O Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (Opaje) é uma iniciativa da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Em seu *site* oficial <http://www.uft.edu.br/opaje> o observatório se apresenta como um núcleo de pesquisa e extensão com propostas multi e interdisciplinares, destinado a coordenar e executar atividades de pesquisas, estudos e extensão na confluência em Comunicação e Educação e áreas afins. O observatório foi criado em 2013 e está vinculado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFT e as Pró-Reitorias de Graduação, de Pesquisa e de Extensão e Cultura. Como Núcleo Opaje, o grupo foi institucionalizado em 2014, mesmo ano em que se vinculou à Renoi e se propôs a ampliar as ações para a crítica de mídia e monitoramento de coberturas.

O Observatório também se diz vinculado na Rede Internacional de Pesquisadores sobre Bolonha / International Researchers Network for Bologna (Rebol) que foi criada como instrumento facilitador e promotor de pesquisas, além de produzir, articular e socializar conhecimentos de pesquisadores de diferentes países, objetivando ampliar e aprofundar experiências em pesquisa com foco no Processo de Bolonha, uma sistematização do ensino superior europeu no sentido de construir um espaço europeu de ensino superior globalmente harmonizado. O observatório utiliza a rede social *Facebook*²⁰⁸ para difundir seus conteúdos.

²⁰⁸Disponível em: <https://www.Facebook.com/observatoriouft/?fref=nf>. Acessado em: 14/06/2016.



FIGURA 15 – Página oficial do Opaje 2016²⁰⁹

Na página oficial do grupo estão dispostas as sete principais abas: “Início”, em que estão os *links* com conteúdos Sobre o Opaje, Histórico, Objetivos, Linhas de Atuação, Integrantes, Regimento e Contatos; aba “Pesquisa”, com *links* para as pesquisas em execução e os projetos já concluídos desde 2013; aba “Extensão” também com acesso aos projetos em execução e os de extensão já concluídos; aba “Desenvolvimento”, em que há *link* para a parceria com a Rebol, mas nada consta escrito ao clicar, *link* sobre a Revista Observatório, mas que também não encaminha para a página da revista, o projeto de Incubadora idem, pois na verdade a descrição de cada um desses itens está disposto no *link* sobre os projetos em execução, porém ao clicar nos já concluídos também direciona para uma página em branco; na aba “Ensino” estão listados *links* sobre as orientações em nível de graduação e pós-graduação, mas ao clicar todas as páginas estão em branco; na aba “Parceiros” estão dispostos a Renoi, novamente a Rebol e o Grupo de Pesquisa Democracia, mas ao clicar todas as páginas

²⁰⁹ Imagem disponível em: <http://www.uft.edu.br/opaje> Acessada em: 14/06/2016.

estão em branco; e aba “Arquivos”, onde também não consta nenhum conteúdo ou *link* para acesso ao clicar.

Quanto aos projetos de Pesquisa em execução listados na página oficial estão²¹⁰:

- Implementação do quadro de qualificações europeu na formação e no ensino de Comunicação Social e Jornalismo: estudo das estratégias de aplicação em Portugal: O projeto de pesquisa, tendo como foco os processos de formação e o ensino em Comunicação Social e Jornalismo, tem como objetivos: compreender a dinâmica de transformação ocasionada pelo Quadro de Qualificações Europeu na formação e no ensino em Comunicação Social e Jornalismo em universidades portuguesas; comparar as estratégias de formação acadêmica em Portugal como caso ilustrativo do que ocorre na União Europeia no contexto do Processo de Bolonha, desencadeado desde 1998; estudar a dinâmica interna de universidades portuguesas na consolidação do Quadro de Qualificações Europeu; realizar trabalho documental com a coleta de fontes primárias, que deverão subsidiar estudos e relatórios sobre a temática; e, facilitar a geração de redes de pesquisadores com as universidades portuguesas. Está listado como integrante e coordenador o professor Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

- Formação e ensino em Comunicação Social e Jornalismo na era dos blocos regionais (Brics, CPLP/Palops, Mercosul e União Europeia): Pesquisa estuda os blocos regionais que surgiram a partir dos ideais de polarização econômica, política e militar da então chamada Guerra Fria. Esses blocos regionais evoluíram ampliando seus escopo para marcos mais regulatórios, políticos, de segurança e educacionais. A pesquisa de quatro anos intitulada Formação e ensino em Comunicação Social e Jornalismo na era dos blocos regionais (Brics, CPLP/Palops, Mercosul e União Europeia) tem como objetivo recolher, sistematizar e analisar as práticas de formação e ensino em Comunicação Social e Jornalismo nos blocos regionais, a saber: Brasil, Rússia, Índia, China e à África do Sul (Brics), Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) /Países Africanos de Língua Portuguesa (Palops), União Europeia e Mercado Comum

²¹⁰ Disponível em: <http://ww1.uft.edu.br/index.php/institucional/92-nucleos/14727-observatorio-de-pesquisas-aplicadas-ao-jornalismo-e-ao-ensino-opaje#>. Acessado em: 12/06/2016.

do Sul (Mercosul). Como integrantes estão citados Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior como coordenador e Daniela Barbosa de Oliveira.

- Análise da cooperação entre organizações sociais alemãs e brasileiras para a promoção do ensino em comunidades tradicionais amazônicas: A pesquisa questiona "quais os reflexos do investimento de comunidades alemãs na promoção do ensino no Brasil?" e para se chegar à composição de tese que responda a problemática, estabelece-se como objetivo geral "analisar os reflexos dos investimentos voluntários de organizações sociais alemãs na promoção do ensino no Brasil". Como integrantes estão listados Nelson Russo de Moraes como coordenador e Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior.

- Cultura e diversidade no filme Escolarizando o mundo: Visa analisar como se apresenta a questão da diversidade cultural no filme Escolarizando o mundo. Trata-se de um documentário produzido em parceria americana e indiana, de 2011, dirigido por Carol Back e faz uma crítica ao processo de tentativa de homogeneização cultural levada a cabo pelo Ocidente. Um aluno de graduação está citado como envolvido, mas sem nominá-lo e João Nunes da Silva como coordenador.

Quanto aos projetos de Pesquisa concluídos estão listados na página oficial:

- Ensino de Comunicação Social/Jornalismo na União Europeia: sistematização da produção bibliográfica sobre o Processo de Bolonha e a formação em jornalismo no período de 1998 a 2005: A pesquisa estuda o Processo de Bolonha, que é considerado a maior mudança curricular em âmbito continental, alcançando 49 países-membros da União Europeia. A pesquisa tem como objetivo recolher, sistematizar e comentar a produção bibliográfica sobre o Processo de Bolonha, com foco na formação e na formação em Comunicação Social/Jornalismo. Com integrantes Marina Parreira Barros Bitar, Maria Vitória Galvan Momo, Rogéria Martins Costa, Talita Melz, Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior como coordenador e outros sete alunos de graduação não nominados.

- Ensino de Comunicação Social/Jornalismo na União Europeia: sistematização da produção bibliográfica sobre o Processo de Bolonha e a formação em jornalismo no

período de 2006 a 2015: O projeto "Ensino de Comunicação Social/Jornalismo na União Europeia: sistematização da produção bibliográfica sobre o Processo de Bolonha e a formação em jornalismo no período de 2006 a 2015" é uma continuidade do projeto anterior "Ensino de Comunicação Social/Jornalismo na União Europeia: sistematização da produção bibliográfica sobre o Processo de Bolonha e a formação em jornalismo no período de 1998-2005". A pesquisa também tem como objetivo recolher, sistematizar e comentar a produção bibliográfica sobre o Processo de Bolonha, com foco na formação e na formação em Comunicação Social/Jornalismo. Nenhum integrante é citado pelo *site*.

- Avaliação de ambientes virtuais para o ensino de Comunicação Social/Jornalismo: A presente pesquisa visa avaliar ambientes virtuais (estruturas, processos e resultados) para o ensino de Comunicação Social/Jornalismo, sobretudo os ambientes *moodle* e *Chamilo*. Integrantes nominados são Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior como coordenador, Rodrigo Barbosa e Silva e Abrão de Souza. Outros três alunos de graduação estiveram envolvidos, mas não foram nominados pelo *site* oficial.

- Gênero e diversidade no cinema: uma análise a partir da educação. João Nunes da Silva de coordenador e dois alunos de graduação não nominados.

- A construção e desconstrução de mitos sobre a cultura africana no filme Kiriku e a feiticeira. Sem descrição sobre o projeto. Apenas João Nunes da Silva citado como integrante/coordenador.

Quanto aos projetos classificados como de Extensão, o *site* oficial lista nesta aba os seguintes em execução²¹¹:

- Programa Escola Livre de Jornalismo - 2ª edição: O Programa Escola Livre de Jornalismo' é apresentado pelo site oficial com o objetivo de aproximar a comunidade acadêmica de comunicação social/jornalismo das escolas públicas, com foco no ensino de jornalismo e na prática jornalística, visando a publicização e popularização do que é

²¹¹ Disponível em: <http://ww1.uft.edu.br/index.php/institucional/92-nucleos/14727-observatorio-de-pesquisas-aplicadas-ao-jornalismo-e-ao-ensino-opaje#>. Acessado em: 12/06/2016

desenvolvido por essa área do saber. Por meio de atividades formativas, se pretende criar uma cultura jornalística junto aos alunos das escolas públicas. O programa pretende fortalecer a divulgação científica e a formação na área de jornalismo ao mesmo tempo em que se aproximam docentes, discentes da UFT e estudantes das escolas públicas. Os membros deste projeto são listados: Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior (Coordenador), Daniela Barbosa de Oliveira e João Nunes da Silva.

- Vídeo nas escolas: O projeto tem como objetivo a exibição de vídeos seguido de palestras nas escolas das Redes Estadual e Municipal de Educação. Especificamente visa proporcionar espaços para reflexão a partir de vídeos voltados para as necessidades da escola e da sociedade. O coordenador deste projeto é João Nunes da Silva e está listado que há um aluno de graduação envolvido, mas sem dispor o nome.

- A construção e desconstrução de mitos sobre a cultura africana no filme Kiriku e a feiticeira: Este projeto de pesquisa objetiva oferecer a oportunidade para ampliar a discussão e o conhecimento sobre a cultura africana. Dessa forma, esse estudo se apresenta como a possibilidade de subsidiar novos estudos, principalmente no campo da pedagogia com vistas a desconstruir imagens negativas e incoerentes sobre a cultura africana. Também coordenado por João Nunes da Silva com envolvimento de dois alunos de graduação, sem ter os nomes citados.

- Gênero e diversidade no cinema: uma análise a partir da educação: O projeto gênero e diversidade no cinema visa analisar como se apresenta a questão de gênero e diversidade no cinema e qual suas implicações na perspectiva da pedagogia. São dois alunos de graduação envolvidos e coordenação de João Nunes da Silva.

- Cine Clube UFT Arraias: O Cineclube tem como objetivo a constituição de um circuito alternativo de cinema, exibindo filmes com temáticas pouco abordadas pelos meios comerciais e criar grupos de discussão para esses filmes. O enfoque principal descrito pelo *site* é despertar o espírito idealista e crítico dos participantes, levando em conta o contexto social, cultural e socioeconômico do Estado do Tocantins. Um aluno de graduação envolvido e coordenação de João Nunes da Silva.

- Formação Continuada dos profissionais da Educação - Ciclo de Palestras & Áudio Visual: O projeto objetiva propiciar debates a partir da exibição de curtas nas escolas da rede municipal e estadual de Arraias e entorno. A carência de grande parte da população no que diz respeito ao conhecimento crítico e reflexivo é a justificativa deste projeto focado em palestras e exibição de vídeos nas escolas. Um aluno de graduação envolvido e coordenação de João Nunes da Silva (Coordenador). Participação de Valdimaria Ribeiro Costa.

O único projeto de Extensão listado como concluído foi:

- Programa Escola Livre de Jornalismo - 1ª edição: O 'Programa Escola Livre de Jornalismo' tem como objetivo aproximar a comunidade acadêmica de comunicação social/jornalismo das escolas públicas, com foco no ensino de jornalismo e na prática jornalística, visando a publicização e popularização do que é desenvolvido por essa área do saber. O *site* enumera 24 alunos de graduação envolvidos, mas sem citar nomes. Também foram integrantes José Eduardo de Azevedo Gomes Rodrigues, Judivan Alves Ferreira e Daniela Barbosa de Oliveira, com coordenação de Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior.

Na aba dos projetos de Desenvolvimento estão elencados:

- Revista Observatório: A Revista Observatório é apresentada como uma publicação quadrimestral do Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE) da Universidade Federal do Tocantins (UFT) que tem como missão atuar na promoção da discussão acadêmica e de estudos interdisciplinares avançados no campo da Comunicação, do Jornalismo e da Educação. Possui editores na UFT, UNESP, Universidade do Minho (Portugal), Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique) e Universidade do Cabo (Cabo Verde). São integrantes fixos listados pelo *site* oficial: o coordenador Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior, Cynthia Mara Miranda, Nelson Russo de Moraes e João Nunes da Silva²¹².

- Repositório Digital da Rede Internacional de Pesquisadores sobre Bolonha (Rebol): Desenvolvimento de repositório digital para a Rede Internacional de

²¹² O *link* de acesso da revista está disponível em: <http://revista.uft.edu.br/index.php/observatorio/issue/archive>. Acessado em: 12/06/2016.

Pesquisadores sobre Bolonha (Rebol) visando a divulgação da produção científica sobre o Processo de Bolonha. O repositório é hospedado na Universidade Federal do Tocantins (UFT), junto a Biblioteca Central. Integrantes: Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior (Coordenador), Rodrigo Barbosa e Silva, Daniela Barbosa de Oliveira, Nelson Russo de Moraes e João Nunes da Silva.

- Incubadora de Projetos Pedagógicos e Inovação para Escolas de Ensino Fundamental e Médio: O Projeto Incubadora de Projetos Pedagógicos e Inovação para Escolas de Ensino Fundamental e Médio tem como objetivo aproximar a comunidade acadêmica de cursos da UFT e pesquisadores do Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (Opaje-UFT) das escolas públicas e da comunidade tradicionais, com foco na transferência de expertise, visando a publicização e popularização do que é desenvolvido pela ciência. Além disso, o projeto visa proporcionar o empoderamento de professores e alunos para o acesso e a apropriação comunitária de tecnologias sociais e bens informacionais que os habilitem a desenvolver projetos pedagógicos e de inovação em suas comunidades. Por meio de suporte teórico-prático e acompanhamento, se pretende criar uma cultura da criação e inovação junto aos professores e alunos das escolas públicas. Com esse projeto pretende-se divulgar a formação na área de pesquisa e inovação ao mesmo tempo em que se aproximam docentes, discentes da UFT, estudantes das escolas públicas e membros das comunidades tradicionais. Participantes Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior (Coordenador), Rodrigo Barbosa e Silva, Daniela Barbosa de Oliveira e João Nunes da Silva.

O Opaje é coordenado pelo professor doutor Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior e se destaca por ter um regimento próprio, disponível no *site* que regulamenta a organização e funcionamento do Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo. No regimento estão dispostos os objetivos do Núcleo, a estrutura organizacional, as eleições para coordenação, entre outros.

Outro destaque deste observatório é o lançamento da Revista Observatório²¹³, um periódico quadrimestral que tem como foco “a discussão acadêmica e em estudos interdisciplinares avançados no campo da Comunicação, do Jornalismo e da Educação”.

²¹³ Site específico para a Revista disponível em: <http://revista.uft.edu.br/index.php/observatorio>. Acessado em: 14/06/2016.

A revista diz possuir editores no Brasil, Cabo Verde, Moçambique e Portugal e recebe, em fluxo contínuo, textos em português, espanhol e inglês para as seções artigos, dossiê temático, ensaios, entrevista, resenha e temas livres.

Pôrto (2016) explica que o Opaje tem um planejamento de atuação em três linhas de trabalho que é a constituição de espaços formativos, o processo de internacionalização e parcerias e a publicação de resultados. Os membros se encontram em reuniões *online*, visto que há parceiros de outras universidades fora de Tocantins e há reuniões presenciais entre uma ou duas por semestre.

O coordenador contabiliza que desde a criação do projeto em 2013, o Observatório já contou com 71 estudantes participantes, sendo que 58 ainda estão vinculados (cinco de Mestrado, sendo uma bolsista, 31 de Especializações, seis de Iniciação Científica, sendo três bolsistas e 16 de outros projetos) e que os maiores benefícios aos envolvidos são o conhecimento e a formação. O Opaje utiliza a infraestrutura da universidade para auxiliar em sua atuação²¹⁴.

Quanto a um possível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do projeto, Pôrto (2016) explica que foi possível barrar emenda supostamente ilegal, com acionamento dos órgãos competentes e também alertando a imprensa. Também desenvolveram a ação “seguir a emenda”, desde a aprovação até a aplicação dos recursos como forma de controle social e a parceria com a Especialização em Ensino de Comunicação que é direcionada a jornalistas locais, melhorando a atuação dos mesmos. Quanto a um *feedback* da sociedade, Pôrto (2016) destaca a atividade de extensão do Núcleo chamada Programa Escola Livre, com o objetivo de popularizar o Jornalismo em escolas públicas e que já realizou 25 oficinas de diversos temas em três cidades de Tocantins.

Na visão da participante do Opaje Alessandra Bacelar (2016), o projeto já propiciou aos participantes “um cuidado em produzir notícias” e que a atuação dos observatórios acadêmicos pode promover a união de pessoas por “uma nova visão sobre a profissão” e assim possibilita “a construção de um profissional mais consciente do seu papel (...) e uma responsabilidade social muito grande para quem dele participa”.

²¹⁴ Dado concedido pelo coordenador via *email* no dia 28 de junho de 2016.

Para o também acadêmico participante do Opaje, Alecsandre Alves Oliveira (2016), o envolvimento com o projeto de observatório propiciou um “amadurecimento intelectual, na produção acadêmica, profissional (como jornalista e gestor público) e político”. Oliveira (2016) também considera que os observatórios podem contribuir com a sociedade, desde que tenham autonomia para isso. Ele ainda explica que o Opaje obteve repercussão em pautas na mídia local, como quando demonstrou que R\$ 1 milhão em recursos de emenda parlamentar foi destinado a instituição que não demonstrou capacidade técnica para execução de projeto com tamanho aporte.

2.3 Observatórios inativos

2.3.1 Agência Unama

A Agência Unama era um observatório de imprensa acadêmico voltado para a análise da mídia com foco nos direitos da infância e da adolescência, criado pela Universidade da Amazônia (Unama), em Belém (PA), desde 2004. Em um primeiro acesso em 15 de janeiro de 2015 o *site* estava sem atualização de notícias desde o ano de 2013. Último acesso em 21 de outubro de 2015 o *site* está fora do ar. Não foram obtidas respostas aos contatos feitos com ex-participantes para saber o motivo de o projeto estar inativo.



FIGURA 16 – Site oficial Agência Unama em janeiro de 2015²¹⁵

²¹⁵ Disponível em: <http://www.agencia.unama.br>. Acessado em: 15/01/2015.

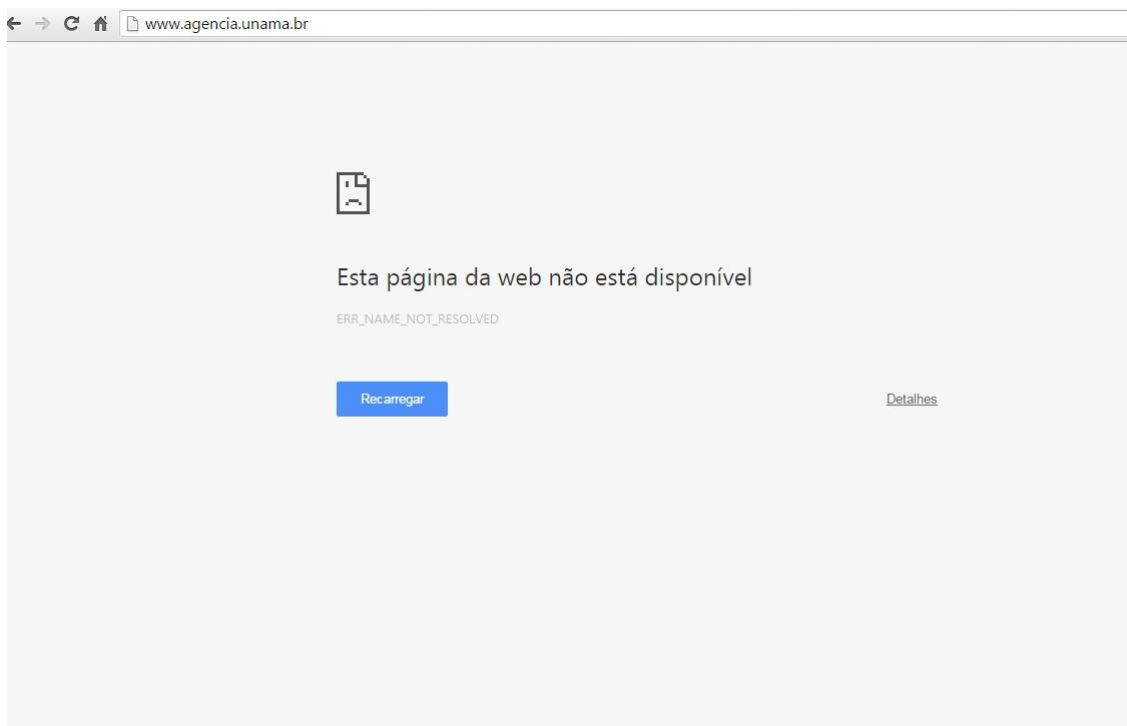


FIGURA 17 – Página oficial da Agência Unama em outubro de 2015²¹⁶

A Agência foi criada em agosto de 2004, pelo Curso de Comunicação Social e pela Superintendência de Extensão da Universidade da Amazônia (Unama). Segundo Cal e Almeida (2011) a Agência contava com o apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e da Fundação Instituto para o Desenvolvimento da Amazônia (Fidesa). O principal objetivo da iniciativa segundo os autores era qualificar o debate público sobre a temática da criança e do adolescente de forma a estimular a promoção dos direitos dos mesmos. Para tanto, a atuação era dividida em três eixos:

(1) Observatório da imprensa paraense, conhecer como os principais jornais do estado abordam o assunto para propor melhorias na cobertura e também para manter informadas organizações não governamentais e governamentais que atuam na área; (2) Produção de insumos à atividade jornalística, como sugestões de pauta, indicação de fontes e orientações para qualificar as matérias, e elaboração, pela própria Agência, de reportagens sobre a situação de crianças e adolescentes e seus direitos; (3) Capacitação de jovens comunicadores ainda no ambiente universitário e atualização de profissionais da mídia sobre infância, adolescência e direitos humanos (CAL E ALMEIDA, p. 3, 2011).

²¹⁶ Disponível em: <http://www.agencia.unama.br>. Acessado em: 21/10/2015.

Cal e Almeida (2011) relataram que de 2004 a 2011 mais de 90 alunos participaram da iniciativa e ainda destacaram que o projeto deve ser considerado como uma oportunidade de aproximação com a carreira de jornalista e de publicitário e, ao mesmo tempo, com uma atuação que envolveu questões sociais e de direitos humanos.

2.3.2 Mídia & Política

Observatório Mídia & Política foi criado pelo grupo de pesquisa Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política (Nemp-Ceam) da Universidade de Brasília (UnB), em 2005. Foi desativado em 2009, retornou por um ano e foi novamente desativado em 2010, após três ataques hackers²¹⁷. A edição geral era de Luiz Gonzaga Motta e edição executiva de Thaís de Mendonça.



FIGURA 18 – Página oficial do Mídia & Política em 2015²¹⁸

²¹⁷ Essa informação está disponível em entrevista em: KINTSCHNER, Fernanda. Observatórios de Imprensa: a importância do monitoramento de mídia em Campo Grande – MS. Campo Grande, UFMS, 2010.

²¹⁸ Disponível em: www.midiaepolitica.unb.br. Acessado em: 21/08/2015.



FIGURA 19 – Página recuperada do Mídia & Política em 2006²¹⁹

Motta (2010) define que o observatório tinha como foco a “divulgação de notícias, análises e críticas sobre a cobertura política na mídia brasileira”. Segundo Motta (2010) o observatório usava a estrutura e pessoal do Nemp e realizava seminários, encontros e pesquisas sobre a cobertura dos processos eleitorais nos anos em que se realizam eleições no Brasil.

O Mídia & Política permitia a liberdade de análise e de expressão aos seus colaboradores. “Recomendava-se observar nas análises quatro princípios: 1) utilização de pluralidade de fontes e de pontos de vista; 2) conceitualização e contextualização das coberturas; 3) medição do grau de espetacularização das coberturas; 4) recomendações para a pluralidade e contextualização das coberturas (ser propositivo)”, (MOTTA,

²¹⁹ Imagem de página recuperada a partir do site www.archive.org/web. Acessado em: 14/02/2016.

2010). De acordo com o autor, as análises eram publicadas mensalmente e focadas nas coberturas de política da imprensa nacional, o acesso ao *site* do projeto era de âmbito internacional e havia apenas um bolsista pago pela UnB.

Atualmente, o grupo de pesquisa Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política (Nemp-Ceam) ainda está ativo e o Observatório Mídia & Política é apresentado como um projeto do grupo em formato de revista trimestral²²⁰. Porém, não há *link* disponibilizado para acesso à revista, apenas há uma chamada de artigos de 2014. A coordenação do Nemp-Ceam em 2015 é da professora doutora Liziane Guazina. Por *email* em 18 de janeiro de 2016, à autora desta pesquisa, Guazina respondeu que “o Observatório do NEMP está sob reformulação, pois estamos repensando o formato, diretrizes editoriais e periodicidade” e não respondeu em qual *link* poderia ter acesso à revista que teve a chamada de artigos em 2014.



FIGURA 20 – Página oficial da Revista Observatório Mídia & Política em 2015²²¹

²²⁰ Disponível em: http://ceam.unb.br/nemp/?page_id=35. Acessado em: 12/01/2016.

²²¹ Disponível em: http://ceam.unb.br/nemp/?page_id=35. Acessado em: 31/12/2015.

O Nemp ainda utiliza as redes sociais²²² *Facebook* (atualizada em 2015) e *Twitter* (desatualizado desde 2012) para divulgar seu grupo, mas não há plataformas específicas para o observatório acadêmico em formato revista, como anunciado pelo Nemp-Ceam.

²²² Disponíveis em: <https://www.Facebook.com/nempceamunb> e <https://Twitter.com/midiaepol..>
Acessados em: 21/08/2015.

2.3.3 Monitor de Mídia

Grupo de pesquisa da Universidade do Vale do Itajaí (Univali) existente desde 2001 que analisa criticamente os produtos midiáticos em Santa Catarina e no Brasil. O site oficial²²³ está desatualizado desde 25 de outubro de 2010. A página é do tipo *blog*, formada apenas por duas abas “Home”, em que é disponibilizada a página inicial e o “Quem Somos”. Nesta aba, o grupo afirma que “seu objetivo é se dedicar à produção de conhecimento por meio da pesquisa científica” e que havia uma Revista Eletrônica em www.univali.br/monitor, que está indisponível²²⁴.

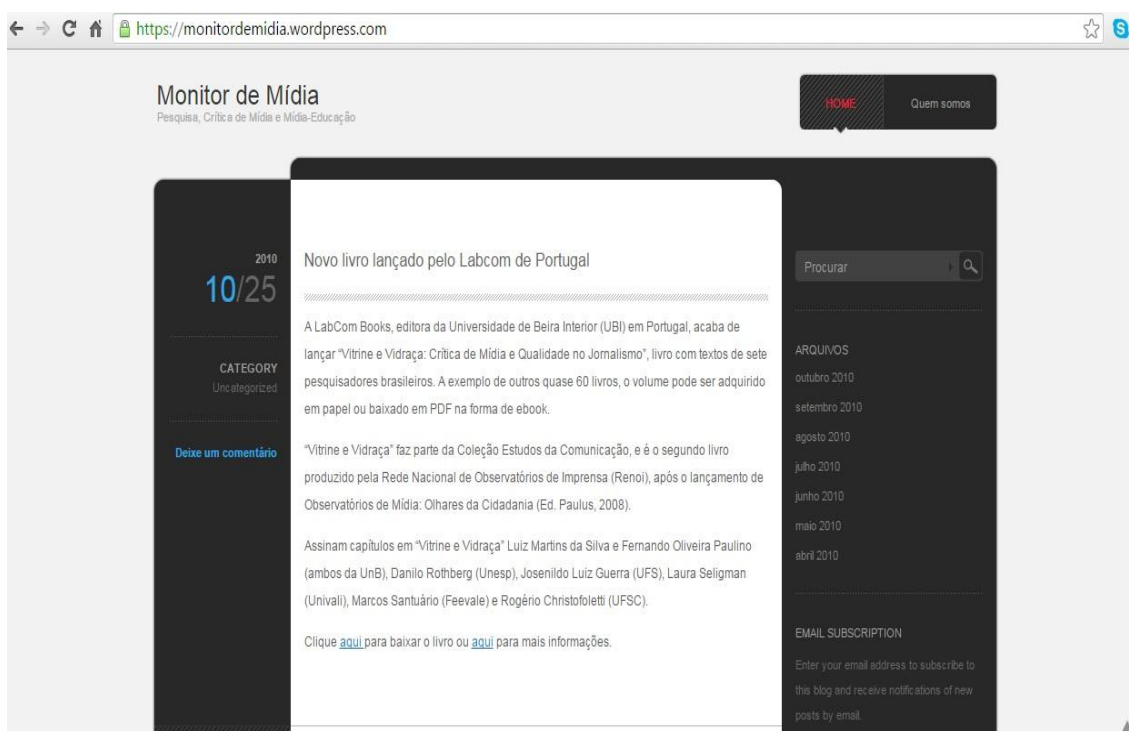


FIGURA 21 – Página oficial do Monitor de Mídia em 2015²²⁵

Na aba “Quem Somos” ainda está listada a equipe formada por Laura Seligman, Valquiria Michela John, Robson Souza, Silvia Mendes, Taísa Szabatura, Tamara

²²³ Disponível em: <https://monitordemidia.wordpress.com>. Acessado em: 21/08/2015.

²²⁴ Disponível em: <https://monitordemidia.wordpress.com>. Acessado em: 21/08/2015. Disponível em: www.univali.br/monitor. Acessado em: 21/08/2015

²²⁵ Disponível em: <https://monitordemidia.wordpress.com>. Acessado em: 21/08/2015.

Belizario. No *site* há produção de críticas de mídia de abril a outubro de 2010, que não serão analisadas, visto que o recorte para este estudo são as análises das produções feitas em 2015, pelos observatórios considerados ativos.

O Monitor de Mídia ainda mantém sua página no *Facebook*²²⁶ atualizada e se apresenta como um grupo de pesquisa focado no tema infância e consumo nas telas, mas não há em 2015 postagens de observações críticas do grupo, apenas a replicação de pesquisas científicas, chamadas para artigos e eventos e notícias relacionadas aos interesses do grupo e, portanto, o observatório foi considerado inativo.

Foi feito contato com ex-participantes do grupo e também pela página da rede social, mas não foram obtidas respostas sobre porque o projeto está inativo.

²²⁶ Disponível em: <https://www.Facebook.com/gp.monitordemidia/?fref=nf>. Acessado em: 12/01/2016.

2.3.4 Observando Parintins

O observatório Observando Parintins foi criado em 2010, pelo Laboratório de Crítica de Mídia do Amazonas (Lacrima), do *campus* da Universidade Federal do Amazonas, em Parintins (AM). No *site* do projeto, o observatório se apresenta como espaço que “atua no sentido de compartilhar com a população do município os fundamentos que permitem enxergar os meios de comunicação de uma forma mais ativa, proporcionando uma leitura negociada e crítica da mídia”²²⁷.

Ao lado direito do *site* é possível observar que o *blog* ganhou por dois anos consecutivos (2011 e 2012) o prêmio *Blog* vencedor do Expocom Norte, realizado pelo Intercom-Norte. Nenhuma postagem foi feita no *blog* durante 2015.



FIGURA 22 – Página oficial do Observando Parintins em 2015²²⁸

A equipe²²⁹ coordenada pelo professor doutor Rafael Bellan Rodrigues de Souza publicava as análises críticas no *blog* mensalmente. O professor confirma que o projeto

²²⁷ Disponível em: <http://observandoparintins.blogspot.com.br/p/laboratorio-de-critica-da-midia.html>. Acessado em: 21/08/2015.

²²⁸ Disponível em: <http://observandoparintins.blogspot.com.br/>. Acessado em: 21/08/2015.

do Observatório durou três anos com periódicos ensaios críticos produzidos por alunos. Seu envolvimento em outras atividades docentes o impediram de voltar a coordenar o laboratório que encerrou as ações em 2013 e mantinha dois bolsistas²³⁰.

O observatório utilizava a página do *Facebook*²³¹ do *Lacrima* para difusão de conteúdo, mas ela está desatualizada desde 2013.

²²⁹ Também participavam do projeto os alunos Hanne Cristhine Assimen, Gustavo Saunier, Yasmin Gatto Cardoso, Daniel Alexandro Pacheco Sicsú, Tuanny da Glória Dutra, Tiago Barbosa, Kethleen Rabêl e Kamila Mendonça de Souza. Informação disponível em: <http://observandoparintins.blogspot.com.br/p/equipe.html>. Acessado em: 21/08/2015.

²³⁰ As respostas foram obtidas por *email* a esta dissertação em 22 de outubro de 2015.

²³¹ Disponível em: <https://www.Facebook.com/lacrima.ufam>. Acessado em: 21/08/2015.

2.3.5 Observatório Brasileiro de Mídia

Criado em 2004 na Universidade de São Paulo (USP), a iniciativa surgiu a partir do Fórum Social Mundial de 2001, realizado em Porto Alegre (RS), com a associação do Media Watch Global, o *site* se tornou um projeto para vigilância dos meios de comunicação. O *site* está fora do ar. Não foi possível precisar desde quando e não foi possível obter contato com ex-participantes²³².

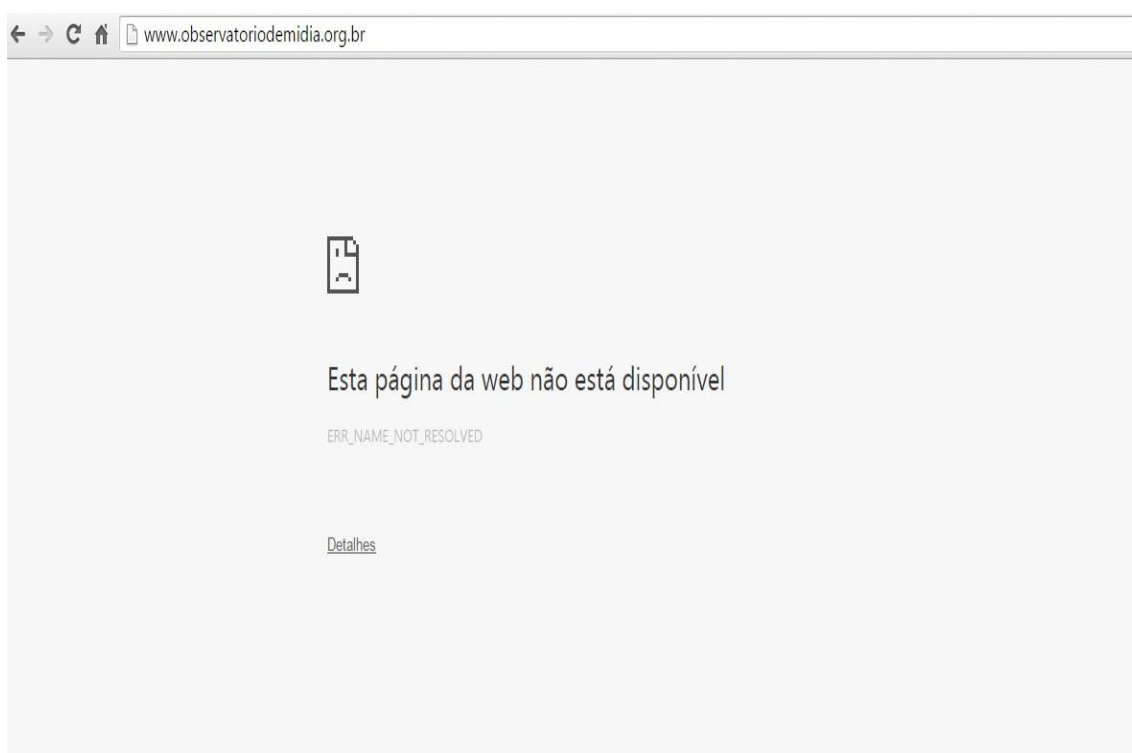


FIGURA 23 – Página oficial do Observatório Brasileiro de Mídia em 2015²³³

²³² Disponível em: <http://www.observatoriodemidia.org.br>. Acessado em: 21/08/2015. Confira a notícia da Agência Usp do lançamento em 22/09/2004 disponível em: <http://www.usp.br/agen/bols/extras/2004/extra064.htm>. Acessado em: 12/01/2016.

²³³ Disponível em: <http://www.observatoriodemidia.org.br>. Acessado em: 21/08/2015.



FIGURA 24 – Página oficial do Observatório Brasileiro de Mídia em 2006

Não foi possível encontrar o arquivo de notícias postadas pelo Observatório Brasileiro de Mídia, mas um de seus trabalhos veiculados que ainda está disponível na internet foi a parceria com o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), que observou como os jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo e as revistas Veja, Época e Isto É noticiaram a agenda da promoção da igualdade racial e das políticas de ação afirmativa²³⁴.

Não foram encontradas redes sociais vinculadas a este observatório ou ex-membros que pudessem conceder entrevista sobre quais motivos levaram a iniciativa chegou ao fim.

²³⁴ Disponível em: http://www.smbc.org.br/Interag/temp_img/%7BF7226839-7ED8-4524-ACD3-27A84853504A%7D_relatorio%20observatorio%20de%20midia.pdf. Acessado em: 12/01/2015. Foram observadas matérias que trataram de aspectos ligados a cultura e as religiões de matriz africana. A observação analisou 972 matérias dos três jornais e 121 das revistas publicadas entre os dias 1º de janeiro de 2001 e 31 de dezembro de 2008. A equipe que assina essa observação foi Kjeld Jakobsen, Bernardo Kucinski, Alexandre Souza, Marcus Vinícius Costa, Rafael Machado Simões, Aluísio Barbosa Nunes de Sousa, Wagner Moraes, Gabriela Veloso, Jéssica Santos de Souza, Jucelino Alves Avelino e Maitê de Oliveira Freitas.

2.3.6 Observatório de Mídia

O Observatório de Mídia foi constituído como um núcleo de pesquisa formado por professores dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Faculdade Pitágoras, em Divinópolis (MG), com objetivo de “fomentar o debate sobre a mídia e suas interações sociais, especialmente no Centro-oeste de Minas Gerais”. O observatório tem um *site* em formato de *blog*, que está desatualizado desde 2013²³⁵.

O projeto tinha como participantes elencados no expediente do *blog*: Francisco Resende, Mivla Rios, Silvana Maria de Sousa, Bernardo Rodrigues, Laura Aguiar, Leonardo Rodrigues, Mateus Dias e Ricardo Nogueira.



FIGURA 25 – Página oficial do Observatório de Mídia em 2015²³⁶

O observatório também mantém conta no *Twitter*²³⁷, que está desatualizada desde 2012 e ao lado direito do *site* afirma estar presente em artigos semanais do Observatório no jornal Gazeta do Oeste e no portal G37, além de manterem o programa “Observatório no rádio”, todas as quartas-feiras, às 8h15, na Rádio Divinópolis AM.

²³⁵ Disponível em: <http://observatoriodemidia.blogspot.com.br/>. Acessado em: 21/08/2015.

²³⁶ Disponível em: <http://observatoriodemidia.blogspot.com.br/>. Acessado em: 21/08/2015.

²³⁷ Disponível em: <https://Twitter.com/obsmdia>. Acessado em: 13/01/2016.

Há postagens no *blog* de 2010 a 2013, sendo a primeira com o título “Quem somos”²³⁸, em que explica que o observatório é composto por professores e alunos da Faculdade de Pitágoras que propõe “um núcleo de estudos e análises que tem como missão promover e desenvolver, numa perspectiva multidisciplinar, os estudos sobre as mídias em geral, favorecendo a interação do Jornalismo, da Publicidade e da Propaganda com o mercado de trabalho e com as relações sociais como um todo”.

Na postagem o grupo ainda explica a carência de pesquisas sobre o assunto e o objetivo de fomentar “o intenso debate e disseminação de produções intelectuais, em várias esferas sociais, em relação ao caráter cultural e simbólico da mídia e, obviamente, de suas principais ferramentas (jornais, rádio, televisão, peças publicitárias, cinema, teatro, literatura, edição, criação e Internet) e sua influência no cotidiano da sociedade moderna”.

Na segunda postagem do *blog*²³⁹, o grupo define que dentre seus objetivos e ações estão a observação crítica midiática e Observatório na Escola, que seria uma “serie de ações que visam o debate com alunos do segundo grau [...] contribuindo para o aperfeiçoamento da democracia, provendo e difundindo a liberdade de expressão e pensamento, assim como o livre exercício da comunicação”. O grupo ainda esclarece que foram firmadas parcerias com a rádio e *sites* para a difusão de conteúdo e que também produzia programa pela TV Pitágoras e distribuía para emissoras regionais.

Não foi possível obter respostas de ex-participantes do projeto para registrar o porquê da inatividade desse observatório de imprensa acadêmico desde 2013.

²³⁸ Matéria postada em em 10 de fevereiro de 2010, sem assinatura de autoria. Disponível em: <http://observatoriodemidia.blogspot.com.br/2010/06/quem-somos.html>. Acessado em: 13/01/2016.

²³⁹ Postagem chamada Objetivos e Ações, sem assinatura de autoria, publicada em 14 de fevereiro de 2010. Disponível em: <http://observatoriodemidia.blogspot.com.br/2010/06/objetivos-e-acoes.html>. Acessado em: 13/01/2016.

2.3.7 Observe

O observatório de imprensa vinculado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), chamado Observe, é um projeto de extensão, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (Preae/UFMS), idealizado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso “Observatórios de Imprensa: a importância do monitoramento de mídia em Campo Grande – MS”, de Fernanda Kintschner Lopes, apresentado no Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, em 2010, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação do professor doutor Gerson Luiz Martins.

A pesquisa monográfica que deu origem ao Observe constatou após aplicação de questionários com 100 leitores especializados (jornalistas, estudantes e professores de Jornalismo) em Campo Grande, que “68% do total de entrevistados conhecem o que é o trabalho de monitoramento de mídia”, (KINTSCHNER LOPES, 2010, p.63). Dentre os entrevistados que responderam conhecer o trabalho de monitoramento de mídia, 72% afirmaram ler ao menos um portal de crítica de mídia, mesmo que raramente, e 100% dos entrevistados desconheciam quaisquer práticas de monitoramento de imprensa em Campo Grande (KINTSCHNER LOPES, 2010). “Portanto um portal de monitoramento da mídia de Campo Grande, em que 100% dos entrevistados concordam com sua implantação, terá uma audiência significativa, tendo em vista o interesse dos leitores especializados confirmado pela pesquisa” (KINTSCHNER LOPES, 2010, p.65).

Assim, a página do Observe (www.observe.ufms.br) foi criada em novembro de 2010, junto ao trabalho monográfico, em parceria com o Laboratório de Engenharia e Software da UFMS (Ledes), coordenado em 2010 pelo então professor Camilo Carromeu, do Curso de Ciências da Computação da UFMS, que disponibilizou o portal sem custos e auxílio técnico do acadêmico de Ciências da Computação da UFMS em 2010, Rodrigo Sanches Devigo.

Com a página pronta, a pesquisa de monográfica sobre o Observe foi base para o projeto submetido pelo professor doutor Gerson Luiz Martins ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que foi aprovado na faixa C do Edital Universal, MCT/CNPq nº 014/2010, publicado em 29 de outubro de 2010, na área de Artes, Ciências da Informação e Comunicação, que contemplou o Curso de

Jornalismo da UFMS com a quantia de R\$ 50 mil em equipamentos eletrônicos para a criação do laboratório Observe.

O recurso do Governo Federal foi usado para a compra de 20 *notebooks*, um computador central, uma impressora, um modem e um roteador, além de materiais de consumo diário. Com a página pronta para o uso desde novembro de 2010 e equipamentos comprados, o Observe como projeto de extensão entrou em funcionamento apenas em março de 2014, com atuação de agosto de 2014 a junho de 2015²⁴⁰.

O lapso temporal foi o período necessário para os trâmites licitatórios da universidade para a aquisição de mobiliário e infraestrutura para equipar o laboratório com itens não contemplados pelo edital do CNPq, como as mesas, cadeiras e a parte elétrica.

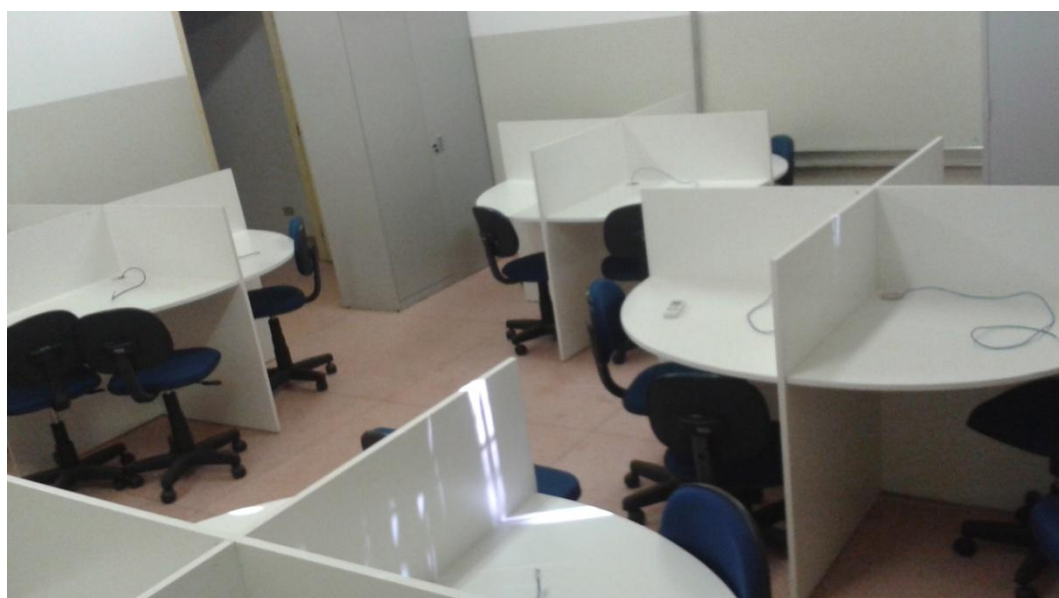


FIGURA 26 – Estrutura do projeto Observe²⁴¹

²⁴⁰ O acompanhamento dos encontros semanais foi feito pela autora desta dissertação, como jornalista responsável pelo projeto durante este período de um ano.

²⁴¹ Foto Fernanda Kintschner. O Laboratório está estruturado nas dependências do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFMS.



FIGURA 27 – Laboratório Observe²⁴²

A internet com o uso da página do Observe (www.observe.ufms.br) foi o suporte escolhido pelo observatório como plataforma de trabalho por permitir a veiculação do maior número de avaliações críticas, sem os limites de espaço como em um material impresso ou tempo cronometrado em TV.

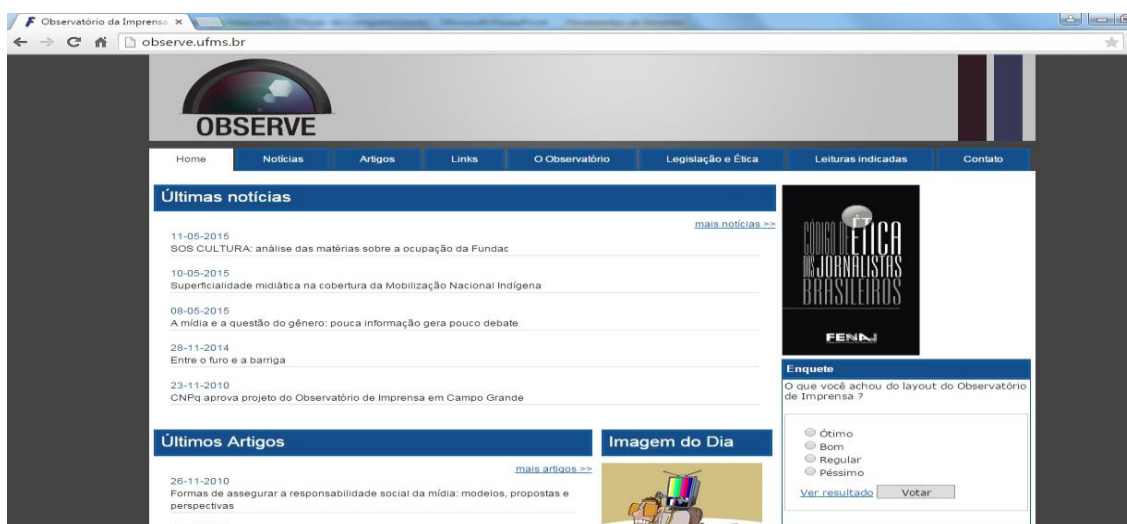


FIGURA 28 – Página oficial do Observe em 2015²⁴³

O site foi estruturado a partir das seguintes abas para atender as demandas e necessidades do projeto: “*Home*”, em que ficam expostas as últimas notícias e artigos

²⁴² Foto cedida gratuitamente por Gerson Luiz Martins.

²⁴³ Disponível em: www.observe.ufms.br. Acessado em: 31/12/2015.

publicados no *site*. A imagem do dia e a enquete são disponibilizadas de forma rotativa; “Notícias”, aba em que são dispostas todas as notícias, análises críticas e textos publicados na página; “Artigos”, espaço destinado aos artigos científicos sobre monitoramento de mídia e observatórios de imprensa, escritos pelos membros do Observe ou não; “Links” espaço para *links* de outros *sites* de observatórios, monitoramento de mídia ou de interesse jornalístico; “O Observatório”, espaço em que estão contidas as informações sobre a criação do portal; “Legislação e Ética”, em que os internautas têm acesso a *links* de legislação e ética do jornalista; “Leituras indicadas”, quanto aos livros e leitura em geral, sobre jornalismo; e “Contato”, para entrar em contato com o Observe, seja para denunciar abusos da imprensa, seja para sugestionar ou criticar a atuação do portal, enfim, contatos gerais com os atuantes do *site* para a promoção da interação com o leitor.

- As postagens de 2015 do Observe foram cinco críticas de mídia:

- 08 de Maio de 2015: “A mídia e a questão do gênero: pouca informação gera pouco debate”²⁴⁴ – análise sobre as coberturas sobre o Dia Internacional da Mulher. Os *sites* Campo Grande News e MS Notícias e o jornal impresso Correio do Estado são criticados pela falta de dedicação ao tema e críticas positivas às coberturas do *site* Capital News e os dos telejornais MSTV e MSRecord, que fizeram divulgações plurais e completas, na visão da autora.

- 10 de Maio de 2015: “Superficialidade midiática na cobertura da Mobilização Nacional Indígena”²⁴⁵ – autora critica a imprensa local de forma geral sobre não ter dado destaque para a Mobilização Nacional Indígena, em abril de 2015 e cita exemplos de coberturas superficiais os *sites* Campo Grande News, Midiamax e o jornal impresso O Estado de MS.

- 11 de Maio de 2015: “SOS CULTURA: análise das matérias sobre a ocupação da Fundac”²⁴⁶ – texto critica cobertura dos jornais impressos O Estado de MS e Correio do Estado e *sites* Campo Grande News, MS Notícias e G1MS sobre a ocupação de artistas na Fundação Municipal de Cultura, além de apontar muitas divergências em dados apresentados pelos veículos.

²⁴⁴ Disponível em: <http://observe.ufms.br/?section=news&itemId=236>. Acessado em 16/09/2015.

²⁴⁵ Disponível em: <http://observe.ufms.br/?section=news&itemId=238>. Acessado em 16/09/2015.

²⁴⁶ Disponível em: <http://observe.ufms.br/?section=news&itemId=237>. Acessado em 16/09/2015.

- 12 de Junho de 2015: “A repercussão do caso Olarte no Fantástico”²⁴⁷ – texto analisa a repercussão na mídia campo-grandense da matéria veiculada pelo programa da Rede Globo, Fantástico, sobre o ex-prefeito de Campo Grande, Gilmar Olarte de, supostamente, repassar cheques em branco recebidos de seus próprios eleitores para agiotas. Texto critica cobertura dos telejornais da filiada local da Globo, MSTV 1ª Edição e Bom Dia MS e elogia a cobertura dos *sites* Capital News, O Estado *Online*, MS Notícias, Midiamax e Topmídia News.

- 28 de Julho de 2015: “E qual é a verdade, afinal?”²⁴⁸ – texto compara as coberturas dos telejornais MSTV 1ª Edição, Bom Dia MS, *sites* G1 MS, Campo Grande News, Midiamax, O Estado *Online* e dos impressos O Estado MS e Correio do Estado sobre três dias de reportagens sobre a prisão de nove cuidadores de carro, mais conhecidos como flanelinhas, na Avenida Afonso Pena, em Campo Grande. Nenhuma matéria é considerada completa o suficiente, em todas a autora apresenta pontos falhos.

Os veículos mais criticados pelo Observe foram: o *site* Campo Grande News e os jornais impressos Correio do Estado e O Estado MS. O mais elogiado é o *site* Capital News. Todas as observações se deram a veículos sul-mato-grossenses.

O projeto Observe começou suas atividades no segundo semestre de 2014, com encontros semanais, todas as quintas-feiras pela manhã, orientadas pela jornalista Fernanda Kintschner, sob a supervisão do coordenador do projeto, professor doutor Gerson Luiz Martins.

Acadêmicos de todos os semestres foram convidados a participar, via *email*, redes sociais e apresentação sobre o projeto em salas de aula. Não foi imposta restrição de nível acadêmico e todos foram informados sobre a inexistência de bolsas de extensão ou quaisquer outros recursos para subsidiar a participação. De imediato foi observado a procura e interesse dos acadêmicos dos dois primeiros anos da graduação. O desconhecimento sobre crítica de mídia era notório e principal motivo pelo qual afirmaram buscar o projeto.

Para diminuir o desnível de conhecimento quanto ao tema observatórios de imprensa entre os alunos interessados foram definidos pela jornalista e orientador seis encontros iniciais com o grupo para o debate e discussão em sala de aula sobre crítica de

²⁴⁷ Disponível em: <http://observe.ufms.br/?section=news&itemId=239>. Acessado em 16/09/2015.

²⁴⁸ Disponível em: <http://observe.ufms.br/?section=news&itemId=240>. Acessado em 16/09/2015.

mídia para embasamento teórico. As leituras relacionadas foram feitas para esses encontros nos meses de agosto e setembro de 2014:

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Ver, olhar, observar. In: CHRISTOFOLETTI, R.; MOTTA, L.G. (Orgs). Observatórios de mídia: olhares da cidadania. São Paulo: Paulus, 2008;

SILVA, Luiz M.; PAULINO, Fernando O. “Por que os observatórios não observam “boas práticas”?. In: CHRISTOFOLETTI, R.; MOTTA, L.G. Observatórios de mídia: olhares da cidadania. São Paulo: Paulus, 2008;

CHRISTOFOLETTI, Rogério e DAMAS, Susana H. Fiscalizar e alfabetizar: dois papéis dos observatórios de meios latino-americanos. Em Questão, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 149-169, 2006;

LOURES, Angêla da C. C. Pequena história da crítica de mídia no Brasil. In: CHRISTOFOLETTI, R.; MOTTA, L.G. Observatórios de mídia: olhares da cidadania. São Paulo: Paulus, 2008;

COSTA, Caio Túlio. Falso Moralismo. In: O Relógio de Pascal: a experiência do primeiro ombudsman da imprensa brasileira. São Paulo: Siciliano, 1991;

PAULINO, Fernando e SILVA, Luiz Martins da. Formas de Assegurar a Responsabilidade Social da Mídia: modelos, propostas e perspectivas. Intercom 2005, Rio de Janeiro, UERJ.

Ao término das leituras obrigatórias, para nivelar o conhecimento entre os participantes, os alunos entenderam que além de criticar construtivamente, as análises de mídia também têm por objetivo apontar as práticas de qualidade, como forma de colaborar com a formação acadêmica e incentivar a mídia local a produzir reportagens mais completas.

Durante o processo de leituras e debates no laboratório, todos os membros²⁴⁹ do projeto também participaram do Seminário dos Pesquisadores da Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (Renoí) realizado no dia 28 de agosto de 2014, no 5º

²⁴⁹ Os acadêmicos que participaram do projeto em 2014 foram: Joaquim Lucas Riquelme, Larissa Moreti, Cinthia Miguéis, Luana Rodrigues, Vivian Campos, Larissa Ferreira, Milena Garcete e Thayna Oliveira.

Simpósio Internacional de Ciberjornalismo, que aconteceu na UFMS, campus de Campo Grande. Neste encontro foi possível debater com pesquisadores²⁵⁰ da Renoi sobre a atuação dos observatórios de imprensa, as dificuldades e acertos.

Ainda em 2014 o projeto promoveu análises de outras iniciativas de observatórios e proporcionou palestras com profissionais da imprensa, no mês de outubro. Editores dos dois principais *sites* de Campo Grande, Edivaldo Bitencourt do Campo Grande News (www.campograndenews.com.br) e Éser Cáceres do Midiamax News (www.midiamax.com.br), foram convidados para debaterem com os alunos participantes do projeto sobre os erros e acertos do jornalismo diário e também sobre como lidam com as críticas ao ciberjornalismo.

Os alunos também puderam debater sobre os deslizes éticos e situações passíveis de críticas, sob o ponto de vista de quem trabalha com assessoria de imprensa, a partir das palestras dos jornalistas Maria Matheus, assessora em 2014 do governador eleito Reinaldo Azambuja (PSDB) e com Vitor Yoshihara, assessor-chefe da Câmara de Vereadores de Campo Grande. Em novembro de 2014 o projeto focou suas atividades nas análises conjuntas em laboratório entre a jornalista responsável e alunos, sempre com olhares sobre as coberturas da imprensa local. As matérias escolhidas para análises eram aleatórias, após leitura das publicações diárias da mídia. A preferência era por matérias em *sites*, jornais impressos digitalizados ou vídeos de telejornais disponíveis em *sites* das emissoras. A discussão era feita no nível do debate em sala, com diálogo aberto e, portanto, sem registros para serem analisados.

Apenas um texto final foi escrito para o *site* em 2014, como forma de atividade final do projeto de monitoramento e avaliação do jornalismo campo-grandense em conjunto. O texto escrito foi composto a partir da opinião de todos os participantes e postado no *site* em 28 de Novembro de 2014²⁵¹. Os alunos puderam compreender que as análises de *midia criticism* podem também ser expostas, além de textos críticos, como artigos acadêmicos científicos, resenhas críticas, artigo de opinião e crônicas.

²⁵⁰ Estavam presentes no evento os pesquisadores vinculados à Renoi: Rogério Christofolletti, Fernando Paulino, Victor Gentili, Edgar Rebouças, Danilo Rothberg, Josenildo Guerra, Gilson Porto Jr.

²⁵¹ Entre o furo e a barriga. Texto disponível em: <http://www.observe.ufms.br/index.php?section=news&itemId=235>. Os acadêmicos que participaram do projeto em 2014 foram: Joaquim Lucas Riquelme, Larissa Moreti, Cinthia Miguéis, Luana Rodrigues, Vivian Campos, Larissa Ferreira, Milena Garcete e Thayna Oliveira. Acessado em 16/09/2015.

Os critérios usados para as análises do Observe tanto em 2014 como em 2015 foram estabelecidos por Motta (2008), quando coordenador do observatório acadêmico Mídia & Política, da Universidade de Brasília. Ele criou a seguinte lista para checagem:

Observar nas análises quatro princípios:

- 1) Utilização de pluralidade de fontes e de pontos de vista;
- 2) Conceitualização e contextualização das coberturas;
- 3) Medição do grau de espetacularização das coberturas;
- 4) Recomendações para a pluralidade e contextualização das coberturas (ser propositivo).

Em seguida verificar se há no texto, ou nas imagens da cobertura referência, menção às contextualizações e verificar, na cobertura jornalística em observação, se há presença ou ausência de políticas públicas relacionadas aos eventos relatados. Observar se essa menção é pertinente, adequada, explicativa, completa ou parcial de legislação pertinente aos eventos relatados na cobertura.

▪ Critérios para a abordagem do tema:

- a) Na cobertura jornalística em observação, verificar a presença de preconceitos.
- b) Verificar presença ou ausência de explicação das causas (antecedentes) e efeitos, os estereótipos ou prejulgamentos dos atores sociais citados (consequências sociais do evento narrado).
- c) Verificar se o texto relaciona essas causas e consequências de forma compreensível, com clareza e didatismo.

▪ Critérios relativos à elaboração do produto:

- a) Verificar se a cobertura é excessivamente factual, restringe-se ao pontual, relata apenas fatos brutos, desvinculados do contexto social ou histórico.
- b) Observar a presença ou ausência de infográficos, tabelas, cronogramas, estatísticas, quadros e outros recursos gráficos que auxiliam o leitor, ouvinte, telespectador, internauta a comparar e contextualizar as informações. Verificar a clareza, pertinência e a força desses recursos gráficos.
- c) Observar qual é o enquadramento (o ponto de vista, ângulo) predominante na cobertura: oficialista, comercial, cidadania e outros.
- d) Quando pertinente, observar se o enquadramento predominante na cobertura é positivo, negativo ou neutro em relação a cada ator social envolvido e citado.

▪ Critérios relativos à pluralidade de fontes e à representação dos atores sociais:

- a) Identificar os atores sociais presentes, comparar o espaço ou tempo atribuído a cada um deles e identificar a posição que a cobertura jornalística os coloca na história (herói, vilão, mocinho, bandido, benfeitor, vítima etc.)
- b) Observar o número de fontes citadas na cobertura do tema em questão, o equilíbrio entre essas fontes e a ausência de fontes credenciadas que poderiam ter sido consultadas para ampliar os pontos de vista, mas que não o foram. (MOTTA 2008, p. 35 e 36).

Em 2015 o projeto retornou à ativa em março, na volta do calendário acadêmico. Devido à entrada de novos integrantes²⁵² no projeto foi necessário estudo em grupo de leituras sobre crítica de mídia feitas em 2014 e novos textos de referências foram incluídos:

CUNHA, Patrícia e REBOUÇAS, Edgar. Observatórios de mídia como instrumentos para (da) democracia. RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação, Inovação e Saúde. Rio de Janeiro, v.4, n.4, p.85-93, Nov., 2010;

SILVA, Gislene e SOARES, Rosana de Lima. Para pensar a crítica de mídias. Porto Alegre, v. 20, n. 3, pp. 820-839, setembro/dezembro 2013.

Em abril de 2015, o projeto convidou mais um profissional para conversar com os alunos. A escolha foi por uma não-jornalista, pessoa que fosse retratada pela mídia ou entrevistada frequentemente. Então foi convidada a presidente da Associação das Travestis e Transexuais de Mato Grosso do Sul (ATMS), Cris Stefanny (foto na Figura 25), para um debate sobre como são tratadas as pautas sobre gênero.

²⁵² O grupo em 2015 foi composto pelos estudantes Hélio Lima e Michael Franco, além de Cinthia Miguéis e Larissa Moreti já participantes em 2014.



FIGURA 29 – Projeto Observe em 2015²⁵³

Para os encontros de maio de 2015, os participantes foram motivados a debater em sala de aula sobre as coberturas envolvendo crianças, adolescentes e menores infratores, pois com a votação no Congresso Nacional da PEC 171/93, que propõe a redução da maioridade penal de 18 para 16 anos, o assunto foi “capa” em todos os veículos durante todo o mês.

Em maio, junho e julho os alunos também participaram dos encontros semanais, em 2015 realizados nas sextas-feiras, para analisar a mídia. Como foram análises em sala, por meio do debate, não há registros para serem analisados para esta pesquisa, mas pode-se afirmar que os diferentes pontos de vista entre os discentes e a jornalista responsável enriqueceram a percepção de todos sobre o fazer jornalístico nas diversas editorias.

Durante todo o primeiro semestre de 2015, os alunos também foram incentivados a entregar análises individuais, sobre a cobertura de algum fato a sua escolha, desde que os veículos analisados atuassem em Mato Grosso do Sul²⁵⁴.

O encerramento do projeto sob a responsabilidade da jornalista Fernanda Kintschner ocorreu em julho de 2015, em que culminou a greve nacional dos

²⁵³ Foto Fernanda Kintschner.

²⁵⁴ As cinco críticas estão disponíveis na íntegra em www.observe.ufms.br (acessado em 16/09/2015) e foram analisadas no item 3.1 desta dissertação.

professores e administrativos de universidades públicas. Após isto o projeto se encontra inativo.

A divulgação do portal é um desafio que, por estar em uma universidade pública, não há recurso institucional para ser despendido em publicidade nos meios de comunicação. Apesar disso, a universidade colaborou na abertura de espaço para divulgação do projeto em sua revista institucional chamada Sinapse²⁵⁵:



FIGURA 30 – Revista Sinapse edição 12

²⁵⁵ Disponível em: <http://sinapse.ufms.br/?p=1081>. Acessado em 16/09/2015.



FIGURA 31– Revista Sinapse edição 12



FIGURA 32 – Revista Sinapse edição 12

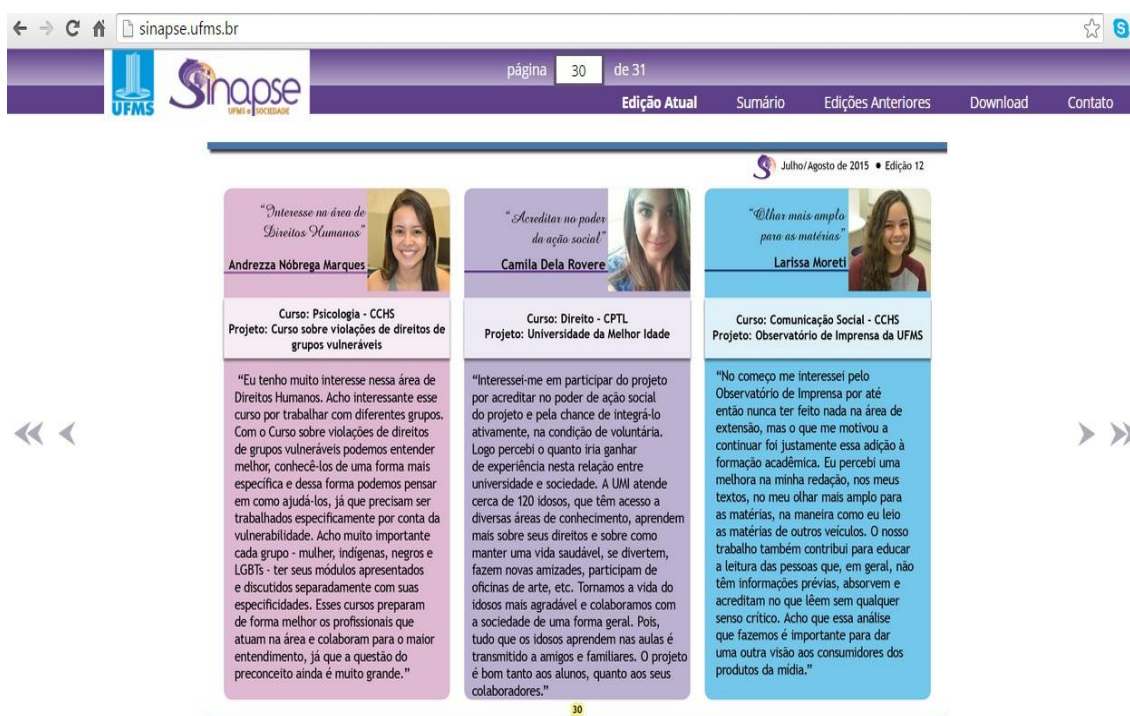


FIGURA 33 – Revista Sinapse edição 12

Outras divulgações ao projeto foram possibilitadas pelo *site* Primeira Notícia, laboratório do Curso de Jornalismo da UFMS, com a matéria “Observatório de mídia da UFMS vai monitorar a imprensa de Campo Grande²⁵⁶” e pelo artigo científico “Observe: o observatório de mídia da UFMS para prática de Ensino, Pesquisa e Extensão” (KINTSCHNER LOPES, 2015).

O grupo optou por não criar perfis nas redes sociais, apesar da possibilidade de ampliar a divulgação científica, pois a falta de um administrador das páginas foi um empecilho. Os oito acadêmicos participantes em 2014 e os quatro²⁵⁷ participantes de 2015 apresentaram depoimentos significativos em sala de aula sobre como foram alterados seus modos de compreender o jornalismo durante a participação do projeto e duas participantes registraram suas opiniões em entrevistas disponíveis na íntegra no Apêndice B deste estudo.

²⁵⁶ Matéria publicada em 6 de setembro de 2014, de Luana Campos e André Moura. Disponível em: <http://www.primeiranoticia.ufms.br/jornalismo/de-olho-na-midia/412/>. Acessada em: 01/15/2015.

²⁵⁷ Os acadêmicos que participaram do projeto em 2014 foram: Joaquim Lucas Riquelme, Larissa Moreti, Cinthia Miguéis, Luana Rodrigues, Vivian Campos, Larissa Ferreira, Milena Garcete e Thayna Oliveira. Em 2015 foi composto pelos estudantes Hélio Lima e Michael Franco, além de Cinthia Miguéis e Larissa Moreti já participantes desde 2014.

Para Larissa Moreti de Lima Ribeiro (2015), o projeto colaborou para a sua formação e para a melhora de qualidade de seus textos, devido aos exercícios de análises. “A maior contribuição certamente foi para o meu olhar crítico, não só para com a imprensa local, mas para todos os conteúdos jornalísticos no geral. Passei a perceber melhor as más e boas práticas veiculadas na imprensa e utilizar essa percepção para aperfeiçoar minhas habilidades dentro das atividades realizadas na universidade e espero que isso interfira positivamente em minhas realizações profissionais futuramente” (RIBEIRO, 2015).

Segundo Ribeiro (2015), a universidade é um *locus* privilegiado de observação:

A academia é o principal e mais adequado local para que transformações sociais ocorram ou, pelo menos, surjam em forma de ideia. Na universidade, temos a oportunidade de discutir, debater e refletir para então tentar de alguma maneira efetivar de maneira prática os conhecimentos adquiridos. Pelo menos no plano teórico, os observatórios acadêmicos contribuem significativamente para a sociedade, sem descartar ainda a possibilidade de uma intervenção mais prática se bem explorada. (RIBEIRO, 2015)

Ribeiro (2015) considera que falta tempo dedicação ao projeto é uma crítica à própria atuação dos observatórios acadêmicos. “Geralmente, dentro das universidades, os observatórios tendem a ser carregados como um exercício extra, já que todos que participam estão engajados com várias outras atividades. Creio que esse seja um fator que contribua muito para que eles sejam esquecidos, deixados de lado ou pouco conhecidos” (RIBEIRO, 2015).

Para Luana Rodrigues Campos (2015), jornalista e ex-participante do Observe, os observatórios acadêmicos complementam a formação universitária. “O projeto complementa certas deficiências na formação, [ajuda a] compreender melhor os discursos que a mídia local adota e aprender mesmo sobre o que não fazer no jornalismo diário”. Após formar-se em 2015 se desligou do projeto pela impossibilidade de conciliar com o horário de trabalho, mesmo motivo apontado por outros profissionais ao não aceitar o convite para participar do observatório acadêmico.

Campos (2015) explica que o projeto a fez perceber a importância do aperfeiçoamento profissional para superar as deficiências da graduação e a necessidade

de aprofundar mais sobre análise de discurso. “Creio que participei do projeto por pouco tempo, mas pude pegar dicas importantes sobre o que não fazer na hora de apurar e escrever *hard news*. E os observatórios podem contribuir para a sociedade tanto do ponto de vista das análises, que devem alcançar, principalmente, os próprios profissionais, quanto na formação crítica de estudantes de jornalismo, mas tudo a médio e longo prazo”.

Uma crítica à própria atuação dos observatórios, Campos (2015) considera que meios para alcançar o “público de massa” devem ser pensados, assim como mais tentativas de espaços dentro da própria mídia e que mais exercícios práticos de análises do discurso devem ser incentivados nos projetos de observatórios.

Com seis meses de projeto, o Observe contribuiu como base para a criação da disciplina Observatório de Mídia na estrutura curricular da graduação em Jornalismo da UFMS, com matéria optativa²⁵⁸, que caminhou concomitantemente com os demais seis meses de projeto.

Na ementa da disciplina Observatório de Mídia constam os seguintes objetivos:

- 1) Avaliar a qualidade da cobertura de políticas públicas sociais no jornalismo brasileiro confrontando a relevância e a qualidade da informação divulgada com as demandas e necessidades da realidade social brasileira; 2) Identificar parâmetros de referência de qualidade da informação que permitam construir valores notícia adequados à cobertura de políticas públicas sociais.

²⁵⁸ A disciplina foi ministrada voluntariamente durante o primeiro semestre de 2015 pela mestranda e autora desta dissertação, Fernanda Kintschner, sob orientação do professor doutor Gerson Luiz Martins. Ementa disponível na íntegra em anexo.

CAPÍTULO 3 – RESULTADOS

Esta pesquisa analisou e classificou três tipos de observatórios de imprensa acadêmicos brasileiros: ativos primários, ativos secundários e inativos. De 2014 a 2016 foram levantadas 19 iniciativas, sendo quatro ativas primárias, oito ativas secundárias e sete inativas. Todos ainda ativos, primários e secundários, são projetos sem fins lucrativos, em que coordenadores acumulam a função de professores universitários. Quanto aos inativos não foi possível esta constatação, visto que nem todos os ex-coordenadores foram encontrados ou responderam aos contatos.

Em três dos primários há bolsas de extensão oferecendo aporte à atuação dos acadêmicos: ObjETHOS uma bolsa, Plural duas e Canal da Imprensa outras duas. Nos secundários foi possível constatar via *sites* oficiais e resposta aos questionários que há 14 bolsistas listados no Observatório da Mídia, no Observatório da Qualidade no Audiovisual com dez bolsas, no Observatório Saúde na Mídia com três bolsistas, o Opaje com três bolsistas, Obscom com três bolsistas, sendo dois alunos de iniciação científica e uma técnica bolsista de trabalho, o Observatório da Radiodifusão Pública com três bolsistas, o Obcom com dois bolsistas e o Mídia em Foco com todos os participantes voluntários, assim como no SOS Imprensa.

TABELA 1 – Quantidade de bolsistas por observatório ativo	
Observatórios ativos	Bolsistas
Primários	
Canal da Imprensa	2
Plural	2
ObjETHOS	1
SOS Imprensa	0
Secundários	
Observatório da Mídia	14
Observatório da Qualidade no Audiovisual	10
Observatório da Saúde na Mídia	3
Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino	3
Observatório de Economia e Comunicação	3
Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina	3
Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura	2
Mídia em Foco	0

Fonte: tabela elaborada pela autora

Quanto à infraestrutura, dos observatórios primários apenas o ObjETHOS dispõe de um computador próprio. Os demais, SOS Imprensa, Plural e Canal da Imprensa compartilham a estrutura dos cursos de Jornalismo. Dos secundários foi possível obter informação do Observatório da Qualidade no Audiovisual, que afirmou dispor de um computador, um laptop, duas câmeras, um tripé e um foco de luz e do Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino que utiliza laboratórios coletivos da Universidade Federal de Tocantins mediante reserva para uso²⁵⁹.

Dos observatórios ativos (primários e secundários), seis ficam no Sudeste do país, dois no Sul, dois no Centro Oeste, um no Nordeste e um no Norte. Dos inativos dois do Centro Oeste, dois no Sudeste, dois no Norte e um no Sul. Na totalidade dos

²⁵⁹ Informação do Opaje confirmada via *email* do coordenador em 28 de junho de 2016. A constatação foi limitada aos observatórios ativos, mas é preciso destacar a infraestrutura do Observe da UFMS, que apesar de inativo, dispõe de 20 notebooks próprios, um computador central e uma impressora.

observatórios encontrados, oito eram ou estão sediados no Sudeste, quatro no Centro Oeste, três no Sul, três no Norte e um no Nordeste.

TABELA 2 – Localização geográfica dos observatórios brasileiros	
Observatórios ativos	Localização
Primários	
Canal da Imprensa	Sudeste
ObjETHOS	Sul
Plural	Sudeste
SOS Imprensa	Centro Oeste
Secundários	
Mídia em Foco	Sul
Observatório da Mídia	Sudeste
Observatório de Economia e Comunicação	Nordeste
Observatório da Qualidade no Audiovisual	Sudeste
Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina	Centro Oeste
Observatório da Saúde na Mídia	Sudeste
Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura	Sudeste
Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino	Norte
Observatórios inativos	
Agência Unama	Norte
Mídia & Política	Centro Oeste
Monitor de Mídia	Sul
Observando Parintins	Norte
Observatório Brasileiro de Mídia	Sudeste
Observatório de Mídia	Sudeste
Observe	Centro Oeste

Fonte: tabela elaborada pela autora

Contatos foram feitos, mas não foi possível obter explicações sobre o porquê dos observatórios Monitor de Mídia, Observatório Brasileiro de Mídia, Agência Unama e Observatório de Mídia estarem com seus projetos de observatórios de imprensa acadêmicos desativados. O Observando Parintins e o Observe ficaram sem coordenação envolvida diretamente no projeto, devido a outras atividades docentes e por isso as atividades dos observatórios foram suspensas. O Mídia & Política tornou-se Revista que nunca foi lançada e estaria desativada para passar por uma reformulação.

Dos observatórios ativos (primários e secundários), dois (Canal da Imprensa e Mídia em Foco) são projetos vinculados a universidades particulares, sendo os outros dez em instituições públicas. Dos inativos, três tinham sede em universidades particulares (Monitor de Mídia, Agência Unama e Observatório de Mídia). Os outros quatro foram iniciativas de universidades públicas. Na totalidade dos observatórios encontrados, cinco são ou foram ligados a universidades particulares e 14 a públicas.

TABELA 3 – Vinculação universitária		
Observatórios ativos	Universidade	Administração
Primários		
Canal da Imprensa	Unasp	particular
ObjETHOS	UFSC	pública
Plural	Unesp	pública
SOS Imprensa	UnB	pública
Secundários		
Mídia em Foco	Feevale	particular
Observatório da Mídia	UFES	pública
Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina	UnB	pública
Observatório da Qualidade no Audiovisual	UFJF	pública
Observatório da Saúde na Mídia	Fiocruz	pública
Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura	USP	pública
Observatório de Economia e Comunicação	UFS	pública
Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino	UFT	pública
Observatórios inativos		
Agência Unama	Unama	particular
Mídia & Política	UnB	pública
Monitor de Mídia	Univali	particular
Observando Parintins	UFAM	pública
Observatório Brasileiro de Mídia	USP	pública
Observatório de Mídia	Pitágoras	particular
Observe	UFMS	pública

Fonte: tabela elaborada pela autora

Dos 12 observatórios ativos (primários e secundários), 11 escolheram a internet como suporte principal para veiculação de suas produções, sendo o Mídia em Foco, o

único que escolheu em 2015 o suporte rádio. Dos inativos, todos mantiveram, enquanto existiram, *sites* como veículo principal de divulgação de trabalho.

Dos 12 observatórios acadêmicos em atividade (primários e secundários), o Plural, o Obscom, o Opaje e o Observatório da Radiodifusão possuem *Facebook* como única rede social de difusão de seus conteúdos. SOS Imprensa, ObjETHOS, Canal da Imprensa, Obcom e Observatório da Mídia utilizam *Facebook*, *Twitter* e *Youtube*. Já o Mídia em Foco possui *Twitter* e utiliza o *Youtube* da faculdade Feevale para distribuir seus conteúdos. O Observatório da Saúde na Mídia utiliza o *Youtube* da Fiocruz para difundir seu conteúdo. E o Observatório da Qualidade no Audiovisual utiliza o *Facebook* e o *Youtube* para difusão de seus conteúdos.

Dos outros sete observatórios acadêmicos inativos, três não possuem páginas nas redes sociais (Observatório Brasileiro de Mídia, Agência Unama e Observe). O Observando Partintins tem apenas *Facebook* e está desatualizado desde 2013. Observatório de Mídia trabalhava com o *Twitter*, que está desatualizado desde 2012. O Monitor de Mídia tem *Facebook* ativo em 2015 para as atividades do grupo de pesquisa e o Mídia & Política também possui perfil no *Facebook* e no *Twitter*, ativos em 2015 para o uso do grupo de pesquisa.

Dos 12 observatórios ativos (primários e secundários) analisados, todos monitoram a imprensa de forma geral e nove também se comprometem a analisar fatos sob o olhar específico: dos direitos humanos (Observatório de Mídia); da ética jornalística (ObjETHOS); da cidadania (Plural); da economia da comunicação (Obscom); do audiovisual (Observatório da Qualidade no Audiovisual); do Ensino de Jornalismo (Opaje); da divulgação em Saúde (Observatório Saúde na Mídia); da radiodifusão pública (Observatório da Radiodifusão da América Latina) e da censura e liberdade de expressão (Obcom). Dos sete inativos, todos também fizeram o monitoramento da imprensa em geral. A Agência Unama ainda se comprometia a especificar o olhar sobre as coberturas que envolviam crianças e adolescentes e o Mídia & Política se dedicava a pesquisas sobre os cenários políticos e eleições.

Os quatro observatórios ativos primários postaram em seus *sites* em 2015 um total de 311 observações, sendo destas 117 críticas sobre a mídia, todas analisadas neste estudo. Há observações a veículos nacionais e internacionais.

TABELA 4 – Produção dos observatórios primários		
Observatórios ativos primários	Publicações	Crítica de Mídia
Canal da Imprensa	162	61
ObjETHOS	52	33
Plural	35	2
SOS Imprensa	62	21
Total	311	117

Fonte: tabela elaborada pela autora

Os dois veículos mais criticados são a Revista Veja, em três deles, e a Rede Globo, para os quatro primários. Diversas tentativas de contato foram feitas com editores chefes da revista e diretores da emissora para confrontar tal informação e/ou considerar repercussões internas, porém não foi possível obter respostas.

O Canal da Imprensa criticou negativamente os veículos e programas: Capricho, TodaTeen, Veja, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Carta Capital, Mens Health, Marie Claire, BBC Brasil, CNN, Vogue, El País, O Globo, Globo Esporte, G1, New York Times, *Blog do Noblat* e Revista Época. Criticou positivamente os veículos e programas: A Liga, Profissão Repórter, Veja, O Estado de São Paulo, Hypeless, Carta Capital, Catraca Livre, Superinteressante, BBC Brasil, BuzzFeed, Clarín, El País, O Globo, Radis, Conexão Repórter, New York Times, Rede Globo, Jornal do Almoço, Esquenta e Gazeta do Povo.

O ObjETHOS criticou negativamente os veículos e programas: Gazeta do Povo, O Estado de São Paulo, Globo News, Diário Catarinense, O Globo, Valor Econômico, Rede Globo, Sport TV, Pragmatismo Político, Bem Paraná, Exame, TPM, De olho na Ilha, Notícias do Dia, Folha de São Paulo, TV Record, Veja, Paraná TV, Isto É, Extra, G1, Gazeta de Notícias, Época, Jornal do Brasil, Fórum, Carta Capital, Zero Hora e TV Band Bahia. Criticou positivamente os veículos e programas: Brasil Post, E-farsas, Boatos.org, Diário Catarinense, TV Senado, TV Câmara e TV Justiça.

O Plural criticou negativamente a Rede Globo e criticou positivamente a comunicação da Prefeitura de Curitiba e a emissora RPC. O SOS Imprensa criticou negativamente os veículos e programas: Folha de São Paulo, Rede Globo, EBC, BBC, O Estado de São Paulo, Veja, Época e Diário da Manhã. Criticou positivamente o jornal Folha de São Paulo e a emissora SBT.

No *media criticism* feito pelos observatórios primários também houve espaços para as críticas positivas. O destaque fica para a Revista do Canal da Imprensa que, por publicar edições temáticas - com várias postagens sobre o mesmo tema -, propiciou a abertura de espaço para os críticas positivas aos meios que fizeram coberturas exemplares. Foram 20 veículos/programas elogiados, enquanto os outros observatórios ativos primários elogiaram: sete (ObjETHOS); dois (Plural); dois (SOS Imprensa).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa objetivou apresentar um panorama sobre as diversas iniciativas de observatórios de imprensa acadêmicos do Brasil, suas atuações e contribuições. Foram confirmadas duas principais atuações dos observatórios acadêmicos: exercer a crítica de mídia e fortalecer a formação universitária em Jornalismo.

Dos observatórios ativos primários (SOS Imprensa, ObjETHOS, Canal da Imprensa e Plural), que mantêm como prática as postagens periódicas de análises críticas da mídia em seus *sites*, os temas mais observados foram:

- a parcialidade das coberturas;
- a falta de rigor nas apurações;
- a repercussão de notícias e informações falsas;
- o papel do jornalista como mediador de comentários;
- o monopólio do mercado da comunicação;
- o sensacionalismo para obter visibilidade;
- a falta de regulamentação da mídia;
- a perpetuação de preconceitos pelo jornalismo;
- deslizos éticos, omissão e manipulação de informações;
- e a falta de profundidade nas coberturas.

Com este diagnóstico é possível afirmar a necessidade da manutenção das iniciativas de crítica de mídia para o debate sistemático e profundo sobre os processos jornalísticos, a fim de ampliar a qualidade dos produtos veiculados, seja por meio de uma melhor formação crítica dos acadêmicos de jornalismo - que puderam vivenciar os projetos de observatórios - seja pela imprensa que, em longo prazo, buscará melhorar sua produção a partir da tomada de conhecimento sobre as críticas postadas sobre seus produtos e processos. Bourdieu (1997) entende o jornalismo como campo de autonomia reduzida. Segundo ele, isso decorre da ausência de regras claras de produção.

Há de se relatar que em várias análises sobre a mídia, os observatórios de imprensa acadêmicos transparecem sua fragilidade crítica ao generalizar contextos, sem citar matérias específicas ou exemplificar situações para que não caiam no senso comum. Por exemplo, com frases como “a saúde nunca teve tanto destaque em Veja como no governo vigente”, em que o autor critica a revista, mas não faz análises de revistas do

governo anterior²⁶⁰ para sustentar sua afirmação. Ou no texto crítico “Vinícius que me perdoe, mas fundamental é relativo”²⁶¹, em que autora faz uma reflexão crítica sobre o machismo presente em matéria que *homenageia* as mulheres cariocas, porém não revela a qual veículo pertence a publicação e/ou não analisa outras matérias que caem no mesmo contexto, para depois sugerir melhorias.

Outra fragilidade recorrente é muita descrição do conteúdo selecionado, mas pouca análise do mesmo. Por exemplo, no texto “Lava-Jato pode lavar a alma do brasileiro”²⁶², em que o autor não tece críticas positivas ou negativas explícitas, apenas descreve as reportagens sobre a Operação Lava Jato feitas em fevereiro de 2015 pela revista *The Economist*, edição para as Américas.

Isso demonstra a falta de reflexão crítica sobre os conteúdos observados. Os exemplos citados não refletem o contexto geral de observações críticas produzidas pelos observatórios acadêmicos em questão, mas foram pontuados para exemplificar formas de atuação. Como sugestão de fortalecimento do trabalho crítico dos observatórios está o incentivo da criação de disciplinas nos currículos acadêmicos que envolvam conteúdos sobre crítica de mídia, para que o universitário tenha mais espaço de debate e oportunidade de estudo sobre o tema, para assim poder observar a mídia de forma mais consistente.

Dos observatórios ativos (primários e secundários), apenas o SOS Imprensa tem uma disciplina optativa – de mesmo nome do observatório – vinculada ao projeto de extensão²⁶³. Há de se registrar que, apesar de inativo, o Observe UFMS também contou com uma disciplina optativa, oferecida no primeiro semestre de 2015, de nome Observatório de Mídia, para ampliar o conhecimento sobre a crítica de mídia e fortalecer a produção do observatório enquanto ativo naquele semestre²⁶⁴.

Também é entendido que o fortalecimento do observatório acadêmico pode ser feito com a maior participação de alunos de pós-graduação e de jornalistas formados,

²⁶⁰ Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/o-brasil-precisa-de-reforma-urgente-na-saude-politica/>. Acessado em: 17/01/2016.

²⁶¹ Disponível em: <http://sosinterativo.blogspot.com.br/2015/04/vinicius-que-me-perdoe-mas-fundamental.html>. Acessado em: 14/12/2015

²⁶² Disponível em: <http://canaldaimprensates.wix.com/canal-153#!the-economist/ci2d>. Acessado em: 02/01/2016.

²⁶³ Informação disponibilizada pelo coordenador do SOS Imprensa, em entrevista concedida a esta dissertação e disponível na íntegra no Apêndice A deste estudo.

²⁶⁴ Esta disciplina foi ministrada voluntariamente pela mestrandia Fernanda Kintschner Lopes, também autora desta dissertação, durante o primeiro semestre de 2015.

com o intuito de que a contribuição de uma maior vivência no mercado de trabalho ampliará o senso crítico para a produção das análises e maior envolvimento das redações jornalísticas, com a participação extra-universidade.

De todas as 117 críticas sobre a mídia analisadas nos quatro observatórios primários, apenas uma²⁶⁵, do SOS Imprensa, sugeriu, claramente, formas de como melhorar a cobertura e incentivou procedimentos para uma pauta com mais senso crítico. É, portanto, uma constatação de que é preciso inovar. Não apenas apontar o erro, mas sugerir mudanças e formas de aprimoramento do fazer jornalístico, a crítica deve ser sempre construtiva, pois um dos objetivos dos observatórios acadêmicos é incentivar práticas de qualidade, plurais, éticas, com espaços para o contraditório, com apuração profunda, sem omissão dos fatos ou perpetuação de preconceitos e sensacionalismo e para tanto é preciso apontar como e por quais caminhos se podem ser feitas essas mudanças e não somente explicar de que forma se deveria proceder.

Não se trata de observar por observar. “Observar não é só estigmatizar, mas suscitar propostas” (MATTELART, p.1, 2005). Com isso, os observatórios acadêmicos se justificam em existir, por possibilitar aos estudantes participantes um olhar mais crítico sobre os meios e assim se perpetuar como uma ferramenta a favor de uma formação universitária mais consistente. Ao passar pelos observatórios, o mercado também recebe profissionais mais bem preparados e toda uma sociedade é beneficiada com menos deslizes éticos.

A formação mais consistente após a participação nos projetos de observatório é relatada por todos os 22 entrevistados desta pesquisa.

Formamos gerações de jornalistas com pensamentos críticos, que leram os códigos, saem para o mercado com noção de cidadania, de democracia e isso é muito mais interessante do que sair e montar um jornal. Não podemos ser ingênuos de preparar mão de obra que vai lá cumpra pauta e pronto. Saem jornalistas para o mercado com uma noção de ética ótima (Luiz Martins da Silva, coordenador do SOS Imprensa).

O projeto incentiva o amadurecimento de estudantes de graduação e pós-graduação em comunicação, que participam como voluntários através da produção, publicação e disseminação *online* de críticas e análises de mídia, de forma a desenvolver e expressar uma percepção consistente dos desafios postos ao aperfeiçoamento da qualidade das mídias comerciais e públicas na atualidade. Além disso, o observatório tem sido explorado como meio de projeção da produção científica (Danilo Rothberg, coordenador do Plural).

²⁶⁵ Disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/2015/11/23/bento-rodriguesmariana-e-o-diploma-de-jornalismo/>. Acessado em 17/01/2016.

A melhora de qualidade dos meus textos por conta das análises produzidas foi um grande fator, mas a maior contribuição certamente foi para o meu olhar crítico, não só para com a imprensa local, mas para todos os conteúdos jornalísticos no geral. Passei a perceber melhor as más e boas práticas veiculadas na imprensa e utilizar essa percepção para aperfeiçoar minhas habilidades dentro das atividades realizadas na universidade e espero que isso interfira positivamente em minhas realizações profissionais futuramente (Larissa Moreti, ex-participante do Observe).

É nesse cenário que o papel alfabetizador dos observatórios emerge com mais evidência, em um terreno onde o limite principal do poder da mídia “é o de seus consumidores, em que não há mais espaço para lutar ‘contra os meios’, mas sim a favor da audiência” (MARTÍNEZ DE TODA, 2002, p. 329). É possível afirmar que ferramentas como estas, à disposição de acadêmicos e professores de Jornalismo, formam profissionais mais bem preparados eticamente e com senso crítico mais apurado. Os observatórios acadêmicos proporcionam aos seus participantes uma visão da responsabilidade da profissão.

O alcance dos observatórios acadêmicos brasileiros aos veículos de comunicação e à sociedade é um obstáculo constatado. Os próprios observatórios não têm este diagnóstico de influência, como relatado pelos coordenadores entrevistados para este estudo e fica como possibilidade de pesquisa posterior um estudo de recepção que faça esta constatação.

Todavia, essa pouca influência pode ser vinculada à constatação feita por este estudo à análise das 311 postagens nos *sites* dos quatro observatórios primários em 2015, em que apenas 117 eram críticas à imprensa, ou seja, 37,6% do total do trabalho dos observatórios foram especificamente para analisar o trabalho jornalístico. O restante, 62,4%, foram postagens com outros focos. Isso enfraquece a atuação dos observatórios? Esta pesquisa considera que sim. A porcentagem deveria estar ao menos invertida.

É possível que os jornalistas e veículos observados não se incomodem com críticas produzidas por acadêmicos, mas os observatórios precisam incomodar. Precisam colocar o “dedo na ferida”. De forma desrespeitosa? Não. Os observatórios devem ter critérios de observação. Todos coordenadores entrevistados externaram suas práticas, como eram os encontros, se os textos eram corrigidos por editores ou não, mas não houve manifestação sobre critérios de observação. O que se busca observar nas

matérias? Um aluno ainda em formação sabe o que precisa ser observado? A sugestão é de se utilizar os critérios de Motta (2008) feitos para o observatório inativo Mídia & Política (UnB) que pode ser útil aos demais.

Muitos coordenadores reconheceram nas entrevistas que uma crítica à própria atuação dos observatórios é ser fechados em suas práticas. Pela falta de repercussão dos observatórios acadêmicos na própria mídia pode-se considerar que o alcance seja ínfimo e de difícil mensuração interna.

Para reverter este quadro é preciso fortalecer esta atuação, com o maior envolvimento de jornalistas do mercado e membros de movimentos sociais nos projetos de observatórios, pois as universidades são campos isentos e propícios para a reflexão crítica. Devem buscar chamar os jornalistas às suas responsabilidades. Os observatórios não só criticam, mas também enaltecem boas atuações e fazem a reflexão crítica sobre a profissão, questionando processos, como por exemplo, quando apontam matérias ruins por falta de apuração de dados: foi atuação equivocada ou a pressão do tempo de entrega do material prejudicou a pesquisa jornalística? É necessária toda essa pressa ou é possível produzir mesmo assim com qualidade?

Os observatórios também promovem a capacitação de jornalistas, por meio de eventos, palestras e cursos. Para tanto é preciso maior incentivo das universidades. Na totalidade dos observatórios encontrados, cinco são ou foram ligados a universidades particulares e 14 a públicas, isso permite concluir que as públicas ainda são as que mais abrem portas para a atuação de pesquisa e extensão dos observatórios, mas quem sabe com parcerias de empresas privadas que desejam profissionais mais críticos essa atuação possa ser ampliada, ou com incentivo de Sindicatos de Jornalistas espalhados pelo Brasil, os projetos possam ser mais atuantes entre a classe.

Apesar dos observatórios compartilharem as mesmas “atividades-fim” – monitorar a imprensa e fortalecer a formação – foi constatado que eles não se comunicam constantemente entre si. Há participação na Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (RenoI) e trocas de experiências em congressos, mas nenhum deixou explícito em suas páginas que colaboram diretamente com outros observatórios de imprensa acadêmicos. Há muito o que ser compartilhado. O Opaje, por exemplo, tem um regimento próprio que regulamenta sua atuação, uma ideia que

pode ser seguida por outros que ainda buscam mais organização. O Observatório Saúde na Mídia tem uma metodologia própria de clípagem, que pode ser muito útil aos demais se compartilhada. O Observe é o único com um laboratório próprio. O SOS Imprensa é o único que mantém uma disciplina optativa vinculada ao projeto, que busca aprimorar os conhecimentos sobre *media literacy*, podendo compartilhar como essa prática extra-projeto é complementar aos participantes.

É necessário reforçar que as iniciativas existentes consolidam a democracia e que uma rede de intercâmbio de experiências entre as universidades seria um passo importante para o fortalecimento dos observatórios de imprensa acadêmicos, visto que eles compartilham das mesmas intenções, ferramentas e liberdades institucionais. Com a internet à disposição, a sugestão é de uma formatação de proposta pedagógica única que insira os observatórios como projetos perenes nos cursos de Comunicação Social, para que as iniciativas não padeçam a cada vez que um coordenador se desligue ao projeto.

O Sudeste concentra a maior parte das iniciativas de observatórios acadêmicos e o Nordeste apenas uma. Seria uma região mais consciente do papel da observação à imprensa e/ou economicamente mais viável a manutenção da atividade? Não foi possível chegar a esta resposta, mas ainda há o mérito de haver iniciativas de observatórios acadêmicos em todas as regiões do país, que mantêm este árduo e importante trabalho que precisa ser ampliado pela manutenção da democracia e fortalecimento da profissão.

Como afirma Braga (2006, p. 326), “apenas construindo o sistema de resposta como objeto discursivo, como processo objetivado no âmbito acadêmico, podemos consistentemente gerar conhecimento e debate sobre essa questão, com possibilidade de contribuição crítica à sociedade”. Contudo, é preciso refletir que “as mudanças em determinados aspectos da profissão jornalística não dependem apenas da frequência e intensidade da atuação dos observatórios. Dependem também da capacidade de envolver os usuários da mídia na exigência e urgência dessas transformações” (HERRERA, 2006, p. 161).

Na medida em que os observatórios forem utilizados e conhecidos irão se fortalecer enquanto instrumentos de monitoramento e se consolidarão enquanto práticas sociais para a melhoria do jornalismo, dentro e fora das universidades. Também se deve

lembrar que por mais que a imprensa seja passível de críticas, ainda que duras, ela é a maior fonte de informações sobre a sociedade.

O exercício permanente da crítica ao jornalismo seria fácil se o leitor não necessitasse do jornalismo para a própria tomada de consciência do mundo. (...) Todos os ‘fornecedores’ de notícia, por um determinismo enunciativo, apresentar-se-ão como portadores do archote da verdade ou, quando menos, da aproximação máxima e possível da própria. O problema da verdade é que ela se presta à apropriação de todos, entre eles, os mentirosos e os delirantes. (SILVA, 2010, p. 12)

A troca de experiências entre os jornalistas e palestrantes de fora da universidade foi um dos mais ricos processos aos alunos do Observe (UFMS), quando acompanhado para análise nesta pesquisa. “A quem cabe sistematizar, aprimorar ou desenvolver os critérios de apreciação dos produtos midiáticos com base em seus antecedentes e desdobramentos? Por coerência de pensamento, diríamos: cabe a todos os atores críticos interessados”, (SILVA e SOARES, 2013, p. 836).

Para tanto é sugerido que os observatórios mantenham os alunos como principais atores da observação e produção de críticas, mas que seja sistematizada uma forma de participação em que pessoas não vinculadas à universidade sejam encorajadas a colaborar abertamente com denúncias de más condutas da imprensa e assim se tornem monitoras do trabalho jornalístico.

Atualmente todos os observatórios acadêmicos brasileiros ativos primários e ativos secundários mantêm um canal de “fale conosco” em seus *sites*, mas a colaboração ainda é insipiente, segundo os coordenadores que responderam aos questionamentos deste estudo. Estratégias de aumento da participação pode ser tema de um posterior estudo sobre os observatórios. É preciso elogiar que todos contemplam em seus *sites* espaços para divulgação de pesquisas científicas, para que não fiquem restritas às bibliotecas universitárias.

Herrera (2005, p. 1) destaca que “em alguns casos, o compromisso com a ação surge como resultado do cansaço com que se observa a situação em que se encontram os meios. Um cansaço que os leva a sentir que – de alguma maneira – chegou o momento de passar para a ação”. Reconhece-se que o contexto da melhoria dos meios, porém, é muito mais amplo que o exaustivo trabalho da crítica de mídia. Christofolletti (2003b) apontou os “Dez impasses para uma efetiva crítica de mídia no Brasil”:

1. Concentração e oligopólio: Calcula-se, hoje, que sete grupos controlem 80% de tudo o que é visto, ouvido e lido nos media brasileiros. (p. 2)
2. Propriedade cruzada e domínio de conteúdo: grupos podem ser proprietários de veículos em vários suportes, sem restrições. (p. 4)
3. Coronelismo eletrônico: políticos detêm concessões públicas de emissoras de rádio e TV. (p. 4)
4. Dial restrito: a inexistência de uma política para as rádios livres e comunitárias. (p. 6)
5. Concessões infinitas: raramente concessões são cassadas e não há cobranças sobre qualidade. (p. 6)
6. Lei da imprensa caduca: falta de atualização da Lei Federal 5250/1967. (p. 7)
7. Inoperância dos conselhos de comunicação: o Conselho de Comunicação Social só foi composto em 2002 e funciona como um órgão auxiliar do Congresso Nacional e, portanto, é consultivo, não delibera, não define políticas para o setor. (p. 8)
8. Arcaísmo no empresariado: cultura de responsabilidade social ainda é muito incipiente. “No mercado, por exemplo, o comportamento padrão é o empresário considerar que não deve satisfações públicas do seu negócio”. (p. 9)
9. Categoria não pode cassar profissionais faltosos: sem esta possibilidade não há como zelar pela qualidade mínima dos que estão atuando no mercado. (p. 9)
10. Autismo na sociedade: o cidadão pouco cobra seus direitos, porque muitas vezes os desconhece. (p. 10)

Com esses impasses, a crítica de mídia no Brasil anda a passos restritos, mas necessários para consolidar práticas de resistência, que a médio ou longo prazo farão diferença na qualidade do que é veiculado no mercado da comunicação e na manutenção da democracia do país, assim como já fazem na formação dos acadêmicos que participaram dessas iniciativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Cláudio. A regra do jogo. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

ALBUQUERQUE, Afonso de e LADEIRA, João D. M. e SILVA, Maco Antonio R.. *Media criticism* no Brasil: o Observatório da Imprensa. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Vol. XXV, nº 2, 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/427/396>. Acessado em 08/02/2016.

ALBORNOZ, Luís A. e HERSCHMANN, Micael. Os observatórios ibero-americanos de informação, comunicação e cultura: balanço de uma breve trajetória. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 2006. Disponível em: <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/102/101>. Acessado em: 27/06/2016.

AROCA, Carlos. Observatório de médios de comunicaciónmasiva: elementos teórico-metodológicos para susutentación, In: Encuentro Peruano de Facultades de Comunicación, 26. Lima, 2005.

AZNAR, Hugo. Comunicación responsable: deontología y autorregulación de los medios. Barcelona: Ariel Comunicación, 1999.

BARROS, A. J. P.; LEHFELD N. A. S. Fundamentos de metodologia: um guia para iniciação científica. São Paulo: McGraw-Hill, 1986.

BERTRAND, Claude-Jean. O Arsenal da Democracia: Sistemas de Responsabilização de Mídia (Media Accountability Systems). EDUSC. Bauru, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997.

BRAGA, José Luiz. A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo, Paulus, 2006.

BRITTO JÚNIOR, Álvaro Francisco de; FERES JÚNIOR, Nazir. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011. Disponível em: <http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/200/186>. Acessado em: 17/10/2015.

BUCCI, Eugenio. Sobre ética e imprensa. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

CAL, Danila Gentil Rodriguez; ALMEIDA, Rogério. Agência Unama: comunicação pelos direitos da criança e do adolescente na Amazônia. II Conferência Sul-americana – Amazônia e o direito de comunicar. Belém, Pará, de 17 a 22 de outubro de 2011. Disponível em:

http://www.unicentro.br/redemc/2011/conteudo/mc_relatos/Relato_Almeida.pdf.
Acessado em: 12/01/2016.

CANELA, Guilherme. In: GUERRA, Josenildo. Sistema de gestão da qualidade aplicado ao jornalismo: uma abordagem inicial. Unesco, Série Debates CI, 2010.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. Metodologia Científica: para uso de estudantes universitários. São Paulo: McGraw-Hill, 1983.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Monitores de Mídia: como o jornalismo catarinense percebe os seus deslizes éticos. Itajaí, Univali, 2003a.

_____. Dez impasses para uma efetiva crítica de mídia no Brasil. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, de 2 a 6 de setembro de 2003b, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/83181657908623038781927642374779165362.pdf>. Acessado em: 14/02/2016.

_____. Nos intestinos da mídia: a prática dos observadores na internet. Anais do IV Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-americana de Comunicação, Celacom, 2005, São Paulo. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Nos_intestinos_da_m%C3%ADdia:_a_pr%C3%A1tica_dos_observadores_na_Internet. Acessado em: 09/02/2016.

CHRISTOFOLETTI, Rogério e HERRERA, Susana H. Fiscalizar e alfabetizar: dois papéis dos observatórios de meios latino-americanos. Em Questão, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 149-169, 2006a.

_____. Mídia e democracia: um perfil dos observatórios de meios. UNIrevista, Itajaí, v. 1, n. 3, p. 1-11, 2006b.

CHRISTOFOLETTI, Rogério e MOTTA, Luiz Gonzaga. Observatórios de Mídia – Olhares de Cidadania. Orgs Christofolletti & Motta. São Paulo: Paulus, 2008.

COSTA, Caio Túlio. O relógio de Pascal: a experiência do primeiro ombudsman de imprensa no Brasil. São Paulo: Siciliano, 1991.

CUNHA, Patrícia dos Santos. Dissertação de mestrado: Observatórios de mídia: conceitos, práticas e fundamentos. Recife, UFPE, 2011.

DINES, Alberto. Prefácio de Observatórios de Mídia: Olhares da Cidadania. CHRISTOFOLETTI, Rogério e MOTTA, Luiz Gonzaga (orgs.). São Paulo: Paulus, 2008.

DINES, Alberto. Um compromisso, uma história, um saldo. In: Observatório da Imprensa, edição 336, de 02/05/2006. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/um-compromisso-uma-historia-um-saldo/>. Acessado em: 10/02/2016.

DINIZ, Lidiane. Alberto Dines: polêmico iniciador da crítica de mídia no Brasil. Revista Bibliocom – Intercom, ano 3, vol 7, janeiro a abril de 2010. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/bibliocom/article/viewFile/1225/1150>. Acessada em: 10/02/2016.

EGYPTO, Luiz e MALIN, Mauro. Um Observatório, mais Observatórios. In: CHRISTOFOLETTI, R.; MOTTA, L. (Orgs.). Observatórios de mídia: olhares de cidadania. São Paulo: Paulus, 2008.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GUERRA, Josenildo L. “Monitoramento de Cobertura e Produção Experimental Monitorada: pesquisa aplicada voltada para a qualificação de produtos e processos jornalísticos”. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério (Org). Vitrine e vidraça, LabCom Books, p. 69-94, 2010a. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20101103-christofoletti_vitrine_2010.pdf . Acessado em: 25/07/2015.

_____. Sistema de Gestão de Qualidade aplicado ao Jornalismo: possibilidades e diretrizes. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.13, n.3, set./dez. 2010b.

_____. A universidade na Rede de Observatórios. Observatório da Imprensa, edição 346, setembro de 2005. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/a-universidade-na-rede-de-observatorios/>. Acessado em: 19/08/2015.

HERRERA, Susana. El porqué de los observatorios de medios latinoamericanos. Revista Latina de Comunicación Social, 61, 2006. Disponível em: <http://www.ull.es/publicaciones/latina/200621HerreraS.htm>. Acessado em 15/07/2014.

_____. Retrato en diez rasgos de los observatorios de medios en América Latina. In: Sala de Prensa, ano VII, vol. 3, 2005. Disponível em: <http://www.saladeprensa.org/art638.htm>. Acessado em: 08/02/2016.

KINTSCHNER LOPES, Fernanda. Observatórios de Imprensa: a importância do monitoramento de mídia em Campo Grande – MS. Monografia. Campo Grande, UFMS, 2010.

_____. Observe: o observatório de mídia da UFMS para prática de Ensino, Pesquisa e Extensão. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 4 a 6 de junho de 2015. Campo Grande, Intercom-CO, 2015. Disponível na íntegra em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/resumos/R46-0139-1.pdf>. Acessado em: 23/11/2015.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. Técnicas de pesquisa. 3a edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LOURES, Ângela da Costa. Pequena História da Crítica de Mídia no Brasil. In: Observatórios de Mídia – Olhares de Cidadania. Orgs Christofolletti & Motta. São Paulo: Paulus, 2008.

MALIN, Mauro. Os primeiros anos de uma história sem fim. Publicação de 9 maio 2001 disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/es0905200111.htm>. Acessada em: 10/02/2016.

MARCONDES FILHO, Ciro. Mediaticism ou o dilema do espetáculo de massas. In: AIDAR PRADO, José Luiz. (Org.). *Crítica das práticas midiáticas*. São Paulo: Hacker, 2002.

MARTÍNEZ DE TODA, José. La responsabilidad de los ciudadanos en el uso de los medios. In: AGEJAS, José Ángel ; SERRANO, Francisco José (Coords.) *Ética de la comunicación y de la información*. Barcelona: Ariel Comunicación, 2002.

MATTELART, Armand. A imagem internacional dos Estados Unidos deteriorou-se consideravelmente. Boletim de Divulgação do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, n 47, janeiro de 2005. Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/jbcc/jbcc_mensal/jbcc267/dialogos_armand.htm. Acessado em: 15/08/2015.

McCOMBS, Maxwell E. and SHAW, Donald L. “The agendasetting function of mass media”. In: *Public Opinion Quarterly*, Vol. 36, Número 2, Summer 1972, p. 176 a 187.

MCQUAIL, Denis. *Media Accountability and Freedom of Publication*, Oxford: Oxford University Press, 2003.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Crítica da Mídia: da resistência civil ao desenvolvimento humano. In *Observatórios de Mídia: Olhares da Cidadania*. São Paulo: Paulus, 2008.

RAMONET, Ignacio. “Fiscalización ciudadana a los medios de comunicación: el quinto poder” in *Le Monde Diplomatique*. Paris, 2003. Disponível em <http://www.rodelu.net/ramonet/ramonet00.htm>. Acessado em: 20/08/2015.

REY, G. (2003). “El Defensor del lector: un oficio en construcción”. Sala de Prensa, ano V, vol 2, 2003. Disponível em: <http://www.saladeprensa.org/art426.htm>. Acessado em: 09/02/2016.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

SANTUÁRIO, Marcos E. Mídia em Foco e a Crítica ao Jornalismo e à Mídia Local. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Santa Cruz do Sul: Intercom, 2013.

SILVA, Luiz M. da e PAULINO, Fernando O. Por que os observatórios não observam as “boas práticas”? In: Observatórios de Mídia: Olhares da Cidadania. São Paulo: Paulus, 2008.

SILVA, Luiz Martins da. O jornalismo como teoria democrática. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério (Org). Vitrine e vidraça, LabCom Books, p. 69-94, 2010. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20101103-christofoletti_vitrine_2010.pdf . Acessado em: 25/07/2015.

SILVA, Gislene e SOARES, Rosana de L. Para pensar a crítica de mídias. Porto Alegre: Revista Famecos, v. 20, n. 3, pp. 820-839, setembro/dezembro 2013.

SIQUEIRA, Alexandra B. e ROTHBERG, Danilo. Crítica de Mídia e Educação para os Meios. In: Observatórios de Mídia: Olhares da Cidadania. São Paulo: Paulus, 2008.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

WHITEHOUSE, Virginia. Quién vigila a los médios? Sala de Prensa, nº. 32, Ano III, Vol. 2, junho de 2001.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

UTI. União Internacional de Telecomunicações. Relatório Measuring the Information Society Report. Geneva, Switzerland, 2014. Disponível em: http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/publications/mis2014/MIS2014_without_Annex_4.pdf. Acessado em 10/06/2015.

CETIC. Centro de Estudo sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação. Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil - TIC Domicílios e Empresas 2013. Brasil, 2013. Disponível em: <http://www.cetic.br/pesquisa/domicilios/indicadores>. Acessado em 10/06/2015.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 – Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira. Brasil, Ministério das Comunicações, 2015. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acessado em 10/01/2016.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. Lista dos Meios de Comunicação. Brasil, 2014. Disponível em: http://www.comunicacoes.gov.br/documentos/2014_05_29_Geral.xlsx. Acessado em 10/06/2015.

GUIA DE MÍDIA. Lista dos jornais impressos. Brasil, 2015. Disponível em: <http://www.guiademidia.com.br/jornais.htm>. Acessado em 23/07/2015.

DONOS DA MÍDIA. Lista de conglomerados brasileiros de comunicação. Brasil, 2015. Disponível em <http://donosdamidia.com.br/>. Acessado em: 23/07/2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Lista das instituições de Ensino Superior. Brasil, 2015. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acessado em 11/12/2015.

GUERRA, Josenildo. In: CAMPOS, Luana e MOURA, André. Observatório de mídia da UFMS vai monitorar a imprensa de Campo Grande. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Primeira Notícia, 2014. Disponível em: <http://www.primeiranoticia.ufms.br/jornalismo/de-olho-na-midia/412/>. Acessada em 15/01/2015.

RIBEIRO, Brunna e SHINOHARA, Gabriel. De volta à ativa. In: SOS Imprensa, 26 de maio de 2014. Disponível em: <http://sosinterativo.blogspot.com.br/2014/05/de-volta-ativa.html>. Acessado em: 16/12/2015.

ENTREVISTAS

BACELAR, Alessandra. Entrevista 12. Tema: Opaje. Concedida por *email* em 26 de junho de 2016. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

BIANCO, Nélia Rodrigues Del. Entrevista 10. Tema Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina. Concedida por *email* em 3 de julho de 2016. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

BORGES, Gabriela. Entrevista 6. Tema: Observatório da Qualidade no Audiovisual. Concedida por *Skype* em 18 de fevereiro de 2016. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

CAMPOS, Luana Rodrigues. Entrevista 6. Tema: Observe. Concedida por *email* em 21 de dezembro de 2015. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Entrevista 1. Tema: ObjETHOS. Concedida por *email* em 13 de novembro de 2014. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

COSTA, Maria Cristina Castilho. Entrevista 8. Tema: Obcom. Concedida por *email* em 12 de junho de 2016. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

DUARTE, Melissa Maria de Oliveira. Entrevista 7. Tema: SOS Imprensa. Concedida por *email* em 02 de janeiro de 2016. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

HOLDORF, Ruben. Entrevista 3. Tema: Canal da Imprensa. Concedida por *email* em 18 de fevereiro de 2015. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

LERNER, Katia. Entrevista 9. Tema: Observatório Saúde na Mídia. Concedida por *email* em 13 de junho de 2016. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

MARCIANO, Carlos Nascimento. Entrevista 2. Tema: ObjETHOS. Concedida por *email* em 18 de dezembro de 2015. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

MONTIJO, Guilherme Freire. Entrevista 10. Tema: Observatório da Qualidade Audiovisual. Concedida por *email* em 02 de março de 2016. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Entrevista sobre o Mídia & Política. In: KINTSCHNER LOPES, Fernanda. Observatórios de Imprensa: a importância do monitoramento de mídia em Campo Grande – MS. Campo Grande, UFMS, 2010.

OLIVEIRA, Alecsandre Alves. Entrevista 13. Tema: Opaje. Concedida por *email* em 26 de junho de 2016. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

PEROBELI, Luma Laís Souza. Entrevista 11. Tema: Observatório da Qualidade no Audiovisual. Concedida por *email* em 08 de março de 2016. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

PÔRTO JR., Francisco Gilson Rebouças. Entrevista 7. Tema: Opaje. Concedida por *email* em 12 de junho de 2016. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

RIBEIRO, Larissa Moreti de Lima. Entrevista 5. Tema: Observe. Concedida por *email* em 14 de dezembro de 2015. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

ROTHBERG, Danilo. Entrevista 2. Tema: Plural. Concedida por *email* em 05 de dezembro de 2014. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

SALHANI, Jorge Antonio Salgado. Entrevista 4. Tema: Plural. Concedida por *email* de 18 de dezembro de 2015. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

SANTUÁRIO, Marcos. Entrevista 4. Tema: Mídia em Foco. Concedida por *email* em 30 de maio de 2015. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

SHINOHARA, Gabriel Solha. Entrevista 8. Tema: SOS Imprensa Concedida por *email* em 08 de janeiro de 2016. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

SILVA, Luiz Martins da. Entrevista 5. Tema: SOS Imprensa. Concedida por telefone em 13 de janeiro de 2016. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

TOMAZ, Tales Augusto Queiroz. Entrevista 9. Tema: Canal da Imprensa. Concedida por *email* em 09 de janeiro de 2016. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

TORRES, Ricardo José. Entrevista 1. Tema: ObjETHOS. Concedida por *email* em 17 de dezembro de 2015. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

VANZINI, Kátia. Entrevista 3. Tema: Plural. Concedida por *email* em 17 de dezembro de 2015. Entrevistadora: Fernanda Kintschner Lopes. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

SITES CONSULTADOS

- <http://www.guiademidia.com.br/jornais.htm>
- <http://donosdamidia.com.br/>
- <http://emec.mec.gov.br>
- <http://renoi.blogspot.com.br/>
- <http://portalimprensa.com.br/>
- <http://www.igutenberg.org>
- <http://www.abonacional.org.br>
- <http://www.folha.uol.com.br/ombudsman>
- <http://www.primeiranoticia.ufms.br>
- <http://observatoriodaimprensa.com.br>
- <http://www.projor.org.br>
- <https://www.Facebook.com/Site.ObservatoriodaImprensa>
- <https://Twitter.com/observatorio>
- <https://plus.google.com/+Observat%C3%B3riodaImprensaSite/posts>

- <https://www.Youtube.com/channel/UCLYAbwBUHGuTuvicdUWel3g>
- <http://sosinterativo.blogspot.com.br/>
- <https://sosimprensa.wordpress.com/>
- <https://www.Facebook.com/sosimprensa>
- <https://Twitter.com/sosimprensa>
- <https://ObjETHOS.wordpress.com/>
- <http://Twitter.com/ObjETHOS>
- <http://www.Facebook.com/ObjETHOS>
- <http://www.Youtube.com/ObjETHOS>
- <http://canaldaimprensates.wix.com/canaldaimprensa>
- www.canaldaimprensa.com.br
- <https://www.Facebook.com/Canal-da-Imprensa-1453282388237309/?fref=ts>
- <https://Twitter.com/imprensagora>
- <https://www.Youtube.com/user/canaldaimprensa>
- <http://www2.faac.unesp.br/blog/obsmidia>
- <https://ojornalismoconcinema.wordpress.com>
- <https://www.Facebook.com/Plural-Observat%C3%B3rio-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-e-Cidadania-313996458730998/>
- <http://observatoriodamidia.wix.com/observatoriodamidia>
- <http://midiaemfocofeevale.blogspot.com.br/>
- <https://www.Youtube.com/user/tvfeevale>
- <https://Twitter.com/pmídiaemfoco>
- <http://obscom.com.br/>
- <https://www.Facebook.com/Obscom/?fref=ts>
- www.univali.br/monitor
- <https://monitordemidia.wordpress.com>
- www.midiaepolitica.unb.br
- www.archive.org/web
- <http://ceam.unb.br/nemp>
- <https://www.Facebook.com/nempceamunb>
- <https://Twitter.com/midiaepol>
- <http://www.observatoriodemidia.org.br>
- <http://www.usp.br/agen/bols/extras/2004/extra064.htm>
- http://www.smabc.org.br/Interag/temp_img/%7BF7226839-7ED8-4524-ACD3-27A84853504A%7D_relatorio%20observatorio%20de%20midia.pdf
- <http://observandoparaintins.blogspot.com.br/>
- <https://www.Facebook.com/lacrima.ufam>
- <http://www.agencia.unama.br>
- <http://observatoriodemidia.blogspot.com.br/>
- <https://Twitter.com/obsmidia>
- www.observe.ufms.br
- <http://sinapse.ufms.br/>
- <http://observatoriodoaudiovisual.com.br/>

APÊNDICE A

ENTREVISTAS COM COORDENADORES DE OBSERVATÓRIOS

Entrevista 1: Rogério Christofolletti coordenador ObjETHO – UFSC.
Concedida por email em 13 de novembro de 2014.

1. Como surgiu o ObjETHOS e quando começou sua participação no projeto?

O ObjETHOS surgiu em setembro de 2009, logo após eu assumir uma vaga de professor no Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. À época, os objetivos eram: implantar um projeto de extensão ligado a um grupo de pesquisa concentrado na ética jornalística (aproveitando as expertises dos professores Francisco José Castilhos Karam e Rogério Christofolletti) e criar um observatório de mídia com foco na ética, algo inédito no país.

Minha participação se deu logo no início como um dos criadores da iniciativa.

2. Como é o funcionamento geral do observatório? (Práticas, linha editorial, foco, etc.)

O observatório é ao mesmo tempo um grupo de pesquisa e um *site* para fazer extensão dos estudos e esforços da equipe. Temos atualizações semanais no *site*, com a distribuição de tarefas entre os seus membros. Aliás, a equipe é formada pelos dois professores acima citados, por um pesquisador associado (o professor Samuel Pantoja Lima, da UnB), os orientandos da pós-graduação (mestrado e doutorado), bolsistas de iniciação científica, de extensão e voluntário. Todas as segundas-feiras, o *site* traz um comentário da semana, assinado por um dos membros, em sistema de rodízio. Nas sextas-feiras, oferecemos uma lista curta de *links* interessantes sobre jornalismo e ética, coletados ao longo da semana. Também disponibilizamos outros materiais e conteúdos no *site*, mas sem um compromisso tão rigoroso de periodicidade.

O grupo de pesquisa, por sua vez, tem encontros quinzenais, e as produções (publicações e participações em eventos) são resultados das pesquisas dos membros em andamento.

3. Quantos alunos participam atualmente e quantos já participaram? Quais benefícios o projeto trouxe a eles, na sua opinião?

De cabeça, não sei precisar quantos participaram. Mas temos essas informações todas no *site*, na aba Expediente <https://ObjETHOS.wordpress.com/expediente/>, com as devidas datas de participação. Benefícios? Ora, participar de um grupo de pesquisa traz benefícios para a formação do pesquisador, pois incentiva a troca de ideias e o convívio cotidiano com outros pesquisadores. Por termos um *site* com atualização semanal, nossos alunos também são motivados a produzirem artigos analíticos num ritmo de imprensa, o que provoca uma necessidade de atualização diária sobre os temas que tratamos.

4. Existe algum tipo de financiamento ao projeto?

Contamos com uma bolsa de extensão, obtida junto à Pró-Reitoria de Extensão da UFSC. No início, conseguimos ainda um computador para o projeto.

5. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do projeto? E quanto à sociedade há algum exemplo de feedback, seja positivo ou negativo?

Precisamos fazer uma autocrítica. Não temos esses dados, o que nos ajudaria muito a corrigir rotas e intensificar ações. Como se trata de uma questão complexa - a ética jornalística -, os indicadores de evolução são sempre muito voláteis e imprecisos. Mas construir essas métricas daria uma boa pesquisa...

6. Qual conselho daria aos novos observatórios acadêmicos ou aos que pretendem criar uma iniciativa de crítica de mídia?

Reunir uma equipe engajada e motivada. Estabelecer um cronograma de ação de pelo menos um ano. Criar um projeto que não dependa de muitos recursos.

7. Na sua visão, há alguma crítica a se fazer em relação à atuação dos observatórios em geral?

Precisamos nos aproximar mais da sociedade e das discussões que ela faz. Precisamos deixar um pouco os muros da academia e atuar mais politicamente, mesmo, frequentando fóruns de discussão e oferecendo nossas contribuições aos debates sobre comunicação, mídia e jornalismo.

8. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

Nada me vem no momento.

Entrevista 2: Danilo Rothberg, coordenador Plural - Unesp. Concedida por email em 05 de dezembro de 2014.

1. Como surgiu o Plural e quando começou sua participação no projeto?

Eu fundei o observatório na Unesp – Universidade Estadual Paulista em 2010, beneficiando-me de uma experiência semelhante que desenvolvia em outra universidade desde 2007. Na Unesp, a criação do Plural se deu no âmbito do Grupo de Pesquisa Mídia e Sociedade, do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, cadastrado no CNPq, de modo que o formato atual do observatório contempla pesquisa, além de ensino e extensão universitária.

2. Como é o funcionamento geral do observatório? (Práticas, linha editorial, foco, etc.)

O Plural: Observatório de Comunicação e Cidadania é um observatório *online* de mídia (www.faac.unesp.br/observatorio) que, apoiado sobre teorias e métodos de pesquisa em comunicação adequados e compatíveis com o estatuto científico da área na atualidade, produz análises qualitativas dos enquadramentos construídos e veiculados pela cobertura noticiosa praticada por mídias locais, regionais e nacionais e instrumentos de comunicação pública digital, como portais eletrônicos de governo, a fim de divulgar conhecimento sobre a adequação de práticas midiáticas, critérios de noticiabilidade e contextualização da informação nas diversas editorias e segmentos da comunicação no Brasil. A produção de análises e críticas de mídia é realizada por alunos voluntários de graduação e pós-graduação em comunicação, além de convidados da comunidade externa, com a supervisão de docentes (coordenador e colaboradores) e o suporte oferecido pelos bolsistas do projeto. Os objetivos são: a) oferecer oportunidades para que os estudantes de comunicação, em nível de graduação e pós-graduação, exercitem hábitos de reflexão crítica sobre os conteúdos midiáticos, em complementaridade ao ensino e à pesquisa, através da produção de críticas e análises de mídia sob a supervisão do coordenador e dos colaboradores do projeto; b) identificar e valorizar as melhores práticas comunicacionais existentes em nível local, regional e nacional, a fim de oferecer um instrumento de reflexão aos produtores de conteúdo informativo em geral e orientar a recepção crítica de informação pelo público; c) reconhecer e indicar aspectos através dos quais a cobertura noticiosa realizada por meios de comunicação locais, regionais e nacionais e a comunicação pública digital possa ser aperfeiçoada a fim de

melhor atender o interesse público e fortalecer o exercício da cidadania, sempre do ponto de vista científico e com o equilíbrio e a isenção requeridos para que esta meta seja cumprida de forma educativa e construtiva; d) proporcionar a ampla difusão de resultados de pesquisas na área de comunicação e cidadania produzidas no âmbito do Grupo de Pesquisa Mídia e Sociedade, do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp, de modo a estabelecer um canal de diálogo com jornalistas, relações públicas e comunicadores em geral que possam se beneficiar da utilização dos dados como referência para o próprio aperfeiçoamento profissional.

3. Quantos alunos participam atualmente e quantos já participaram? Quais benefícios o projeto trouxe a eles, na sua opinião?

Em média, participam anualmente 30 alunos voluntários e 2 bolsistas. O projeto incentiva o amadurecimento de estudantes de graduação e pós-graduação em comunicação, que participam como voluntários através da produção, publicação e disseminação *online* de críticas e análises de mídia, de forma a desenvolver e expressar uma percepção consistente dos desafios postos ao aperfeiçoamento da qualidade das mídias comerciais e públicas na atualidade. Além disso, o observatório tem sido explorado como meio de projeção da produção científica de alunos de pós-graduação em comunicação, que produzem e ali veiculam, mensalmente, comentários e interpretações dos resultados de suas pesquisas, de maneira a socializar o conhecimento à comunidade externa, buscando atingir estudantes e profissionais de comunicação nas diversas áreas, como relações públicas, jornalismo e assessorias. Desta forma, a comunidade externa profissional e acadêmica participa do projeto como público-alvo leitor do conteúdo veiculado *online*. Convidados externos também participam através da produção de análises de mídia publicadas regularmente no observatório. E são cinco docentes participantes (o coordenador e quatro colaboradores).

4. Existe algum tipo de financiamento ao projeto?

Sim, através da manutenção da plataforma *online* pela Diretoria Técnica de Informática da Faac/Unesp e pagamento de bolsistas pela Pró-Reitoria de Extensão da Unesp.

5. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do projeto? E quanto à sociedade há algum exemplo de feedback, seja positivo ou negativo?

Estimamos que seja significativo o impacto externo do projeto, potencialmente na forma de transformações efetivas nos modos de compreensão das insuficiências da notícia e da performance em geral dos meios de comunicação brasileiros e instrumentos de comunicação pública digital, em direção à construção de propostas mais eficazes para a resolução de seus problemas e dificuldades.

6. Qual conselho daria aos novos observatórios acadêmicos ou aos que pretendem criar uma iniciativa de crítica de mídia?

A produção de críticas e análises de mídia deve contemplar o exame das contribuições de estudos científicos para o exame dos diversos casos editoriais verificados, o que permite o aprofundamento de aspectos contidos em diversas disciplinas da graduação que exigem análise acurada das práticas profissionais comunicativas existentes. A comunidade de alunos de pós-graduação em comunicação também deve, se possível, contribuir regularmente, a fim de promover o intercâmbio de idéias e informações entre alunos de graduação e pós-graduação. Um observatório também deve dialogar com os resultados dos estudos realizados no âmbito de grupos de pesquisa.

7. Na sua visão, há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios em geral?

O desafio aos observatórios universitários é proporcionar o amadurecimento de estudantes de graduação e pós-graduação em comunicação, que são incentivados a desenvolver uma percepção consistente dos desafios postos ao aperfeiçoamento da qualidade da mídia na atualidade.

8. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

As políticas públicas de inclusão educacional e cognitiva têm apontado a necessidade do desenvolvimento de capacidades e habilidades de leitura crítica da mídia entre o público em geral, e os observatórios de mídia como o Plural: Observatório de Comunicação e Cidadania podem oferecer contribuições decisivas para a formação de leitores críticos.

Além disso, na área de pesquisa em comunicação, é consensual a percepção de que existe pouco diálogo entre as investigações conduzidas no meio acadêmico e as empresas de comunicação, e de que o relacionamento entre academia e mercado seria muito proveitoso para o aperfeiçoamento de conteúdos midiáticos. O Plural – Observatório de Comunicação e Cidadania se propõe como um meio de contribuir para o atendimento da demanda por novos canais de comunicação e relacionamento entre academia e mercados de mídia. O projeto envolve comunidade estudantil (bolsistas e voluntários), convidados da comunidade externa, docentes e pesquisadores na produção e veiculação de crítica de mídia construída de maneira responsável e construtiva, proporcionando: a) o amadurecimento de estudantes de graduação e pós-graduação em comunicação, que são incentivados a desenvolver uma percepção consistente dos desafios postos ao aperfeiçoamento da qualidade da mídia na atualidade; b) um meio de referência potencial ao público em geral e à comunidade profissional externa, que podem beneficiar-se de indicações e orientações científicas para realizar a leitura crítica da mídia com regularidade e compreensão ampliada.

Entrevista 3: Ruben Holdorf coordenador Canal da Imprensa - Unasp.
Concedida por email em 18 de fevereiro de 2015.

1. Como surgiu o Canal da Imprensa e quando começou sua participação no projeto?

Particpei desde o início da elaboração do Canal da Imprensa, junto à matéria Tecnologias Educacionais e da Comunicação (era este o nome, sim. Uma batata quente), lecionada para os discentes do segundo ano de Comunicação Social do Unasp. Em 2001, os alunos de Jornalismo cursavam o tronco comum com os colegas de Publicidade (um atraso na ocasião) e precisavam criar uma mídia. Assim nasceu a revista eletrônica Canal da Imprensa, cujo lançamento oficial da primeira edição ocorreria apenas em 21 de agosto de 2002, depois de um ano de experimentação e mudanças editoriais, transformando-a de uma revista literária para uma revista de crítica midiática. Quem liderou a primeira fase das edições foram os alunos da segunda turma. Um deles se tornaria mais tarde editor da revista e professor do curso de Jornalismo, conquistando três prêmios (2005 e 2007) no SET Universitário da PUC-RS.

2. Como é o funcionamento geral do observatório? (Práticas, linha editorial, foco, etc.)

Funcionava do seguinte modo: quinzenalmente, o professor responsável e os alunos-editores se encontravam para a reunião de pauta, quando se definiam os temas e os enfoques das edições subsequentes. Em seguida, três alunos redigiam e distribuíam as tarefas aos colaboradores da revista. No primeiro semestre, os alunos do terceiro ano assumiam a produção do Canal. Podiam se agregar à equipe tanto alunos do quarto como do segundo ano. Muitos graduandos optavam por continuar participando da revista, enquanto que os destaques do segundo ano recebiam convite à parte. Deve-se esclarecer que as pautas elaboradas na primeira reunião não eram imutáveis. Elas podiam cair. Isso dependia do grau de interesse do tema proposto anteriormente e de novas sugestões. O aluno pautado para a entrevista da quinzena deveria redigir e ordenar uma série de perguntas, apresentando-as ao professor e editor em conjunto, a fim de receber o formato e orientações finais. As entrevistas poderiam ser efetuadas pessoalmente, por telefone ou pelo correio eletrônico. Entre a data da pauta e do início do fechamento, os editores garimpavam fotos e ilustrações, além de supervisionar a produção e cobrar o cumprimento dos prazos. Na data agendada para a entrega dos

artigos, entrevistas e a reportagem, a equipe era acrescida do arte-finalista, *webmaster* e revisores, cujas tarefas se estendiam até a finalização da edição, sempre numa quinta-feira. Durante o *deadline* eram analisados se os articulistas não fugiram ao tema; corrigiam-se os erros de língua portuguesa; detectavam-se prováveis falhas relacionadas ao contexto histórico; e rastreavam-se os textos a fim de se evitar o plágio. O prazo de entrega dos artigos ocorria cerca de cinco dias antes do fechamento, dando tempo para a devolução dos textos para correção, novo direcionamento ou até mesmo o pedido para refazê-lo. Os demais erros, incoerências e incongruências eram incluídos na agenda da reunião de pauta seguinte. O plágio era punido com a suspensão do aluno das atividades práticas, informando-se, também, a Coordenação de Jornalismo e os demais veículos do curso. A partir do segundo semestre, a participação na revista se tornava obrigatória aos alunos do segundo ano matriculados na matéria “Jornalismo Opinativo”. Neste caso, o plágio era tratado com a retenção do aluno na matéria. Hoje, o trabalho envolve um número menor de alunos e exige diversidade midiática de cada um. As pautas continuam sendo discutidas quinzenalmente, baseados em uma projeção semestral, mas desvinculadas de qualquer matéria do curso. As demais atividades se assemelham às praticadas na gênese da revista. Canal da Imprensa viveu três fases. Na primeira fase, de 2002 a 2004, a linha editorial orientava os alunos articulistas à análise e crítica do papel da mídia brasileira e internacional. De natureza temática, a revista se transformou em um espaço pedagógico reservado aos alunos a partir do segundo ano do curso de Jornalismo, contando, inclusive, com a colaboração de professores e profissionais da imprensa. Não obstante pertencer a um curso de instituição confessional, as abordagens não permitiam qualquer forma de proselitismo religioso, tampouco de propaganda política. Canal da Imprensa assumiu, então, o compromisso de lutar pelos direitos de expressão e consciência. Na segunda fase, de 2005 a 2008, manteve-se a linha editorial e as editorias, acrescentando-se textos científicos e reportagens de acordo com a temática pautada. Na terceira fase, de 2009 a 2013, Canal da Imprensa se voltou para a pesquisa. Hoje, na quarta fase, a revista se adaptou ao universo multimidiático, utilizando diversas ferramentas jornalísticas: textual, audiovisual, *comics*. Fui editor em dois períodos, na primeira fase e em 2013, momento de crise e quase desaparecimento da revista. Hoje, a revista é editada pela professora Andréia Moura, e busca resgatar as propostas discutidas na origem da mídia, adaptando-a às novas plataformas de comunicação, inclusive com um programa junto à Rádio Unasp 91.3 FM, também chamado Canal da Imprensa, este sim mais próximo ao público regional.

3. Quantos alunos participam atualmente e quantos já participaram da iniciativa? Quais benefícios o projeto trouxe a eles, em sua opinião?

Entre 2002 e 2008, participaram da revista cerca de 25 alunos por ano. A partir de 2009, o número de participantes diminuiu. Hoje são apenas nove alunos. Ao rever o destino dos egressos que participaram do Canal da Imprensa, afirmo que a experiência vivenciada na revista, observando criticamente a mídia regional, nacional e internacional, foi positiva para o conjunto formativo profissional de cada aluno. Cem por cento dos alunos que atuaram como editores-associados hoje exercem funções de responsabilidade em todas as mídias do campo jornalístico. O olhar crítico sobre a carreira lhes possibilitou um amadurecimento da ética nos fazeres jornalísticos, antevendo os resultados e consequências das escolhas.

4. Existe algum tipo de financiamento?

Depende do que seria esse financiamento. Entre os alunos que trabalham diretamente com a editora-chefe, dois deles são bolsistas da instituição, os demais são tratados como estagiários. A instituição paga a anuidade do domínio www.canaldaimprensa.com.br, mas não se preocupa se hoje a revista se encontra postada no Wix. O local de trabalho se localiza na moderna redação da Agência Brasileira de Jornalismo (ABJ), outro ambiente de prática jornalística do curso. Se um professor precisar participar de eventos externos, a instituição financia. Não existe nenhuma verba aplicada diretamente para a revista. Ela existe graças à persistência de alunos e professores.

5. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do projeto? E quanto à sociedade, há algum exemplo de *feedback*, seja positivo ou negativo?

Durante alguns anos, tornou-se rotineiro o acesso de instituições estrangeiras, da Europa e Estados Unidos, ao Canal da Imprensa. Este fato despertou a curiosidade de cursos de Jornalismo do exterior. Ao conferir diariamente o antigo contador *Nedstatbasic*, que acusava o total de acessos, assim como sua procedência, chamava a atenção a presença de endereços como das Universidades do Texas, de Nova York, Adventista Southwestern e La Sierra nos Estados Unidos; do Minho e de Beira em Portugal; San Andrés em Buenos Aires; Eduardo Mondlane em Moçambique; de Lion na França; de Oxford na Inglaterra; de Navarra, de Barcelona e Complutense de Madri, na Espanha; e

Iberoamericana da Cidade do México. Um dos resultados desse trabalho reflexivo, associando alunos e professores, foi a anexação do *site* Canal da Imprensa ao Latin American Network Information Center (Lanic) e ao Sistema de Informações Internacionais da Biblioteca Virtual da Universidade do Texas. Há quinze anos, o Lanic é a autoridade oficial de registro para os Estudos Latino-Americanos da Biblioteca Virtual Wide Web Consortium (W3C), como o primeiro índice por assunto de ampla escala da rede mundial de computadores. Outra amostra da efetiva qualidade do conteúdo em exposição, alude-se à republicação de mais de quarenta artigos e entrevistas do Canal no *site* do Observatório da Imprensa (www.observatoriodaimprensa.com.br), vitrine dos grandes debates sobre o desempenho do jornalismo brasileiro e internacional. Além dessa parceria com o Observatório, hoje sob a égide da Rede Nacional de Observatórios de Imprensa em Universidades (Renoi), o Canal firmou em abril de 2004 acordo com o *site* do jornal O Estado do Paraná, o Paraná *Online*, conservando ali uma coluna até 2008. Ali os alunos tinham a oportunidade de divulgar seus artigos e reportagens ao alcance do leitor da média imprensa. Além dos *links* vindos do mundo acadêmico, veículos de comunicação acessavam o Canal para leitura. E não eram empresas comuns: RTP de Portugal, cujo trabalho ficou conhecido na cobertura da invasão de Bagdá; KPNQuest e NET Cabo, também de Portugal; Grupo Clarín da Argentina; Televisa do México e Alvarado Star do Texas. Na sessão dos leitores, apareciam elogios, críticas e colaborações. Dentre muitas, destacava-se o uso da revista para a reflexão temática com alunos dos ensinos fundamental e médio, levado a cabo pelo professor e jornalista Odailson Spada, ex-editor do jornal Indústria & Comércio de Curitiba: “Acompanho com interesse o desenvolvimento dos trabalhos relacionados com o curso de Jornalismo de vocês e posso afirmar que estou bem-impressionado. A revista Canal da Imprensa mostrou evolução e segurança, antevendo a boa qualidade dos jornalistas que sairão desta escola. Mais impressionado ainda estou com o desenvolvimento do espírito crítico dos estudantes. Diversos comentários dos últimos números foram aproveitados como base para estudo sobre a realidade da comunicação e da mídia, que deverá dar subsídio a aulas nos ensinos fundamental e médio”. Não há como negar a importância desse veículo *online* na configuração e solidificação do próprio Bacharelado em Jornalismo. A experiência do Canal alavancou o processo de reflexão, envolvendo alunos, professores e profissionais da área. Do projeto original, em *online*, surgiu a versão para tevê – um documentário de TCC (<https://www.Youtube.com/watch?v=EQ8oi5R5KBs>) – e rádio

(ainda existente). Comprovou-se sua viabilidade como construtora de percursos formativos e tribuna de reflexão e debates. O maior desafio do Canal da Imprensa visa alcançar ao público regional, pois as duas cidades (Engenheiro Coelho e Artur Nogueira) na qual se localiza o Unasp contêm o pior IDH na Grande Campinas. Em 2005, a graduanda de Jornalismo Cristiane Costa Vasconcelos, da Estácio de Sá do Rio, produziu a monografia “De olho nos observatórios: um estudo comparativo das críticas de mídia do *Observatório da Imprensa* e do *Canal da Imprensa*. A pesquisa enaltecia o fato de o Canal fazer crítica a si próprio por meio de um ombudsman e reprovava o OI por não olhar criticamente para dentro de sua produção. Não precisa dizer muito: o OI ficou furioso conosco.

6. Qual conselho daria aos novos observatórios acadêmicos ou aos que pretendem criar uma iniciativa de crítica de mídia?

Não desistam do projeto. Sem perseverança, nenhuma mídia voltada à observação e análise dos fazeres jornalísticos sobrevive. Em 2003, a Reitoria tentou destruir o projeto depois de um editorial do editor-associado, que rotulou a redação de “toailete”, dada as diminutas proporções do ambiente de trabalho na época. Em 2005, uma professora da UEL, ligada à Capes, ameaçou processar o Canal, editores, curso e instituição, devido a um plágio cometido por aluna dois anos antes e descoberto pela autora original do artigo. A revista se desculpou, deletou o artigo e todos os demais relacionados à aluna. O caso foi encerrado. Entretanto, em 2006, a Diretoria de Campus obrigou a retirada de um artigo publicado três anos antes. Segundo o diretor, o texto prejudicava um parceiro da instituição. Censura, ameaças de processo, tentativas de intimidação, gravíssimos problemas de ordem técnica, obstrução de publicações, ironias e deboches, agressões verbais e até mesmo bravatas quixotescas, buscando fechar a revista, deixaram cicatrizes na memória do Canal da Imprensa. A pior delas envolveu o então diretor de redação da AOL, que havia concedido entrevista e depois da publicação, voltou atrás e exigiu a retirada do material, solicitação não-atendida pelos editores. Não obstante as palavras de ordem imperativas contra a revista, o apoio recebido e conquistado excedeu às forças inimigas e ignaras. A partir de 2009, quando a revista sofreu o maior abalo de ordem técnica, permanecendo quase um ano sem nenhuma edição, providências foram tomadas a fim de se evitar a repetição de outra crise. O maior inimigo da revista tem sido o departamento de TI, cujas ações caminham sempre na ordem da censura,

bloqueio, falta de cooperação, boicote. Basta conferir a situação atual da revista, postada via Wix e sem acesso às edições de 2002 a 2013.

7. Na sua visão, há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios em geral?

Outro instrumento poderoso de intimidação da mídia interiorana é a Justiça. Por meio desse poder paradoxal os demais poderes se locupletam e impedem a construção de uma sociedade transparente. Mal sabem eles – se sabem, não se importam – que cada tiro disparado contra a mídia representa um tijolo a menos no edifício da democracia. Em relação à atuação dos observatórios, vale lembrar que a maior parte deles deixa de existir depois de dois anos de existência, em decorrência da graduação de alunos envolvidos no projeto, mudanças de professores e objetivos, falta de investimentos e ausência de apoio institucional e da própria coordenação de curso. Contudo, o pior destaque se relaciona ao envolvimento do dito observatório com deletérias ideologias políticas, filosóficas. Antes de criticar analiticamente o trabalho alheio é preciso conhecer o meio, construir enunciados com argumentações que demonstrem sentido e olhar para dentro, verificando o próprio conteúdo. Poucos fazem isso.

8. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

Sem resposta.

Entrevista 4: Marcos Santuário, coordenador Mídia em Foco - Feevale.
Concedida por email em 30 de maio de 2015.

1. Como surgiu o Mídia em Foco e quando começou sua participação no projeto?

O projeto surgiu depois de minha participação, na Universidade Federal do Espírito Santo, em 2005, do encontro de criação da Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (Renoi). A partir do encontro propus a pesquisa do Mídia em Foco, na Universidade Feevale, e comecei o processo.

2. Como é o funcionamento geral dos programas? (Práticas, linha editorial, foco, etc. tanto para o rádio quanto para a TV)

Os programas, desde sua criação apontam para colocar em prática elementos encontrados a partir da análise crítica e continuada da mídia. As reuniões de pauta dão conta de temáticas envolvendo a mídia e as questões factuais que geram discussões, debates e novas opiniões sobre temáticas afins. As entrevistas com os jornalistas mais próximos de tais fatos/ acontecimentos, definem o centro das discussões e dos debates. O foco é trabalhar as questões envolvendo a mídia, tratando de esclarecer a temática de forma a que os ouvintes ou espectadores possam entender os processos pelos quais passam tais produções jornalísticas, bem como sua importância e objetivos.

3. Quantos alunos participam atualmente e quantos já participaram da iniciativa? Quais benefícios o projeto trouxe a eles, em sua opinião?

Atualmente são 04 alunos que compõem o núcleo central de produções. Já tivemos cerca de 20 estudantes que já passaram pelo projeto. Alguns deles seguiram o universo acadêmico e estão realizando mestrados ou doutorados na área da comunicação. Outros seguiram o trabalho nos meios de comunicação social. Em todos os casos, os acadêmicos tiveram proximidade com a crítica sistemática da mídia, buscando entender e esclarecer processos, bem como ampliar seus conhecimentos em relação às mídias, suas práticas e dinâmicas, desafios e possibilidades.

4. Existe algum tipo de financiamento?

A própria Universidade Feevale mantém o projeto desde sua criação. Durante um ano tivemos um apoio da Fapergs, a partir de edital de Recém Doutor.

5. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do projeto? E quanto à sociedade há algum exemplo de feedback, seja positivo ou negativo?

Temos percebido, de forma empírica, um aprimoramento nas práticas, na linguagem e na elaboração de pautas e reportagens, de forma paralela ao desenvolvimento do projeto. Tendo em conta que vários estudantes da Universidade têm passado também pelos meios de comunicação local, acompanhamos suas atuações transformadoras dentro de tais meios. Observamos as práticas que eles aprimoraram nas questões desenvolvidas na Universidade e que se tornaram presentes nas redações por onde passaram ou onde estão.

6. Qual conselho daria aos novos observatórios acadêmicos ou aos que pretendem criar uma iniciativa de crítica de mídia?

Seguir experiências já consolidadas, conhecendo-as, estudando-as e adaptando-as às suas realidades. Dialogar com os meios aos quais desenvolveram a crítica sistemática de mídia, e procurar estabelecer vínculos que facilitem suas práticas.

7. Na sua visão, há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios em geral?

Devem tratar de encontrar mais espaços para exposição e debate de suas propostas e descobertas.

8. Agora pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

Sem resposta.

Entrevista 5: Luiz Martins da Silva, coordenador SOS Imprensa – UnB.
Concedida em por telefone em 13 de janeiro de 2016.

1. Como surgiu o SOS Imprensa e quando começou sua participação no projeto?

O SOS surgiu como pesquisa vinculada à UnB com Bolsa Produtividade do CNPq em 1996. Naquela época existia possibilidade de bolsas de iniciação científica, assim como existia a de voluntários. Para cada bolsa que o CNPq aportasse ao pesquisador, a UnB juntava uma bolsa da sua iniciativa e com isso conseguimos uma equipe de 12 bolsistas. Numa segunda fase, quando fui renovar o projeto e não aceitaram que era um projeto de pesquisa, mas sim um projeto de extensão. Bom, assim firmamos o projeto que inicialmente chamava “Formas de Apoio às Vítimas da Imprensa” e SOS Imprensa foi um apelido que pegou. Durante a pesquisa se constatou a cultura da vitimologia, uma cultural mundial que existe de apoio às vítimas, qualquer que seja. E percebi que as pessoas que era vítimas da imprensa não tinham a quem recorrer. A inspiração para o projeto foi quando eu estava no doutorado em Portugal eu vi um luminoso da Associação de Apoio às Vítimas e eu achei aquilo de um altruísmo sem igual e isso é uma das coisas da ética, ajudar ao próximo pelo dever da solidariedade e compaixão e não por obrigação. Quando a pessoa é humilhada, exposta, ela quer algo onde recorrer. E aí eu fiquei pensando como que a imprensa é um espaço público e como que existe toda uma vitimologia relacionada aos três crimes de honra - injúria, difamação e calúnia - e toda a imprensa pode cometer esses crimes e isso sempre me causou um desconforto, principalmente por não ter a quem recorrer se você for a vítima, de não ter um pedido de desculpas, ou uma errata, que é diferente. Enfim e assim criei o projeto. Só agora, quase 20 anos depois do projeto, em 2015, que foi sancionada uma lei de direito de resposta. Voltando ao Brasil eu volta e meia era procurado por pessoas para ajudar a procurar veículos para pedir retratações. Assim criado, o projeto procurou observar as práticas da imprensa.

A primeira fase do projeto foi focada nas formas de apoio aos usuários. Só o fato das pessoas serem ouvidas elas já melhoram, dizia Freud, que é uma das leituras que fazemos no SOS Imprensa, sobre psicanálise. Uma das descobertas do SOS está relacionada que só quando só quando se tem um balcão para ouvir alguém a pessoa já se sente confortável, mas para a imprensa não adianta depois que o prejuízo já aconteceu. Assim começou a funcionar como projeto de extensão, essa primeira fase que

resumimos na frase “SOS, socorro a imprensa me causou um prejuízo”. A segunda fase foi: “Socorro, SOS, eu preciso a imprensa” - mas não sei me relacionar com ela, não tem serviço de apoio, etc. A imprensa é uma espécie de ouvidoria do povo, mas quando ela erra a quem você vai recorrer? Como eu posso pedir a quem me ofendeu me defender? Isso é um paradoxo. Ao longo dessa experiência de 20 anos, outra constatação foi que quando a fonte é de fé pública (uma autoridade) a imprensa não checka. O caso da Escola Base, o delegado errou e ele era uma pessoa de fé pública. O jornalista não é um repassador da informação, tem que checkar. Falta na imprensa é verificar onde errou, ir no processo de produção e corrigir. Qual é a empresa que não tem interesse de verificar onde estão seus problemas? O Brasil tem toda uma cultura de defesa do consumidor. O Ministério Público tem promotorias do consumidor e de proteção ao cidadão. No caso da imprensa, não há melhor lugar de se ter do que um projeto de apoio às vítimas dentro de uma universidade, porque ela tem distância, uma independência, tem uma fantasia de imaginação sociológica de que lá podemos ter a quem recorrer, por isso eu pensei numa ouvidoria pública de imprensa já que não existe Conselho Federal de Jornalistas. A terceira fase, os alunos tomaram conta de uma tal forma do projeto que eu fiquei na coordenação, mas eles que tocam as atividades. Eu sou da pedagogia da autonomia. O projeto ficou como um guarda chuva e com vários outros projetos dos alunos. Mas em resumo a frase da terceira fase é: “Socorro a imprensa está em risco” – ou seja, ela é ela é vítima, a instituição democrática imprensa está em risco, com a opressão aos jornalistas, censuras aos jornais. Mas agora descobrimos a quarta fase do SOS – há certos conteúdos que se a sociedade não reproduzir e ficar só dependendo da imprensa ela não chegará ao esclarecimento. Há problemas estruturais da própria imprensa. Ela sofre de amnésia. Ela dramatiza o cotidiano, mas esquece os fatos, não acompanha. Por exemplo, terminada a Guerra no Vietnã, ninguém mais lembra que lá existe. Ele continua em desenvolvimento, mas como não tem ocorrido nem guerra e nem tragédia, por sorte do Vietnã, não é mais foco. É aquela máxima, *bad news good news*. Quais são os temas que a imprensa não está cumprindo o papel com o público? Esses temos que ver.

2. Como é o funcionamento geral do observatório? (Práticas, linha editorial, foco, etc.)

Os alunos começaram a fazer novas comunicações que produzam conteúdos lacunares na grande mídia. Só a universidade pode se dar a esse luxo, que hoje pode ser esdrúxulo, mas que um dia poderá ser um procedimento exemplar. Enfim, a mídia não está a fim de fatos que não são quentes. O compromisso do jornalismo é hoje, mas o jornalismo que se pense não pode ficar só em cima das técnicas, tem que pensar nas questões planetárias. Os alunos são férteis, jovens, eles querem realizar, eles não querem ser só coordenados.

3. Quantos alunos participam atualmente e quantos já participaram?

Atualmente participando efetivamente em torno de 12 alunos. Essa fase de autogestão se esgota um pouco. Não tenho ideia de quantos já passaram, mas com certeza mais de 100. A faculdade de comunicação da UNB tem umas disciplinas coringas chamadas Tópicos Especiais e dentro delas eu ofereço a disciplina SOS Imprensa, a carga horária é dedicada ao SOS Imprensa. Mas o SOS Imprensa faz parte de um projeto de extensão continuada, que é renovado ano a ano. O atual diretor da Faculdade de Comunicação, Fernando Paulino, por exemplo, foi aluno bolsista do SOS Imprensa, ou seja, o projeto já formou gerações.

4. Quais benefícios o projeto trouxe a eles, em sua opinião?

Primeiro em sondagens junto aos jornalistas veteranos, vários passaram pelo projeto. Formamos gerações. E o que conversamos no projeto repercute em outras disciplinas, como em Ética. Formamos gerações de jornalistas com pensamentos críticos, que leram os códigos, saem para o mercado com noção de cidadania, de democracia e isso é muito mais interessante do que sair e montar um jornal. Não podemos ser ingênuos de preparar mão de obra que vai lá cumpre pauta e pronto. Saem jornalistas para o mercado com uma noção de ética ótima. O que não podemos é formar gente sem consciência e ética, caráter é caráter, não podemos influir, mas nós damos os elementos para que eles saiam bem formados. O observatório exerce a sua leitura crítica e produz literatura de metalinguagem. No que depender de mim, vamos prestar mais atenção na educação para a mídia. Se eu não conseguir isso com o futuro profissional, como vou conseguir com o cidadão. Cada formando não poderá dizer por leviandade que passou por quatro anos na faculdade e não lhe falaram sobre ética.

5. Existe algum tipo de financiamento ao projeto?

Há bolsas, mas tem greve, vai e volta. Atualmente todos eles são voluntários extensionistas. Não há nenhum financiamento. Sempre há os alunos que desistem porque acham um estágio. Mas devo te dizer que a batalha pelas bolsas é um gasto de energia tão complicado e burocrático que nem estamos focados nisso.

6. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do projeto?

Numerosos ex-bolsistas estão na imprensa. O SOS Imprensa é referência em discussões gerais sobre procedimentos da mídia. Qualquer assunto polêmico, que surja debate, o SOS imprensa é lembrado, é chamado para participar, debate sobre direitos de respostas. Seminários diversos, enfim, quando a imprensa é citada, somos referência em termos de discussão.

7. E quanto à sociedade há algum exemplo de feedback, seja positivo ou negativo?

Nós estamos nesse momento discutindo sobre pessoas que não são importantes para a mídia e determinados assuntos a mídia simplesmente não contribui com o devido esclarecimento. A extensão universitária é um canal de diálogo com a sociedade, mas esse canal tem sido carente. Estamos com os projetos de observatórios formando jornalistas que saem para o mercado com uma noção de ética fantástica, poxa, que isso é muito mais importante do que somente saber montar um jornal.

8. Qual conselho daria aos novos observatórios acadêmicos ou aos que pretendem criar uma iniciativa de crítica de mídia na academia?

Nas disciplinas de ética, é lugar comum, é chavão não estar de olho nas melhores práticas. Então é conselho estar de olho nas boas práticas, para não ser um muro das lamentações. Estamos no SOS em uma nova fase, a do *media literacia*, que é a educação para a mídia, porque se não tem educação para lidar com a mídia, para que o cidadão saiba o que é a mídia, o que é o artigo 19 da Constituição Brasileira, que dispõe sobre o direito de ser informado. Mas e o nosso direito de informar? As empresas acham que elas são o próprio artigo 19. A sociedade tem que pautar a mídia. Há dificuldades institucionais para esse diálogo. Mas quando o povo procura a imprensa, a sociedade procura, não tem o tráfego, não está azeitado esse canal. O foco não é mais então a o media criticism e sim a educação para mídia e deixar os alunos terem autonomia, porque eles são férteis, são jovens, querem realizar, eles querem ter as

ideias, às vezes dá problema, mas a extensão universitária não é uma caridade à sociedade, é um diálogo.

9. Na sua visão há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios?

Lamentavelmente, os observatórios têm problemas de sustentabilidade. Aquela pergunta dos americanos: quem é que está patrocinando? O observatório não é só a leitura crítica pura. Ele é definido como “cão de guarda”, mas é preciso ter sustentabilidade. Por exemplo, aquela campanha Ética na TV, o deputado não se reelegeu e o projeto morreu. Instituto Gutenberg faliu. Então precisamos de um grande observatório nacional, que seja uma ouvidoria pública de imprensa. O Procon funciona. O Conar não tem tanto poder, mas tem algum. A Renoi é uma tentativa, mas as unidades de observatório são ainda isoladas. As próprias universidades são isoladas. O sistema de Ensino Superior leva a isso. A gente só conversa nos congressos. Não tem conversa contínua entre as universidades. A leitura crítica tem q ser uma cultura permanente e os professores tem que pensar em ser um facilitador disso para os alunos. A falta dos elogios. Quando a mídia erra, somos os primeiros a apontar o erro, mas não apontamos as boas práticas.

10. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

Sem resposta.

Entrevista 6: Gabriela Borges, coordenadora do Observatório da Qualidade Audiovisual - UFJF. Concedida via Skype, no dia 18 de fevereiro de 2016.

1. Como surgiu o Observatório da Qualidade Audiovisual e quando começou sua participação no projeto?

Eu estudo o tema do audiovisual desde o doutorado. Sempre tive ideia de montar algo nesse sentido, em que as produções relevantes pudessem ser debatidas. Sempre percebi, estudando sobre qualidade, que exista uma primazia para aquilo que é ruim e meu interesse era mostrar que também tem muita coisa boa, que ficam escondidas. A ideia já vem maturando há muitos anos. Quando eu cheguei a Juiz de Fora, no final de 2012 existiu a possibilidade de concorrer com o projeto e percebi que era o momento de fazer essa proposta. Aí entrei com o projeto na Fapemig [Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais] e na universidade [UFJF] e os dois foram aprovados. O recurso inicial foi usado para alguns bolsistas. Em um primeiro momento ele congrega algumas pesquisas que estamos desenvolvendo, mas a ideia é que outros parceiros, alguns coletivos, ONGs, membros da sociedade civil também comecem a fazer parte desse observatório, que começou mesmo em 2013. O site só foi lançado final do ano passado [2015]. A gente ainda está testando e a ideia é essa, ser um espaço de discussão sobre o que existe de bom na mídia audiovisual.

2. Como é o funcionamento geral do observatório? (Práticas, linha editorial, foco, etc.)

A gente tem quatro pesquisas em andamento, a principal pesquisa é sobre as Narrativas Humorísticas. Levantamento de programas humorísticos e de canais de humor no *Youtube* e depois desse levantamento discutir parâmetros de qualidade para fazer análise desse material. Depois ir colocando esses resultados na página do grupo. As Competências Midiáticas é outro projeto, que faz parte de uma rede internacional, em que aqui no Brasil coordenamos seis universidades e é discutido as competências em diversos públicos, crianças, adolescentes e professores. Essa pesquisa teve um momento difícil e como é um questionário internacional e são 12 países envolvidos, é bem trabalhoso. Estamos fazendo o mapeamento e o diagnóstico. Quando pensamos na questão da qualidade pensamos na análise e nas formas de intervir socialmente. É um projeto de pesquisa e extensão e por isso que acredito nesse segundo momento em fazer parcerias com entidades, estamos atrás do contato para trazer parceiros nesse espaço. A

gente não tem uma linha editorial, no sentido de estar fazendo crítica sobre assuntos variados, a gente faz as pesquisas e o *site* serve para dar evidências e conhecer sobre esses assuntos. Os outros dois projetos são para trazer bons exemplos de arte na mídia. Sempre pensando em uma forma qualitativa e diferenciada de colocar esse material em evidência. Material dos anos [19]90 pra cá ainda não fizemos análises. Na verdade pra fazer esse projeto a gente precisa de bastante gente envolvida e para conseguir isso o aluno precisa de bolsa. Voluntariamente fica difícil. E o quarto, da Social TV é com alunos de mestrado que o objetivo é mapear a relação da televisão e as redes sociais – comentar em tempo real o que assistir na TV. Esse projeto é o que tem mais posts e semanalmente algumas observações que faz parte de uma pesquisa de aluna do mestrado. Também publicamos sobre eventos no *site*, que se tornou um espaço que dá visibilidade aos para que a pesquisa não fique dentre os muros da universidade. No *Facebook* temos três publicações semanais. Cada dia de um projeto diferente tentar fazer com que o *site* circule mais a informação. Porque o Face permite dar pílulas de informação e é fazer exatamente isso e tentar buscar esse diálogo. De infraestrutura conseguimos comprar um computador, um laptop, duas câmeras, um tripé e um foco de luz. Esses equipamentos usamos para gravar entrevistas, que a gente disponibiliza no *site* e se encontra uma vez por semana, duas horas por semana e vai discutindo alguns temas e os alunos fazem esses trabalhos de coleta e análises em casa, ficando cada um por sua conta, porque na universidade nem tem espaços, os que existem são para aulas. Hoje quase todos tem *notebook*.

3. Quantos alunos participam atualmente e quantos já participaram?

20 alunos já passaram. Atualmente temos 8 vinculados e mais dois de outro projeto que também nos ajudam. Alguns alunos ficam em geral seis meses no Observatório. Já rodou muita gente nesses dois anos.

4. Quais benefícios o projeto trouxe a eles, em sua opinião?

Isso é interessante que agora temos o feedback. No começo eles se interessam sobre essa parte acadêmica. Do meio do curso para o final eles querem estágio, etc e aí saem. Eles ficam seis meses nas atividades e agora no final do curso eles voltam para o observatório, mesmo como voluntário, mas eles se interessam tanto pelo assunto que voltam mesmo sem bolsa. Nosso objetivo é formar teoricamente para que tenham elementos para se desenvolver. O conceito de *literacia* midiática, ou alfabetização

mediática, é um desenvolvimento de competência em geral, de uma análise crítica das mídias e para ter uma produção criativa com as mídias também, que você produza o seu vídeo no *Youtube*, seu próprio *blog*, etc. Os estudos que usamos são os de Portugal, que usam o termo *literacia*. Para que os alunos conheçam esses princípios, quanto mais for produção de qualidade, mais seu repertório crítico vai ser maior. Nessa formação de base eles começam a prestar atenção nisso. O que é interesse é que a gente percebe que parece uma sementinha sendo plantada, então imagino que daqui alguns anos consiga medir melhor.

5. Existe algum tipo de financiamento ao projeto?

Houve esse aporte inicial da Fapemig e da própria universidade, que compramos os equipamentos e pagamos bolsas. Todos os oito são bolsistas. E há parceria com outro projeto que chama PET [Programa de Educação Tutorial] que existe um aqui para a parte de extensão, tem mais dois alunos bolsistas, que estão envolvidos que fazem tutoria, oficinas de audiovisual nas escolas de Ensino Médio.

6. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do projeto?

Não deu tempo ainda de medir isso se tem algum tempo de relação, mas ano passado fizemos encontro com profissionais do audiovisual, publicitários e jornalistas, uma espécie de grupo focal e foi bastante interessante ver que alguns deles já trabalham com essas questões de qualidade sem estar pensando conscientemente nelas ou teoricamente nelas, então fazer essa ponte entre academia e mercado, que é uma ponte que não é muito fácil, corriqueira, que deveria ser, mas que não é, é muito interessante. Uma repercussão explícita ainda não houve, mas já existiu esse primeiro contato. Foram nove profissionais com quem conversamos e todos eles se interessaram muito.

7. E quanto à sociedade há algum exemplo de feedback, seja positivo ou negativo?

Comecei contato com coletivos e movimentos sociais. O coletivo Intervozes em um primeiro momento as pessoas gostam, mas ainda está nessa primeira fase, pelo projeto ser novo é difícil firmar parcerias rápido. Pensamos em oficinas de imagem, falamos com grupos que trabalham com o tema de crianças em situação de risco, mas ainda não

tem como mensurar esse feedback, por isso também criamos o *Facebook* em dezembro de 2015 para interagir com mais gente para ter noção desse retorno.

8. Qual conselho daria aos novos observatórios acadêmicos ou aos que pretendem criar uma iniciativa de crítica de mídia na academia?

Conselho se fosse bom vendíamos. Tem que existir uma pré-disposição porque é muito trabalho envolvido, muito complexo. Você não pode criticar só por criticar, você tem que se embasar e numa sociedade como a nossa que a informação é consumida de forma muito superficial, muito banal, não prestam atenção, tem acesso a uma imensa gama de informação, deixa o trabalho do observatório muito árduo, tem que sistematizar isso e é pouco ingrato também, porque as pessoas estão pouco abertas a isso. As pessoas não querem ler muito. É dar murro em ponta de faca, mas como profissionais da Educação temos que fazer isso. Se o Jornalismo está como está e eu estou formando jornalistas tenho que tentar deslocar esse olhar para outras questões do que falar o que a última celebridade está fazendo. Esse é nosso duplo papel, trabalho árduo, alunos motivados e por outro lado pensar que a fórmula que estamos construindo é um discurso dissonante, que desloca olhar para outras questões que a grande mídia não está pensando não vai gerar uma visibilidade num primeiro momento, mas no depois vai e é isso que importa.

9. Na sua visão há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios?

Eu não conheço todos os observatórios e os que conheço vejo um trabalho muitíssimo importante. Se erra ou acerta, não sei, é que na verdade trazer essa vontade de discutir, se ele chama a atenção para isso já acho uma iniciativa louvável, por todas as questões da outra pergunta. Não teria nenhuma crítica, mas ao mesmo tempo não fiz um estudo muito debruçado, mas de modo geral, no senso comum, vejo como um trabalho importante e pela dificuldade que eu sei que é gerir um observatório acho que qualquer coisa que se tem para fazer e chamar atenção para os problemas da mídia é um grande avanço.

10. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores. Nada a acrescentar.

Entrevista 7: Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior, coordenador Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE) – UFT. Entrevista concedida por email em 12 de junho de 2016.

1. Como surgiu o observatório OPAJE e quando começou sua participação no projeto?

O Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE) (www.uft.edu.br/opaje) surgiu da discussão com outros colegas da área nos eventos da SBPJor e em reuniões entre pesquisadores que apontavam a importância de 'evoluirmos' para um formato mais dinâmico. Sensíveis a isso, retornamos a universidade e conseguimos inicialmente propor um Grupo de Pesquisa no Diretório do CNPq em 2013. Depois em 2014, iniciamos o processo de nucleação do grupo, que nos permitiria mais espaço na universidade e autonomia de pesquisa e proposições. Em meados de 2014 o Grupo de Pesquisa foi transformado em Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE) abrindo espaço para voos produtivos maiores. Em fins de 2015, o OPAJE organizou uma rede com outros 5 grupos/núcleos e criamos o Instituto de Pesquisa e Extensão Comunicação, Linguagens e Sociedade (IPEX-Colis) com um escopo de ação e autonomia maior ainda. Estou no OPAJE desde a sua criação em 2013, cumprindo o primeiro mandato.

2. Como é o funcionamento geral do observatório? (Práticas, linha editorial, foco, etc.)

Nossas reuniões são presenciais (1 ou 2 vezes no semestre) e mais vezes on-line, já que temos membros parceiros na UNESP e em Coimbra. Nessas reuniões aprovamos o planejamento conjunto do que faremos no ano....

Nosso planejamento estratégico têm três linhas de trabalho: 1. Constituição de espaços formativos; 2. Processos de internacionalização/parcerias; 3. Publicação de resultados.

Na primeira linha 1. Constituição de espaços formativos, nossa preocupação é propiciar a criação de espaços formativos na área de Comunicação, Jornalismo e Educação, que ainda não iniciais em nossa universidade. Conseguimos organizar e implantar com diversos membros do OPAJE o mestrado em Comunicação e Sociedade, aprovado pela

CAPES e iniciado em 2016; Também iniciamos em 2015 a Especialização em Ensino de Comunicação/Jornalismo, voltado para discutir questões da área, que vai para a sua segunda turma no próximo semestre. Agora no segundo semestre abriremos mais duas especialização - uma em gestão da Inovação e Propriedade Intelectual com um foco em comunicação e, uma em gestão da informação e da comunicação, voltada para bibliotecários e outros que trabalharão conosco na proposta de criação do Museu da Comunicação (projeto em construção). Todas essas especializações são gratuitas, sem nenhum tipo de cobrança (nem taxas de inscrição!). Essa é uma decisão coletiva dos membros do OPAJE. Também estamos trabalhando na criação de um mestrado profissional em Inovação, Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia em rede. Teremos nossa primeira turma em 2017/1 em parceria com a UFBA. Começamos a negociação de uma DINTER em comunicação com a UnB também. Todas essas ações são via OPAJE, viabilizadas pelo IPEX-Colis. Também temos o Programa Escola Livre de Jornalismo (<https://www.Facebook.com/opajeescola/?fref=ts>), atividade de extensão realizada desde 2014, que é voltado para a popularização do Jornalismo nas escolas públicas. Realizamos 25 oficinas em Palmas, Gurupi e Araguaína.

Na linha 2. Processos de internacionalização/parcerias, criamos em 2014, com o apoio do CNPq Edital Universal, a Rede Internacional de Pesquisadores sobre Bolonha. Isso permitiu contatos com colegas de diversos países, principalmente Portugal, Espanha, Moçambique e Cabo Verde, além do Brasil. Iniciamos algumas ações conjuntas, entre elas a revista. Mas também apresentamos projetos a CAPES e CNPq conjuntos. Além, é claro, de participarmos em eventos nacionais e internacionais com foco nas ações de formação que temos.

Na linha 3. Publicação de resultados iniciamos em 2015, por decisão do OPAJE, a publicação da Revista Observatório (<http://revista.uft.edu.br/index.php/observatorio>) que já envolve mais de 120 colegas de quase duas dezenas de países. Em junho/2016 completamos mais de 100 indexadores internacionais e fomos adicionados ao Portal de Periódicos da CAPES. Aguardamos avaliação da SCOPUS e vamos apresentar candidatura ao SCIELO. Também iniciamos em parceria com a Editora Fi (<http://www.editorafi.org/>), que tem pressupostos de livre divulgação da informação, uma linha editorial para publicarmos livros *online* de livre acesso. Nossa linha, já formalizada é voltada para série Comunicação, Jornalismo e Educação (<http://www.editorafi.org/#!/jornalismo/o2vov>).

3. Quantos alunos participam atualmente e quantos já participaram?

Bem, no Diretório de Grupos do CNPq consultando o OPAJE (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3201224483808764>) você terá acesso aos dados por nomes. Desde 2013 já tivemos conosco 71 estudantes, sendo que 58 ainda estão conosco (5 de mestrado, 31 de especializações, 6 de IC e 16 de outros projetos). Isso é só em Palmas, na sede.

4. Quais benefícios o projeto trouxe a eles, em sua opinião?

Conhecimento acima de tudo, mas primamos também pela formação. Todos passaram ou ainda passam pelos processos de formação. Isso é essencial.

5. Existe algum tipo de financiamento ao projeto?

Não diretamente (ainda). Conseguimos aqui e ali passagens/diárias contando com a boa vontade da administração da universidade. Apresentamos também projetos a CAPES, CNPq, MEC/Sesu. Temos um pesquisa que tem apoio de passagens internacionais, isso nos permitiu criar a rede.

6. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do projeto?

Encaramos que sim. A Especialização em Ensino de Comunicação/Jornalismo direcionada aos jornalistas locais, tem 30 jornalistas atuantes em TV, Rádio e assessorias diversas. Também começamos ações - ainda pontuais, em face da situação de segurança precária para o trabalho jornalístico - de jornalismo investigativo, tendo como foco o acompanhamento das emendas parlamentares do estado. Desenvolvemos ação de "seguir a emenda" desde a aprovação até a aplicação, fazendo um trabalho de controle social. Conseguimos até impedir a aplicação de emenda que, visivelmente, parecia ilegal. Acionamos MPE, Assembleia Legislativa, Jornais e Rádio, que noticiaram desde o início. É claro que foi uma ação pontual, mas essencial na redescoberta desses 30 jornalistas do trabalho de apuração.

7. E quanto à sociedade há algum exemplo de feedback, seja positivo ou negativo?

O maior feedback é o Programa Escola Livre de Jornalismo (<https://www.Facebook.com/opajeescola/?fref=ts>), atividade de extensão realizada desde 2014, que é voltado para a popularização do Jornalismo nas escolas públicas. Realizamos 25 oficinas em Palmas, Gurupi e Araguaína em escolas públicas sobre temas diversas. Dá uma olhada na página do face e nas fotos das diversas atividades. Os temas são variados, mas todos realizados por jornalistas da especialização.

8. Qual conselho daria aos novos observatórios acadêmicos ou aos que pretendem criar uma iniciativa de crítica de mídia na academia?

Entendam o seu espaço. Foquem no que vocês sabem fazer (e bem) e, acima de tudo, formem bons profissionais para garantir as futuras gerações. Isso é essencial.

9. Na sua visão há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios?

Acredito que somos ainda frágeis na articulação entre nós. Por exemplo, começamos o acompanhamento das emendas. Sei que há observatório com vasta experiência que podiam compartilhar, mas ainda há receio (ou resistência?), não sei se são boas palavras, mas é o sentimento que tenho. Precisamos partilhar mais. NO OPAJE partimos da premissa de compartilhar. Já compartilhamos nossas experiências e produções na UnB, na UNIFESSPA e UFRR...

10. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

Acredito que dei um panorama...

Entrevista 8: Maria Cristina Castilho Costa, coordenadora do Observatório de Comunicação Liberdade de Expressão e Censura (Obcom) – USP. Concedida por email em 12 de junho de 2016.

1. Como surgiu o observatório de imprensa acadêmico e quando começou sua participação no projeto?

O Observatório de Comunicação Liberdade de Expressão e Censura da USP surgiu do desenvolvimento das pesquisas em torno do Arquivo Miroel Silveira - arquivo com 6137 processos de censura prévia ao teatro de 1930 a 1970 - e pela necessidade de saber como é a censura hoje, extintos os órgãos oficiais de censura estatal que existiam até 1988.

2. Como é o funcionamento geral do observatório? (Práticas, linha editorial, foco, etc.)

O OBCOM-USP pesquisa a censura de um ponto de vista histórico, sociológico, filosófico. Tanto a censura oficial ou clássica que existia desde os tempos coloniais até ser oficializada pelo DIP de Getúlio Vargas como a censura indireta e plural da atualidade.

3. Quantos alunos participam atualmente e quantos já participaram?

Pelo OBCOM já passaram mais de 50 alunos de graduação e pós-graduação. Hoje temos cerca de 20.

4. Quais benefícios o projeto trouxe a eles, em sua opinião?

Formou estudiosos da censura e de seus malefícios aos desenvolvimento da cultura e das artes.

5. Existe algum tipo de financiamento ao projeto?

Sim, temos financiamentos da FAPESP, CNPq, CAPES, além de parcerias com o SESC e o Instituto Palavra Aberta para a realização de eventos que tratem da censura e da liberdade de expressão.

6. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do projeto?

A repercussão que houve foi agendar o tema sobre a censura e seu debate nos meios de comunicação.

7. E quanto à sociedade há algum exemplo de feedback, seja positivo ou negativo?

O tema da censura e da liberdade de expressão tem se tornado mais importante dia-a-dia. Quando começamos, muitos achavam estranho falar de censura uma vez que ela havia sido extinta, Aos poucos, todos foram percebendo que a censura não foi extinta e que permanece sob outra roupagem. Isso se deve, em parte, a nosso trabalho.

8. Qual conselho daria aos novos observatórios acadêmicos ou aos que pretendem criar uma iniciativa de crítica de mídia na academia?

Permaneçam fieis a seus objetivos independentemente da falta de recursos e apoio. Somente eles poderão mostrar como a realidade se apresenta para além do marketing e dos interesses econômicos e políticos da grande imprensa.

9. Na sua visão há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios?

Muitas vezes ficamos fechados em nós mesmos, ou nas lides acadêmicas, deixando de informar claramente o público em geral.

10. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

Os observatórios inovam também na pesquisa acadêmica, na medida em que criam formas de interpretar a realidade.

Entrevista 9: Katia Lerner, coordenadora do Observatório Saúde na Mídia, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde - Fiocruz. Concedida por email em 13 de junho de 2016.

1. Como surgiu o Observatório Saúde na Mídia e quando começou sua participação no projeto?

O Observatório Saúde na Mídia foi criado em meados de 2008 como parte das atividades do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces) do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz. Sua origem remonta à pesquisa “Avaliação da Comunicação na Prevenção da Dengue”, coordenada por Inesita Soares de Araújo, realizada entre 2003 e 2007. O objetivo desta pesquisa era desenvolver, a partir do monitoramento midiático sobre a dengue, um projeto de observatório que investigasse como a mídia constitui os sentidos da saúde. Foi então que se criou, em 2008, um projeto piloto em que buscamos caminhos para realizar o monitoramento de mídia no jornalismo impresso (e na época sobre telejornalismo também).

Eu entrei no OSM em 2010, quando foi feita uma parceria entre o Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde e o Núcleo de Comunicação da Secretaria de Vigilância em Saúde (Nucom/SVS), do Ministério da Saúde, com duração de um ano. A parceria acarretou a ampliação das nossas atividades, com o aumento do número de periódicos acompanhados (inclusão dos jornais *Zero Hora*/RS, *O Estado de São Paulo*/SP e *Estado de Minas*/MG) e na produção de relatórios periódicos sobre duas doenças específicas: influenza H1N1 e dengue. Era preciso então um trabalho de coordenação mais amplo, e entrei para ajudar nesse processo.

2. Como é o funcionamento geral do observatório? (Práticas, linha editorial, foco, etc.)

O processo de trabalho do Observatório Saúde na Mídia pode ser descrito em quatro momentos distintos: coleta de dados, análise, preparação dos resultados e circulação do conhecimento. Para tal, prevê os seguintes passos operacionais:

→ Monitoramento diário de alguns dos principais periódicos da grande mídia. O monitoramento consiste na leitura de jornais impressos e seleção do que se refere à saúde, dentro dos critérios definidos. Como o objetivo do **Observatório Saúde na Mídia** é identificar *como o jornalismo constrói os sentidos sobre a saúde*, esta perspectiva implica em olhar para a mídia a partir da sua lógica de funcionamento, evitando, portanto, fazer recortes temáticos *a priori*, tais como o SUS na mídia, ou os temas presentes no debate da saúde coletiva (saneamento, violência, meio ambiente etc.). Também evitamos ficar restritos apenas à Editoria “SAÚDE”. A proposta é buscar tudo o que os jornais (que fazem parte da clipagem do Observatório) publicam sobre a “saúde” de um modo geral. Caso os veículos monitorados não associem, de maneira nenhuma, o texto jornalístico à questão da saúde, *esse texto não deverá ser selecionado*.

→ Identificação dos temas de maior visibilidade nos órgãos monitorados para discussão.

→ Análise dos textos selecionados, envolvendo graus de profundidade variados. A perspectiva teórico-metodológica privilegiada é a **Semiologia dos Discursos Sociais**.

→ Produção de relatórios, artigos científicos, livros, papers, cursos etc.

→ Circulação dos resultados de análise por via eletrônica, impressa ou presencial, com o intuito de dialogar com diversos segmentos da sociedade. O lançamento do *site* se situa neste objetivo.

Queremos também ser um espaço de produção e circulação de conhecimento sobre saúde na mídia, o que implica em um estreito vínculo entre ensino e pesquisa, com a produção de teses e dissertações, e também na realização eventos que possibilitem o diálogo com atores de destaque no campo (profissionais da saúde, da imprensa, acadêmicos, integrantes do controle social etc.).

3. Quantos alunos participam atualmente e quantos já participaram?

Atualmente temos cerca de 5 alunos, mas outros 5 já participaram.

4. Quais benefícios o projeto trouxe a eles, em sua opinião?

A participação dos alunos envolveu sua presença em inúmeras discussões metodológicas para se pensar como fazer clipagem de saúde na mídia (criamos uma metodologia própria), discussões teóricas sobre temas de jornalismo e saúde, oficinas

sobre observatórios, seu auxílio na execução da clipagem e na construção do *site*. Acredito que isso lhes proporcionou um contato com a pesquisa e com os temas em questão que eles não teriam no seu percurso formativo regular.

5. Existe algum tipo de financiamento ao projeto?

Tivemos fomento interno, da Fiocruz, através do Edital do Programa de Indução à Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (PIPDT) 2012. Tivemos 2 projetos associados ao OSM que aportaram recursos do CNPq. Para nossa publicação, concorremos ao edital APQ3 da Faperj.

6. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do projeto?

O primeiro momento de atuação do OSM foi direto junto ao Ministério da Saúde, portanto, nosso impacto se deu mais diretamente vinculado aos gestores. Na etapa seguinte, a circulação foi mais restrita ao meio acadêmico. Nesse novo momento, com o *site*, buscaremos compartilhar nossos resultados de pesquisa com a sociedade mais ampla de modo a atingir a imprensa e outros setores.

7. E quanto à sociedade há algum exemplo de feedback, seja positivo ou negativo?

Como disse, nossa atuação foi junto aos gestores. Acreditamos que nossas análises deram subsídios para o enfrentamento da epidemia de dengue e a pandemia de H1N1 de 2010.

8. Qual conselho daria aos novos observatórios acadêmicos ou aos que pretendem criar uma iniciativa de crítica de mídia na academia?

Estamos vivendo um momento muito difícil de recursos, portanto, esse é o primeiro desafio a ser vencido. Lidamos com um grande volume de material também, o que dificulta a agilidade do processo de coleta e de análise. As transformações tecnológicas também vêm reconfigurando as práticas de produção noticiosa e de leitura, o que requer o desenvolvimento de metodologias e reflexões ainda em desenvolvimento. Sendo assim, o estabelecimento de parcerias é imprescindível, assim como a busca por um diálogo interdisciplinar.

9. Na sua visão há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios?

Acho que precisamos amadurecer ainda um pouco mais essa relação entre produção de conhecimento e intervenção social.

10. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

Creio que tudo já foi contemplado.

Entrevista 10: Nélia Rodrigues Del Bianco. Coordenadora do Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina. Entrevista concedida por email em 3 de julho de 2016.

1. Como surgiu o observatório de imprensa acadêmico e quando começou sua participação no projeto?

Mais informações estão neste paper <http://www.seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/940/812> Sou co-fundadora do observatório.

2. Como é o funcionamento geral do observatório? (Práticas, linha editorial, foco, etc.)

Há duas linhas de ação; a) acampanha o noticiário e identifica novidades na área; b) produz dados para os projetos de pesquisa. Dos seis projetos de pesquisa que se encontram neste endereço <http://observatorioradiodifusao.net.br/index.php/projetos>, os que continuam em andamento são o numero 1 e numero 6. Os demais já foram concluídos. Veja alguns textos publicados sobre os temas:

Bianco, Nelia R. Del; ESCH, C. E. ; MOREIRA, S. V. . Mudanças e permanências na radiodifusão pública da América Latina. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, v. 12, p. 30-42, 2015.

Bianco, Nelia R. Del; ESCH, CARLOS EDUARDO ; MOREIRA, SONIA VIRGÍNIA . Lei de Meios como estratégia de fortalecimento da radiodifusão pública: o caso da Argentina, Equador e Uruguai. Revista Comunicação Midiática (Online), v. 9, p. 104-119, 2014.

ESCH, CARLOS EDUARDO ; DEL BIANCO, NELIA RODRIGUES ; MOREIRA, SONIA VIRGÍNIA . Radiodifusão pública: um desafio conceitual na américa latina. Revista FSA (Faculdade Santo Agostinho), v. 10, p. 67-86, 2013.

ESCH, C. E. ; BIANCO, N. R. . Public Broadcasting in Brazil: Challenges to Overcome a Symbolic Liability. Journalism and Mass Communication, v. 03, p. 477-485, 2013.

3. Quantos alunos participam atualmente e quantos já participaram?

Em 2016 não tivemos alunos trabalhando, esperamos o resultado de uma seleção de PIBIC. De 2011 a 2015 iremos uma média de 3 alunos trabalhando por ano.

4. Quais benefícios o projeto trouxe a eles, em sua opinião?

Foi um incentivador e catalizador de pesquisas sobre o tema na universidade de Brasília

5. Existe algum tipo de financiamento ao projeto?

No período da sua fundação contou com aporte de recursos da Fundação Ford

6. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do projeto?

Não foi o propósito do observatório fazer crítica da mídia. O observatório foi referência para discutir assuntos da radiodifusão pública e seus membros foram convidados para palestras e audiências públicas.

7. E quanto à sociedade há algum exemplo de feedback, seja positivo ou negativo?

O convite para participar de audiências públicas já foi um reconhecimento.

8. Qual conselho daria aos novos observatórios acadêmicos ou aos que pretendem criar uma iniciativa de crítica de mídia na academia?

Não é fácil mantê-lo, há sempre uma instabilidade provocada seja por falta de recursos e de tempo para gerir as ações. A rotatividade de membros de apoio como alunos de iniciação científica e pós-graduandos provoca essa situação de falta de regularidade nas ações.

9. Na sua visão há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios?

Acredito que somente tem boa atuação observatórios que possuem um grupo fixo para manter as atividades e um financiamento constante. Caso contrário sofre com a falta de atualização e frequência na manutenção do mesmo com novas pesquisas e dados.

10. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

Agradeço pelo interesse

APÊNDICE B

ENTREVISTAS COM PARTICIPANTES DE OBSERVATÓRIOS

ObjETHOS - UFSC

Entrevista 1: Ricardo José Torres. Entrevista concedida por *email* no dia 17 de dezembro de 2015.

1. O que você entende por observatórios de imprensa acadêmicos?

No meu entendimento os observatórios de imprensa, de uma forma geral, são espaços de reflexão que contribuem para o aperfeiçoamento das práticas jornalísticas. No âmbito acadêmico essas iniciativas reúnem um importante repositório de conteúdos e análises contextuais que corroboram com a pluralização de olhares sobre os temas que envolvem o jornalismo.

2. Por que você se interessou participar de um observatório de imprensa?

A partir da imersão no universo acadêmico, e do desenvolvimento de estudos relacionados ao jornalismo no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tive a oportunidade de participar de uma iniciativa consolidada (ObjETHOS) após o convite do meu orientador (Rogério Christofolletti) que também é coordenador do projeto.

3. Quanto tempo participou/participa do projeto? Quais atividades exerceu/exerce e por que saiu (se saiu)?

Estou participando do projeto desde agosto de 2014. Sou colaborador e participo das atividades do grupo de pesquisa que se reúne regularmente. A equipe produz textos e análises semanais, participa e organiza eventos e eventualmente realiza publicações relacionadas aos temas debatidos.

4. De que forma o projeto colaborou com a sua formação?

O projeto está contribuindo nos diferentes aspectos que envolvem a minha formação, especialmente a troca e o compartilhamento de percepções sobre os temas relacionados ao jornalismo. No meu caso o grupo de pesquisa também está fortalecendo de forma singular o estudo que estou desenvolvendo e as perspectivas de pesquisa adotadas.

5. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do observatório que participou?

Acredito que as contribuições oferecidas pelo observatório não são tão aparentes e mensuráveis. O exercício de reflexão não pode ser um fim em si mesmo, mas uma forma de levantar questões e debates pertinentes.

6. Você acredita que os observatórios acadêmicos podem contribuir para a sociedade?

Sem dúvida, os observatórios prestam um serviço importante para a sociedade e estão estreitamente relacionados a uma espécie de fiscalização das práticas jornalísticas e das informações oferecidas ao público.

7. No seu entendimento há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios de imprensa acadêmicos?

Acredito que os observatórios de imprensa acadêmicos devem buscar o aprimoramento constante do diálogo com os veículos de comunicação e direcionar esforços para que o conhecimento produzido na academia se dissemine pelos diferentes segmentos da sociedade.

8. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

Acho que seria interessante o seu estudo explorar as possibilidades de intercâmbio de conteúdos entre observatórios de imprensa acadêmicos de diferentes países e como ela está se dando na atualidade.

Entrevista 2: Carlos Nascimento Marciano. Entrevista concedida por email no dia 18 de dezembro de 2015.

1. O que você entende por observatórios de imprensa acadêmicos?

Na minha visão é um espaço onde se pode discutir na academia os desdobramentos da profissão, principalmente no que se refere as atividades dos profissionais no mercado. Um momento de reflexão, onde os envolvidos debatem temas fundamentais para um acadêmico que busca formação, uma oportunidade de refletirem sobre como as questões éticas, políticas, econômicas e tecnológicas, dentre outras que interferem na formação e rotina do jornalista.

2. Por que você se interessou participar de um observatório de imprensa?

Primeiramente porque o Observatório da Ética Jornalística (ObjETHOS), do qual participo, aborda em sua essência um tema que atua diretamente na minha pesquisa de mestrado. Segundo porque a universidade é um campo aberto de oportunidades para além das salas de aula e sempre que posso digo aos estudantes para aproveitarem todas as que forem possível, pois tudo é crescimento. Essa foi uma oportunidade que decidi abraçar.

3. Quanto tempo participou/participa do projeto? Quais atividades exerceu/exerce e por que saiu (se saiu)?

Participo a pouco mais de 16 meses e nossa principal atividade é escrever para o site do projeto (<https://www.ObjETHOS.wordpress.com/>) onde discutimos temas diversos, quase sempre relacionados com ética e fatos da mídia. Trabalhamos com revezamento, onde cada semana um integrante é responsável pelo texto que será publicado na segunda-feira, dessa forma costumamos retratar temas relevantes da semana anterior. Em nossas reuniões também discutimos textos relacionados a área e sempre que possível ajudamos na organização de eventos institucionais.

4. De que forma o projeto colaborou com a sua formação?

Principalmente ampliando os horizontes sobre as questões éticas da profissão, pois os textos e discussões que temos no grupo nos embasam para analisar os pormenores da prática jornalística que vemos na mídia.

5. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do observatório que participou?

Como estou a relativamente pouco tempo no grupo e me mudei para Florianópolis a pouco tempo, não tenho as métricas necessárias para fazer essa aferição. O que posso dizer é que temos um fluxo crescente de visibilidade em nosso portal, e de vez em quando servimos de referência para outras publicações.

6. Você acredita que os observatórios acadêmicos podem contribuir para a sociedade?

Com certeza. Todo ambiente de discussão que reflete sobre as questões da sociedade gera frutos para a própria sociedade. Cabe aos pesquisadores analisarem a melhor forma de retransmitir essas informações. No nosso caso, utilizamos o portal e redes sociais como ferramenta de comunicação e de vez em quando algum membro do grupo é convidado para palestrar sobre os temas que abordamos

7. No seu entendimento há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios de imprensa acadêmicos?

Creio que os observatórios tendem a se fechar muito em discussões e reflexões internas, sobre uma realidade que perpassa os muros da universidade. Na minha visão esses observatórios só irão se fortalecer mais quando estreitarem os laços com a sociedade, seja convidando pessoas da comunidade a participarem das reuniões, promovendo encontros em escolas públicas para crianças e adolescentes, criando materiais que possam ser utilizados como ferramenta pedagógica, ministrando palestras, realizando parcerias com professores e pesquisadores de outras instituições locais, enfim, ações desse tipo. Porém, compreendo que na rotina dos pesquisadores seja inviável realizar tais ações com frequência, então essa não seria de fato uma crítica, mas sim uma sugestão para ser aplicada quando melhor for conveniente.

8. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

Compartilhar nosso conhecimento é sempre promissor, mas estar aberto a críticas é o que nos faz aperfeiçoar o conhecimento que compartilhamos. Independente do tema que é trabalhado, trocar informações com outros grupos de pesquisa e com a

sociedade é crucial para um bom desenvolvimento intelectual. Somos donos do que calamos e escravos do que falamos, então saber lidar com as críticas é fundamental, pois para tudo existe um lado positivo.

Entrevista 3: Kátia Vanzini. Entrevista concedida por email em 17 de dezembro de 2015.

1. O que você entende por observatórios de imprensa acadêmicos?

Acho que os observatórios acadêmicos de imprensa devam ser espaços que possam aproximar a "academia" da prática profissional. Quem trabalha no dia a dia das redações não tem tempo para pensar no exercício da profissão e as responsabilidades de um comunicador em nossa sociedade. Creio que os observatórios possam ser mecanismos de análise e de aprimoramento para práticas profissionais mais responsáveis, ou, pelo menos, mas conscientes.

2. Por que você se interessou participar de um observatório de imprensa?

Na disciplina de Análise de Discurso que frequentei como aluna especial ainda durante o mestrado na FAAC Unesp acompanhávamos a imprensa local e nacional e desenvolvíamos artigos e trabalhos na área. Vendo meu interesse, a professora da disciplina indicou meu nome para o grupo de pesquisa e para o rol de possíveis autores dos artigos.

3. Quanto tempo participou/participa do projeto? Quais atividades exerceu/exerce e por que saiu (se saiu)?

Tenho participado desde março de 2011. Comecei como aluna especial do programa no curso de mestrado e continuo até hoje, atualmente como doutoranda no mesmo programa. Eu escrevo artigos para o *blog* por demanda...Nosso coordenador apresenta os possíveis temas e a gente escolhe o que mais se aproxima de nosso interesse e/ou área de pesquisa.

4. De que forma o projeto colaborou com a sua formação?

Fazer parte de um grupo de pesquisa que tem como um de suas ações o Plural Observatório é bastante útil por propiciar a troca entre os diversos colegas que fazem parte da proposta, incentivando o intercâmbio de referências, linhas de pesquisa e trabalhos.

5. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do observatório que participou?

Recentemente eu e uma colega fizemos uma análise de conteúdo das publicações do Plural e chegamos à conclusão que as análises são feitas preferencialmente na mídia nacional...o que impedira, teoricamente, essa troca. Mas como alguns dos alunos que fazem parte do grupo de pesquisa são alunos da graduação ou professores acho que a iniciativa colabora também na formação de futuros profissionais de comunicação, que irão atuar na mídia local.

6. Você acredita que os observatórios acadêmicos podem contribuir para a sociedade?

Certamente. A proposta de observatórios não deve ser de críticas vazias, e sim pautadas mediante estudos e pesquisas já conduzidos por seus integrantes. Nossas sugestões e apontamentos têm por objetivo apenas oferecer um olhar mais reflexivo sobre a prática do jornalismo e da comunicação pública.

7. No seu entendimento há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios de imprensa acadêmicos?

A minha única crítica é que as iniciativas deveriam buscar maior proximidade com a imprensa local, para viabilizar essa proximidade.

8. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores

Não tenho nada a acrescentar.

Entrevista 4: Jorge Antonio Salgado Salhani. Entrevista concedida por email em 18 de dezembro de 2015.

1. O que você entende por observatórios de imprensa acadêmicos?

Entendo os observatórios de imprensa como ferramentas capazes de discutir a deontologia do jornalismo e fornecer tanto ao público em geral, quanto - e

principalmente - a outros profissionais de comunicação diretrizes que regem a atuação dos comunicadores e jornalistas. Eles são um meio de fomentar a discussão sobre práticas exemplares no jornalismo e também sobre aquelas a serem melhoradas. Isto contribui para que haja concepções mais claras a respeito do papel do jornalista e dos comunicadores na sociedade.

2. Por que você se interessou participar de um observatório de imprensa?

Soube por meio de outra estudante de jornalismo, que estava prestes a deixar a bolsa de extensão do "Plural", que haveria uma vaga para colaborador bolsista. Já tinha conhecimento sobre o projeto, mas fui buscar mais informações e me interessei após a indicação desta estudante para que eu me candidatassem para a bolsa.

3. Quanto tempo participou/participa do projeto? Quais atividades exerceu/exerce e por que saiu (se saiu)?

Particpei do "Plural" de 1 de março de 2015 até 31 de agosto do mesmo ano. Quanto às atividades, as funções principais eram produzir as pautas para a produção de conteúdos e fazer o gerenciamento das redes sociais. Também produzi alguns textos para o *site*. Deixei o projeto por ter uma bolsa de iniciação científica aprovada.

4. De que forma o projeto colaborou com a sua formação?

O projeto me fez ter conhecimento sobre a crítica de mídia e sua importância na formação dos jornalistas. Ele foi importante, primeiramente, por fazer com que eu conhecesse outros observatórios de imprensa além do "Plural". Assim, pude saber de que forma eles atuavam e quais conteúdos exploravam. A produção de pautas me ajudou a ter uma análise crítica mais aprofundada do jornalismo no Brasil e contribuiu, também, para minha formação cultural, já que, semanalmente, estava em contato com textos de diversos portais de notícias (incluindo outros observatórios), com relatórios sobre a mídia no Brasil e no mundo e outras produções jornalísticas relevantes, a fim de que eu pudesse constatar a quais deles caberia uma análise ou comentário detalhado e poderiam, posteriormente, servir como base para um texto a ser publicado no "Plural". O projeto também foi importante para minha formação acadêmica porque consegui apresentar alguns resultados em congressos científicos.

5. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do observatório que participou?

Acredito que a atuação do "Plural" tenha abrangido mais o âmbito nacional que o local. Por este motivo, não vi aprimoramento decorrente a minha atuação no projeto.

6. Você acredita que os observatórios acadêmicos podem contribuir para a sociedade?

Sim. Eles são importantes para que a população em geral, que não está em contato direto com parâmetros de análise de mídia e com as teorias da comunicação, tenha conhecimento da atuação parcial da mídia, do panorama dos meios de comunicação no Brasil e, acima de tudo, tenham uma visão crítica da mídia.

7. No seu entendimento há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios de imprensa acadêmicos?

Creio que os observatórios cumprem o seu papel no âmbito acadêmico, pelo interesse dos acadêmicos de comunicação pelo tema. Entretanto, acredito que a participação social dos observatórios, como projetos de extensão, fora do âmbito universitário, poderia ser maior.

8. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

Acho relevante destacar em sua pesquisa a importância da crítica de mídia ser abordada em créditos das grades curriculares dos cursos de comunicação e jornalismo, de modo a incentivar alunos, especialmente os da graduação (pelo que vi no "Plural", há pouca participação destes no projeto. A participação dos alunos da pós é maior), a participarem dos observatórios de imprensa.

Entrevista 5: Larissa Moreti de Lima Ribeiro. Entrevista concedida por email em 14 de dezembro de 2015.

1. O que você entende por observatórios de imprensa acadêmicos?

Entendo os observatórios de imprensa acadêmicos como uma oportunidade para os estudantes inseridos na universidade avaliarem as práticas jornalísticas alheias de maneira a absorver conhecimento válido para melhorar a construção do seu próprio conteúdo jornalístico.

2. Por que você se interessou participar de um observatório de imprensa?

Na época, estava em busca de um projeto de extensão para participar e vi a oportunidade. Na descrição do projeto, me pareceu interessante a parte de avaliar as coberturas midiáticas locais e, apesar da vaga ideia que tinha do que seria trabalhado no projeto, acabei me surpreendendo positivamente.

3. Quanto tempo participou do projeto? Quais atividades exerceu e por que saiu?

Participei do projeto por dois semestres, se não me engano. Participei de uma análise conjunta com todos os membros e escrevi outras duas individualmente. Também tive acesso a uma bibliografia que serviu de base teórica, além de leituras de textos complementares e matérias de jornais locais para serem analisadas. Creio que o projeto esteja parado por tempo indefinido no momento, tenho interesse em voltar assim que as atividades forem retomadas.

4. De que forma o projeto colaborou com a sua formação?

A melhora de qualidade dos meus textos por conta das análises produzidas foi um grande fator, mas a maior contribuição certamente foi para o meu olhar crítico, não só para com a imprensa local, mas para todos os conteúdos jornalísticos no geral. Passei a perceber melhor as más e boas práticas veiculadas na imprensa e utilizar essa percepção para aperfeiçoar minhas habilidades dentro das atividades realizadas na universidade e espero que isso interfira positivamente em minhas realizações profissionais futuramente.

5. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do observatório que participou?

Por ser novo e ter vigorado por pouco tempo, creio que o Observe ainda não atingiu esse nível. Espero, no entanto, que o projeto tenha continuidade e alcance esse feito.

6. Você acredita que os observatórios acadêmicos podem contribuir para a sociedade?

Creio que a Academia seja o principal e mais adequado local para que transformações sociais ocorram ou, pelo menos, surjam em forma de ideia. Na universidade, temos a oportunidade de discutir, debater e refletir para então tentar de alguma maneira efetivar de maneira prática os conhecimentos adquiridos. Pelo menos no plano teórico, os observatórios acadêmicos contribuem significativamente para a sociedade, sem descartar ainda a possibilidade de uma intervenção mais prática se bem explorados.

7. No seu entendimento há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios de imprensa acadêmicos?

Talvez mais tempo dedicado. Geralmente, dentro das universidades, os observatórios tendem a ser carregados como um exercício extra, já que todos que participam estão engajados com várias outras atividades. Creio que esse seja um fator que contribua muito para que eles sejam esquecidos, deixados de lado ou pouco conhecidos.

8. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

Sem resposta.

Entrevista 6: Luana Rodrigues Campos. Entrevista concedida por email em 21 de dezembro de 2015.

1. O que você entende por observatórios de imprensa acadêmicos?

Laboratórios dentro das universidades que analisam reportagens da mídia como os discursos, a linguagem, a abordagem dos materiais, como uma ferramenta de aprendizado para os acadêmicos de comunicação sobre as boas práticas e o que não

deve ser feito e que aos poucos, por meio dessa formação, seja um instrumento que ajude a melhorar a qualidade da imprensa.

2. Por que você se interessou participar de um observatório de imprensa?

Para complementar certas deficiências na formação, compreender melhor os discursos que a mídia local adota e aprender mesmo sobre o que não fazer no jornalismo diário.

3. Quanto tempo participou do projeto? Quais atividades exerceu e por que saiu?

Um semestre. Leitura de textos base para entender o que são e como funcionam os observatórios de mídia, discussão dos textos com o grupo, encontros com jornalistas, editores e assessores da mídia campo grandense para contarem sobre seus cotidianos e compartilharem suas experiências, análise de matérias da mídia on-line de *sites* locais. O motivo da saída foi a impossibilidade de conciliar o trabalho com o projeto.

4. De que forma o projeto colaborou com a sua formação?

Me fez perceber a importância do aperfeiçoamento profissional para superar as deficiências da graduação e a necessidade de me aprofundar mais sobre análise de discurso. Creio que participei do projeto por pouco tempo, mas pude pegar dicas importantes sobre o que não fazer na hora de apurar e escrever hard news.

5. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do observatório que participou?

Até o momento não.

6. Você acredita que os observatórios acadêmicos podem contribuir para a sociedade?

Com certeza. Tanto do ponto de vista das análises que devem alcançar principalmente os próprios profissionais quanto na formação crítica de estudantes de jornalismo, mas tudo a médio e longo prazo.

7. No seu entendimento há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios de imprensa acadêmicos?

Talvez deva-se pensar em meios de alcançar mais a massa, ocupar mais espaços dentro da própria mídia se possível.

- 8. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.**

Acho que poderiam ser feitos mais exercícios práticos de análise e leituras mais aprofundadas sobre análise de discurso.

Entrevista 7: Melissa Maria de Oliveira Duarte. Entrevista concedida por email em 02 de janeiro de 2016.

1. O que você entende por observatórios de imprensa acadêmicos?

São veículos que compilam as notícias a fim de criticar ou elogiar a abordagem ou a cobertura midiática, além de analisá-las. São essenciais para o desenvolvimento do bom jornalismo visto que esse pode atuar como grande promotor da democracia numa sociedade.

2. Por que você se interessou participar de um observatório de imprensa?

Olha, foi meio que um “tiro no escuro”... Hehehe na minha primeira semana de aula, almocei com alguns veteranos e conheci a Camila Santos, do 4º semestre. Participante do SOS Imprensa, ela começou a me contar do projeto (funcionamento, realização, desenvolvimento, planos etc.), me convidou a participar e me interessei na hora. Eu, que amo jornalismo desde pequena, estava muito ansiosa para começar a atuar na área de algum modo. Como as matérias do 1º semestre são voltadas majoritariamente para comunicação, vi no SOS uma oportunidade para fazer isso. E que oportunidade! Acabei me apaixonando completamente pelo projeto! Fez meu semestre valer muito a pena!

3. Quanto tempo participou/participa do projeto? Quais atividades exerceu/exerce e por que saiu (se saiu)?

Estou há um semestre, mas pretendo continuar nos próximos. Participo dos debates nas reuniões semanais e escrevo textos – artigos de opinião e análises críticas – para o *blog*.

4. De que forma o projeto colaborou com a sua formação?

De muitas formas... Leio mais, pesquiso mais, estudo mais, aprendo mais. É uma troca única e muito especial. Aprimorei bastante meu senso crítico em relação à política, economia, sociedade etc. e utilizo muito isso para trabalhar no SOS Imprensa.

5. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do observatório que participou?

Sim. Há alguns anos, quando o projeto era um veículo de denúncias dos abusos da mídia para com a comunidade, uma mãe procurou o SOS Imprensa para pedir orientações sobre exposição de crianças e direito de resposta. Na época, a filha dela era estudante do Colégio Militar e, junto com amigos, viu uma aglomeração na saída da escola, com repórteres e tudo mais. As crianças acharam que o entrevistado era celebridade, fizeram cartazes de admiração a ele. Só que, na verdade, a pessoa era Roberto Jefferson, delator do Mensalão. Ele se aproveitou da situação e tirou fotos com eles. No dia seguinte, saiu uma matéria grande no Correio Braziliense defendendo-o e, na foto, ele com as crianças. A menina, a qual passou a ser reconhecida em certos ambientes, ligou para a mãe, que estava viajando e voltou para socorrer a filha. As mães das crianças se uniram para pensar numa retratação digna e na possibilidade de um processo, pois o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) não permite que se exponham crianças e adolescentes em situação vexatória e não houve autorização para fotografá-las. O SOS Imprensa deu suporte, orientou-as sobre como proceder e pedir direito de resposta. O jornal ofereceu espaço e enviou-lhes um texto a ser publicado como retratação, o qual não foi aceito. Depois de muita discussão, o caso se esvaziou. Não houve processo.

6. Você acredita que os observatórios acadêmicos podem contribuir para a sociedade?

Com certeza! Na mídia tradicional, muitas vezes, vemos uma série matérias e cada um dos veículos tem os próprios posicionamentos político, social, econômico etc. Dessa forma, faz-se necessária a existência de um meio que analise criticamente as notícias, de modo que esse teor crítico atinja, também, os cidadãos, contribuindo para sua reflexão.

7. No seu entendimento há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios de imprensa acadêmicos?

Posso falar pelo SOS Imprensa. O fato de não termos verba – a Universidade de Brasília não disponibiliza bolsa para os integrantes – prejudica o andamento do projeto, uma vez que dependemos de recursos próprios para assinatura de jornais e revistas nacionais e internacionais.

8. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

O SOS Imprensa nasceu em 27 de outubro de 1996 como atividade laboratorial e projeto de pesquisa da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB). Já em 2000, tornou-se projeto de extensão regular e registrado no Decanato de Extensão (DEX/UnB). É coordenado pelos Professores Doutor e Luiz Martins da Silva. Os objetivos se modificaram ao longo desses 19 anos segundo as necessidades diagnosticadas pelos extensionistas. Muitos estudantes, de semestres variados, integraram o projeto, o qual é autogerido por eles. Nos quatro primeiros anos, o SOS Imprensa era um projeto de pesquisa de assessoramento público e gratuito, baseado no amparo e orientação às vítimas de erros, injúrias e distorções da mídia, a fim de que houvesse reparação ou retratação. O contato era direto – entre discentes e sociedade – e ocorria por telefone ou pessoalmente. Foram ilustres integrantes dessa etapa, por exemplo, Carlos Grillo, sócio-diretor da Fermento, Fernando Paulino – ex-membro, ex-coordenador e atual diretor da FAC/UnB – e Oswaldo Braga, do Instituto Socioambiental (ISA). Como extensão desde 2000, a ouvidoria pública permaneceu, no entanto, passou a tratar, também, de abusos praticados e sofridos pelos meios de comunicação. Junto a tais atividades, mantinham-se Grupo de Estudo de Ética aberto às comunidades acadêmica e externa, jornal impresso, mural, *blog* – na plataforma *blogspot* – e página *online*. A denominação se deve a essas fases do projeto. A partir de 2008, houve reformulação de objetivos. Os membros transformaram a ouvidoria em observatório dos meios de comunicação, no qual há leitura crítica da mídia. Por isso, o SOS Imprensa é um dos fundadores da Rede Nacional de Observatórios da Imprensa (RENOI). Nessa época, os componentes produziam e realizavam, pelo SOS Imprensa, programa quinzenal para a TV comunitária, denominada TV Cidade Livre, além de disponibilizarem artigos, clippings e notícias relacionadas à ética em seu antigo e já extinto *site*. Havia, ainda, pesquisas de iniciação científica. Participaram notoriamente desse período, dentre outros, Mel Bleil Gallo, do Metrôpoles, e Murilo Salviano, da Globo News. Mais tarde, o projeto perdeu certo alcance, participação e representatividade. O coordenador discente era Johnatan Reis e o *blog*, SOS Interativo, no *WordPress*. No entanto, foi reestruturado no primeiro semestre de 2015 com a participação de Gabriel Shinohara, estudante de Comunicação Social – Jornalismo na UnB. Criou-se um novo *blog* no segundo semestre, com o nome original e também no

WordPress. O SOS Imprensa cresceu em número de membros e visualizações, além de desenvolver fortes potenciais humano, social e midiático. Dessa forma, desde 2008, ocorrem reuniões semanais em que há debates acerca de assuntos destacados ou de interesse dos extensionistas, além do modo como a mídia cobre os fatos. A partir dessa análise, redigem-se textos para o *blog*. A divulgação ocorre via redes sociais: *Facebook* e *Twitter*. O foco continua a ser, claramente, o observatório da imprensa. Porém, a partir de 2015, nota-se a realização de uma cobertura de assuntos em fortíssimo destaque – como política, feminismo, internet e mídia – e/ou, muitas vezes, relegados a um segundo plano pela mídia tradicional. Além disso, o *blog* se divide nas colunas *Observatório*, *Brasil*, *Mundo* e *Prosa & Verso*. Atualmente, o SOS Imprensa agrega, sobretudo, graduandos em jornalismo e em audiovisual. Criou-se, desse modo, uma nova área de atuação: *Youtube*. Há projeto para produção e apresentação de matérias num canal, sendo que o programa-piloto já está em desenvolvimento. Encontra-se em processo de negociação, ademais, uma parceria com a UnBTV. Nela, planeja-se um programa de cultura de paz no qual produção, sugestão de pautas, criação de artes e apresentação deve ser realizada pelos extensionistas enquanto a equipe de televisão fornece equipamentos e suporte técnico. Todavia, matérias realizadas para o canal no *Youtube* podem ir para a UnBTV e vice-versa.

Entrevista 8: Gabriel Solha Shinohara. Entrevista concedida por email em 08 de janeiro de 2016.

1. O que você entende por observatórios de imprensa acadêmicos?

Uma instituição/local que estuda a mídia e encoraja o pensamento crítico sobre a mesma.

2. Por que você se interessou participar de um observatório de imprensa?

Desde antes de começar a universidade, tinha o ideal do jornalismo social, agente das mudanças sociais e uma ferramenta ativa de melhoramento da sociedade. Pensei que um observatório seria um bom local para explorar esse lado.

3. Quanto tempo participou/participa do projeto? Quais atividades exerceu/exerce e por que saiu (se saiu)?

Participo desde o primeiro semestre da graduação, completando quatro semestres agora. Fui coordenador da mudança geral do projeto, mudando seu foco, sua identidade visual, seu espaço na internet etc. No último semestre de 2015 assumi a coordenação geral e fui editor-chefe do *blog* do projeto.

4. De que forma o projeto colaborou com a sua formação?

Obtive uma visão maior dos deveres da mídia, da ética e da deontologia da profissão. O projeto fez grande parte do estudante que sou hoje.

5. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do observatório que participou?

Não, pois não focamos apenas na imprensa local. Discutimos e escrevemos críticas sobre os mais variados assuntos e veículos.

6. Você acredita que os observatórios acadêmicos podem contribuir para a sociedade?

Sim, acredito que o caminho para uma sociedade mais democrática passa pela mídia, o fim dos monopólios, por exemplo. Os observatórios são parte importante para encorajar a leitura crítica.

7. No seu entendimento há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios de imprensa acadêmicos?

Não conheço muitos outros observatórios, mas vivencio uma dificuldade de coordenação, de encorajar os próprios alunos à participar, além do pequeno alcance que temos.

Entrevista 9: Tales Augusto Queiroz Tomaz. Entrevista concedida por email em 09 de janeiro de 2016.

1. O que você entende por observatórios de imprensa acadêmicos?

São veículos que tem um duplo objetivo: [1] publicar análises e críticas sobre os meios de comunicação, em geral, e sobre o jornalismo, em particular, mas sempre com uma tendência mais factual, em vez das profundas análises consagradas nas teorias da comunicação; [2] desenvolver nos alunos de jornalismo o olhar crítico e autorreflexivo, que irá dar condições a eles de exercer ainda melhor o seu papel como jornalistas no futuro.

2. Por que você se interessou participar de um observatório de imprensa?

Era uma grande oportunidade de me desenvolver durante a minha graduação e ao mesmo tempo me engajar em algo útil e necessário para a sociedade.

3. Quanto tempo participou do projeto? Quais atividades exerceu e por que saiu?

Particpei cerca de dois anos e meio enquanto aluno de jornalismo, um ano como repórter e outro ano e meio como editor-assistente. Depois atuei por mais um ano, já como professor e na função de editor-chefe. Saí porque desenvolvi mais interesse por outras áreas com o passar do tempo e resolvi me dedicar a elas.

4. De que forma o projeto colaborou com a sua formação?

Me ajudou a ver o jornalismo de forma mais crítica, e não com a visão dourada que por vezes a própria imprensa tem de si mesma. Me ajudou também a escrever melhor, mais rápido e também a editar outros textos com mais qualidade e precisão. Foi, de fato, uma grande escola.

5. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do observatório que participou?

Não. De fato, nosso veículo não tinha essa ênfase local. Mas acredito que, mesmo que tivesse, nosso alcance ainda era muito restrito para provocar esse tipo de efeito. Agora, hoje em dia, talvez seja diferente. Há alunos que participaram do Canal da Imprensa mais recentemente e que hoje são jornalistas de veículos da região. Eu não acompanho, mas acredito que o trabalho que eles exercem nesses veículos é impactado pelo que desenvolveram no Canal da Imprensa.

6. Você acredita que os observatórios acadêmicos podem contribuir para a sociedade?

Sim, mas não se deve esperar deles a "solução" dos problemas do jornalismo. Acredito que eles produzem material relevante, que deve ficar acessível ao público para quando este tiver interesse de consultar, mas acredito mais no desenvolvimento do próprio aluno no fazer jornalístico. Ele deverá exercer um jornalismo melhor, mais consciente, no futuro.

7. No seu entendimento há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios de imprensa acadêmicos?

Apesar de críticos, em muitos deles ainda impera a visão de que a imprensa é a "guardiã" das liberdades de expressão, compreensão que é equivocada. Além disso, é comum nesses observatórios haver muito espaço para "teorias da conspiração", que têm terreno fértil em espaços considerados "críticos". Por fim, em muitos deles falta um trabalho sistemático - um acompanhamento de um tema e/ou de um veículo ao longo do tempo, por exemplo. Muitos deles ficam com contribuições muito pontuais e esparsas.

8. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

Nada a acrescentar.

OBSERVATÓRIO DA QUALIDADE AUDIOVISUAL – UFJF

Entrevista 10: Guilherme Freire Montijo. Entrevista concedida por *email* em 2 de março de 2016.

1. O que você entende por observatórios de imprensa acadêmicos?

Eu entendo que os observatórios são espaços de discussão e análise de todos os produtos midiáticos. O intuito é aprimorar a produção e divulgação destes produtos. Desta maneira, servem como vigilantes e repertório de boas práticas.

2. Por que você se interessou participar de um observatório de imprensa?

Eu achei o Observatório da Qualidade no Audiovisual um projeto muito interessante, com uma proposta relevante de mostrar que existem boas práticas na televisão.

3. Quanto tempo participou do projeto? Quais atividades exerceu e por que saiu?

Já participo há dois anos. No projeto, eu ajudei a selecionar programas humorísticos da televisão, aberta e fechada, desde a década de 60 até a atualidade. Começamos a pesquisar a definição de humor, com base em diferentes referências bibliográficas e a delinear diferenças entre os programas de humor. Com isso, definimos duas categorias: o humor-jornalismo e o humor-ficção. Também organizamos o I Simpósio Internacional de Literacia Midiática, reunindo grandes estudiosos do tema. Sai da Iniciação Científica devido a falta de tempo para a dedicação exclusiva, mas continuo no Treinamento Profissional, desta vez como o responsável pela divulgação do trabalho realizado, gerenciando a plataforma hipermídia do Observatório da Qualidade no Audiovisual e, mais recentemente, administrando a página do *Facebook* do mesmo.

4. De que forma o projeto colaborou com a sua formação?

O Observatório da Qualidade no Audiovisual me permitiu um maior contato com as boas práticas, possibilitando uma visão mais crítica acerca de tudo que é produzido. Além disso, tive contato com o tema da literacia midiática, que me interessa muito. O Treinamento Profissional, no entanto, foi um desafio que me trouxe grandes experiências profissionais, possibilitando um maior contato com as plataformas

hipermídias, o WebDesign, o Design Gráfico. Este está sendo o meu maior interesse na graduação e pretendo fazer o meu trabalho de conclusão de curso sobre um *website* com propostas inovadoras.

5. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do observatório que participou?

A proposta do Observatório da Qualidade no Audiovisual é ser um repertório de boas práticas, mas acabou englobando, ao menos na plataforma hipermídia, diversos outros projetos. No projeto de literacia midiática, por exemplo, há uma proposta de uma visão mais crítica acerca da mídia. O foco não é muito a "imprensa", se entendermos imprensa como o conjunto de mídias que noticiam.

6. Você acredita que os observatórios acadêmicos podem contribuir para a sociedade?

Com certeza. O Observatório da Qualidade tem muito a trazer para a sociedade, com as boas práticas, a análise das práticas que estão sendo feitas, o estudo da literacia midiática. O intuito é o incentivo e a colaboração para um processo midiático mais ético e crítico. Com processo midiático me refiro não somente à produção, mas também a recepção. A literacia midiática preza por receptores mais críticos, que recebem, consomem e agem com a informação que recebem, saindo da habitual posição de alienação.

7. No seu entendimento há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios de imprensa acadêmicos?

Obviamente, deve haver uma autocrítica por parte dos Observatórios. Caso contrário, eles acabam caindo no erro que eles tentam solucionar que é a falta de análise por cima da prática. No Observatório da Qualidade buscamos ao máximo a objetividade, estabelecendo critérios para todas as análises. Sabemos que a objetividade pura é uma ilusão, mas devemos ao máximo buscar a isenção de nossas opiniões, estabelecendo estes critérios. Os observatórios da imprensa nem sempre têm essa preocupação.

- 8. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.**

Nada a acrescentar.

Entrevista 11: Luma Laís Souza Perobeli. Entrevista concedida por *email* em 8 de março de 2016.

1. O que você entende por observatórios de imprensa acadêmicos?

2. Por que você se interessou em participar de um observatório de imprensa?

Sempre fui muito curiosa. Saber os porquês de todas as coisas e questionar o que eu não concordava faz parte de mim. Também muito me interessei pelo audiovisual, especialmente o brasileiro. Tenho uma tendência muito forte em gostar (e preferir) aquilo que o nosso país produz (séries, filmes, músicas, etc.) e, aliado a isso, questionamentos e críticas sempre me vinham à cabeça. “Por quê esse programa ainda existe?”. “Será que eles não sabem fazer coisa melhor?”. “Como ainda tem gente que consegue achar graça nisso?”. Essas perguntas permearam minha vida toda, até que no 2º período da faculdade a coordenadora do Observatório da Qualidade no Audiovisual me convidou para fazer parte do projeto, e eu vi aí a oportunidade de solucionar todas essas minhas dúvidas e tentar melhorar a qualidade do que nosso país produz no que tange o audiovisual.

3. Quanto tempo participou/participa do projeto? Quais atividades exerceu/exerce e por que saiu (se saiu)?

Integrei o projeto em outubro de 2014, no meu 2º período da faculdade. Estou, portanto, há 1 ano e 5 meses na equipe do Observatório.

A metodologia de pesquisa escolhida pelos antigos bolsistas e pela orientadora do projeto consistiu no mapeamento de possíveis programas de humor da televisão brasileira desde a década de 60. Quando entrei, estavam finalizando a ficha de avaliação

que seria usada para a análise desses programas, e coube a mim, portanto, contribuir para a finalização dessa ficha, que se dá por meio da reflexão da mensagem audiovisual, e dos planos da expressão e do conteúdo.

Também coube a mim o levantamento e seleção dos programas de humor da internet, segundo alguns critérios que definimos, e a criação das fichas que seriam usadas para analisá-los.

Além disso, fiz leituras que enriquecessem meu repertório cultural e me fizessem conhecer melhor o projeto, como o livro “Qualidade na TV pública portuguesa: Análise dos programas do Canal 2”, da orientadora Gabriela Borges; “O Humorismo”, de Luigi Pirandello; “Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX”, de Linda Hutcheon; “O riso: ensaio sobre a significação do cômico”, de Henri Bergson; e “A televisão levada a sério”, de Arlindo Machado.

Após esse estágio de leitura e criação, parti para a análise, propriamente dita, dos programas selecionados. No total, selecionamos 44 programas, sendo 18 da internet e 26 da TV, que no momento estão em processo de análise por mim e pelas demais bolsistas do projeto.

4. De que forma o projeto colaborou com a sua formação?

Com as atividades realizadas até o momento, foi possível conhecer e me engajar em outras áreas de estudo (como a da Literacia Midiática, por exemplo), assimilar os passos do fazer científico, perceber a grandiosidade e importância do tema estudado e me enriquecer muito, tanto no sentido pessoal quanto no profissional. Nesses 17 meses na iniciação científica, produzi 5 artigos acadêmicos que foram enviados e/ou apresentados em congressos (como Intercom Sudeste e Intercom Nacional), que me possibilitaram vivenciar experiências engrandecedoras que na sala de aula eu não vivenciaria. Em suma, durante todo esse tempo eu aprendi bastante, tive contato com excelentes profissionais e adquiri conhecimentos que vou levar para a vida toda.

5. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do observatório que participou?

Não, pois nosso trabalho é voltado para a produção audiovisual, e os resultados só podem ser vistos a longo prazo. É um processo. Estamos hoje plantando as sementes que no futuro as próximas gerações vão colher os frutos.

6. Você acredita que os observatórios acadêmicos podem contribuir para a sociedade?

Acadêmicos ou não, acho que qualquer observatório tem uma função social muito importante. Há nele uma forma de poder que nos permite acompanhar, analisar e melhorar tudo que lemos, vemos ouvimos e presenciamos em nossa sociedade. Para mim, um observatório é tão importante quanto a própria existência do objeto que está sendo observado. Entendo que não existe melhora e evolução naquilo que não há crítica e avaliação. Daí a importância dos observatórios de imprensa acadêmicos, que por meio de metodologias empíricas e minuciosas, baseadas nos estudiosos e autores da área, tecem opiniões e percepções concretas sobre o objeto que está sendo avaliado.

7. No seu entendimento há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios de imprensa acadêmicos?

Não só com relação aos observatórios de imprensa, mas também com qualquer pesquisa de iniciação científica. Essa experiência me fez enxergar como é difícil fazer pesquisa no Brasil, principalmente na academia. A falta de incentivo e os cortes na educação dificultaram o nosso trabalho, que ficou ainda mais acentuado quando no fim do ano passado o número de bolsistas para o nosso projeto foi diminuído. Nas viagens para congressos e eventos, nos desgastamos muito. É difícil ter que arcar com todas as despesas de uma viagem, que na verdade deveria ser paga pela universidade.

8. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

Nenhuma resposta.

Entrevista 12: Alessandra Bacelar. Entrevista concedida por email em 26 de junho de 2016.

1. O que você entende por observatórios de imprensa acadêmicos?

Nos últimos anos tem crescido bastante o surgimento dos observatórios sociais, como forma de acompanhar alguns segmentos da sociedade no cumprimento das políticas públicas, em meio a isso surgiram os observatórios específicos, como os de imprensa acadêmicos onde é possível fazer uma análise crítica das produções jornalísticas dentro das universidades, debatendo ética, forma, conteúdo, estilo, qualidade entre outros quesitos, buscando construir um senso crítico e responsável acerca da futura profissão.

2. Por que você se interessou participar de um observatório de imprensa?

Dois motivos em especial, um por entender ser necessário essa auto crítica sobre o trabalho que realizo, segundo é uma troca importante entre várias pessoas, e com isso podemos verificar a qualidade do que produzimos e onde podemos melhorar.

3. Quanto tempo participou/participa do projeto? Quais atividades exerceu/exerce e por que saiu (se saiu)?

Esse observatório que participo está acontecendo paralelo a um curso de pós que faço e que termina em novembro desse ano.

4. De que forma o projeto colaborou com a sua formação?

Os debates são muitos ricos de opiniões e conhecimentos, enquanto analisamos os temas exploramos novas possibilidades de coberturas, o que não fazer, o que faltou nos casos analisados e os benefícios e prejuízos gerados.

5. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do observatório que participou?

Estamos em construção, uma experiência nova, mas que entre os participantes já melhorou sensivelmente a postura e o cuidado em produzir notícias, é um experimento...

6. Você acredita que os observatórios acadêmicos podem contribuir para a sociedade?

Sim, essa união de pessoas em prol de uma nova visão sobre a profissão e o trabalho dão suporte para a construção de um profissional mais consciente do seu papel, e sem contar que proporciona uma responsabilidade social muito grande para quem dele participa.

7. No seu entendimento há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios de imprensa acadêmicos?

Alguns são apenas experimentos, e tendem a se perder pois são feitos por vontades de alguns, não são institucionalizados e acabam por falta de quem perpetue o trabalho.

8. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

Acredito que o seu trabalho vá trazer uma nova luz para esse tema ainda não tão comum fora das universidades. Os observatórios representam uma ferramenta para a população, mais ainda não se entendeu a dimensão que eles representam.

Entrevista 13: Alecsandre Alves Oliveira. Entrevista concedida por email em 26 de junho de 2016.

1. O que você entende por observatórios de imprensa acadêmicos?

Como a etimologia da palavra remete observatório, ou seja, observar, para “interferir”, e no espaço acadêmico torna essa perspectiva, mais atrativa, do ponto de vista institucional e do arcabouço político-teórico, uma vez que é neste campo/espço que há, ou melhor permite a construção do conhecimento, ou a chancela deste.

2. Por que você se interessou participar de um observatório de imprensa?

O meu interesse surgiu a parti de unir a possibilidade de unir as vivências práticas de atuação em conselhos de controles de políticas públicas, representando a sociedade civil, e desta vivência, pude ter contato mais intenso com jornalismo-cidadania-gestão-coparticipação-mediada pelo controle social nos conselhos, e a experiência no OPAJE/UFT, já demonstrou isso, quando atuamos questionando a aplicação de recursos públicos vai emendas parlamentares destinado para entidades que não demonstrou capacidade operativa-técnica e de gestão para aplicar tamanho projeto.

3. Quanto tempo participou/participa do projeto? Quais atividades exerceu/exerce e por que saiu (se saiu)?

Vai completar um ano em outubro deste ano, na condição de estudante de pós graduação (especialização), realizamos três projetos extensão, o quarto em andamento, em andamento três artigos acadêmico, outubro encerra a pós graduação, ingresso como professor voluntário (restituir o que recebi), não pretendo sair do OPAJE/UFT.

4. De que forma o projeto colaborou com a sua formação?

Tem contribuído para o amadurecimento intelectual, na produção acadêmica, profissional (como jornalista e gestor público) e político, além do citei acima, ainda deixamos para OPAJE/UFT, dois produtos (Uma Logomarca e um Manual para o NIT – Núcleo de Inovação e Tecnológica), produção dos acadêmicos do OPAJE.

5. Houve alguma repercussão ou visível aprimoramento da imprensa local decorrente da atuação do observatório que participou?

A maior repercussão foi a intervenção dos estudantes em pautar a mídia local e regional sobre os recursos destinados via emenda parlamentar para instituição que não demonstrou capacidade técnica para executar o projeto com o tamanho do aporte de recursos no valor de R\$ 1.000.000,00 (um milhão de reais).

6. Você acredita que os observatórios acadêmicos podem contribuir para a sociedade?

Sim, desde que tenha autonomia primeiro para agir dentro da própria instituição a qual faz parte, ou seja, como uma espécie de Controle Interno eu penso que o Observatório de Imprensa Acadêmico (OIA).

7. No seu entendimento há alguma crítica a se fazer em relação à própria atuação dos observatórios de imprensa acadêmicos?

Olha ainda não tenho elementos fundados para fazer uma crítica mais contundente, sobre o assunto, no entanto, por referência e parâmetro Observatório de Imprensa Acadêmico da UFT, tenho alguns questionamentos tais como: falta de condições de trabalho, sejam de ordem estruturais, tais como espaço físico (sala com equipamentos), falta pessoal, no entanto essas instâncias produzem, pesquisas, extensão e periódicos, mas não são valorizados pela Universidade.

8. Neste item pode acrescentar quaisquer informações que entenda serem relevantes, mas que por ventura não foram contempladas nas perguntas anteriores.

Penso que falta mais integração entre os setores da universidade. Quando se fala em Universo temos uma vã impressão de que estamos integrados, no entanto estamos nos “quadrados”, e não há comunicação, em ESPECIAL quando se fala em Observatório de Imprensa Acadêmico, logo esse povo da Comunicação/Jornalismo dá muito trabalho, procuram defeito em tudo. E isso faz com que a própria Gestão da Universidade contribuía para sucatear não só esses espaços. Mas também os cursos de comunicação, isso ao menos na UFT. Bom acho que é isso.